H
3739
37665
D.D.
3488

DOR
SEM LENITIVOS

DIVIDIDA

Em seis discursos Concionatorios,

QUE POR

EXEQUIAS

Para honras funeraes

DA AUGUSTISSIMA RAINHA SENHORA NOSSA

D. MARIA SOFIA

ISABEL, &c.

OFFERECE AO SEU REAL TUMULO

O P. FRANCISCO DE MATTOS

da Companhia de Jesus, Reytor do Collegio da Bahia.

LISBOA

Na Officina de VALENTIM DA COSTA DESLANDES

Impressor de sua Magestade.

Com todas as licenças necessarias. Anno M.DCC.LXXX

E.3. e.2. v.

R. 23739 R.F. 2197

DOR
SEM LENITIVOS
DIVIDIDA
Em seis discursos concionatorios,
QUE POR
EXEQUIAS
Para honras funeraes
DA AUGUSTISSIMA RAINHA SENHORA NOSSA
D. MARIA SOFIA ISABEL, &c.
OFFERECE AO SEU REAL TUMULO
O P. FRANCISCO DE MATTOS
da Companhia de Jesus, Reytor do Collegio da Bahia.

BIBLIOTECA NACIONAL

LISBOA.

D. YABREGAS DALI

Na Officina de VALENTIM DA COSTA DESLANDES,
Impressor de Sua Magestade.
Com todas as licenças necessarias. Anno M.DCCIII.

DOR

SEM LENITIVOS

DIVIDIDA

Em tres dilurios concionatorios,

QUE POR

EXEQUIAS

Para honras funebres

DA AUGUSTISSIMA RAINHA SENHORA NOSSA

D. MARIA SOFIA

ISABEL, &c.

OFFERECE AO SEU REAL JUMULO

O P. FRANCISCO DE MATTOS

da Companhia de Jesus, Reytor do Colle-

gio da Bahia.

LISBOA.

Na Officina de VALENTIM DA COSTA DESLANDES,

Impressor de Sua Magestade.

Com todas as licenças necessarias. Anno MDCCIII.

MVITO ALTA, E MVITO PODEROSA RAINHA E SENHORA NOSSA.

Tambem os vivos fallaõ com os ſepultados; principalmente, quando os ſepultados naõ morrem nos coraçõeſ dos vivos: aſſim como V. Mag. ainda vive, & nunca morrerà nos de ſeus Vaſſallos. E ſe os Epitafios dos ſepulchros fallaõ pelos que ſe conſideraõ eſtar dentro; os que de fóra chegaõ aos ſepulchros, tambem reſpondem ao que dizem os Epitafios. Por iſſo eſſe, que ahi lemos, nos diz, que dentro do levantado Tumulo deſcanſa hũa Rainha de Portugal; & que em nos lembrar o ſeu nome, diz quem he a Auguſtiſſima Rainha nelle ſepultada. E o que nós reſpondemos à letra deſſa Urna, he que nos de fóra ainda naõ fez pauza o ſentimento; & que he elle tam grande, quanto o aumenta

ſempre a lembrança de tam ſuave nome. Eſtas ſaõ as vozes, que ſaindo dos Tumulos, fazem echo nos coraçoens dos vivos, & ſaindo dos coraçoens dos vivos, o vaõ a fazer dentro dos Tumulos. E entre os que aſſim reſpondem a eſſa Eſcritura, falla agora com V. Mag. quem jà em outro tempo, offerecendo eſcrita a Vida do Grande Palatino, digniſſimo Pay de V. Mag. tambem fallou na ſua ſepultura, & no ſentimento de V. Mag. como em termos entre ſi correlativos, ainda que com muita differença de tempo a tempo. Em hum, viamos nós em V. Mag. a copia das ſuas virtudes; & em outro, nem jà na copia, nem jà no Original podem ſer viſtas. Naquelle, o que eu entaõ offereci a V. Mag. foy a ſua vida: & o que neſte offereço a eſſe Tumulo, he a morte de V. Mag. A ſua vida eſcrita, era para Lenitivo da dor de V. Mag. & a morte de V. Mag. chorada, he para dor noſſa ſem Lenitivo. Porque ſe nem naquella vida foy o alivio Lenitivo para o ſentimento de V. Mag. como o devemos entender; muito menos póde ſer remedio para a noſſa pena a morte tam ſentida de V. Mag. que ſe naõ póde tirar do coraçaõ, nem riſcar da memoria. E para ſer eſta ſempre viva, a deſejo fazer ſucceſſiva de huns para outros annos, & ainda para todos, na Lamentaçaõ eſcrita, que ao Real Tumulo de V. Mag. offerece eſte magoado Vaſſallo

Franciſco de Mattos.

A quem ler.

NAm foy poſſivel prègar eu as Exequias nas ſolemnidades funebres, que ſe conſagráraõ neſte Eſtado do Braſil ás cinzas da noſſa Auguſtiſſima Rainha, quando ſendo Provincial viſitava eſta Provincia; por ſe deſencontrarem os tempos, & as occaſioens, em que eu pudera ſatisfazer à particular obrigação do meu ſentimento. Mas, porque li em hum livro muitos, & bem fundados argumentos para alivio da noſſa dor; quiz tambem, que ſe leſſe em outro a meſma dor ſem alivio, para ſupprir com Exequias eſcritas as que não puderaõ ſer prègadas. Deſta ſorte as virtudes de tam digniſsima Rainha de Portugal tiveraõ eſte eſpelho, em que ſe viſſem: porque aſſim, como ſaõ eſpelhos os exemplos; tambem o ſaõ os livros, dando a ver huns, & outros por repreſentaçaõ o que ſe fiou da lembrança. E ſe neſte não exprimi todas as que illuſtráraõ aquella ſoberana Mageſtade; foy porque as retirava a ſua modeſtia, & ainda das manifeſtas não tive toda a noticia. Por eſta cauſa ſe divertiraõ muitas de ambos os eſpelhos: daquelle, que fazia o ſeu exemplo, & deſte, que offerece a minha eſcritura; não baſtando o exacto cui-

dado, que appliquei, para recolher todas. Neſtas porèm, que aqui diſcorro, não poderá haver duvida; porque hũas publîca jà a eſtampa; de outras he teſtemunha a propria viſta; das mais retiradas foraõ verdadeiros Arbitros, os da ſua Real preſença; & tambem outros de igual authoridade, & credito me deraõ a ſaber algũas. E ſe fuy diminuto Panegyriſta de todas; confeſſo, que quiz ſer mayor, & que o naõ pude ſer.

LICENÇAS
da Ordem.

CENSURA PATRIS JOANNIS ANTONII Andreoni è Societate Jesu.

IUssu Reverendi P. Provincialis, vidi Librum, cui Titulus: *Dor sem Lenitivos, dividida por seis discursos concionatorios, por Exequias para honras funeraes da Augustissima Rainha Senhora nossa D. Maria Sofia Isabel*: à P. Francisco de Mattos Rectore Collegij Bahiensis Societatis Jesu conscriptum; eò celeriùs, quò jucundiùs; licèt inter vera maximi doloris argumenta decurrerem, quem jure probat nullo lenimine mitigandum. Opus tantâ Reginâ dignum, pro meritis nunquàm satis laudandâ; à nemine tamen ita ad vivum, etiam post mortem, depictâ; ita prudenter deploratâ; ita eruditè in sepulchro exornatâ. Quare & luce dignum judico non periturâ; & laude, non à Lusitana tantùm lingua, sed ab alijs quoque Nationibus, cùm propter Regium Operis argumentum, tùm propter Authoris ingenium, stylumque, in ævum celebrandâ. In Collegio Bahiensi 10. Augusti anni 1702.

Joannes Antonius Andreonus Soc. Jesu.

CENSURA PATRIS MATHIÆ DE Andrade è Societate Jesu.

FActurus muneri, quod mihi injunxit Reverendus P. Provincialis, sedulò legi, immò & relegi (captus nimirùm styli elegantiâ, ingenij subtilitate, & sententiarum profunditate, ac perspicuitate) hunc Librum, cui titulus: *Dor sem Lenitivos, dividida por seis discursos concionatorios, por Exequias para honras funeraes da Augustissima Rainha Senhora nossa D. Maria Sofia Isabel &c.* à P. Francisco de Mattos Rectore Collegij Bahiensis Societatis Jesu elucubratum. Qui ita illam prædicat, ac dilaudat, ut semper examussim vivis coloribus repræsentet, & nobis quodammodò vivam reddat. Quapropter ut Augustissima Maria Sophia Elisabetha, dignissima Portugalliæ Regina, quam vitâ functam indesinenter deplorabimus, tum omnium in animis, tum vel maximè suis in virtutibus perpetuò vivat, prædictum Librum prælo ac luce dignissimum judico. Quod non tam animo meo, quàm ingenuæ veritati dictum existimabit à me testimonium, quisquis positam in eo volutando suam operam volet. In Collegio Bahiensi 14. Augusti anni 1702.

Mathias de Andrade.

CEN-

CENSURA PATRIS GEORGII BENCII è Societate Jesu.

ATtentè perlégi Librum, cui titulus : *Dor sem Lenitivos :* à P. Franciſco de Mattos noſtræ Societatis Jeſu Rectore Collegij Bahienſis egregiè elaboratum, & in ſex funebres Conciones diviſum, quibus Sereniſsimæ Reginæ noſtræ Mariæ Sophiæ Eliſabethæ juſta perſolvit. Tantæ Reginæ tantus Orator debebatur. Ut illa reliquas ævi noſtri inſignitas diademate fœminas oppidò excelluit ; ita Author cæteris ætatis noſtræ conſpicuis eloquentiâ Viris dicendi vi longè præeminet. Elocutio ſanè culta, ſed verè Luſitana: ſententiæ graves, & nervoſæ : acumina perſpicua, & vibrata: interpretationes ſacrarum literarum ad divinam mentem promotæ: eruditio nec leviter adſperſa, nec vulgaris. Quapropter cenſeo Opus publicæ lucis uſurâ digniſſimum ; etſi enim dolorem ſine lenimine proferat, at non ſine voluptate legentium. In Collegio Bahienſi 15. Auguſti 1702.

Georgius Bencius.

EPIS-

EPISTOLA

P. ANTONIJ MARIÆ BONUCCI

Ad Auctorem data.

Reverende in Christo Pater Rector.

P. C.

JUcundissima mihi sors obtigit, cùm Reverencia Tua dignata est Librum suum perelegantem, omnique tùm divinâ, tùm humanâ literaturâ refertum, mihi legendum transmittere. Inscribitur is (Dolor sine solamine) sex funebribus, ijsque lectissimis distinctus Orationibus ad exsolvenda Parentalia Magnæ semperque Desiderabili Lusitanorum Reginæ D. Mariæ Sophiæ Elisabethæ, ipso suggerente mœrore, diligenter æquè ac lamentabiliter elucubratis. Non semel eum evolvi, sed iterùm, atque iterùm, semper tamen citra fastidium, imò cum nova semper liquidissimæ voluptatis accessione. Adeò siquidem illum gravisimorum sensuum dulcedine respergis, ut vèl dolorem ipsum, nullis aliòquin mitigandum solatijs, facias legentibus sapidissimum. Quid insuper de tuis hisce sentiam pereruditis laboribus, aperiam paucis. Arbitror, ni mea me fallat opinio, Ingenij tui facundiam, hoc scribendi genere, quatuor eloquendi stylos fuisse complexam. Copiosum videlicèt,

licèt, quando res poſtulat, ut Ciceronem imitareris; brevem, ut Salluſtium referres; frugalem, ut Frontoni ipſi, ſi adhuc viveret, placeres; pinguem & floridum, ut Plinium ſecundum, ſecundo velut amne, conſectareris. Hinc eſt, quòd quæ diviſæ benè dicendi dotes Oratores efficiunt meritò commendabiles, Tu collectas teneas; ſic namque cunctas tempeſtivè permiſces, ut facias unum quoddam ex omni diverſitate temperamentum, ac ad inſtar muſicæ, concordiam diſſonorum. Certè, cùm nobile hoc argumentum, tùm illius tractandi dexteritatem Luſitanis arriſiſſe, perſpectum habeo; adeò ut utrumque ſperem Hetruſcæ Genti (in cujus linguam transferre ſum pro virili conatus) ſummopere placiturum. Vale, diùque literatorum Reipublicæ vive. Bahiæ 15. Auguſti 1702.

R^æ V^æ

Addictiſſimus in Chriſto ſervus

Antonius Maria Bonucci.

Joannes

JOannes Pereyra Societatis Jesu Provincialis in Provincia Brasilienſi, poteſtate ad id mihi facta à Reverendo admodum P. noſtro Thyrſo Gonzales, Præpoſito Generali, facultatem concedo, ut hic Liber, cui titulus: *Dor ſem Lenitivos, dividida por ſeis diſcurſos, por Exequias para honras funeraes da Auguſtiſſima Rainha Senhora noſſa D. Maria Sofia Iſabel*: à P. Franciſco de Mattos Rectore Collegij Bahienſis noſtræ Societatis compoſitus, & ejuſdem Societatis gravium, doctorumque hominum judicio approbatus, typis mandetur; in quorum fidem has literas manu noſtra ſubſcriptas, ſigilloque noſtro munitas dedimus. Datum die 17. Auguſti anni 1702. Bahiæ.

Joaõ Pereyra.

LI=

LICENCAS.

Do Santo Officio.

O Padre M. Fr. Joaõ de S. Domingos Qualificador do S. Officio veja o Livro de que esta petiçaõ trata, & informe com seu parecer. Lisboa 27. de Fevereiro de 1703.

Moniz. Fr. G. Haße. Monteiro. Ribeiro.

LI o Livro intitulado (*Dor sem Lenitivos*) dividida em seis discursos, que compoz, & quer imprimir o M.R.P. Francisco de Mattos da sagrada Cõpanhia de Jesus, Reytor do Collegio da Bahia; & não achei no dito Livro cousa que encontre nossa S. Fè, ou bons costumes; observei sim, & achei, q̃ com grãde ciencia, & erudição discorre o Autor em todos os discursos, concluindo douta, & evidentemente naõ haver Lenitivos para tão grande dor; & assim me parece ser obra muito digna de se imprimir. S. Domingos de Lisboa, 8. de Mayo de 1703.

Fr. Joaõ de S. Domingos.

O Padre M. Francisco de S. Maria Qualificador do S. Officio veja o Livro de que esta petiçaõ trata, & informe cõ seu parecer. Lisboa 8. de Mayo de 1703.

Moniz. Fr. G. Haße. Monteiro. Ribeiro.

VI o Livro de ꝙ eſta petiçaõ trata, & naõ achei nelle couſa algũa contra noſſa S. Fè, ou bons coſtumes. Lisboa, S.Eloy 2. de Junho de 1703.

Franciſco de S. Maria.

VIſtas as informaçoens, pódeſe imprimir o Livro de ꝙ eſta petição trata, & impreſſo tornará para ſe conferir, & dar licença que corra, & ſem ella não correrá. Lisboa 5 de Junho de 1703.

Moniz. Fr. G. Haſſe. Monteiro. Ribeiro.

Do Ordinario.

VIſtas as informaçoens, pódeſe imprimir o Livro de que eſta petição trata, & impreſſo tornará para ſe dar licença para correr. Lisboa 6. de Junho de 1703.

Fr. Pedro Biſpo de Bona.

Do Paço.

O Padre D. Joaõ de Chriſto, Prior de S. Vicente de Fóra, veja eſte Livro, & pondo nelle ſeu parecer o remeta a eſta Meſa. Lisboa 8. de Junho de 1703.

Oliveira. Vieira.

CEN=

CENSURA DO M. R. P. D. JOAM DE CHRISTO, Prior de S. Vicente de Fóra.

MAndame V. Mageſtade que veja eſte Livro, que compoz o M. R. P. Franciſco de Mattos da Companhia de Jeſus, Reytor do Collegio da Bahia, com o titulo de *Dor ſem Lenitivos, dividida em ſeis diſcurſos concionatorios, offerecidos por Exequias para honras funeraes da Auguſtiſsima Rainha Senhora noſſa D. Maria Sofia Iſabel*: & confeſſo que o exame que principiou em deſempenho do preceito, continuou em elevaçaõ dos ſentidos; que como o aſſumpto perſevera vivo no coraçaõ, (tanto a pezar do noſſo ſentimento) buſcava a pena o deſafogo no diſcurſo; porèm o Autor deſempenha em tal forma a Idea, que quando parece que a dor ſe minora, entaõ fica a dor ſem remedio, que como o naõ póde haver para a perda, taõ pouco o póde haver para o ſentimento. Medio o Autor as noſſas lagrimas pelas de Rachel: (ſe he q̃ ha demonſtraçaõ ſentida q̃ ſe compare com o noſſo ſentimento) Rachel chorava a morte de ſeus filhos: *Rachel plorans filios ſuos*: & chorava ſem conſolaçaõ: *Et noluit conſolari*: & ſe buſcarmos a cauſa q̃ fazia o ſeu pranto irremediavel, dirá o meſmo Texto que era ſem remedio, porq̃ ſeus filhos naõ exiſtiaõ: *Quia non ſunt*: que o naõ ter remedio a morte dos filhos, fazia que naõ admitti ſſe conſolaçaõ o ſeu ſentimento. Aſſim o Autor medindo as lagrimas dos filhos na morte da melhor Mãy, pelas lagrimas de outra Mãy na morte dos filhos; para ponderar unicamẽte a deploravel perda da noſſa Sereniſſima Rainha, como a conſiderou ſem remedio, tambem conſiderou a noſſa dor ſem Lenitivos. Confeſſo que naõ vi melhor Jeremias, porque naõ encontrei Threnos mais bẽ compoſtos, nem mais bem decantadas Lamentações. A obra pelo aſſumpto foi toda do agrado de V. Mag. pelo eſtylo he toda a ſua magoa; & pelo Autor he digna de ſe imprimir em bronzes, para que ſeja taõ eterna eſta obra, como o ha de ſer o noſſo ſentimento. Iſto he o que ſinto, V. Mag. farà o que for ſervido. S. Vicente de Fóra 23. de Julho de 1703.

Matth. 2. v. 18.

Jerem. 31. v. 15.

D. Joaõ de Chriſto, Prior de S. Vicente.

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do S. Officio, & Ordinario, & depois de impreſſo tornará à Meſa para ſe conferir, & taxar, & ſem iſſo naõ correrá. Lisboa 3. de Agoſto de 1703.

Oliveira. Vieira. Lacerda. Mouſinho.

EStá conforme com o ſeu original. Lisboa, em o Convento de S. Domingos, 22. de Novembro de 1703.

Fr. Joaõ de S. Domingos.

VIſto eſtar conforme com o ſeu original, póde correr eſte Livro. Lisboa 23. de Novembro de 1703.

Carneiro. Moniz, Haſſe. Monteiro. Ribeiro.

POde correr. Lisboa 29. de Novembro de 1703. *Fr. P. Biſpo de Bona.*

TAxaõ eſte Livro em trezentos & cincoenta reis. Lisboa 26. de Novembro de 1703.

Duque P. Oliveira. Lacerda. Vieira. Carneiro. Coſta.

PERIBIT COR REGIS, ET COR Principum: & obſtupeſcent Sacerdotes, & Prophetæ conſternabuntur. Et dixi: Ergo ne decepiſti populum iſtum, dicens: Pax erit vobis: & ecce pervenit gladius uſque ad animam?

Jerem. cap. 4.

OUTRA vez hade ſer ouvido o Profeta dos ſentimentos com os olhos na Corte de Jeruſalem; quando nós vemos taõ ſentida a noſſa Corte em Portugal. Elle então; porque ſe lhe repreſentou morto o coração do Rey daquelle povo, & dos ſeus Principes: *Peribit cor Regis, & cor Principum.* E nós agora; porque temos à viſta a meſma repreſentação: porque na morte da Auguſtiſſima Rainha Senhora noſſa cõſideramos ſem vida o coração de Sua Mageſtade ElRey noſſo Senhor: *Peribit cor Regis*; & amortecido o coração de Suas Altezas os noſſos Sereniſſimos Principes: *& cor Principum.* Elle então; porque antevia deſacordados com a força da dor, & com a meſma

A pena

pena anguſtiados os Sacerdotes, & Profetas daquelle tempo: *obſtupeſcent Sacerdotes, & Prophetæ conſternabuntur.* E nós agora; porque os Eccleſiaſticos de hum, & outro eſtado na noſſa Luſitania feridos tambem de profunda triſteza, *obſtupeſcunt;* & os eſpiritos profeticos das ſuas felicidades fluctuando em afflicções, *conſternantur.* Elle então; porque doendoſe da lamentavel ruina daquella Cidade, arguîa a Deos de engano, por lhe haver faltado com a paz prometida: *Ergo ne decepiſti populum iſtum, dicens: Pax erit vobis?* E nós agora; porq vendonos ſem a ſocegada fortuna, que no Reynado da Sereniſſima Rainha Deos nos offerecia, tambem lhe puderamos dizer: *Decepiſti populũ iſtum.* Elle então finalmente; porq conſiderava aos habitadores de Jeruſalem taõ penetrados do ſeu ſentimento, que parecião mortos. *Et ecce pervenit gladius uſque ad animam.* E nós agora; porq vemos a Portugal feito hum cadaver; pois a mais penetrante eſpada lhe levou de hum golpe na ſua Rainha a ſua alma: *Pervenit gladius uſque ad animam.* E ſe eſta eſpada entrou tanto, que paſſando pelo coraçaõ da noſſa Monarchia, lhe chegou à alma: *perivit cor: pervenit ad animam;* juſtamente

mente se ha de dizer, que naõ tem Lenitivo esta tam grande dor. E se naõ, vamos com Jeremias, elle lamentando o futuro, & nós o presente: & veremos em sentimẽtos sem remedio, dor sem Lenitivos.

DISCURSO I.

Peribit cor Regis.

§. I.

1. HE a pena do coraçaõ hũ veneno interior, de q̃ elle adoece: ou hũa lãça por dentro, q̃ o passa. Veneno tam mortifero, q̃ ainda mata depois do coração morto: & lança tam penetrante, q̃ o mesmo coraçaõ he o q̃ se mete a lança. Como no tempo, em que o coraçaõ morre de pena, ainda tem vida para penar, ainda vive para morrer. E porq̃ a pena he a q̃ forja a lança; tãto atravessa a lança ao coraçaõ, quanto nelle se fomenta a pena. E poderá haver antidoto, que divirta este veneno: ou escudo, que rebata esta lança? Se nós consultarmos o coraçaõ de Cleopatra, & de Lucrecia, ambos

penalizados por dentro; haõ de dizer, que por naõ poderem penar, ſe reſolvéraõ a morrer. Hũa, porque mais quiz, que a mataſſe o veneno das viboras, que o da pena: Plut. in vita M Antonij. *Pectori admotis aſpidibus ſe ſe interemit.* E a outra, porque naõ podendo ſofrer as lançadas do ſentimento, provocou as feridas mortaes do punhal: Liv. ad finem lib. 1. ab Urbe. *Cultrum in corde defigit, prolapſaque in vulnus moribunda cecidit.* A experiencia pois do muito, que ſentiraõ eſtes coraçoens a ſua pena, poderá ſer exemplar, para nos dar a ver quanto padece o coraçaõ de Sua Mageſtade penetrado da ſua. Porque ſe aquelles coraçoẽs abraçáraõ a morte final, por naõ ſofrer a ſucceſſiva; ficáraõ taõ excedidos no ſentimẽto pelo coraçaõ de Sua Mageſtade, quanto vai do morrer para naõ ſentir mais, ao morrer continuando o ſentir. E a dor, que mata, & naõ acaba de matar, naõ póde ter Lenitivo: naõ póde ter alivio aquella dor, q̃ no tempo, em que o Lenitivo ha de obrar contra a dor, reſiſte a dor ao Lenitivo, como crecendo por antipariſtaſis oppugnada pelo ſeu contrario. He o que diſſe deſta dor, quem lhe deſcubrio hũa grãde ſemelhança com o fogo: *Dolor ſpeciem ignis gerit: quia dum plus tegitur, plus igneſcit;* Petr. Bleſen. epiſt. 9 ad Becan. carn.

igneſcit: quanto mais a dor grande do coraçaõ ſe pertende divertir, tanto no meſmo tempo vem a crecer. E vai a razaõ. Naõ ſe póde applicar o Lenitivo de hũa dor, ſem a ſua lembrança: & em quanto a dor vai lembrando, ha de ir crecendo. Se a dor tem a natureza do fogo: *ſpeciem ignis gerit*; a ſua lembrança excitada pelo Lenitivo, com que ſe havia de extinguir, mais ſe ſente crecer: *plus igneſcit*. E que ſe naõ poſſa uſar do Lenitivo da dor, ſem a dor ir lembrando, & ferindo, he experiencia com exemplo. Quiz aliviar a ſeus irmãos de hũa dor ſemelhante a eſta de Sua Mageſtade o antigo Biſpo Ruricio, & tambem lhes diſſe o que nós dizemos: *Tempore aliquatenùs vulnus obductũ, redivivâ recordatione, tamquam novâ ſectione reſcindo: & qui conſolari vos cupiebam, conſolationem ipſe non capio.* O meſmo he, dizia o ſentido Prelado, querervos aliviar da voſſa pena, que renovarvos a ferida do coraçaõ na ſua lembrança. E dizia bem. O que ha de curar a ferida do enfermo, para obrar o remedio, neceſſariamente ha de deſcobrir a ferida: ha de fazer, o que Chriſto fez para curar a dor do ſeu coraçaõ, quando vio incredulo ao Diſcipulo. Tinhalhe chegado ao coraçaõ aquella culpa:

Epiſt. 4. Ruric. ad ejus frat.

& para remedio desta ferida do coraçaõ, descobriolhe o coraçaõ ferido: *Affer manum tuam, & mitte in latus meum.* E se o coraçaõ de Sua Magestade he hoje o ferido, & a sua pena he o veneno que o mata, & a lança que o atravessa; o Lenitivo, que para lhe curar a dor, lhe faz lembrada a pena; essa lhe renova o veneno, & lhe mette outra vez a lança: *novâ sectione vulnus rescindit.*

Joan. 20. 27.

2. Só entaõ a teria Sua Magestade aliviada, se houvesse Lenitivo, que a podesse fazer esquecida: se fosse tam efficaz o remedio, que applicado à sua dor, lhe naõ lembrasse a pena. Isto he o que queria Job, aquelle alvo de penas: queria verse no estado de morto, no qual as penas naõ lembraõ, por ser estado de esquecimento. *Quare non in vulva mortuus sum?* dizia elle, quando se via atormentado da sua dor: naõ queria ter nacido, só por se naõ ver penando: & ainda sendo vivo, desejava haverse como morto. Se eu morresse, dizia outra vez, como os Reys que se enterraõ em vida nas solidoens dos desertos; entaõ descansaria, como elles descansaõ: *Nunc requiescerem cum Regibus terræ, qui ædificant sibi solitudines.* Aquelle, q se considera viver solitario, da sua solidaõ faz deserto, & deste deser-

Job 3. 11.

Ibid. 13 & 14.

to

to faz a sua sepultura. Imita aos que vivendo pelos desertos eraõ hũs vivos enterrados: vivos; porque ainda neste mundo: & enterrados; porque vivendo como mortos. E com aquelles Reys, que fossem de tam generoso coraçaõ, que postoque vivos, se consideràssem sepultados; com estes desejava o paciẽte Job sepultarse, para descansar como elles. De maneira, que ou de todo morto; ou, ainda que vivo, tam retirado, que o parecesse; achava Job, que só poderia ter alivio o seu anguſtiado coraçaõ: nunca em estado, onde podesse chegar o tormento da sua dor, nem por lembrança. E para ter este descanso; sempre em sepultura: ou na verdadeira, ainda antes de nacer: *in vulva*: ou depois de nacido, na representada: *cum Regibus, qui ædificant sibi solitudines.* A persuadir estes extremos de sentimento em hum coraçaõ afflicto nos obriga a etymologia do nome Coraçaõ descuberta por S. Isidoro, & por singulares Authores da lingua Latina. S. Isidoro diz, que o nome Coraçaõ se deriva do cuidado: *Cor à cura: in eo enim omnis solicitudo manet.* S. Isid. lib. 11. c. 1. Os outros Authores entendem, que a lembrãça traz o seu significado do coraçaõ: *Recordor, quasi iterùm cordi do.* Calep. Pólyan. lit. C. E se tanto mõ-

ta coraçaõ, como cuidado; & o que faz a lembrança, isso faz o coraçaõ; que Lenitivo poderá mitigar aquella dor, que por ser dor do coraçaõ, nunca deixa de affligir, como parto do cuidado, & como effeito da lembrança?

3. Assim atormentaõ a lembrança, & o cuidado de hũa pena, ainda quando a queremos aliviar com algum Lenitivo: por mais doçura, que leve, sempre a pena lembrada, & o cuidado da pena o fazem amargoso. Porq̃ Job experimẽtava isto mesmo no mar de suas afflicções, costumava dizer: *Potest aliquis gustare, quod gustatum affert mortem?* Haverá quem goste daquelle bocado, que no tempo, em que hade lisongear o gosto, priva da vida? Elle bem podia crer, & esperar, que a mesma maõ, que lhe feria o corpo, lhe curasse as feridas; mas nem isto lhe aliviava a dor: como a tinha na lembrãça, & nunca lhe sahia do cuidado, nunca o deixavaõ gostar do alivio. Haverá, perguntava, quem ache alivio: *Potest aliquis gustare*: naquelle gosto, q̃ he inseparavel da pena: *quod gustatum affert mortem*? Bom exemplo, para confirmaçaõ desta sentença de Job, he a bebida, que deraõ a Christo no tempo da sua Paixaõ: *Vinum cum felle mistum.* Tambem aquel-

Job 6. 6.

Matth. 27. 34.

aquella bebida era para confortar, & aliviar: *Dederunt ei vinum*: porèm como nelle hia misturado o fel: *cum felle mistum*: naõ gostou o afflicto Senhor daquelle Lenitivo: *Cùm gustasset, noluit bibere.* Porque aquelle Lenitivo era no mesmo tẽpo conforto, para animar o sofrimento; & juntamente fel, para se naõ gostar do conforto; era hum alivio, que gostado *affert mortem.*

Ibid.

§. II.

4. E Naõ he isto o que padece o coraçaõ de Sua Magestade? Poderá haver consolaçaõ humana, que sendolhe offerecida para alivio da sua pena, naõ leve cõsigo o fel, & a morte da sua lembrança? Esta inseparação da pena, & da sua lembrança, já vem participada do Paraiso, onde à primeira, & à mayor pena do mundo, que foy a morte de Adam, logo Deos lhe ajuntou o seu *memento*: logo, porque era taõ grande pena, veyo acompanhada com a sua lembrança: *Memento, quia in pulverem revertêris.* Gen. 3. 19

Por isso naõ disse bem aquelle amigo de Job, quando para o aliviar das suas penas com o seu esquecimento, as retratou na corrẽte das aguas: *Quasi aquarum, quæ præterierunt, recordaberis*: & as fez semelhantes ao curso Job 11. 16.

dos

Ibid.17 dos tempos: *Cùm te consumptum putaveris, orieris ut Lucifer*: hoje vos acharéis morto, & a manhãa reſuſcitado. Como o curſo dos tẽpos, & a corrente das aguas, ſaõ entre ſi tam parecidos; nas aguas correndo, & nos tempos voando, quiz eſte conſolador de Job prepararlhe o Lenitivo das ſuas penas lembradas. Mas ſó havemos de entender q̃ elle fallou com acerto, ſe fallou com a intelligencia dos que diſcorrem a ſua comparaçaõ. Se attendeo ao que faz eſquecer em hum coraçaõ doîdo, a eſperança em Deos: *Spe opis divinæ*: entaõ diſſe bẽ: entaõ hé que deixaõ de ſer lembradas as penas de hum coraçaõ. Porèm ſe na conſolaçaõ, que deo a Job eſte ſeu amigo, quiz que o entendeſſe fallando das conſolações humanas; naõ lhe affeiçoou bem o Lenitivo das ſuas penas. As lembranças de hũa pena vencem na ſua continuaçaõ a carreira das aguas, & o paſſo dos tempos: as penas, que já vieraõ, tornaõ a vir. E iſto naõ fazem, nem as aguas, quando correm; nem os tempos, quando paſſaõ: aſſim as aguas, como os tempos, vaõ para naõ voltar. E a lembrança, q̃ agora veyo, & jà paſſou; eſſa ha de voltar, & paſſar outra vez: eſſa meſma foy para tornar. Se nós a quizeſſemos deſcrever,

S. Thomas, Lyran. Tirin. in lib. S. Job.

bem

bem lhe poderamos accommodar aquella Escritura: *Quæ futura sunt, jam fuerunt.* Não explicãdoa pelos dons da graça no sentido daquelles Expositores, q quando os consideraõ ainda futuros, dizem, que jà tem sido; porque foraõ por Deos decretados. Mas explicandoa pelas desgraças naturaes, q se escrevèraõ na lembrãça. Porque estas saõ, as que foraõ para vir, depois de terem jà vindo: as penas, que jà foraõ lembradas de preterito: *quæ jam fuerunt*: essas saõ, as que ainda podem vir nas lembranças de futuro: *futura sunt.*

Eccles. 3. 15.

Hugo, Caietan. Pined. Tirin. in Eccles. cap. 3.

5. Diga-o o affligidissimo coraçaõ de Sua Magestade, como Arbitro fiel destas experiencias. Quantas vezes o passou a lembrãça da sua pena, indo, & voltando a mesma pena lembrada? As lembranças, que jà foraõ, não estaõ ainda vindo? E naõ poderáõ tornar aquellas, que já passáraõ? Naõ deixou de definir bem a lembrança, quem lhe chamou espelho: porque assim como o espelho faz ver muitas vezes, o que jà nelle foy visto; a lembrãça sempre faz presente, o que por ella jà tem passado. E com tal frequencia o fazem estes dous semelhantes; que hũ nunca deixa de dar a ver, nem o outro de fazer lembrar. A differença só, que

que tem, he a que mais anima este nosso discurso: he, que para o espelho dar a ver o que já se vio, hade ser para isso buscado: quem se naõ chegou a elle, naõ vio. E a lembrança naõ he assim: ella he a que nos busca, para que vejamos de novo o que hũa vez jà vimos: ainda que nós a naõ queiramos ver, ella se nos poem diante. E se o q̃ ella nos dá a ver, he algũa pena, he algum pezar, he algũa desgraça, & he algum sentimento; oh, que horrivel espelho! oh, quẽ o podera quebrar! Nestas anguſtias pois se vè o coraçaõ de S. Magestade, quãdo se lembra do prezado bem, q̃ jà naõ vè: tantas vezes torna a ver a sua magoa neste espelho, quantas o chama, para que a veja, a sua lembrança. Como este espelho naõ tem cortina, que correr; a pena, que affligе aquelle coraçaõ, sempre està lembrando: poderá esquecer neste instante; mas logo lembra no outro. E haverá Lenitivo para esta dor?

§. III.

6. VEjamos, se o tem Sua Magestade por experiencia, que he a prova melhor de todos os argumentos. Vè Sua Magestade a hum de seus amados Filhos, espelhos que saõ da amabilissima Mãy; & a vista de cada hum delles he

he hũa lembrança da sua pena: se lhe não puzera os olhos, não lhe atravessara o coração a lembrança. Para naõ se lembrar da ausencia da Mãy, quizera antes não ver os Filhos: fizera de hũa pena o Lenitivo para outra: da pena de naõ ver os Filhos, o Lenitivo para a pena de lhe lembrar a Mãy. Assim o fez a desconsolada Agar, quando lhe morria o seu filho Ismael: achou na pena da ausencia do filho o alivio para a pena da sua morte. Retirouse da sua presença: *Abijt, seditque è regione procul*: & disse, desatando as lagrimas dos olhos: *Non videbo morientem puerũ*: Mais quero naõ ver o meu filho, que velo morrer: se os meus olhos mo haõ de fazer presente, & o haõ de ver morrẽdo; só por naõ ter a pena da sua morte, quero antes sofrer a pena da sua ausencia. A sede da agua he a que atormenta a este filho: a sede da sua presença he a que me ha de atormentar a mim: & muito menos sentirei eu a morte da minha sede, q̃ velo morrer da sua: *Non videbo morientem puerum*. Isto experimẽtou hũa mãy, por naõ ver morrer a hum filho: por não ver sem luz a hum espelho, em que se via. E que experimentará o coraçaõ de hum Pay, vendo em tantos Filhos multiplicada a lembrança da

Gen. 21 16.

Ibid.

Mãy:

Mãy? Se esta pergunta houvesse de ser respondida; bem diria, quem respondesse por S. Magestade, que naõ quizera ver tanto de perto aquelles Filhos; nem tam defronte estes espelhos, só por naõ ver nelles a lembrança da Mãy morta: *Non videbo morientem matrem.*

7. Estas vistas de olhos saõ as que fazem morrer o coraçaõ, quãdo por elles entraõ as penas, que o mataõ. E porque estas penas se renovaõ, & continuaõ estas lembranças; por isso hum coraçaõ morre tantas vezes. Essa he a differença, que ha entre a morte do coraçaõ, & a morte do corpo: em ser hũa, por repetida, muito mais cruel, que a outra, por naõ continuada. He a morte do coraçaõ muito mais cruel, que a do corpo, quanto excede ao morrer para descansar o naõ acabar de morrer. Como a morte do coraçaõ he dor viva; vive o coraçaõ daquelle mal, de que morre. E póde haver Lenitivo para este mal de morte; se por isso morre o coraçaõ sem morrer, porque o mata a mesma dor com que vive? Isto he o q padecia Job, quando se via angustiado de suas penas: alimentavase do mesmo mal, que o matava. No mesmo tempo, em que as suas penas lhe amorteciaõ a alma; nesse lhe administravaõ o alimento.

Quæ

Job 6.7. *Quæ priùs nolebat tangere anima mea, nunc præ angustia cibi mei sunt.* Saõ taes as minhas penas, que não as podendo a alma sofrer, venho a viver dellas: *cibi mei sunt.* Esta he a morte do coração: a mesma dor, que o mata, essa lhe dá o sustento, que o vai matando. Não he como a morte do corpo, que depois de o matar hũa vez, não fica com elle, para outra vez o matar. E he a razaõ; porque daquelle, que morreo no corpo, costumamos dizer, que passou; & a sua morte chamamos trãsito: veyo a morte, & levou ao que morreo. Naõ he assim a morte do coraçaõ: como não veyo para passar, não lhe podemos chamar transito. Nem do coração morto podemos dizer, que passou; porque a dor, de que morre, sempre o está passando. Em quãto houver coração doído, ha de haver coração morrendo. E esta he a peyor, & a mayor morte, diz S. Agostinho: *Nulla maior, & peior est mors, quàm ubi non moritur mors.* A razão, porque dos q̃ morrem no corpo, se diz, que descansaõ, he porque morre com elles aquella dor, de que morrérão. E não descansa o coração, que morre de algũa pena; porque a morte, que o mata, não acaba de morrer: *non moritur mors.*

S. Aug. de Civit. Dei cap. 12.

§. IV.

§. IV.

8. SE ha morte têporal, que tenha algũa semelhança com a duração da eterna, he a morte do coraçaõ; por ser huma morte, que vive; & ser a sua causa hũa pena, que não morre: huma pena, q̃ sempre começa. Assim se ha de inferir do q̃ diz S. Gregorio, fallando da morte dos condenados ao inferno: *In gehenna miseris erit mors sine morte, finis sine fine; quia ibi mors vivit, & finis semper incipit.* E tal he a morte do coração: mata com dor, q̃ vive: & quando cuidamos que tem acabado, vemos que começa. Isto se entende, em quanto houver coração sentindo: então he que se diz, que tanto lhe dura a sua morte, quanto o atormenta o seu sentimento. Bem podemos authorizar esta nossa consideração com aquelle texto tantas vezes ouvido: *Dura sicut infernus æmulatio:* Pena do inferno, & emulação zelosa, tudo vem a ser a mesma cousa. E se o zelo he hũa pena do coração: & esta tem o seu semelhãte no inferno; só em hum coração, que não acaba de penar, se póde achar hũa morte parecida cõ a eterna: hũa morte, q̃ he pena de sentido; & por ser morte sem morte: *mors sine morte:* he hũa pena sem fim, ou

S. Greg. lib. Moral. cap. 49.

Cant. 8. 6.

ou hũ fim ſempre em principio: *finis qui ſemper incipit.* Tambem a fabuloſa Antiguidade querendo pintar hũa pena eterna, a repreſentou em hum coraçaõ ſempre atormentado. E porque ſempre atormentado, & nunca morto; lhe chamou o Poeta, *Immortale jecur.* Fingio pois, que a Ticio no inferno lhe comião aves de rapina o coração, devorãdo-o tantas vezes, quantas elle, depois de devorado, tornava a crecer: *Hac lege, ut jecur conſumptum renaſceretur: & ſic nunquam vultures à diſcerpendo ceſſarent, nec ipſe Titius à patiendo.* Depois de cõſumido hũa vez o coração, tornava a renacer, para outra vez ſer cõſumido. Padecia hũa morte ſem morte: & chegando a ſeu fim, logo ſe achava no ſeu principio: *mors ſine morte: & finis, qui ſemper incipit.* De maneira, que aſſim no inferno, que ſe parece cõ o verdadeiro, como no inferno fingido; a pena, que ſe parece com a eterna, he a pena, de q̃ morre hum coração. No que ſe parece com o verdadeiro; porque ahi o martyriza: *dura æmulatio.* E no fingido; porque nelle não tem fim o *diſcerpendo*, nem pára o *patiendo.* Agora dirá a eſpeculaçaõ diſcreta, ſe para o coraçaõ de Sua Mageſtade, que vive atormẽtado de hũa pena, que

Serv. apud Virgil. lib. 6.

tanto mata, quanto vive; póde haver algum alivio. Se poderá haver alivio temporal para hũa pena parecida com a eterna.

§. V.

9. EM duas experiencias vemos nós a pena de Sua Mageſtade: nas lagrimas, & na ſaudade. E tanto nas lagrimas, como na ſaudade, já ſe vio no mundo hum retrato de pena eterna. A mãy de Tobias chorou ſaudoſa a auſencia de ſeu filho com lagrimas ſem remedio. *Flebat mater ejus irremediabilibus lacrymis.* Tob. 10. 4. E lagrimas ſem remedio, lagrimas ſem fim, ſaõ eternas lagrimas. Jacob, o pay de Joſeph, quando entendeo, que lhe morrèra o filho, diſſe, que havia de ir chorar a ſua ſaudade ao inferno: *Deſcendam ad filium meum lugens in infernum.* Geneſ. 37. 35. E chorar no inferno, he chorar onde as penas ſaõ eternas. E ſe eſte pay, & eſta mãy ſentiraõ, como pena eterna, hũa auſencia, que ſó teve entaõ principio; porq̃ ambos vieraõ depois a gozar as preſenças dos filhos, q̃ não vião; S. Mageſtade, que chora hũa auſencia ſem fim, & hũa ſaudade irremediavel, juſtamente ha de ſentir, que lhe morre o coraçaõ de eterna pena. A mãy de Tobias ainda tinha eſperança de ver ao filho: & animada

mada com este alivio, todos os dias o buscava com os olhos: *Quotidiè circumspiciebat, & circuibat vias, per quas spes remeandi videbatur.* E Sua Magestade não tem para onde olhar com esperança de tornar a ver o bem da companhia, q̃ por hũa vez perdeo. O pay de Joseph, postoque havia de ir chorar ao inferno a sua pena: *Descendam lugens in infernum:* hia chorar aonde estava o filho: *ad filiũ meum.* E Sua Magestade não chora junto da Esposa; não tem presença algũa, que lhe alivie as lagrimas.

Tob. 10. 7.

10. Entra em hũ dos aposentos, onde a costumava ver; & porque a não vem os seus olhos, o aposento lhe parece sepulcro, que a encobre, esconde, & sepulta. E hum sepulcro, ainda com mais sombras de morte, que o de Christo, quando nelle o não vio aquelle coraçaõ amante, que alli o buscava. Porque a Magdalena não lhe morreo o coraçaõ de todo, quando naõ achou ao Divino Mestre: ainda lhe pareceo, que o acharia em outra parte, quando disse: *Nescio ubi posuerunt eum:* ainda esperava sustentallo nos seus braços: *ego eum tollam.* E Sua Magestade entra, & chora naquelle sepulcro, sem esperança algũa de achar nelle depositado o seu mais prezado thesouro. Naõ

Joan. 20 13.

Ibid. 15

pergunta onde estará, com esperança algũa de o ver; porque bem sabe, que já o naõ ha de outra vez possuir. E assim, como naõ diz: *nescio ubi posuerunt*: naõ espera velo restituido: *eum tollam.*

11. Deixa Sua Magestade este apozento, & entrando em outro, já não vè nelle o que muitas vezes via: já naõ ouve as lições dos preceitos divinos, que a piissima Mestra, & amantissima Mãy dava aos queridos Filhos. Muitas vezes lhes dizia, que antes os veria privados da vida, q̃ em peccado mortos: que mais sofreria a perda da sua companhia, que velos fóra da amizade de Deos. Assim ensinava esta Mãy tam Sãta aos dignissimos Filhos: a Ley de Deos era o principal sustento, com que os criava. Era imitadora do ensino de S. Paulo, que encaminhando para Deos aos filhos da sua doutrina, no mesmo tempo lho dava como lição, & como leite: como preceito, & como alimẽto: *Lac vobis potum dedi.* A mãy q̃ naõ cria os filhos com leite, como os não criava a Sereníssima Rainha; a Ley de Deos he o melhor leite, com que os póde criar. Por isso o Apostolo, que por naõ ser mãy, naõ tinha leite para criar filhos; por ser Mestre da Ley de Deos, tinha filhos, a quem dava leite: *Lac vobis* 1. Cor. 3. 2.

vobis dedi. E ver Sua Mageſtade o lugar deſta criaçaõ dos amados Filhos, ſem nelle ver a Mãy, que aſſim os alimentava; he ver ſecco o leite, com que elles ſe criavaõ. E que falta eſta da viſta dos ſeus olhos, para naõ ſer a ſua pena hũa aguda dor em coraçaõ ſem alivio?

§. VI.

12. PAſſa S. Mageſtade ao ſagrado retiro, onde a devotiſſima Rainha tratava familiarmente com Deos, já orando, já lendo, & já aſſiſtindo ao Santo Sacrificio da Miſſa; & aqui padece o ſeu coraçaõ as penas dobradas. Onde eſtá, (podemos ſuppor, q pergunta com vozes mudas) onde eſtá aquella alma, que unida interiormente com Deos, no exterior a reconhecião os homẽs? A modeſtia do ſeu aſpecto, a corrente de ſuas lagrimas, a gravidade da ſua compoſtura, as ſuas reverentes genuflexões, tantas lições de livros, & meditações continuadas, com que em divididas horas do dia ſe apreſentava diante da Divina Mageſtade, eraõ indices de fóra, que a todos moſtrava o ſeu eſpirito de dentro. *Statura tua aſſimilata eſt palmæ*: dizia o Divino Eſpoſo à Eſpoſa Santa: pela ſuave harmonia das ſuas perfeições exteriores lhe retratava Cant. 7. 7.

as interiores: pela cõpostura da estatua, ou estatura o elevado de seu espirito. Tal era a devotissima Esposa de Sua Magestade: não só era, a que devia ser: davase a ver a que era. Sendo tam grande por nacimento, & por estado; pois era Princeza em Alemanha, & Rainha em Portugal; quẽ lhe reverenciava esta grandeza, juntamẽte a via revestida do esplẽdor de muitas virtudes. Esta he a obrigaçaõ dos que Deos fez grãdes: quanto mayores saõ, mais Santos devem ser: os gráos da virtude haõ de ser mais q̃ os da Nobreza. Tres vezes chamão a Deos Santo no Ceo, publicando-o hũa vez Senhor: *Sanctus, Sanctus, Sanctus, Dominus Deus:* a hũ gráo de Alteza: *Dominus*: haõ de corresponder muitos de Santidade: *Sanctus, Sanctus, Sanctus.* Isa. 6.3

13. Desta sorte se viaõ multiplicadas as virtudes da Sereniſſima Rainha na presença de Deos. Tam exactamente seguia o conselho, ou obediencia ao preceito: *Non apparebis in conspectu meo vacuus*: que com o seu attributo de Grande emparelhava o de Virtuosa. No retiro onde orava, lia, & ouvia Missa, bem se deixava ver o lustre desta parelha. Alli na oraçaõ, porque se recolhia ao interior da alma, bem mostrava a devotissima Exod 23.15.

com-

compoſtura do mageſtoſo roſto, que Deos lhe fallava ao coraçaõ: Oſe. 2. 14. *Loquar ad cor ejus.* Alli na ſagrada liçaõ de livros de eſpirito, nos quaes tambem Deos fallava, viaſe nas ſuas attençoens, como ella Pſal. 44 11. o eſtava ouvindo: *Audi filia, & inclina aurem tuam.* Alli, quando as ſuas oraçoens eraõ por contas, & pios devocionarios, fazia crer a ſua frequencia, que Deos era o que entam Cant. 2. 14. ouvia: *Sonet vox tua in auribus meis*: & que era de muito agrado ſeu a ſua converſaçaõ: *Vox enim tua dulcis.* Alli, quando ouvia Miſſa, que era aſſiſtencia de todos os dias, parecia que a ſua preſença a tam ſanto Sacrificio era hum retrato da preſença de Deos no Sacramento: era eſtar ella a Deos preſente, & ter a Deos preſente a ſi por conſideraçaõ: aſſim como no Sacramento Deos eſtá com noſco, & nós com Deos por Communhaõ: *In me manet, & ego in illo.* Joan. 6. 57. O exercicio pois de todos eſtes actos tam ſantos era hũa ſuſpenſaõ do goſto de Sua Mageſtade, quando os via. E como as lagrimas ſaõ as que coſtumaõ regar aquella pena, que tem as raizes no coraçaõ; a de Sua Mageſtade naõ póde ſeccar, porque naõ deixa de a cultivar o coraçaõ doîdo. Naõ faltou, quem, para deſcrever hũa dor do co-

raçaõ, a repreſentou por Emblema no Crocodilo, porque ſempre eſtá crecendo: *Dolor ſimilis eſt crocodilo, qui ſemper cum tempore creſcit.* Theat. vit. hum. tom. 2

§. VII.

14. CHega finalmente Sua Mageſtade ao funeſto lugar, onde vio expirar a ſuaviſſima Eſpoſa, & foy o meſmo, onde lhe morreo o coraçaõ: onde violentamente lhe tiráraõ a vida. Digo violentamente; porque aſſim morrem os mortos do coraçaõ: naõ morrem voluntarios. Ninguem atè agora quiz, que o coraçaõ lhe morreſſe de dor: & a morte do corpo muitas vezes foi voluntaria: muitos por ſua vontade a deſejáraõ. Deſejou-a o Apoſtolo: *Deſiderium habens diſſolvi.* Ad Philip. 1. 23. Deſejou-a Eliás: *Petivit animæ ſuæ, ut moreretur.* 3. Reg. 19. 4. Deſejou-a Job, & muitas vezes a deſejou: já ſentido de naõ morrer logo em nacendo: *Quare egreſſus ex utero non ſtatim perij?* Job 3. 11. já deſeſtimando o ſer, que lhe deo a natureza: *Fuiſſem quaſi non eſſem, translatus ad tumulum:* Job 10. 19. & já appetecendo o pô, em que ſe havia de reſolver: *Utinam conſumptus eſſem, ne oculus me videret.* Ibid. Todos os glorioſos Martyres da Igreja militante foraõ mortos voluntarios: elles meſmos, porque aſſim o qui-

o quizeraõ, ſe offerecèrão às catanas, às fogueiras, às cataſtas, & aos patibulos. Todos os que em vida ſe enterràraõ nas covas do Egypto, da Thebaida, & da Paleſtina, por vontade propria foraõ deſafiar a morte aos deſertos. Todos os Gentios, que barbaramente ſe matáraõ a ſi meſmos, para acompanharem aos parentes defuntos, naõ ſacrificáraõ as vidas violentados: morriaõ, porque queriaõ. Muitos Pythagoricos, & Eſtoicos, como foraõ Cleãthes, Chryſippo, Empedocles, & alguns dos Romanos, levados de diverſos erros foraõ homicidas de ſi meſmos, poſtoque reprehendidos por Lactancio. E quem foi, o que por vontade livre ſe entregaſſe a hũa dor mortal do coraçaõ? Ainda ſe naõ tem viſto eſte holocauſto: ainda naõ houve coraçoens, que por ſerem victimas de ſi meſmos, quizeſſem morrer da ſua dor. Deſta morte porèm aſſim violenta morreo o coraçaõ de Sua Mageſtade, vendo morrer a quem lhe animava o meſmo coraçaõ. E deſta meſma morte morre tantas vezes violentamente, quantas ſem querer ſe lhe repreſenta a hora deſta ſua morte. E ha Lenitivo, que poſſa modificar a dor deſta porfiada violencia? Se a morte do corpo a deſejáraõ

Lactan. Firm. de falſ. ſap. lib. 3.

sejáraõ tantos ; & a morte do coraçaõ, ainda naõ sabemos quem a desejasse : haverá no mundo algum alivio para hum coração, que sempre está morrendo, sem querer morrer?

15. Para não ser tam penosa a morte do corpo ; sabemos nós , que sim ha algum Lenitivo: & tam efficaz, que chega a ser virtude aconselhada por Christo, a presteza em se lhe abrir a porta , quando ella quizer entrar. As enfermidades do corpo, que saõ os correyos da sua morte , entraõ juntamente com ella , quando o Senhor nos bate à porta. He consideração de S. Gregorio , & muito ao nosso intento, sem lhe violentarmos a sua exposiçaõ : *Pulsat Dominus, cùm per ægritudinis moleſtias eſſe mortem vicinam deſignat.* E entaõ diz o Senhor, que os seus mais amantes servos saõ aquelles , que com mayor desejo se apressaõ, para lhe abrir: *Ut, cùm venerit, confeſtim aperiant*: primeiro, ao Senhor, que bate: & logo, á morte, que depois delle bater, entra. E com este conselho tem os mortos do corpo tam suave Lenitivo para a sua pena ; que quando ella quer vir , elles mesmos lhe facilitão o entrar: *confeſtim aperiant.* Não tem semelhãte alivio os mortos do coraçaõ: não ha conselho, que os alivie: se tem alguns presagios da

S. Greg. Homil. 13. in Euang.

Luc. 12. 36.

da dor, de que o coraçaõ lhes poderá morrer; deſde eſſe meſmo tempo os começou ella a matar. Tanto a morte do coraçaõ, como os ſeus correyos, entraõ ſem bater, & ſem ſe lhe abrir: nem ſe póde verificar della a celebrada ſentença de S. Gregorio: *Minùs jacula feriunt, quæ prævidentur.* S. Greg. Hom. 35. in Euang.

16. Em todas eſtas eſtações, entradas, & ſaidas dos apoſentos daquelle Palacio, nam deſcobrem os olhos de Sua Mageſtade, mais q o fatal eſtrago, que a morte fez nelle: o que ſe lhe repreſenta em toda a parte, he ſó a prezadiſſima Eſpoſa morta: & he o que tambem ſó via Abraham, depois de lhe morrer a ſua Eſpoſa Sara. Naõ via Abraham mais que o ſeu morto, depoisque vio morrer a ſua Eſpoſa: ſó ſabia dizerlhe o nome, que lhe deo a morte. Quiz tratar da ſua ſepultura; & pedindo-a aos habitadores de Canaan, diſſe, que era, para nella enterrar o ſeu morto: *Ut ſepeliam mortuum meum.* Gen. 23 4. Quiz valerſe de interceſſores, paraque lhe ajudaſſem a ſua petiçaõ; & diſſe, que procurava aquella ſepultura, para enterro do ſeu morto: *Ut ſepeliam mortuum meum.* Ibid. 8. Quiz pagar o preço da meſma ſepultura; & diſſe, que jà naõ ficaria ſem ſer enterrado o ſeu morto: *Et ſic ſepeliam mortuum meum.* Ibid. 13. Tantas vezes

vezes o ſeu morto; & nem hũa ſó a prezada Sara? nunca a ſua Eſpoſa? ſempre o ſeu morto: *mortuum meum*? Aquelle morto naõ era a Eſpoſa Sara? naõ havia ſido o retrato da fermoſura? pois, que objecto funebre era aquelle, que o obrigava a fallar tam triſte? O meſmo, q̃ himos ponderando: Sara morta: o que a morte lhe roubou na Eſpoſa. Por iſſo naõ a podia nomear por outro nome, mais q̃ pelo do ſeu morto: *mortuum meum*. Por iſſo os ſeus olhos naõ viaõ mais que o ſeu morto: *mortuum meum*. E por iſſo a ſua continua conſideraçaõ, havendo de ſer da ſua Eſpoſa, era do ſeu morto: *mortuum meum*.

17. Eſta he tambem a rhetorica abbreviada, com que Sua Mageſtade falla na ſua pena: o ſeu morto, que tem no coraçaõ, eſſe he o que traz na boca, & o que choraõ ſeus olhos. Quando a dor he grande, & chega ao coraçaõ, porque o fere a morte do ſujeito, que elle amou; ſó neſſe morto ſe cuida, porque ainda depois de morto ſe ama. A Magdalena junto ao ſepulcro de Chriſto, ſó no ſeu amado morto tinha todas as ſuas attençoens: ſó no ſeu morto fallava; & naõ choravão os ſeus olhos, mais que o ſeu morto. Naõ duvidemos deſta verdade, diz hum Expoſitor Euange-

Baez. in Euang. lib. 11. cap. 6.

gelico: *Magdalenæ luctum pro defuncto Domino quis ignorare potuit?* E he o que tambem diſcorrem nas ſuas Homilias S. Gregorio, Origenes, & outros eſtudioſos das Eſcrituras Sagradas. Nem o literal do Euangelho vem a dizer outra couſa: pelo morto da Magdalena ſe deixa bem entender. *Tulerunt Dominũ meum*: deſte ſepulcro me leváraõ o meu amado morto. *Neſcio ubi poſuerunt eum*: eu não ſey, onde eſtará o meu morto. *Ego eum tollam*: do lugar, onde eſtiver, eu trarey commigo o meu morto. Como tinha no coraçaõ aquelle ſeu morto; ſó ao ſeu morto trazia na boca. E para hũa tam grande dor, como eſta, não póde haver Lenitivo. A Magdalena o naõ achou, ainda dado pelos Anjos, ſenão quando lho affeiçoáraõ com a conſolaçaõ de ſer jà o ſeu morto reſuſcitado: *Non eſt hîc, ſed ſurrexit.* Luc. 24. 6.

Joan. 20 13.

Ibid.

Ibid. 15.

§. VIII.

18. ATè aqui ficaõ tomadas as medidas aos tormentos da morte do coraçaõ. Pezemos agora, quãto eſta morte atormẽta ao coraçaõ de hum Rey; & ſeja David o primeiro Rey morto deſta morte. Hũa das penas, que muito atormentavaõ a David, era a conſideraçaõ de ſe ver eſquecido do amor dos ſeus amigos. E tanto o deſ-

desconsolava este esquecimento, que entendia o tinhaõ elles já por morto no seu coraçaõ. *Oblivioni datus sum, tamquam mortuus a corde*: dizia o descõsolado Rey: Estou já taõ esquecido no coraçaõ dos que me amaõ, que no seu conceito já devo estar como morto. Assim lhe explicaõ este verso, os que lhe discorrem os seus Salmos: *Omnes in corde suo obliti sunt mei, ac si jam mortuus essem.* E se a imaginaçaõ de menos amado, por esquecimento, lhe parecia a David hũa morte; tendo S. Magestade já sepultado, & reduzido a cinzas o coraçaõ, em que vivia tam lembrado; que poderá dizer da sua dor? Dirá com muita mais razaõ, que David: *Mortuus sum à corde*: Já sou o morto daquelle coraçaõ. David, ainda lhe ficava a vista, & a conversaçaõ dos amigos, de que poderia viver, postoque para o seu amor já se cõsiderava morto. Porèm eu, a quem já não vè, & com quem já não conversa a Espoſa, que tanto me animava com a vista, & com a pratica; que vida posso viver? Depois de eu morrer para aquella vista, & para aquella conversaçaõ; o morrer para aquelle coração, he o que infallivelmente se me havia de seguir: *mortuus à corde.*

Psal. 30. 13.

Hugo, Tirin in Psal. 30.

19. Tanto vivia Sua Magestade da santa, & discre-

diſcreta cõverſação da ſuaviſſima Eſpoſa; que nas occaſioẽs, em que lhe pudera morrer o coraçaõ de pena, os ſeus muito ponderados diſcurſos o divertiaõ daquella morte. Quãdo vio morto ao Sereniſſimo Principe Dom Joaõ, primeiro fruto da ſucceſſaõ deſejada; pela conſolaçaõ, que diſcorria a prudentiſſima Rainha, encaminhava o mayor alivio daquella pena. Eſte Filho, Senhor, diſſe a S. Mageſtade a digniſſima Eſpoſa, por ſer o primeiro, mais era de Deos, que noſſo. Aſſim o devo de entender olhando para a Caſa Ceſarea, onde Deos quiz tambem para ſi o primeiro Principe, que teve minha Auguſtiſſima Irmãa a Imperatriz actual. A quem deo a bençaõ para a fecundidade do fruto, ſempre ſe deve dar o primeiro. Eſtou tam conforme com a Divina vontade; que creyo a offendèra, ſe com exceſſo ſentiſſe a falta de hum Filho, q̃ Deos toma para ſeu: & mais quando eſpero, q̃ por eſte eſcolhido para o Reyno de Deos, nos ha de dar muitos para gloria do noſſo Reyno. E quando depois ſe vio continuado o fruto deſta bem fundada eſperança no feliciſsimo nacimẽto de outro ſoberano Principe, que Deos lhe deo; apontando para elle dizia a pijſsima Mãy a S. Mageſtade, q̃ já via com os

ſeus

ſeus olhos o premio da ſua confiãça, & o novo exemplo da divina liberalidade. Deſta ſorte ſe alentava Sua Mageſtade nas conferencias com a Sereniſsima Eſpoſa, quando ellas eraõ conforto para alguma pena: & igualmente ſe gloriava, quando em outras lhe celebravaõ algũa felicidade. E verſe hoje ElRey noſſo Senhor privado da ſuavidade deſta converſaçaõ, & da preſença de quem a frequentava; he padecer mais mortes, que David, quando ſe lamentava morto do coraçaõ, por eſtar eſquecido do amor dos que o deviaõ amar. He padecer ſobre eſta morte do coraçaõ duas mais: a morte de já não ſer viſto, & a morte de já não ſer converſado, como dantes era; as quaes mortes, diz Hugo, que não padecia David. *Non dicit, mortuus ab oculo, neque à lingua; ſed à corde, quia amici eum non diligunt.* Só por entẽder q já não tinha quem o amaſſe, ſe conſiderava morto do coração: *mortuus à corde.* Mas, porque ainda o viaõ, & converſavaõ; nem morria para a viſta, nem para a converſaçaõ: *Non dicit, mortuus ab oculo, neque à lingua.* E que Lenitivo ſeria aquelle, que aliviaſſe a S. Mageſtade da pena deſtas tres mortes: morte da viſta: *ab oculo*: morte da cõverſaçaõ: *à lingua*: & morte do coraçaõ: *à*

Hugo in Pſal. 30.

corde?

corde? Nem já he visto, nem cõversado; & por isso, nem como dantes amado; & ainda póde ter alivio?

§. IX.

20. NEm os Reys livraõ da morte de coraçaõ, ainda sendo do coraçaõ Real: & o que mais he para advertir, nem ainda estando na maõ de Deos o coraçaõ dos Reys: *Cor Regis in manu Domini.* Parece que a exceiçaõ desta morte havia de ser a melhor prova daquelle seguro de Job: *Pone me juxta te, & cujusvis manus pugnet contra me*: chegado eu muito a Deos, naõ tenho que temer: nenhũa mão me póde ferir. Porém nós vemos, que nem ainda estando o coração dos Reys nas mãos de Deos, & por isso muito chegados à sua protecção, livraõ desta morte. O mesmo Job, tambẽ de coraçaõ herdado de Reys, como diz S. Joaõ Chrysostomo; & que por muito junto a Deos, tinha por certo, que nãõ haveria maõ, que o offendesse; veyo a experimentar, que a mesma maõ de Deos, que o chegava a si, & havia de defender, essa foy a q̃ o ferio: *Manus Domini tetigit me.* Desta maõ lhe vieraõ aquellas penas, que elle mesmo diz, lhe atormentavão o coraçaõ: *Deus mollivit cor meũ.* Tam-

Prou. 21.1.

Job 17. 3.

Job 19. 21.

Job 23. 16.

bem Sua Mageſtade, q̃ tem o ſeu coraçaõ na maõ de Deos, confeſſa, que da meſma maõ lhe veyo a ſua pena: *Manus Domini tetigit me.* Bem ſabe, que a ſoberania dos Reys, poſto q̃ viſtos de Deos com particular providencia, naõ he izenta do ſeu rigor, quando o provocaõ alguns deſagrados. Adam, o primeiro Monarcha do mundo, & naõ muito depois de ſair tam grãde das mãos de Deos: Gen. 1. 26. *ad imaginem noſtram:* das meſmas mãos, que o levantáraõ, lhe veyo a ſentença, que o abateo: Gen. 3. 19. *In pulverem reverteris.* Naõ he o meſmo ſer Rey, que deixar de ſer reprehendido. Mayores, & mais q̃ Reys, eraõ os Anjos; & tambem mais chegados a Deos, que elles; & ainda neſtes Grandes da melhor Corte achou Deos que reprehender, & caſtigar: *In Angelis ſuis reperit pravitatem.* Job 4. 18. O acerto he reconhecer eſta verdade; & pondo os olhos nas experiencias que a provaõ, fazer dellas exemplos para ſi o Rey, que mais temer a Deos. Iſto meſmo entendemos do animo de Sua Mageſtade, tam generoſo em ſe conformar com os Divinos decretos, como reverente em os abraçar. Sentele morto no coraçaõ; porque lhe tirou a vida hũa pena deſtinada pela maõ de Deos. Porèm, porque vè, que ainda os

que

que não conhecem a Deos, chegaõ a crer, que não saõ casos, mas mysterios as contingẽcias do mundo: *Non hæc sine Numine Divum eveniunt:* confessa diante da Divina Magestade, que assim o havia de advertir a inteireza da sua justiça, porque o merecia assim o esquecimento do que lhe devia. E esta confissaõ Catholica he o mayor argumento da grandeza do seu coraçaõ: porque atormentandoo tanto o seu sentimẽto, ainda tem alentos para a fazer, & animo para muitas vezes a repetir. Como a faz a Deos, confessase rendido a quem he Senhor dos coraçoens de todos os Reys: *Rex Regum, & Dominus dominantium.* E porque he o seu Rey, & o seu Senhor, está muito ajustado com as suas Divinas disposiçoens: naõ porque deixe de se doer; mas para se conformar com a vontade, que o faz sentir.

Virgil. Æneid.

1. ad Tim. 6. 15.

21. E ainda passa desta confissaõ commua de todos os Reys a outra singularmente sua: passa a conhecer, considerando o incomparavel bem, de que Deos foy servido privar a sua felicidade, que naõ he merecedor daquella consolaçaõ de David: *Virga tua, & baculus tuus, ipsa me consolata sunt:* Tanto me alivia o vosso carregado castigo, como o favor do vosso encosto, para naõ

Psal. 22. 4.

cair com elle. E a razaõ he muito propria da ſua piedade: porque olhando para a ſua perda, & para eſta conſolaçaõ de David, ſó ſe conſidera ſujeito ao rigor do caſtigo: *virga tua*: & naõ merecedor do alivio: *baculus tuus*. A conſideraçaõ de David repreſentavalhe igualmente ſuaves a vara, & o encoſto: o caſtigo, & o alivio: & por iſſo dizia: *ipſa*, tanto hum, como o outro, juntamente me aliviaõ: *conſolata ſunt*. A conſideraçaõ porèm de Sua Mageſtade naõ lhe offerece aſſim eſte Lenitivo para a ſua dor: naõ lhe repreſenta penetrado o pezo do caſtigo pelo favor do encoſto. Como a ſua pena, que he todo o ſeu pezo, lhe eſtá ſempre ferindo o coraçaõ, naõ admitte alivio deſte encoſto, porque o naõ conſente a grandeza da ſua dor. E por iſſo os dous ingredientes deſte Lenitivo naõ obſtaõ juntos contra o ſeu ſentimento: péza a pena, & o encoſto naõ alivia: fere a dor, & o alivio naõ cura: *non ipſa conſolata ſunt*. E a differença deſtas conſideraçoens, ainda ſendo ambas de Reys, & de Reys os coraçoens, he, porque o coraçaõ de Sua Mageſtade morto de pena, & rendido no tribunal da divina juſtiça, abraça ſó a ſentença da ſua morte ſem affecto algum de alivio. Se David ſe conſi-

deraſſe

deraſſe morto da ſua dor, como nós conſideramos a Sua Mageſtade, por lhe morrer o coraçaõ; tambem fizera o meſmo, que Sua Mageſtade faz: tambẽ naõ buſcára cõſolaçaõ para a ſua morte. Porque Rachel não tinha os filhos vivos, naõ admittia conſolação: *Noluit conſolari, quia non ſunt.* Implicava a mãy conſolada, & os filhos mortos: o coraçaõ morto de pena, & reſuſcitado pelo alivio. Se a pena he de morte: *non ſunt:* não tem lugar a conſolaçaõ: *noluit conſolari.*

Matth. 2. 18. Jerem. 31. 15.

§. X.

22. O Mayor, & melhor Rey do mundo, Chriſto Redẽptor noſſo, tambem moſtrou ſer hum morto do coração, daquelle modo, que o podia ſer, quando no Horto diſſe: *Triſtis eſt anima mea uſque ad mortem.* Triſteza de morte na alma, & triſteza de morte no coraçaõ, tudo vem a ſer a meſma triſteza, & a meſma dor. E digo, q̃ era entaõ Chriſto hum morto do coraçaõ, do modo, q̃ o podia ſer; porque temor, triſteza, agonia, & outros affectos mortaes em Chriſto, que verdadeiramẽte era Bemaventurado; ſó por milagre, & de licença ſua, & por ſua võtade lhe podiaõ chegar à alma. Iſto aſſim advertido, proſigamos o noſſo diſcurſo; & ve-

Matth. 26. 38.

jamos, ſe para eſte divino morto do coraçaõ, & de coraçaõ de Rey, houve algum Lenitivo. Bem o pudera haver naquelle conforto, que lhe veyo do Ceo, & mandou ſeu Eterno Pay ao meſmo Horto: *Apparuit illi Angelus confortans eũ.* E ſuppoſto que nos naõ dizem os Euangeliſtas, de q̃ conſtava eſſe conforto vindo do Ceo; bem o póde deſcrever a noſſa conſideração. Louvaria a Chriſto o Angelico Nuncio a conſtancia de animo, com que obedecia ao decreto de ſua morte. Louvaria a divina ciencia, com q̃ prevendo os tormentos, & cruel morte, que havia de padecer; tambem comprehendia a gloria, que depois havia de gozar. Louvaria a vontade, q̃ ſacrificava a Deos; o amor, que moſtrava aos homens; o agrado, que cauſava nos Anjos; & a empreza da Redempçaõ, com que ſalvava o mundo. Eſta poderia ſer a ſuſtancia daquelle Angelico Lenitivo; aſsim como o póde conſiderar o diſcurſo humano. Mas ſupponhamos, que ainda o cõpunhaõ mais ſuperiores ingredientes de alivio: baſtou eſſe Lenitivo, para Chriſto deixar de ſentir depois a meſma pena, que o affligia no Horto? O que ſabemos; he, que ainda a ſofreo na Cruz: & que alli ſe queixou amoroſamente afflicto

Luc. 22. 43.

ao

ao meſmo Pay, que lhe havia mandado o con-
Matth. 27. 46. forto: *Deus meus, ut quid dereliquiſti me?*

§. XI.

23. ANimeſe agora toda a eloquencia a receitar para a dor de Sua Mageſtade outro conforto ſemelhante. E admittamos tambem, q̃ ſobre todas as razões, que lhe poderiaõ compor a ſua efficacia, ſe ajuntava a conformidade com as diſpoſições divinas; que he o mayor refugio, para onde appella todo o coração afflicto. Baſtaria eſte Lenitivo para Sua Mageſtade deixar de queixarſe da meſma dor, de que ſe queixa? A reſpoſta deſta pergunta daraõ outros: eu ſó darey a materia para a reſpoſta. Depois de ſe cõformar Chriſto com a vontade de ſeu Eterno Pay, quando á viſta dos tormẽtos da morte lhe diſſe: *Non mea voluntas, ſed tua fiat*: ainda ao levar deſte caliz o achou tam amargoſo, como antes ſe lhe tinha repreſentado: *Deus meus ut quid dereliquiſti me?* De maneira, q̃ nem o alivio do conforto dado pelo Anjo; nem o Lenitivo da conformidade com o Eterno Pay applicado por ſi meſmo, lhe adoçáraõ a amargura da morte: ſempre foy caliz mortifero, ou antes, ou depois de ſe haver aſſim conformado. A conformidade com Deos

Luc. 22. 42.

naõ tira a dor, que ſe padece; ſó grangea o merecimento da dor: & quanto mais dura a dor, tanto mais crece o merecimento. Quãdo eu me conformo cõ Deos, faço ſer minha a ſua vontade; porque quero o q̃ Deos quer. E ſe Deos quer que eu padeça; a minha conformidade faz, que eu renove a dor, que padeço; ou a venho padecer duas vezes. Hũa, pela minha vontade conforme com Deos, outra pela vontade de Deos, que eu faço ſer minha vontade. Como entaõ ſaõ duas vontades a querer a meſma dor, a minha, & a de Deos; venho a padecer a dor dobrada; ou padeço duas vezes a dor. E poderemos dizer, que eſta dor tem Lenitivo naquella cõformidade, ſe havendo conformidade, neceſſariamente ha de haver mayor dor?

24. A cauſa deſte effeito he, a que nos falta por diſcorrer: aquella cauſa, que faz incuravel a dor de hum coraçaõ, principalmente ſe he coração de Rey. Em toda a Medicina, os que melhor a ſabem applicar, ſaõ aquelles, que para curar os effeitos da enfermidade, eſtudão primeiro diſſipar lhe a cauſa: ſaõ os que tomando o pulſo à cauſa, medem por ella a força dos effeitos. A cauſa pois da dor de hum coração, he o amor: quem mais ama, mais

mais sente. E como havendo grande amor, que he a cauſa, naõ ſe póde deixar de amar; havendo tambem grãde dor, que he o effeito deſſa cauſa, não ſe póde deixar de ſentir. Ou não ha de aver amor, ou ſe o ha, não póde faltar a dor. Ponderou eſta verdade cõ muito juizo, quem pela dor deo a conhecer o amor, ou pelo amor a dor, quando diſſe: *Pulſus amoris, dolor: pulſus doloris, amor.* Entendeo eſte diſcreto, q̃ aſſim o amor, como a dor, eraõ duas enfermidades iguaes, huma indicante da outra: o amor, pulſo indicante da dor: *pulſus doloris, amor*: & a dor, pulſo indicante do amor: *pulſus amoris, dolor.* Não podendo pois Sua Mageſtade deixar de ter agora, & daqui a muitos annos grande amor, & hum amor mais que grande à Sereniſſima Eſpoſa, que tem auſente para ſempre; tambẽ agora, & em quanto contar annos, hade ſentir no coração grande dor, & muito mais que dor grande, porq̃ nunca mais a ha de ver preſente. Tanto como iſto ſaõ inſeparaveis a dor do amor: o coraçaõ, q̃ chegou a amar muito, & a padecer algũa grãde dor, ha de ſentir eſſa grande dor, em quanto amar muito. Aquella ferida, que no peito de Chriſto lhe abrio o Soldado do Calvario, foy indicativa do ſeu amor,

Proleq. Artiq.

mor, ſó porque pareceo hũa renovaçaõ da ſua dor. Ainda, naõ havendo alli vivo amor, nem dor viva, porque o coração alli era de Chriſto já morto; naõ ſe deo aquella repreſentaçaõ de dor, ſem q̃ tambem ſe deſſe a do amor. E aquelle ſangue, que lhe ſahio pela meſma ferida do peito, foy indicante certo da dor, ſó porque pareceo hũa prova repetida do amor. Só porque o coraçaõ de Chriſto tinha ſido, em quanto vivo, o alvo da ſua dor, & o cẽtro do ſeu amor; ainda depois de Chriſto morto, naõ ſe repreſentou o tormento da dor, ſem a fineza do amor. Eſta inſeparaçaõ de amor, & dor no coraçaõ de Chriſto, depois de ſer aſſim repreſentada na Cruz, paſſou a ſer repetida no Sacramento, q̃ por ſer obra ſingular do ſeu amor, naõ lhe faltou a correſpondencia da ſua dor: *Paſſionis ſuæ memoriale perenne.* E depois de repetida no diviniſſimo Sacramento eſta meſma inſeparaçaõ, & nelle continuada atè o fim do mundo por lembrança; paſſou a ſer eternizada no Ceo por diviſa. Porq̃ conſervando lá Chriſto as ſuas Chagas, & ſendo ellas eternos indices da ſua dor, juntamente o faõ do ſeu amor: *His plagatus ſum in domo eorum, qui diligebant me.* Que remedio logo póde haver, que ſeja

S. Thomas in Opuſc. 57.

Zach. 13. 6.

Leni-

Lenitivo de hũa dor grande em hũ grande coraçaõ; se o naõ póde haver para se separarem esta causa, & este effeito, amor, & dor? para se dividirem estes extremos, tam successivamente correspondidos, dor, & amor: no Horto, na Cruz, no Sacramẽto, & no Ceo?

§. XII.

25. E Ainda por outra razaõ devemos considerar mais inseparaveis estes mesmos extremos no coraçaõ de Sua Magestade; & por isso mais impossivel o Lenitivo para a dor, que he o effeito; por ser irremediavel a diminuiçaõ do amor, que he a causa. Já dissemos, que a causa desta grande dor, era aquelle grande amor: & como Sua Magestade naõ só amava a Sereniſſima Esposa com o amor sacrificado à sua pessoa, mas tambem com o amor devido à sua virtude; o amor, que era a causa, era dobrado amor: & por consequencia a dor, que era o effeito, era dor duplicada. Toda a nossa Corte tem reconhecido, & admirado, quanto naõ acaba de reconhecer, nem de admirar o continuado desvelo, com que S. Magestade attende ao augmento da gloria de Deos, franqueando thesouros, alimentando Missionarios, premiando virtudes, & zelando santos Prelados,

sem

sem que lhe divirtaõ estas attençoens as de toda a Monarchia. E porq̃ a digníssima Esposa, que lhe adorava tam santos, & tam altos pensamentos, tambem os emparelhava; assim como esta sua companhia nos mesmos desvelos lhe afinava mais o amor; a falta que hoje tem de companhia tam santa, lhe apura mais a dor. Bem pudera Sua Magestade fallando com Deos nesta falta, & ausencia de quem o acõpanhava nestes cuidados de seu serviço, & para sua gloria; dizerlhe com hũa das duas Irmãas de Bethania: *Domine, non est tibi curæ, quòd Sponsa mea reliquit me solum ministrare?* E postoque ouve dizer: *Maria optimã partem elegit*: pois já está gozando de melhor vista, & companhia; com tudo o seu coraçaõ, que junto cõ o da sua Esposa, assim como juntos os coraçoens daquellas dúas Irmãas, se empregava no seu serviço; naõ deixa de se doer, & doer muito, porque a amabilissima Esposa o deixou só servindo: *reliquit me solum ministrare*. Os exemplos da santa companhia, que ao zelo de Sua Magestade fazia o da zelosissima Esposa nestes desvelos do serviço de Deos, foraõ muitos. E se naõ digo todos; tambem naõ deixo de dizer alguns.

Luc. 10 40.

Ibid. 41

§. XIII.

§. XIII.

26. LOgo na entrada dos primeiros annos do seu Reynado, querendo fundar hum Collegio aos Religiosos da Cõpanhia de Jesu; primeiro se informou, em q̃ parte do Reyno seria mais necessaria esta fundação: como quem só attendia ao fruto, q̃ ella havia de produzir; & não ao gosto, que teria, se na Corte, & à sua vista a visse florecer. E sabendo, que em Beja, mais que em outras povoaçoens, era mayor a necessidade de operarios Euangelicos; alli ordenou q̃ se fundasse o seu desejado Collegio, dando para a fabrica presente, & sustẽto futuro dos Religiosos, que nelle havião de viver, tudo o que se esperava da sua grandeza, & promettia a sua Real liberalidade. Como desejava ver salvos do mar das culpas, & recolhidos ao gremio de Christo a quantos remio com o seu Sangue; chamou para este Collegio aos Religiosos da Companhia, do mesmo modo, que soraõ chamados os companheiros de outra: *Annuit socijs*: paraque com o seu trabalho lhe ajudassem o seu zelo: *ut venirent, & adjuvarent eam.* Quando a mim mesmo, que isto estou escrevendo, me significou a vontade de que lhe

Luc. 5. 7.

Ibid.

lhe eſcreveſſe no Idioma Luſitano a vida de ſeu digniſſimo Pay; expreſſamente inſinuou, que o fim deſte ſeu intento era fazer publico hum exemplar da piedade Chriſtãa aos que ainda ſendo Principes a devem practicar. Porque naõ antepunha o eſplendor da Nobreza ao da Santidade; entendia, que tanto haviaõ de agradar aos Grandes da Corte aquellas acçoẽs por ſerem nobres, como por ſerem ſantas: naõ menos pelo luſtre acquirido com a virtude, que pelo herdado no ſangue. Quando em outro tempo me fez traduzir no noſſo meſmo Idioma o Livro intitulado, *Guia para tirar as almas do caminho da perdiçaõ*: cõpoſto pelo Padre Joaõ Hayneuſe da Companhia de Jeſu, & Francez de nacimẽto; confeſſou o vivo zelo, que concebèra cõ a ſua lição, para ver deſpertada nos que o leſſem a lembrança das duas Eternidades, de gloria, & de pena, que o deſcuido do mundo tem ſepultado no ſeu eſquecimento. Eſtes livros, que fez ſair à luz, eraõ linguas movidas pelo ſeu Eſpirito; aſſim como por Deos foi guiada a Eſtrella do Oriente, para o buſcarem os mayores Sabios: *Magi ab Oriente:* Matth. 2. 1. & os Cortezãos mais graduados: *Reges Tharſis.* Pſal. 71. 10. Quando ouvia a palavra de Deos, naõ

era

era só para colher della o fruto proprio, mas tambem para esperar o alheyo; desejando, que nos ouvintes correspõdesse a emenda das suas vidas ao zelo dos Prègadores. E estes santos desejos se deixavaõ ver depois, quando repetia o que lhes tinha ouvido, & em conferencias particulares o discorria com o seu Confessor. E tendo noticia da conversaõ das almas, que pelas Conquistas do Reyno faziaõ os Missionarios Euangelicos; viase na Corte de Portugal hũa representaçaõ da do Ceo. Porque era tam singular o agrado, que daquelle bem, & unico bem do seu proximo lhe subia do coraçaõ ao rosto, que por elle se podia retratar o dos Anjos: *Super uno peccatore pœnitentiam agente.* Assim cooperavaõ os cuidados da Sereniſſima Rainha nossa Senhora cõ os de Sua Magestade, para este mesmo fim: tam iguaes no emprego da salvaçaõ dos seus Vassallos, como em procurar a mayor gloria para Deos. E porq̃ jà agora Sua Magestade naõ tem comsigo, com quem repartia taõ santas attençoẽs: assim como ellas entaõ lhe augmentavaõ a causa, para a respeitar com mayor amor; hoje por esta ausencia influem tanto na sua pena, & a falta desta companhia o atormenta com sentimento tam mortal, que Luc. 15. 7.

que lhe chega o coraçaõ a morrer de dor: *perivit cor.*

§. XIV.

27. TOdos eſtes exceſſos de ſentimento no coraçaõ delRey N. Senhor, taõ Real em ſentir muito, como em naõ ſe aliviar delle com nada; tem o ſeu fundamento na natureza do coraçaõ dos Reys: quanto eſte tem de mayor eſfera, que os outros coraçoens, tanto ſente mais que elles. Se logo ſe aliviaſſe da ſua pena; moſtrava, que nem a dor era tam grande, nẽ ella feria a grande coraçaõ. Naõ ſe acredita de coraçaõ Real, o que atormentado por algũa dor, naõ he taõ generoſo, como ſentido. Nem o coração do Rey deixa de ſer fortaleza invencivel, aindaq̃ ſe renda a hũ ſentimento humano. Como elle he o que a ſi meſmo ſe dá os aſſaltos, ſó a ſi meſmo ſe vence. Mas antes, a duraçaõ da dor, ſem obrar contra ella o Lenitivo, he a melhor prova da ſua generoſidade: he ſofrer as batarias da dor, ſem ſoccorro do alivio. Eſte he em ſumma o coraçaõ do Rey, quando o chega a ferir o ſentimento: he grande, para ſentir: & mayor, por ſe naõ aliviar. Dilatado, para crecer nelle a dor: & eſtreito, para delle naõ ſair. He hum vencido da dor, que naõ quiz

quiz ter: & hum vencedor della, porque a naõ procura largar. Por força o rende o sentimento: & por võtade se deixa estar a elle rendido. E se sente tãto, quando o seu pezar não tem fim; he, porque o não tem o seu amor.

DISCURSO II.

Et cor Principum.

§. I.

1. TAmbem saõ contagiosas, & hereditarias de pays a filhos as enfermidades do coraçaõ. Assim como a natureza faz, que o sangue dos pays corra pelas veas dos filhos; faz o amor, q̃ pelo sangue communicado aos filhos se participe o mal do coraçaõ dos pays. Por isso naõ he para se estranhar, que morrendo o coraçaõ de Sua Magestade daquella dor, que himos ponderando; morra tambem da mesma dor o coraçaõ de seus dignissimos Filhos, & nossos Principes Sereniſſimos. Se o contacto de dores do coraçaõ, que he hum mal interior,

chegou jà a ferir o co-
Gen. 6. ração de Deos: *Tactus*
6. *dolore cordis intrinsecùs*:
naõ violentamos a noſ-
ſa conſideração, ſe en-
tendemos, que deſte
contagio morre tambẽ
o coração dos homens.
Os filhos de Adam a-
inda hoje morrem do
meſmo mal, de q̃ mor-
reo ſeu pay: & ſendo
os noſſos Sereniſſimos
Principes filhos do co-
ração de Sua Mageſta-
de, que o tem de hũa
dor morto: *Perivit cor*
Regis: he effeito conſe-
quente a eſta morte,
morrer tambem o ſeu
coração daquella meſ-
ma dor: *Et cor Princi-*
pum. E ainda podemos
dizer mais: podemos
dizer, que o ſeu cora-
ção naõ morre ſó de
huma dor: morre de
duas. Como ſaõ igual-
mente filhos do cora-
ção do Pay, & do co-
ração da Mãy; morre
da dor de lhes morre-
rem eſtes dous cora-
ções: o coraçaõ do Pay
morto pela morte do
coração: & o coração
da Mãy morto pela
morte do corpo. E por
eſta razão, os filhos de-
ſtes dous coraçoens jà
hoje ſe podem chamar
orfaõs de ambos os
Pays; porque jà o ſaõ
do coração do Pay, &
do coração da Mãy.
Nec ſimplici ſum orbita- Ruric.
te perculſus: eſcreveo ad
Ruricio a Namacio, & Nam. &
Ceraunia, quando la- Cc u.
mẽtava a morte de hũa epiſt. 4.
filha. *Perdidi cordis*
gaudium, & vos amiſi:
lhes dizia. Sendo a
morte hũa ſó, as orfan-
dades

dades saõ muitas; porque não só perdi a quẽ morreo para a vida; mas tambem vos perdi a vós, porque morrestes para o gosto: *In unius necessitudinis gradu complurium mihi necessitudinũ solatia sublata suspiro.* O vinculo do sangue he hum só: mas porque os laços do amor saõ tantos, quantos saõ os nossos corações; a todos estes cõsidero mortos, & a mim me tenho por orfaõ de todos: *Non simplici orbitate perculsus.* Para aliviar pois a magoa da dobrada orfandade de nossos Sereníssimos Principes, & modificar a dor de tantas mortes juntas; naõ póde haver Lenitivo. E se o póde haver, vamolo buscando: & discorramos aquelles, que o poderiaõ ser.

2. O Lenitivo, q̃ parece ser de mais prompto effeito, he o que costumaõ applicar os vivos na ausencia dos mortos: he ficar hũa semelhança dos que morrem, para consolaçaõ dos q̃ vivem. Isto se colhe daquella celebrada sentença: *Mortuus est pater ejus, & quasi non est mortuus; similem enim reliquit sibi post se:* Naõ he de todo morto aquelle pay, q̃ se deixou retratado no filho. Este he o Lenitivo: & o naõ reprovamos no sentido dos que discorrem o texto, donde elle se tirou. Dizem todos, & com elle o mais singular Com-

Eccli. 30. 4.

mentador das Escrituras, q nos filhos santamente instruidos ficaõ os pays retratados, ainda depois de mortos: *Bona educatio filiorum est imago resurrectionis: pater enim moriens videtur resurgere in filijs.* E nesta consideraçaõ admittimos o Lenitivo apõtado: tambẽ dizemos o mesmo. Tambem nos parece, q naõ morreo a Rainha nossa Senhora: *quasi non est mortua*: porque pela santa educaçaõ, q deo aos amados Filhos, nos deixou muitos semelhantes seus: *similes enim reliquit sibi post se*: porq vistos os Filhos, nos parece ver nelles a Mãy: *videtur resurgere in filijs.* Porèm este Lenitivo naõ he o que basta, para aliviar a dor, de q morre o coraçaõ dos nossos Principes; nem para suavizar a nossa pena, vendo-os morrer da sua. A causa da sua dor, & da nossa pena, he a ausencia da amabilissima Mãy morta; aindaque na santa instrucção, cõ que os criou, nos parece, que nelles a vemos viva. Naõ he a educaçaõ dos filhos a que satisfaz a saudade da ausencia dos pays: só a sua presença he o Lenitivo daquella dor. Muito bem instruidos, & santamente doutrinados ficáraõ no mundo os sagrados Apostolos, quando delles sẽ ausentou Christo. E por serem luzes do mũdo: *Vos estis lux mundi:* assim

Cornel. à Lap. in Eccli. 30.

Matth. 5. 14.

aſsim como tambem o era o Divino Meſtre: Joan. 8. 12. *Ego ſum lux mundi*: tambem os deixou ſeus ſemelhantes: *Reliquit ſimiles poſt ſe.* E com tudo, naõ lhes aliviou a ſaudade de ſua companhia; nem a nós a pena da meſma ſaudade, com ſe deixar no mundo por eſta ſemelhança; ſenão deixandoſe com elles, & comnoſco no Sacramento por ſua preſença: Matth. 28. 20. *Vobiſcum ſum uſque ad conſummationem ſæculi.* A preſença, & naõ a educação, foy o Lenitivo para aquella dor, & para aquella ſaudade: *vobiſcum ſum.*

§. II.

3. VEjaõ agora iſto meſmo os noſſos olhos; & próvem como teſtemunhas de viſta eſte noſſo argumento. Ainda Sua Alteza o Sereniſſimo Principe D. Joaõ andava na criaçaõ dos braços, ſem contar inteiros dous annos da primeira puericia; quando já a liberalidade de ſuas mãos encaminhadas pelas da pijſſima Mãy ſe via nas janellas do Paço inclinada para o pobre, & para o ſoldado. Em começando a conhecer as reverencias do culto divino por liçaõ de quem o guiava com a doutrina, & cõ o exemplo, obe-

decia tam advertido à educaçaõ materna, que admirava fruto tam grande em planta tam pequena. Crecèraõ os annos, quando jà eſte ſanto zelo podia obrar mais avantajado em capacidade mais diſpoſta; & viaſe na Corte dos noſſos Sereniſſimos Reys a hum Principe de Portugal adminiſtrando as operacões ceremoniaes ao celebrante da Miſſa com a attençaõ, modeſtia, & gravidade, que pede o ſagrado daquelle Sacrificio. Eſte acto Catholico exercitava tãbem o Sereniſſimo Infante D. Franciſco, Fidho da meſma doutrina, & Alumno da meſma Aula, com emulaçaõ ſem vicio, & jucũda competencia, preſidindo ſempre a Real preſença da devotiſſima Mãy, que era a alma de todo eſte agrado. Outro tanto eſplẽdor hia jà illuſtrando a primeira idade de Suas Altezas, os ſeus digniſſimos Irmãos, como igualmente ſubordinados ao meſmo Magiſterio; & não menos ſe diſpunhaõ os primeiros rudimentos de ſuas Sereniſſimas Irmãas, poſtoque de capacidade principiante; quando lhes faltou a vigilantiſſima Mãy, q̃ em todos ſe retratava, para nelles ſer viſta, como na bondade do fruto ſe moſtra a excellencia da arvore. Mas nem ainda aſſim poderemos dizer, que eſtá ſatis-

satisfeita a saudade da sua presença com tantas semelhanças suas. Vai grande differença do estar a Serenissima Rainha em seus amantissimos Filhos por semelhança, ao estar cõ elles por presença. Estar em seus Filhos por semelhança, he estar nelles; & o estar com seus Filhos por presença, he estar com elles. E bem se vè, quanto vai do estar nelles, porque a sua educaçaõ os faz semelhantes; ao estar com elles, porque os seus olhos a fariaõ presente. Se Christo se naõ deixasse presente no Sacramento; & só pela semelhãça da educaçaõ ficasse retratado nos Discipulos; estaria nelles: mas não com elles. E nós só o teriamos nos Discipulos por semelhança, & naõ comnosco por presença. Aquelle estar Christo comnosco, & nós com elle por união, & presença sacramental: *In me manet, & ego in illo*: he só a satisfação da nossa saudade; & tambem o foy da sua. Joan. 6. 57.

4. Hũa grande saudade só se alivia com a presença da pessoa ausente: ou esta presença seja a verdadeira, ou a representada: ou a do mesmo ausente, ou algum seu retrato. E isto naõ faz a educação, ainda a mais santa: nunca satisfaz pela presença. Por isso o Emperador Constantino Magno santamẽte educado por sua mãy S. Helena,

naõ aliviava o pezar da ſua auſencia, & morte, ſenão com a Eſtatua, que lhe mandou levantar, à qual chamáraõ *Auguſtæum*. Nas virtudes da educaçaõ exercitadas pelo Emperador, viaſe Santa Helena por ſemelhança; & iſſo não baſtava para aliviar a ſua pena. Na Eſtatua de S. Helena davaſe a ver a mãy de Conſtantino por repreſentaçaõ da ſua preſença; & eſte era o alivio da ſua ſaudade. Quanto aquella imagem tinha da preſença da mãy, tanto ſervia de Lenitivo para a dor do filho. Iſto meſmo, que fazem os retratos, ou as imagens dos que eſtão diſtantes, fazem tambem as cartas: tambem repreſentaõ a preſença dos auſentes, & alivião as ſuas ſaudades. S. Ignacio Martyr as conſiderou como hũ ſegundo porto, onde elles ſe fallão: *Secundus portus idcircò dicta eſt epiſtola, quòd alternos affatus, & congreſſus inter abſentes peragat.* E S. Paulo por meyo das ſuas Epiſtolas, muitas vezes tomava eſte porto, para nelle fallar aos diſcipulos auſentes. *Ecce tertiò hoc venio ad vos*: diſſe aos de Corintho em hũa, que lhes eſcreveo: Eſta he a terceira vez, que vou ter cõvoſco. Chamou ir ao eſcrever: a ſua carta era a ſua preſença: *venio ad vos*. De ſorte, que aſſim as cartas, como as imagens, por

Rufin. lib. 10. teſt. Suid.

S. Ign. Mart. epiſt. 1. ad Mar. caſ. ſub.

2. ad Corint. 13.

por ſerem repreſentaçoens da preſença, ſaõ Lenitivos, do modo q̃ o podem ſer, daquella dor, que cauſaõ as auſencias, ainda as que faz a morte. E porque os noſſos magoadiſſimos Principes, nem ainda por repreſentaçaõ de goſto, tem agora, nem mais teraõ a Real preſença da amantiſſima Mãy; padecem a dor ſem Lenitivo, & o ſeu coração a morte ſem remedio. Diſſe, q̃ nem ainda por repreſentação de goſto lograõ, nem haõ de lograr aquella ſuaviſſima preſença; porque ſe algum retrato ſeu a offerece aos ſeus olhos, jà hoje a conſideraõ de morte cor, ou com cor da morte: jà lhe falta aquella alma, com que em outros tempos poderia parecer, que lhes fallava a pintura, como ſe fallaſſe a meſma preſença.

§. III.

5. POderiamos reçeitar outro Lenitivo da dor aos Sereniſſimos Principes na preſença de Sua Mageſtade; para com ella, por ſer preſença de taõ amado Pay, enxugarẽ as lagrimas neſta falta da preſença da amabiliſsima Mãy. Porèm ſe a preſença de Sua Mageſtade eſtá eclipſada pela auſencia da prezadiſſima Eſpoſa; aſſim como fica ſem luz aquelle Hemiſferio do mundo, de que ſe auſenta

senta o Sol; poderá desfazer as trevas daquelle sentimento, que lhes assombra, & escurece o coraçaõ? Se da mesma dor, de que morre o coração dos sentidissimos Principes, morre tambem o coraçaõ de Sua Magestade; como morrẽdo ambos de hũa mesma dor, póde hum coraçaõ aliviar o outro? Enterrar hũ morto a outro morto, já nós ouvimos dizer: *Dimitte mortuos sepelire mortuos suos.* Mas dar vida hum morto a outro, ainda se não vio este milagre. O que só se tem visto, & muitas vezes chorado, he ser hũa morte a causa de outra morte: principalmente se precedeo grãde amor à grande dor, que a causou. Tanto amava Sertorio a mãy, que o criou, depois de ficar orfaõ de pay; que em sabẽdo da sua morte, chegou aos fins da propria vida: *Auditâ ejus morte, paulò abfuit, quin mœrore interiret.* Diſtou tam pouco a sua vida da sua morte; porque via distar para sempre a presença de sua mãy da sua presença. Este Lenitivo da offerta de hũa presença, para satisfazer por outra, já foy applicado: mas sem effeito. Já quando Elcana o pay de Samuel, querendo aliviar a pena de Anna sua Esposa, que chorava inconsolavelmẽte a falta de hum Filho; lhe dizia, que a sua presença era para satisfazer a pre-

Matth. 8. 22.

Maph. Laud. de educat. filior.

1. Reg. 1. 8. presença de dez. *Cur fles?* lhe dizia: *quare affligitur cor tuum? Numquid non ego melior tibi sum, quàm decem filij?* Chorais por hũ filho, tendome a mim, que vos posso valer por dez? E tẽdo Anna presente o amante consorte, só teve alivio para a sua dor, quando vio presentes os filhos. Naõ a aliviava huma presença offerecida por outra a do Esposo offerecida pela dos filhos. Assim saõ no mundo os alivios applicados a hũa dor mortal do coraçaõ: mais parecem enganos, que alivios. Elcana com toda a sua amada presença não valia por hum filho; & offereciase para valer por dez, & ainda mais q̃ dez: *plusquàm decem.*

6. Sendo tam inconsolavel a dor da mãy de Samuel; ainda a excede muito a dor do coraçaõ dos nossos Serenissimos Principes. Aquella mãy chorava a falta de filhos, que nunca teve: & estes filhos choraõ a falta de hũa mãy, que já havião tido. E a falta do bem só desejado he muito menor, que a do bem jà possuido. Aquella mãy poderia ainda ter alivio para a sua dor, na esperança de ter filhos: & estes Filhos não podem ter alivio semelhante, porque jà não especaõ ter a companhia da Mãy. E a dor, que não tem remedio, atormẽta muito mais,

mais, que a dor, que tem alivio. As lagrimas daquella mãy, nacidas do coração, & brotadas pelos olhos, publicavaõ o ſentimento de naõ ter ella filhos, a quem amar: & as lagrimas deſtes Filhos tãto eſtilladas pelos olhos, como choradas pelo coraçaõ, dão a ſentir a ſua dor, por não terem comſigo a Mãy, a quẽ tanto amavaõ. E menos he não ter o coraçaõ de hũa mãy filhos do ſeu amor; do que perderem os que jà foraõ filhos do amor, a hũa Mãy tanto do coração. Finalmente, a dor daquella mãy, era quando muito por não ter Filhos preſentes: & a dor deſtes filhos, menor fora, ſe a Mãy ſó eſtiveſſe auſente, & naõ foſſe juntamente morta. Se foſſe ſó a ſua auſencia cauſada pela diſtancia; não ſeria a ſua dor tam grande. Mas padecerẽ a falta de tal Mãy, ſobre auſente, morta; ſem preſença, & ſem vida; não póde o ſeu coração com dor tam penetrante. A outra Mãy, cujo Filho mandava Salamão dividir em duas partes: *Dividite infantem*: para com ellas contentar a eſta, que era a ſua verdadeira mãy; & à outra mãy, que fingidamente o era; requeria, que a eſta o deſſem vivo, ſó pelo naõ ver morto: *Date illi infantem vivum*. Cõ aquella auſencia, vinha ella a dizer, que ſómente for diſtan-

3. Reg. 3. 25.

Ibid. 26

diſtancia entre mim,& o meu Filho, aindaque ſeja para ſempre; póde o amor, que lhe tenho como Mãy. Porèm,cõ a diſtancia, que for auſencia, & juntamente morte; he dor, com q̃ o meu amor não póde. Leve-o embora vivo eſta, que naõ he ſua mãy; porq̃ aſsim, chorarey eu ao meu filho auſente, mas não morto: perdido ſim,porèm vivo:*Date illi infantem vivum.* Eſta he pois a dor, de que ainda hoje morre o coraçaõ dos noſſos ſaudoſiſſimos Principes, ſem a preſença da ſua amoroſiſſima Mãy. He dor de auſencia: & porq̃ tambem dor de morte, naõ póde ſer mayor dor: nem a poderá aliviar o Lenitivo, que cuidavamos: o da ſatisfaçaõ de hũa preſença por outra preſença.

§. IV.

7 REprovemos mais outro Lenitivo, que tambẽ prometteria ſucceſſo, ſe a dor, a q̃ elle ſe applicaſſe, não foſſe de auſencia, & juntamente de morte. E he eſte, o que ſe offerece naquella conſideraçaõ,de naõ ſerem os noſſos Sereniſsimos Principes de annos tam crecidos, q̃ poſſaõ ſentir, como temos diſcorrido, a vehemencia deſta dor. Tanto mais fere a dor grande a hum coraçaõ, quanto melhor ſe pondera o exceſſo do ſeu mal,

mal, & a falta do ſeu remedio. E como a menor idade, que havia nos noſſos Principes, naõ admittindo eſtas conſiderações, fazia q a dor naõ foſſe taõ grãde; vinhaõ elles a ter o augmento do ſeu alivio na diminuiçaõ da ſua dor. Aſſim poderá parecer: mas cõ engano. Hũa dor grande nam chega ao coraçaõ levada por diſcurſos: lá o vay ferir entrando pelos olhos. E como eſtes não eſperaõ por annos, para ſentirẽ; logo moſtraõ a dor crecida nos primeiros. Para a planta crecer, & naõ para a dor ſer grande, eſpera a natureza por dias. Naõ contava mais que ſete annos o Principe Carlos Zenon, quando lhe morreo o Pay: & ſentio tanto eſta morte, que o Pontifice Clemente IV. cõpadecido das ſuas lagrimas o teve em ſua cõpanhia por algum tempo, para lhe aliviar a dor: *Ita deplorans Patris mortem, ut Papa admiratus in parvo Principe tantum dolorem, penes ſe aliquot annis habuerit.* Naõ divertîraõ os poucos annos a dor grande deſte Principe: mas antes, porque naõ eraõ muitos, a ſofria menos, & ella ſe dava a ver mais. Em quanto menino, viaſelhe o coraçaõ, como ſe fugiſſe da dor, lançado pelos olhos nas apreſſadas lagrimas, que delles cahiaõ. E quando jà mais crecido; Egnat. lib. 5. cap. 4.

cido; quando de mais annos; ſocegava o meſmo coração no ſeu cẽtro: naõ, porque ſentiſſe menos: mas porq̃ podia mais com o ſentimento. E ſe os de menor idade ſentem mais, que os que ſaõ de mais annos; como póde ſer o naõ ſentir, o Lenitivo do ſeu penar?

8 Se nós advertirmos no que Deos fez, quãdo a Iſmael, & a ſua mãy Agar os matava a ſede nos deſertos de Berſabé; havemos de entender outra vez, quanto mais ſentem os de poucos annos, que os que contaõ muitos, o tormento de alguma afflicçaõ: & como manifeſtaõ melhor a ſua pena chorando, q̃ diſcorrendo: mais ſendo mudos, q̃ eloquentes. Aſſim aquella mãy, como aquelle filho, padeciaõ a meſma pena. E ſem ſabermos, q̃ o filho fallaſſe: mas antes, como entendem muitos, lutando com a dor, & com a morte: *Ne aperire quidem os poterat*: conſta da Eſcritura, que Deos o ouvio: *Exaudivit Deus vocem pueri*. E ſoy, porque ſe elle naõ fallava, fallavão por elle, diz Lyppomano, os ſeus poucos annos: *Clamabat ætas innocens*. E nós acrecentamos, que a meſma dor, que padecia, era a que fallava por elle. O que o innocente Iſmael padecia, era a extrema neceſſidade de agua: & naõ obſtante a grande

Lyppom. apud Ben. in Gen. Gen. 21. 17.

ſecura

ſecura da boca, fallava por elle a ſua ſede. O que padecia, era verſe ſem mãy, & lançado ao pè de hũa das arvores do deſerto: & poſtoque naõ ſabia encarecer a ſua pena, fallava por elle o ſeu deſemparo. O que padecia, era a amargura das ſuas lagrimas: & ſe as lagrimas ſaõ vozes do coração, fallavaõ por elle os ſeus olhos. Tudo iſto dizia aquelle innocente, ſem elle o dizer: ſó fallava pela boca do ſentimento, & com as vozes da dor, que ſaõ as que mais ſe ouvem. Naõ he a mayor capacidade do entender, a que faz mais ſentir: nem os de menos annos deixão de manifeſtar a ſua dor, aindaque a não ſaibaõ deſcrever: o ſeu ſentir, he o ſeu fallar. Poriſſo a innocẽcia de Iſmael, & não o ſeu entendimento, nem o ſeu diſcurſo, era o q̃ fallava: *Clamabat ætas innocens.* Quem mais ſe lamentava, ou a que ſó fallava, era a mãy: *Levavit vocem ſuam.* E ſe o filho tambem algũa vez rompeo o ſilencio, & fallou; primeiro, ou mais depreſſa o ouvio Deos a elle, do que ouviſſe a mãy: jà Deos tinha ouvido ao filho, quando o Anjo diſſe à mãy que fora ouvido: *Exaudivit Deus vocem pueri.* E ſer o filho mais depreſſa ouvido, moſtra q̃ era o mais atormentado. Quando David pedia a Deos que o ouviſſe

Gen. 21. 16.

ouvisse logo, era quãdo se via mais atribulado: *Quoniam tribulor, velociter exaudi me.* A mãy do innocente Ismael jà sentia menos a sua tribulaçaõ; porque em se apartar do filho, para o naõ ver morrer: *Non videbo morientem puerum*: provou que jà podia sofrer mais a dor, pois a aliviava no retiro daquella vista. Quẽ naõ queria ver aquella morte, aliviava parte do seu sentimento, com a naõ ver. O mesmo he naõ se padecer toda a pena, que haver algũa porçaõ de alivio. E o innocente filho, como naõ sabia aliviarse; só se via sentir. Sem mais Rhetorica, q̃ a do padecer, soube fallar, & Deos se moveo ao ouvir: *exaudivit vocem pueri.*

Psal. 68. 18.

Gen. 21 16.

§. V.

9 VOltemos agora estas mesmas consideraçõẽs para a dor dos nossos Principes, & pezemos o sentimento dos poucos annos de Ismael cõ a pena das menores idades de Suas Altezas, de anno & meyo, de tres, de quatro, de seis, de nove, & de onze annos; que só estes contavaõ os seis saudosissimos Filhos por morte de sua amabilissima Mãy. Se naquelle filho *Clamabat ætas innocens*: que vozes naõ daria a innocencia dos que em tudo o excedião? Eraõ por vẽtura necessarios ponderados discursos,

E ou

ou diſcretas razoens, para ſe doerem de lhes morrer o coraçaõ, vendo morta a hũa Mãy, que era a vida do meſmo coraçaõ? Que exclamava o amortecido aſpecto de todos, o ſilencio de todos, a ſolidaõ de todos, & o prãto de todos; ſenão o eſtrago deſta morte? As ſuas lagrimas nam eraõ vozes, que por todos clamavão? S. Jeronymo vendo q a mãy de Iſmael fóra a que fallou: *levavit vocem*: & que o filho foy, a quem Deos ouvio: *exaudivit Deus vocem pueri*: para conciliar eſta harmonia encontrada do fallar, & do ouvir; diz, que as lagrimas da mãy eraõ as vozes do filho: *Flente matre, Deus exaudivit puerum.* O meſmo era chorar a mãy, que fallar o filho, & ouvir Deos ao filho nas lagrimas da mãy. Iſto he o que tambem ſe via, & ouvia nos noſſos magoadiſſimos Principes: eraõ as ſuas lagrimas vozes de todos; porque pelas lagrimas de cada hum ſe fallavão, & ouvião todos. Como ſe foſſem vozes articuladas, que formando ſe em hũa parte, pelo ſeu ecco ſe ouvem em outra; reſpondiaõ as lagrimas de hũ às lagrimas de outro. Já o Sereniſſimo Principe D. Joaõ, não tendo completos tres annos, ſabia fallar com eſtas vozes: vendo em algũa occaſiaõ chorar a amãtiſſima

S Hieron. apud Ben. in Gen.

tiſsima mãy, tambem elle chorava. Chorando em hum tempo a Rainha noſſa Senhora a morte de ſeu digniſſimo Pay, & em outro a de hum irmaõ ſeu; chorou tambem o noſſo Principe, ſem ſaber que chorava a morte de hum Avò, & de hũ Tio. Para hum coraçaõ ſe doer, naõ he o entendimento, o que ſempre lhe propoem a cauſa: baſta que a ſintaõ os olhos, para elle tambem a ſentir. E S. Agoſtinho, como ſe fallaſſe ao noſſo intento, diz, q̃ Iſmael chorava mais a auſencia da mãy, que a morte da ſede: *Flevit ille, non tam ſenſu doloris exſiti, ac morte jam vicina, quàm ob chariſſimæ matris abſentiam.* E he o que nós dizemos da auſencia, que choraõ os noſſos Principes: *ob chariſſimæ matris abſentiam.* Nem os annos innocentes de Iſmael, nem os dos noſſos Sereniſsimos Principes ſe izentavaõ daquella dor do coraçaõ, que entra pelos olhos, ſem depender de diſcurſos: daquella dor, que naõ ſe mede pelas idades, & ſó a ſabem explicar as lagrimas. E ſe tãto ſentem os poucos annos, como os muitos; & ás vezes ſentem mais, por poderem menos com o ſentimento; não póde haver diminuiçaõ de dor, para ſervir de Lenitivo. Se a dor he de auſencia, & a auſencia he de mãy, & mãy

S. Aug. apud Ben. in Gen.

morta; ha de morrer o coraçaõ deſſa dor, ainda que ſeja coraçaõ de Principes: *Peribit cor Principum.*

§. VI.

10 PAſſemos da morte do coraçaõ de huns Principes, à morte do coraçaõ de outros: dos Sereniſsimos Principes da Caſa Real, aos Principes illuſtriſſimos da Caſa de Deos. E aſſim como nos primeiros naõ fizemos expreſſaõ de ſexo, nem tratamẽto particular, attendẽdo ſó ao nome de Principes Reaes; tambem nos ſegũdos, pelo meſmo eſtylo, ſó havemos de olhar para o titulo de Principes Eccleſiaſticos. Imitamos niſto ao Profeta, que nos vay guiando. Sem elle chegar à individuaçaõ dos Principes de Jeruſalem, que previa deſtruida; ſó diſſe, que da dor de verem elles as ſuas ruinas, havia de morrer o coraçaõ de todos: *Peribit cor Principum.* O noſſo diſcurſo he, o que nos leva a ponderar o ſentimento de todos os que reſpeitamos como Principes na noſſa Monarchia Portugueza: elle he o que deſcreve a pena tranſcendente por todas as Jerarchias de Principes. E como Jeruſalem, que he o objecto das lagrimas de Jeremias, he tambem por repreſentaçaõ a Igreja de Deos; choraõ

os

os Principes Ecclesiasticos de Portugal na morte da nossa Augustissima Rainha a perda do mayor lustre das suas Igrejas. Faz este Illustrissimo Ecclesiastico o que lhe manda na Escritura fazer o Ecclesiastico. *Fili, in mortuum produc lacrymas: & fac luctum secundùm meritum ejus:* Sejaõ tantas as vossas lagrimas, quantos saõ os merecimentos dos vossos mortos. E que merecimento he o do morto, que particularmente chora o nosso Illustrissimo Ecclesiastico, senaõ o que no sagrado culto das suas Igrejas sacrificava a Deos a soberana Magestade da sua Rainha? Que Templo haverá na nossa Corte, que a Sereníssima Rainha cõ a sua Real presença naõ illustrasse? Que Jubileo mais celebrado, que naõ abraçasse? Que solemnidade do divinissimo Sacramento desencerrado, que naõ veneresse? Quantas Novenas de repetidas preces se via frequentar; quantas horas de magestosa genuflexaõ cõtinuar; & quantas vezes publicamente sacramentar? Digaõ pois os Principes Ecclesiasticos, que isto viraõ, & os que isto ouviraõ; & com mayor razaõ o Principe de mais eminente dignidade, & mais immediato nestas acçoens à Regia soberania, dando nellas, & juntamente recebendo

Eccli. 38. 16. & 18.

conhecida honra; ſe as ſuas lagrimas ſendo medidas pelo merecimento deſte ſeu morto: *ſecundùm meritum ejus*: haverá Lenitivo, que as poſſa enxugar?

11. Deſta demonſtraçaõ de ſentimento naõ ſe izentaõ os mayores Principes da Igreja: tambem pagaõ à natureza o tributo das lagrimas. Chriſto Redemptor noſſo, o primeiro, & o ſupremo Principe da Igreja, chorou a perdiçaõ de Jeruſalem: *Videns civitatem, flevit ſuper illam*: os meſmos olhos, que a tinhaõ viſto ſumptuoſa, a choráraõ arruinada. E S. Pedro, ſegundo Principe da Igreja, & immediato Succeſſor do primeiro, chorou a ſua ruina propria: *Egreſſus foras flevit amarè*. Choráraõ os olhos do ſegundo Principe da Igreja, tantoque aggravado por elle o primeiro lhe poz os olhos: *Reſpexit Petrum: egreſſus flevit*. E aindaque Chriſto chorava entaõ as culpas de Jeruſalem; & S. Pedro chorava a ſua culpa; hũas, & outras lagrimas eraõ de Principes da Igreja, & dos ſeus primeiros dous Principes. E tanto hũas, como outras: tanto as lagrimas de Chriſto ſobre Jeruſalem, como as lagrimas de S. Pedro ſobre ſi; eraõ lagrimas da Igreja. Eraõ as lagrimas de Chriſto lagrimas da Igreja; porque Jeruſalem, pela qual

Luc. 19. 41.

Matth. 26. 75.

Luc. 22. 61.

Chri-

Chriſto chorava, era a Igreja por figura, & as derramava hum Principe da Igreja. Eraõ as lagrimas de S. Pedro lagrimas da Igreja; porque aquella culpa, pela qual chorava S. Pedro, era aggravo do primeiro Principe da Igreja, & as chorava o ſeu ſegundo Principe. Nem deixou de haver dor de coraçaõ, que foſſe a cauſa deſtas lagrimas da Igreja nos Principes, que as chorávaõ: em Chriſto, & em S. Pedro. Houve em Chriſto dor; porque chorou, diz S. Cyrillo com muitos: *Ex doloris vehementia.* E eſta dor, foy dor de coraçaõ; porque chorou, diz o Commentador, que os allega, obrigado do ſeu amor: *Ut viſcera charitatis oſtenderet.* E houve dor em S. Pedro, & foy de coraçaõ eſſa dor; porque o meſmo Expoſitor lhe deſcubrio nas ſuas lagrimas dor, & amor: *Quia magnus dolor amaricavit cor ipſius.* Tam certas ſaõ, como iſto, as lagrimas nos olhos, ſe ha grande dor no coraçaõ. Ainda nas pedras, onde naõ ha olhos para chorar; ſe a dor do coraçaõ he grande, dizemos nós que faz chorar as pedras. E tal foy a dor, que provocou as lagrimas dos primeiros Principes da Igreja, & ſuas primeiras pedras fundamentaes: *Petra autem erat Chriſtus: tu es Petrus, & ſuper hanc petram ædificabo*

S. Cyrill Beda, Theoph. Corn. in Luc. & Matth.

1. ad Corint. 10. 4.

Matth. 16. 18.

ficabo Ecclesiam. Chorou a pedra Christo: *Videns civitatem flevit.* E chorou a pedra Pedro: *egressus flevit.*

§. VII.

12 NAõ menos choraõ a ausencia da sua amabilissima Rainha as pedras da Igreja em Portugal: os seus Principes Ecclesiasticos, digo, que
1. Petr. 2. 5. saõ aquellas pedras vivas: *Tamquàm lapides vivi*: das quaes S. Pedro cõsidera fabricado
Ibid. o edificio Ecclesiastico: *Superædificamini domus spiritualis Sacerdotium sanctum.* E postoq̃ estes Principes da Igreja, ou estas Pedras do Ecclesiastico Lusitano naõ choraõ ruinas da Igreja, como Christo as chorou por representação em Jerusalẽ, prevendo desunidas as
Luc. 19. 44. suas pedras: *Non relinquetur in te lapis super lapidem:* choraõ as pedras, que tem os seus Templos, na falta daquella devotissima Magestade, que tanto os ennobrecia, quando a elles vinha. Choraõ hoje assaz amargosa a doçura do grande gosto, que na nossa consideraçaõ então tinhaõ cõ a presença daquelle Real esplendor, que os illustrava; & já agora o vem apagado, porq̃ o tem morto. E isto choraõ, do mesmo modo, que Christo chorou as ruinas de Jerusalem figurativo da Igreja, quando nella entrou

entrou: primeiro triunfante, & com aplausos; & logo lastimado, & cõ lagrimas. Cornel. ibid. *Flevit*, discorrem aqui os Doutos da Escritura, *inter gaudia triumphi, & fausta gratulãtium acclamationes; ut hæc gaudia, injecto quasi felle, temperaret.* Assim entrava a Magestade da Serenissima Rainha nossa Senhora nos Tẽplos, aonde hia: era hũ gostoso triunfo da Corte Ecclesiastica cada hũa das suas entradas nos seus Templos: *inter gaudia triumphi, & gratulantium acclamationes.* Porèm agora não se distingue este gosto de hũa lacrymosa lamentação, depois de lãçada nelle a amargura da sua morte: *injecto felle.* Nem pareça, que tem já passado este funebre clamor; porque já se naõ ouvem as sentidas vozes, que o faziaõ. As pedras dos mesmos Templos, postoque mudas, ainda hoje o continuaõ: ainda hoje clamaõ. Disse Christo às Turbas, que o seguiaõ, quando entrava em Jerusalem, & lhe foy pedido, que as mandasse callar: Se naõ fallarem estes, que me applaudem, fallaráõ por elles as pedras: *Si hi tacuerint, lapides clamabunt.* Luc. 19. 40. O applauso, que se não quer ouvir a estes; as mesmas pedras o haõ de fazer ouvir: fallaráõ as pedras mudas, se emmudecerem os homens: *lapides clamabunt.*

mabunt. Outro tanto, ainda que em diverſo ſentido, fazem hoje as pedras dos Templos, q̃ ſe vem privadas das triunfantes viſtas da Auguſtiſſima Rainha, quando nelles entrava. Se jà não ſe ouvem laſtimar, & lamentar aos que entaõ choravão aquella perda: *ſi hi tacent:* por elles ſe lamẽtaõ, & laſtimão as pedras dos ſeus Tẽplos: *lapides clamant.* E eſte noſſo encarecimento tem grande ſemelhante no que jà ſe ouvio dizer de outras pedras: daquellas pedras, das quaes diſſe o Bautiſta, q̃ ſe podiaõ fazer homens: *Potens eſt Deus de lapidibus iſtis ſuſcitare filios Abrahæ.* Porque ſe de pedras ſe podem fazer homens; não he muito, que callando os homens, poſſaõ por elles fallar as pedras. Venha agora o Lenitivo, para aliviar o coração de hũa dos tam mortal, que faz chorar hũas pedras, & clamar outras: *lapides clamant.*

Matth. 3.9.

13 E que muito he chorarẽ as pedras dos Templos; ſe tambem as das ruas podião verter lagrimas por eſte meſmo ſentimento? As pedras, digo, daquelles caminhos, por onde hia a devotiſſima Rainha para eſtes Templos. Haõ de chorar as ruas de Sião, profetizou Jeremias: *Viæ Sion lugent:* porq̃ virà tempo, em que ſe não frequentem as ſolemnidades

Thren. Jerem. 1.4.

des do culto Divino: *eò quòd non sint qui veniant ad solemnitates.* E outros, que leraõ esta lamentação do Profeta, chegáraõ a dizer o que nós tambem dizemos: *Viæ Sion lugent, ideſt, viæ ad Templum, quod erat in monte Sion.* As ruas, & os caminhos, que Jeremias vio chorar, porque se achavaõ desertos; eraõ os caminhos, que guiavaõ para o Templo: *Viæ ad Templum.* Estes saõ tambem os caminhos, q̃ podemos dizer choraõ hoje, & se lamentaõ; porque já os naõ ha de andar a piissima Rainha, que frequentava as visitas dos Tẽplos de outra Siaõ. Principalmente, quando depondo todo o apparato Real, decida da liteira, & emparelhando os seus passos com os do povo, seguia os da Divina Magestade tambem humanada, se nellas encontrava ao Santissimo Sacramẽto com a sua comitiva Christãa: & não só atè o Templo, mas tambẽ atè a casa dos enfermos, aonde se levava o sagrado Viatico. Os q̃ isto virão, & os que isto ouvem, vejaõ, & digaõ, se tambem as pedras das ruas podem chorar a ausencia de quem cõ a sua presença, passando por ellas, tanto as levantava: *Viæ lugent.*

Origen. Hugo, Lyran. apud Corn. hic.

§. VIII.

14 POderáõ aqui dizer, que o segundo Principe da Igreja,

Igreja,& a ſua ſegunda pedra fundamental S. Pedro, o que principalmente chorou, foy hũa culpa: não foy a dor de algũa auſencia, como chora o noſſo Principado Eccleſiaſtico. Mas nem niſſo ſe deſſemelha a dor de humas lagrimas da dor das outras: a dor, que deſatou as lagrimas dos olhos no Principe da Igreja S. Pedro; & a dor, que nos noſſos Principes Eccleſiaſticos fez correr as lagrimas dos olhos. Porque nem S. Pedro deixou de chorar auſencia, nẽ o noſſo Illuſtriſſimo Eccleſiaſtico deixou de chorar culpas A auſencia, que chorou S. Pedro, foy a de ſeu Divino Meſtre cauſada pela ſua culpa: não podia eſtar mais auſente da ſua preſença, ſe eſtava fóra da ſua graça. Por iſſo dizem os que diſcorrem as ſuas negaçoens, que o meſmo foy olhar Chriſto para Pedro: *Reſpexit Petrũ*: que chamallo para ſi: *ad ſe revocavit*. E quẽ he chamado para que venha, auſente anda de quem o chama. As culpas, q̃ choraõ os Principes Eccleſiaſticos do noſſo Portugal, ſaõ as que vimos caſtigadas na morte da noſſa ſempre ſuſpirada Rainha. E quando as culpas ſaõ muitas, & ſaõ grandes culpas; o ſagrado da Igreja he o q̃ primeiro ſente a ſua vingança. Morrendo Chriſto, a quẽ as culpas do mũdo todo

S. Aug. S. Ambr S. Leo apud Cornel. in Matth. 26.

todo tinhão posto na Cruz; o vêo do Templo, diz S. Agostinho, foy o primeiro, q̃ mostrou, do modo que podia mostrar, o sentimento daquella morte, dividindose em duas partes: *Mox sciſsum est, ut indicaretur ſcindi propter necem Chriſti.* Como o sagrado da Igreja he o que está mais chegado a Deos; assim tambem he o que logo sente o seu castigo. O mesmo foy morrer Christo: *Emiſit ſpiritum*: q̃ mostrarse logo sentido o Templo: *Et ecce velum Templi ſciſsũ est in duas partes, a ſummo uſque deorsùm.* E se na morte da Serenissima Rainha, & Senhora nossa, q̃ certamẽte foy castigo de nossas culpas, não houve vêo de Templo, que como sentido representasse a nossa dor; bem a podemos ver representada nos altares daqueles Templos, que vestio com as riquissimas roupas, de que se despojou; & depois se viraõ sem a presença de quem tanto os enriqueceo. Eraõ então prohibidas na Corte as manufacturas tecidas com prata, & ouro; & só permittidas para o culto divino. E porq̃ as galas preciosas que trazia para o ornato da pessoa, as impedia o decreto Real; & só o culto Divino as admittia; deo a Cesar, o que devia dar a Cesar, obedecendo à sua ley: & deo a Deos, o que se deixava

S. Aug. de conſ. Euang. cap 19.

Matth. 27. 50.

Ibid. 51

deixava ir para Deos, enriquecendo os seus altares: *Quæ sunt Cæsaris, Cæsari: quæ sunt Dei, Deo.* Cõ hũa virtude respeitava o decreto do seu Rey: & com outra o culto do seu Deos. E bem podiamos entaõ accommodar a aquelles altares, & a estas virtudes aquella letra de David: *Altaria tua, Domine virtutum, Rex meus, & Deus meus.* Com esta differença porèm: que os altares, que cõtemplava David, eraõ altares das virtudes de Deos, adorados por David. E os altares, q aparamentava a devotissima Rainha, eraõ os altares de Deos, que ella ornava com as suas virtudes. Hũa virtude era a obediencia ao decreto del Rey: *Rex meus*: outra virtude, era a veneração ao culto de Deos: *Deus meus.*

Matth. 22. 21.

Psalm. 83. 4.

15 Estes altares pois então assim ornados pelas Reaes mãos da piissima Rainha, ainda que depois não mostráraõ o sentimẽto da sua morte nos seus ornamentos rasgados: assim como na morte de Christo o mostrou o vêo do Templo dividido; bem podemos considerar, que elles o significáraõ, postoque os seus paramentos se vião inteiros. De ambos os modos se dá a ver a dor grande, quando ella fere mortalmẽte ao coração. Ou rasgando Jacob os seus vestidos, representandoselhe

doſelhe morto o ſeu
Gen. 37 34. filho Joſeph: *Sciſſis veſtibus lugens filium ſuũ.* Ou pondo os olhos em hũa das ſuas veſtiduras, que não conſta lha moſtraſſem deſpedaçada: *Tunica filij mei eſt.* Ibid. 33 Tanto o veſtido do filho inteiro, como o do pay raſgado, deraõ a entender o ſentimento de Joſeph morto: *Beſtia devoravit Joſeph.* Ibid. No meſmo vêo do Templo temos confirmada a noſſa conſideração; porque ſendo dous, & não hum ſó os
S. Heron. S. Leo apud Cornel. in Matth. 27. vêos, ou Sacrarios daquelle Templo, como eſcrevem muitos; hũ, como podia ſer, moſtrou o ſentimento da morte de Chriſto, fazendoſe em pedaços; & o outro, não havemos de dizer, que o deixou de moſtrar, por ſe ver inteiro. Ao Templo todo tocava a demonſtração daquelle ſentimento: & ſe hũa parte delle, que era aquelle Sacrario, ou vêo, o deo a ver abrindoſe; a outra parte, que era o outro Sacrario, tambem o ficou moſtrando, ſem ſe abrir. Se hum parece que bradou, o outro parece que ficou mudo. E ainda nas creaturas raciohaes, & ſenſiveis, ſe quem mais ſente, falla mais; quem ſe calla, não ſente menos.

16 Nem podemos eſtranhar, como couſa nunca viſta, haver locução muda, & entenderſe: não ſer a voz pronunciada, & ſer ſignificativa. Baſta que

nós

nós entendamos o que os mudos querem dizer; paraque se oução & fallem os mudos. He verdade, que aquelles altares devedores à pia liberalidade da devotissima Rainha não formão vozes, para se mostrarem sentidos na sua mortal ausencia: & o mesmo podemos dizer das pedras dos Templos, que visitava. Mas basta q nós sintamos, & fallemos, assim pelos altares, como pelas pedras; para se entender, que elles sãõ os q fallaõ, & elles saõ os que sentem. Se basta que cõsideremos haver riso nos prados, para affirmarmos que os vemos rir; tambem bastará q naquelles altares, & naquellas pedras consideremos sentimento, para se entender que os vemos chorar. Exemplo temos na Escritura para confirmação do que dizemos: para vermos sentir, & ouvirmos fallar aos que não podem fallar, nem sentir. Na Cidade de Jerusalem havia edificios, havia pedras, havia Templos, & havia altares: de todas estas fabricas mudas se formava, & compunha aquella Cidade. E bastou, que Jeremias (o Profeta, que imos seguindo) considerasse nestes mudos dor que sentir, & vozes com q fallar, para todos a ouvirem fallar, & mais sentir. *O vos omnes, qui transitis per viam, attendite, & videte, si est* Thren. Jerem. 1. 12.

est dolor sicut dolor meus: dizia, & ainda hoje diz Jeruſalem; ſó porque a Jeremias ſe lhe repreſentou, que Jeruſalem aſſim fallava, & ſentia. Nem S. Agoſtinho quer dizer outra couſa, quando nos faz entender, que hũ véo do Templo ſe abrio *Propter necem Chriſti*. Cõſiderou nelle ſentimento por aquella morte: & faz q̃ entendamos, q̃ aquelle abrir fora fallar. Aſsim como nós conſiderando ſentimento no outro véo, entendemos q̃ o ſeu callar fora ſentir.

17 O reparo mais proprio do noſſo diſcurſo, he ſer aquelle Santo Sacrario o lugar mais interior do Templo, & o que mais ſentio, do modo que podia ſentir, a morte de Chriſto: he ſer o lugar que chamavão *Sãctum Sanctorum*: & no qual ſó entrava quem no culto Divino era o das funçoens Pontificias: *Nec ullus illud ingredi poterat, niſi Pontifex*. Eſtas duas circunſtancias ſaõ as que mais nos ſervem para o noſſo intento: ſer aquelle Sacrario a parte mais interior do Templo: & ſer de dignidade Pontificia, o que ſó entrava nella. Porque aquelle Santuario do Templo era o ſeu lugar mais interior; bem podemos dizer, que era o coraçaõ do Templo: aſſim como chamamos coração da terra ao ſeu interior: *In corde* Ibid. apud eoſd. Scriptores. Matth. 12. 40.

corde terræ. E porque só entrava naquelle coração, quem era o Pôtifice do seu culto: *nec ullus, nisi Pontifex:* tambem podemos dizer, que foy o que mais sentio a vingança de nossas culpas na morte de nosso Redẽptor. E como não havia de ser assim, se aquella dor tam mortal, era dor do coração do Templo; & a quem feria mais, era o das chaves daquelle coraçaõ? Isto, que só he hũa figura accommodada ao que imos ponderando; he o que vemos por experiẽcia no figurado. Isto he o q̃ fazem os Principes Ecclesiasticos, & os que saõ de dignidade Pontifical da Igreja. Quando os castigos de Deos chegaõ ao coração; elles saõ os primeiros que sentem, & os que mais choraõ estas vinganças das nossas culpas. Os Pontifices Nicolao V. & Clemente IX. dous supremos Principes da Igreja, vendo hum a Constantinopla, & outro a Candia sojeitos ao Imperio Turquesco, ambos morrèraõ de pena. S. Carlos Borromeo Cardeal, & Arcebispo juntamente, chorou cõ as mayores demonstraçoens de penitencia o estrago, que fez a peste em Milão. S. Acacio Bispo de Amida doendose da afflicção de mais de cem mil cativos, chegou a vender o ornato mais precioso da Igreja, para libertar os

In Annal. histor. Joan. Rh. variar virtut. lib. 1 cap. 3.

Niceph. Cal. Eccl. Hiſt. lib. 4. cap. 23.

os vivos; porque a violencia da fome já tinha triunfado de muitos mortos. Aſſim ſe ſepultaõ as Tiaras, aſsim ſe eſcurecem as Purpuras, aſsim ſe enlutaõ as Mitras, aſsim ſe lamenta a Igreja, quando os peccados de hũa Monarchia provocaõ a vingança da Divina juſtiça. E poſtoque a oppreſſaõ de Portugal nem foy a da guerra, nem foy a do contagio, nem foy a do cativeiro, nem foy a da fome; foy a da morte da ſua Auguſtiſſima Rainha, que excede a todas eſtas oppreſſoẽs. A oppreſſaõ da guerra tem Lenitivo na tregua, & finalmente acabaſe: a oppreſſaõ do contagio tẽ Lenitivo na medicina, & finalmente curaſe: a oppreſſaõ no cativeiro tem Lenitivo do reſgate, & finalmente rimeſe: a oppreſſaõ da fome tem Lenitivo nas eſmolas, & finalmente ſoccorreſe: & ſobre tudo, nenhũa deſtas oppreſſoẽs mata a todos. Porèm a dor mortal daquella auſencia, que choraõ os Principes Eccleſiaſticos de toda a Luſitania, a todos fere de morte: & aſsim como he dor univerſal ſem remedio; he dor, que cõ Lenitivos particulares não póde ter alivio.

§. IX.

18 A Razaõ, porque a dor deſta auſencia fere tam mor-

mortalmente os Principes Eccleſiaſticos, q̃ chega o ſeu coração a morrer deſta dor, he; porque no corpo myſtico da Monarchia o lugar do coração he dos Illuſtriſſimos Principes da Igreja: he; porque eſtes Illuſtriſsimos Principes compoem o coração da Monarchia. E ninguem póde duvidar deſta verdade. Ser o Principado da Igreja o coração de huma Monarchia, he verdade provada com experiẽcia da viſta. Aſſim como o corpo humano vive dos eſpiritos do coração; vive das forças eſpirituaes o corpo myſtico da Monarchia. E ſenão, tireſmolhe o Principado da Igreja, que anima, & conſerva a ſuſtancia vital da Religião, & da Fè, & logo a veremos feita hũ cadaver. Iſto he, fallando nós de qualquer Monarchia. E individuando agora a noſſa Monarchia Portugueza; que he o que nós vemos? Quem conſerva eſte tam dilatado corpo, ſenão aquelle Principado da Igreja, que por ſemelhãça ao coração humano, eſtando em Europa, anima as outras partes taõ diſtantes, de que ella ſe compoem na Africa, na Aſia, & na America, ſem deſcair a Religião, nem ſe apagar a Fè? E ſe aquella ſentença: *Ego dormio, & cor meum vigilat:* he da Eſpoſa Santa; & eſta S. Eſpoſa he a Igreja; o cora- Cant. 5. 2.

coração desvelado, sobre o qual dorme segura a Monarchia: *dormio*: he o seu Ecclesiastico: *cor vigilat*. O nome Bispo, ou Arcebispo isso querem dizer. Sam os Principes da Igreja o mesmo que vigilantes: *Inspectores, seu vigiles*. Sendo pois este Illustrissimo Ecclesiastico o coraçaõ da Monarchia; & padecendo a morral ausencia da sua soberana Rainha, exemplar da Religiaõ, gloria da Fè, & lustre da Igreja; com razão diz Jeremias, & nós com elle: *Perivit cor Principum*: Morreo o coração dos Principes. Já vem de muito longe estes excessos de sentimentos em coraçoens de Principes da Igreja: não saõ os primeiros os dos nossos Principes Ecclesiasticos. Já quãdo Christo o primeiro Principe da Igreja estava morto na Cruz; mostrou o seu coraçaõ, que ainda poderia sentir, pois ainda tinha sangue que derramar: *Exivit sanguis*. Já S. Pedro o seu segundo Principe estava perdoado, & restituido à amizade de seu divino Mestre; & ainda a dor do seu coração, affirma S. Clemente seu discipulo, & seu successor, o fez por toda a vida chorar: *Amaras lacrymas per totam vitã*. Tanto, como isto, sentem a dor grande do coração os Principes da Igreja: & tam improporcionados sam

In Theat. vit. hum.

Joan. 19. 34.

S. Clem. Niceph. apud Corn. in Matth. 27.

para a ſua dor todos os Lenitivos. Hum derrama ſangue, quando jà o não devia derramar: outro faz que os olhos chorem, quando jà não havia culpas, q̃ chorar. O coração do primeiro Principe da Igreja, parecendo que morria, ainda depois de morto. E o coraçaõ do ſeu ſegundo Principe, parecendo que ainda a culpa o tinha morto, quãdo jà pela graça recuperada eſtava vivo.

19 Eſta grande dor, & dor tam mortal, que tira a vida ao coração da noſſa Monarchia, ao Principado Eccleſiaſtico digo; tem dous extremos, que a fazem incuravel por applicaçaõ de Lenitivos. Hũ extremo he quẽ morreo: he a prezadiſſima Rainha de Portugal: outro extremo he quẽ morre: he o Illuſtriſſimo Eccleſiaſtico da noſſa Monarchia. E tãto por hum extremo, como por outro; nem a dor deixa de atormẽtar ao coraçaõ, nem o coração deixa de morrer deſta dor. Aſsim como o tempo não gaſta eſta dor; tambem naõ evita eſta morte. Vejamos iſto. De dous modos ſatisfaz a natureza a obrigação de chorar os mortos: com as lagrimas dos olhos, & com a dor do coraçaõ. Para a ſatisfaçaõ das lagrimas jà houve quem lhe taxou as medidas, & quem lhe cõtou o tempo. Por hũa vez a deo o Sabio de hum,

Eccli. 38. 16. & 18. hũ, ou dous dias: *In mortuum produc lacrymas uno die, vel duobus.* E por outra vez a cortou em ſete: *Luctus mortui ſeptem dies.* Os Iſraelitas choráraõ a morte de Moyſes por trinta dias: *Fleverunt filij Iſrael triginta diebus.* E no Egypto ſe chorou a de Jacob por ſetenta: *Flevit Ægyptus ſeptuaginta diebus.* Naõ he aſsim a ſatisfaçaõ da dor de hum coração: ainda naõ houve quem a mediſſe, nẽ lhe contaſſe os dias. E iſto lhe vem da infallivel correſpondẽcia dos dous extremos da dor, que temos dito: do extremo: *quem morreo:* & do extremo: *quem morre.* Se quem morreo he aquelle extremo da Religiaõ, & da Fè, a noſſa nunca eſquecida Rainha; & o extremo, que morre, he o coração da noſſa Monarchia, o ſeu Principado Eccleſiaſtico; em nenhum tempo deixa de morrer eſte coração; porque em todo o tẽpo o eſtá matando aquella dor. Se os Principes Eccleſiaſticos foſſem os olhos da Monarchia; não eſtranhariamos velos já enxutos: aſsim como os olhos ſaõ as portas, que ſe abrem, para ſairem as lagrimas; tambem ſaõ as que ſe fechaõ, para naõ ſairem ſempre. E o coração aſſim como fecha as ſuas portas, depoiſq a dor entrou, nunca mais as abre, paraque a dor naõ poſſa ſair. He ver-

Eccli. 22. 13. Deut. 34. 8. Gen. 50 3.

dade, que tanto as lagrimas dos olhos, como a dor do coração; saõ extremos, que correspondem à saudade de quem morreo: assim o coração, como os olhos, igualmente lhe fazem as suas exequias. Mas as exequias do coração, não as mede o tempo: & as dos olhos tem dias contados: *Uno, vel duobus: septem: triginta: septuaginta.* E se os olhos as chegaõ a renovar, he batendo primeiro às portas do coraçaõ, para delle tomarem a repetição daquella dor, de que morreo, & que em si, como em vivo tumulo, a tem depositada: não para excitar o sentimento por Anniversarios; mas por todos os instantes.

§. X.

20 OUtro coração principal, ou de Principes, que a morte da nossa Sereniſſima Rainha privou da vida: *Perivit cor Principum*: foy o nobiliſsimo coraçaõ dos Principes da Corte. Nem podia ficar vivo, aindaque tam generoso, o coração dos Principes, que tanto de dẽtro, & taõ de perto viraõ aquella morte. Mas antes se advertio, que ainda o fatal golpe naõ tinha cortado os ultimos fios de taõ importante, & amada vida; quando jà nos olhos destes vassallos diziaõ por fóra as lagrimas o muito,

muito, que por dentro estavão enlutados os coraçoens. Fazião aquelles mayores Luminosos da Corte, o q̃ se vio nos rayos do Sol, pouco antes de morrer Christo: jà estavão escurecidos: *Tenebræ factæ sunt in universam terram; & obscuratus est Sol.* Primeiro se vestio de trevas este Principe do Firmamento; & então acabou a vida o seu Creador: *Clamans voce magnâ, expiravit.* Ninguẽ póde negar ao Sol o Principado das luzes celestes; pois he de todas a mayor: nem as propriedades de coração; pois todas vivem de suas luzes. Jà o tinha dito hũ Doutor em Medicina, chamando ao Sol coração do Ceo, & ao coraçaõ Sol do corpo. *Sol cor cæli, eò quòd suam vim singulis distribuat; & cor Sol corporis, unde juges vitæ emanationes in omnia membra derivantur.* E Principe taõ illustre, todo Sol, & coração todo; acertadamẽte he o primeiro, que amortalha o seu esplendor, & lhe morre o coraçaõ, quando corre para o seu occaso o melhor Sol do mundo, que tendo por oriente o seyo de seu Eterno Pay, vay a ter por occidente os braços da Cruz. A accommodaçaõ do que entaõ se vio na Corte dos Astros, & Planetas, naõ vem agora violenta ao que tambem se vio na nossa Corte. Ahi estão outros

Luc. 23. 44. & 45.

Ibid. 46

Hieron. Mercurial in Aphor. Hippocr lib. 6 Aphor. 18.

tros Principes, outros esplendores, outros coraçoens, outros lutos, & o occaso de outro Sol, que para a magoa naõ ter Lenitivo, & ser mortal a dor, jà para Portugal he Sol posto.

21 Assim como o Principado Ecclesiastico he o coraçaõ da Monarchia; porque he a sua vida: o Principado Secular he o coraçaõ do Monarcha; porque he o seu thesouro. A primeira parte desta proposiçaõ jà deixamos provada: & a segunda nos prova agora o Cardeal Bretando, Prelado antigo, chamando aos coraçoens dos vassallos thesouro do Rey: *Principis thesaurus sunt corda subditorum.* Ser thesouro do Rey, & ser o seu coraçaõ, vem a ser a mesma cousa; assim como ser o coraçaõ de cada hum aquillo que cada hum ama, tudo vem a ser o mesmo. E se a morte da nossa amabilissima Rainha fez morrer de sentimento ao coraçaõ do nosso Augustissimo Monarcha; fez tambem morrer do mesmo sentimẽto ao coraçaõ dos seus vassallos mais chegados; porque sendo o seu thesouro, saõ o seu coraçaõ: *thesaurus corda.* As riquezas deste thesouro saõ o amor, & lealdade daquelles coraçoens: & quãto mais leaes, & amantes os coraçoens dos principaes vassallos; tanto mais ricos os thesouros dos Reys.

Cardin. Bretãd. pro Eccl. libert. Act. 1.

Reys. Pobreza forçada, ou cruel neceſſidade chamou S. Agoſtinho à ignorancia, que temos do interior do coraçaõ: *In genere humano dura neceſſitas neſcire cor alterius.* Leo nos Salmos de David: *Salvaſti de neceſſitatibus animam meam*: & achou, que aquelle naõ ſaber hum a fidelidade, & amor do coraçaõ do amigo, he a ſua mayor pobreza: & por ſer neceſſaria, era a mais intoleravel: *dura neceſſitas*. E deſta pobreza tam violenta livraõ os noſſos muito altos, & poderoſos Monarchas com ſingular fortuna: naõ ignoraõ o fidelliſſimo amor dos ſeus principaes vaſſallos. E porque ſaõ ſenhores dos ſeus coraçoens, o ficaõ ſendo dos mais ricos theſouros. Digo com ſingular fortuna; porque ainda em nenhũa Monarchia houve vaſſallo, a quem lhe ſepultaſſem o ſeu coraçaõ no meſmo Tumulo do ſeu Rey. E no ſepulcro, & aos pès do Auguſtiſsimo Rey o Senhor D. Joaõ IV. ſe depoſitou o coraçaõ daquelle memoravel Heroe D. Antonio Luis de Menezes Marquez de Marialva, para argumẽto perpetuo da lealdade Portugueza. Eſtes ſaõ os coraçoens, q̃ enriquecem os theſouros dos Reys: & o deſte Principe foy o unico, & o primeiro theſouro, que ſeu Senhor levou comſigo à ſepul-

S. Aug. in Pſal. 30.

Pſal. 30. 8.

ſepultura.

22 Saõ muito diffe= rentes os theſouros da lealdade, dos theſouros da ambiçaõ: em nada convem theſouros taõ oppoſtos. Nos theſou= ros da ambiçaõ; hũa couſa he o theſouro,& outra couſa he o co= raçaõ. E nos theſou= ros da lealdade, os meſmos coraçoens ſaõ os theſouros. Nos the= ſouros da ambiçaõ, eſ= tá o coraçaõ onde eſ= taõ os theſouros. E nos theſouros da lealdade, eſtá o theſouro onde eſtaõ os coraçoẽs. Nos theſouros da ambiçaõ, roubadas as riquezas, acabou o theſouro. E nos theſouros da leal= dade, tanto mais per= manece o theſouro, quanto mais ſe roubaõ os corações. Nos the= ſouros da ambiçaõ, vendeſe tudo, para ſe comprar o campo do theſouro. E nos the= ſouros da lealdade,naõ ſe vende nada, porque os coraçoens daõſe de graça. E deſtes theſou= ros era tambem ſenho= ra a noſſa Sereniſſima Rainha: tambem no leal amor, & nobre fi= delidade do coraçaõ dos Principes ſeus vaſ= ſallos tinha riquiſſimo theſouro. Por iſſo naõ admittio o que ſe lhe offerecia em hum Mi= lhaõ por obſequio li= vre do Reyno; eſtimã= do mais a benevolẽcia, com que ſe lhe offer= tava, do que todo o ſeu valor. E dizendo, que dos ſeus vaſſallos naõ queria o ſangue

das

das veas, & ſó eſtimava a lealdade dos coraçoens. Era eſta eſtimação tam eſtremada, q̃ não perdia lanço, para a dar a conhecer. Quãdo a mim me mandou, q̃ lhe verteſſe no idioma Portuguez o ſeu Devocionario Latino, diſſe com gracioſa galantaria, & eſtimavel ſuavidade, que já não queria fallar cõ Deos, ſenão na lingua dos ſeus Portuguezes. E em hũa oração, que ordenou lhe ajuntaſſe com as outras do meſmo Compendio, ditada pela ſua meſma devação, & por ſua propria maõ eſcrita; depois de pedir nella a Deos as felicidades para a Caſa Real, orava pelas de ſeus vaſſallos. E com eſtas demonſtraçoens, naõ excluindo das que eraõ commuas a todos os auſentes, & aos que não ſerviaõ no Paço; obrigava tam advertida aos do Principado da Corte, quanto elles ſe viaõ andar obſequioſos ao ſeu mageſtoſo agrado.

23 Aſſim grangeou para o theſouro da lealdade os coraçõẽs dos Mayores: ſempre em cõtinuaçaõ ſucceſſiva. E como a riqueza deſte theſouro he dos bens do coraçaõ, nunca ſe lhe ha de acabar: ha de paſſar dos coraçoens dos mortos aos coraçoens dos vivos com perpetuas tranſcendencias de hũs a outros. E não he muito o que niſto dizemos

mos: não he encarecimento forçado. Se os theſouros da ira, que no mundo ajuntaõ os que a provocaõ, duraõ atè o dia do ultimo juizo: *Theſaurizas tibi iram in die iræ:* os theſouros da lealdade porque naõ haõ de durar outro tanto? Fazemos theſouro das deſaffeiçoens do coraçaõ, accumulando eſta fizania em montes: *In faſciculos*: para ſe caſtigarem no fim do mundo: *Sinite creſcere ad comburendum*: & havia de cõſumir o tempo os reverentes affectos de coraçoens tam nobres, & tam leaes, ſacrificados à Mageſtade de huma Rainha, que ſó eſta riqueza entheſourava? Podem ſer theſouro perpetuo as iras, & os odios; & naõ o podem ſer os leaes affectos do coraçaõ? Naõ o podem ſer as ſaudoſas memorias de hũa tam amada, & deſejada Rainha? Ninguem o dirá. Tanto ha de durar a dor da ſaudade, que chora toda a noſſa Corte, nos corações dos ſeus Principes; quanto dura o nome deſta ſempre Auguſta Mageſtade. Ha de ſer como o ſentimento do bom Rey Joſias, & da ſua lembrança repetida pelos ſeus mayores Cortezãos. Ainda hoje, tanto depois da ſua morte, que o Profeta Zacharias previo em Jeruſalem, andaõ as ſuas exequias em Proverbio eſcrito, aſſim como andava

Ad Roman. 2. 5.

Matth. 13. 30.

Ibid.

dava naquelle tempo repetido. O meſmo era dizer: *luctus Joſiæ*: que encarecer a mayor dor do coração cauſada por algũa ausẽcia mortal. E advertio com S. Jeronymo, & outros, quem cõmenta a profecia daquella morte; q̃ os Mayores da Corte de Jeruſalem foraõ os que ſingularmente a choráraõ. *Per familiam David*, que foy a que mais ſe eſtremou neſte ſentimento, *ſignificantur Proceres; hi enim prognati ſunt ex David.* Os mais chegados ao ſangue Real ſaõ os q̃ mais choraõ as mortes dos ſeus Reys: elles ſaõ os que fazem perpetua a dor do ſeu coraçaõ por Annaes, & Proverbios: *luctus Joſiæ.* Que Lenitivo logo poderá impedir a força de hũa dor, que paſſa de huns corações a outros? dos q̃ morrem aos que vivem? de hũa dor em coraçoẽs de Principes?

Corn. in Zach 12.

§. XI.

24 AGora tomemos o pezo a eſta dor: entremos a pezar a dor, de que morre o coraçaõ deſtes Principes, conſiderada a mortal auſencia da ſua prezadiſſima, & amabiliſſima Rainha. Porque os ſeus corações eraõ o theſouro da Mageſtade já defunta; a dor, de que morrem, he a da auſencia da Senhora deſte theſouro: iſto he o q̃ choraõ:

raõ: eſtar eſte theſouro ſem a ſua Senhora. Da meſma dor morria o coraçaõ da Magdalena, o mais leal, & o mais amante; & por conſequencia hum dos mais ricos theſouros do mayor Rey. Todo o ſentimento deſte coraçaõ, era verſe theſouro ſem ſeu dono: *Tulerunt Dominum meum.* Joan. 20. 13. Eſta dor lhe paſſava o coraçaõ, rompia o peito, & ſoltava as lagrimas dos olhos: *Tulerunt Dominum meum*: já naõ vejo o Senhor do meu coraçaõ: o Senhor deſte ſeu theſouro. Tal he o ſentimento dos Principes da noſſa Corte: os ſeus coraçoens ahi eſtão, a ſua lealdade ahi eſtá, o theſouro dos ſeus fieis obſequios ainda he o meſmo. Mas que monta tudo iſto, diz cada hum deſtes coraçoens; ſe he theſouro ſem dono: *Tulerunt Dominam meam?* O coraçaõ do Diſcipulo amado, & amante, theſouro de affectos tam prezado de ſeu amoroſo Meſtre; aindaque auſentandoſe delle Chriſto, ficou ſem Senhor; naõ ficou ſem Senhora: *Ecce mater tua.* Joan. 19. 27. O coraçaõ de Thomè; que pela ſua incredulidade deixou de ſer theſouro do Senhor, que o tinha achado; depois o tornou a ſer, & a ter Senhor: *Dominus meus, & Deus meus.* Joan. 20. 28. O coraçaõ da meſma Magdalena, que neſta hora ſe achava theſouro ſem dono,

dono, porque os seus olhos o naõ viaõ; logo o vio na outra hora: *Vidi Dominum.* Porèm o Lenitivo, & cura, q teve a dor de todos estes coraçõens, naõ tem, nem haõ de ter os saudosissimos Principes Cortezãos de Portugal. Vaõ passando hũs tempos, & haõ de passar todos; & os seus coraçoens sem dono: ausente para sempre a Senhora daquelles thesouros: *Thesaurus corda subditorum.*

Joan. 20. 18.

25 Naõ havemos de seguir, mas antes reprovar a opiniaõ do Critico, que disse, naõ haver dor do mal passado; assim como só ha temor do mal futuro: *Dolor est de præsenti; quomodò timor de futuro.* Naõ medio a dor este especulativo pela sua causa, & pelo seu sujeito; & por isso a definio assim transitoria. Se elle puzesse os olhos em hũa ausencia mortal, como a da Rainha nossa Senhora, que he a causa da nossa dor; & em hum coraçaõ de Principes, que he o seu sujeito; não descreveria a dor cõ definiçaõ taõ absoluta, sem a limitar com algũas exceiçoens. O contrario do que este Author entende, dizem do coraçaõ de Christo lançando agua ainda depois de morto. Dizem que foy tam grande a dor do coraçaõ de Deos, do modo que por Allegoria se póde admittir dor naquelle coraçaõ,

Laur. Beyer. in defin dol.

por haver castigado ao mundo com o Diluvio universal; que a mesma dor conservada naquella agua, ainda depois de tantos annos abrio o coraçaõ de Christo ainda depois de morto: *Unus militûm lanceâ latus ejus aperuit; & exivit sanguis, & aqua.* Quem discorreo esta prodigiosa dor, fez todo o reparo na sua conservaçaõ desde o Diluvio atè o tempo da morte de Christo; no que eu naõ acho tanto mysterio, como em ella tirar sangue daquelle coraçaõ, jà depois de corrido tanto tempo. Pudera durar aquella dor todos os annos, que durou, sem ferir o coraçaõ, onde se conservava. Porèm depois de passados todos aquelles annos, chegar ainda a fazer sangue; he a mais evidente prova do muito q magôa a dor grande o coraçaõ de Principes, ainda nam sendo dor *de re præsenti*: que he o nosso argumento contra a definiçaõ da dor, que impugnamos.

Joan. 19. 34.

Ecob. de Testam. Christi, apud P. Veyra in morte Regiæ Mariæ Elisabeth

26 De qualquer outro coraçaõ, que naõ for de alta nobreza, póde sair a dor, sem lançar nelle raizes, que a façaõ perpetua: & principalmẽte se a sua causa não for como aquella, de que hoje morre o coraçaõ dos Principes Portuguezes. Se a morte da nossa dignissima Rainha fosse como a morte de Debora,

que

que era huma ama de Rebecca: *Mortua est Debora nutrix Rebeccæ:* Gen. 35. 8. & se os que choraõ esta morte em Portugal, fossem de coraçaõ tam humilde, como era o coraçaõ dos que choráraõ a morte de Debora em Bethel, que foraõ os do povo de Jacob; então seria facil o Lenitivo: naõ custaria muito riscar da memoria a morte, nem tirar do coraçaõ a dor. Isto se vio nas exequias de Debora: sepultando aquelle povo a sua defunta ao pè de hũa arvore: *Sepulta est subter quercum*: escrevèraõ na memoria o sentimento da sua morte com este abbreviado Epitafio: Ibid. *Quercus fletus*. Satisfizeraõ aquella funeral obrigaçaõ, dizendo: Este foy o lugar das exequias de Debora: *Vocatum est nomen: quercus fletus.* Naõ chegou o seu sentimento a mayores extremos: nem passou daqui a lembrança da sua dor. E ainda que para ser a dor perpetua, tinha a arvore raizes, para a conservar; & nas suas folhas naõ faltavaõ linguas, que a pudessem declamar; tudo faltou. Seccáraõse as raizes, murcháraõse as folhas, consumiose a arvore, & cõ ella desappareceo toda a lembrança de Debora; & naõ durou mais a dor da sua morte. Como esta lembrança, assim pela causa, como pelo sujeito: assim por ser Debora a que morrèra;

rèra; como por ser o povo, o que lhe chorára a morte, naõ pedia mayor duraçaõ para o sentimẽto: bastou que o Epitafio só fosse dito: *Vocatum est nomen loci: quercus fletus.* E como aquella dor naõ feria mortalmente o coraçaõ; nem era grande, ou de grandes o coraçaõ, que feria; bastou, que o sepulcro fosse o pê de hũa arvore, sem o levantarem da terra: *Subter quercum.* Naõ foy assim o sentimento de Jacob, hum dos Principes daquelle tempo, vendo morta a sua Esposa Rachel. Levantou lhe tumulo *Erexit titulum* Ibid. 10 *super sepulchrum*: & deixou nelle este Epitafio aberto: *Hic est* Ibid. *titulus monumẽti Rachel, usque in præsentẽ diem.* Ainda depois de muito tempo passado, fazia aquella escritura, que a dor do coraçaõ de Jacob em todos os dias fosse lembrada de presente: *usque in præsentem diem.* E a mesma Rachel antes da sua morte deixou esta lembrança ainda mais viva: deixou que o filho, de cujo parto morreo, se chamasse *Benoni*, que quer dizer: *Filius doloris*: filho da dor. Desta sorte ficou a dor da morte de Rachel continuada em duas lembranças: no sepulcro, & no filho. No sepulcro, para ser lida: & no filho, para ser vista. E como nos mortos tambem ha filiaçaõ; porq

Ibid. 18

ha

há primeiros filhos: Apoc. 1 5. *Primogenitus mortuorũ*: & na sepultura tambẽ há pay, & mãy: Job 17. 14. *Putredini dixi, pater; & mater vermibus*: bem podemos dizer, q̃ dentro do sepulcro era Rachel filha da morte: & fóra do sepulcro, era mãy da dor: *Benoni: filius doloris*. E Jacob, q̃ por ser pay deste filho, tambẽ se podia chamar pay da mesma dor, chamou a este filho da dor filho da mão direita: *Filius dextræ*: Gen. 35 18. porq̃ *Benjamin* isso quer dizer: *Appellavit eum Benjamin, idest, filius dextræ*. Todas as vezes, que Jacob punha os olhos neste filho, não os tirava da sua dor. E porque era filho da sua mão direita, tambem a sua dor o era. Tam solicito, & desvelado se mostrava em amar o filho, como generoso em abraçar a dor. Eis-aqui, como os grandes Principes fazem perpetua a dor do seu coraçaõ: nem o tẽpo, nem a morte, nem a sepultura a fazem esquecida, ainda que seja de muito tempo passado.

§. XII.

27 QUem definio a dor pelo tempo presente, & não pelo passado; se quiz dizer que a dor, que tem passado, quando atormenta de novo, atormenta de presente; bem definio: & louvamos a sutileza da sua especulaçaõ. A dor, q̃

ainda agora, andado jà tanto tempo depois da morte da Sereniſſima Rainha, fere mortalmente o coraçaõ dos Principes da ſua Corte, & ha de ir ferindo daqui a muitos annos, & pelos que ſe forem ſeguindo; naõ he dor paſſada: he dor preſente. Como as moçoens do coraçaõ ſuppoem a excitaçaõ da memoria; & eſta por revocação dos annos faz preſente o que jà tem paſſado; vem atormẽtar de preſente a dor, que jà era de preterito, ſe atormenta a corações grãdes: ſe atormenta a corações, como o de David, que ſempre tinha preſente a dor, que jà era paſſada: *Dolor meus in conſpectu meo ſemper.* Pſalm. 37. 18.

Quando o coraçaõ hè de Principes; a dor, q̃ pela diſtãcia do tempo jà ſe naõ vè; pela fidalguia do coraçaõ anda ſempre à viſta: *in conſpectu ſemper.* Pelo tẽpo, tem paſſado: quando fere, eſtá preſente. O Lenitivo pois para tal dor, & para taes coraçoens: para a dor da auſencia mortal da noſſa Rainha, & para o coraçaõ dos ſeus Principes Cortezãos; teria o ſeu effeito, ſe foſſe cõpoſto de dous ingredientes, que lhe ſaõ impoſſiveis. De hum ingrediente, para riſcar da memoria a cauſa da dor: & de outro ingrediente mais, para tirar do coraçaõ o ſeu effeito. E onde eſtá, ou donde póde vir eſte Lenitivo;

tivo; se a dor he tam aguda, que depois de ter passado, a memoria a traz a ferir de presente? Tambem no mundo fabuloso se discorre esta verdade: tambem achou o Poeta, q Juno, aquella Deosa queixosa, & de superior divindade: *Divûm Regina, Jovisque & soror & conjux*: sentia ferido o coração, depois de ter passado a sua dor por hũa eternidade de annos: *Æternum servans sub pectore vulnus*. Era coraçaõ de grande: & aindaque a dor jà era muito antiga; a sua causa conservada na lembrança: *Manet alta mente repostum judicium Paridis, spretæque injuria formæ*: a fazia renovada. Porq a causa da dor nunca esquece, admittida a sentẽça do Cantor Elegiaco: *Nunquam queruli causa doloris abest*: faz voltar a ferir de presente a dor, que já he de preterito. Quem retratou as dores do coraçaõ nas ondas do mar; considerou-as sempre vindo no andar das marès, que vaõ sem voltarem: *Undantes ægro frænabat corde dolores*. Se a dor grande passou nesta marè; voltou na outra: naõ se foy por hũa vez: hũas ondas a levaõ, outras a trazem. E haverá Lenitivo, que mude a natureza deste mar; & faça, que a dor do coraçaõ não torne a vir, depois de ter ido?

Ovid. lib. Trist.

Sil. lib. 8

Virg. lib 1. Æneid.

§. XIII.

28 FInalmente, ſe a lembrança da grande dor naõ foſſe tam viva na ſua repetição, que chegaſſe a fazer a dor preſente, ainda depois de paſſada; & ſe a dor aſſim ſucceſſiva na lembrança naõ atormẽtaſſe tantas vezes ao coraçaõ, quantas vezes ſe vè na memoria; & ſe o coraçaõ penetrado deſſa dor não foſſe coraçaõ de Principes, que tem por medida do ſeu pezar a ſua generoſidade; nam diſſeramos cõ o noſſo Profeta, que a dor da morte da noſſa Auguſtiſſima Rainha feria mortalmente o coraçaõ de todos os Principes. Porque, ſe a dor paſſa com o tempo, & não volta com a lembrança; não he a dor, q̃ chegue ao coraçaõ: he dor, que não paſſa dos olhos. E dor, que ſó fere a viſta, em hum fechar de olhos ſe perde. Se a dor continuada na lembrãça, aſſim como atraz a memoria, não paſſa o coraçaõ; he dor, que não atormenta depois de lembrada, porque não atormentava antes de eſquecida. E dor, que não fere depois, porque dantes naõ feria; tanto monta a ſua lembrança, como o ſeu eſquecimento. Se a dor he de coração, & o coraçaõ póde menos que a dor; vence a dor ao coraçaõ. E dor, que he morte do coraçaõ,

& o

& o não deixa vivo, para tornar a morrer; naõ he dor de coração de Principes: he dor de qualquer outro coração. E isto he o que se tem visto, & vai vendo no coraçaõ dos nossos Principes: no coraçaõ dos Augustissimos Principes da Casa Real: no coração dos Illustrissimos Principes da Igreja: & no coraçaõ dos Invictissimos Principes da Corte. A dor do seu coração não he a da vista dos olhos: não lembra sem atormentar: & não mata sem deixar com vida para morrer.

DISCURSO III.

Et obstupescent Sacerdotes.

§. I.

1 FAllar, & emmudecer saõ affectos tam avinculados a hũa dor grande, que quando esta chega a atormentar o animo; ou influe na eloquencia, ou tira a falla: ou faz eloquentes, ou mudos. Por isso o Poeta se introduzia duvidoso de fallar, ou callar: *Eloquar, an sileam*: porq̃ no mesmo tempo considerava motivo, que tãta materia dava para a clo- Virg. 3. Æneid.

a eloquencia, como para a mudez. E jà que o noſſo Profeta, prevendo o ſentimento dos Sacerdotes de Jeruſalem, o explicou pelo ſilẽcio: *obſtupeſcent Sacerdotes*: primeiro iremos com a dor muda: & depois com a dor eloquente. Diremos primeiro, que vendo morta a ſua Auguſtiſſima Rainha os Sacerdotes de Portugal; a grande dor deſta fatal auſencia os deixou mudos. E depois diremos, que ſaindo elles da ſuſpenſaõ, desfazendo o paſmo, & violentando o ſilencio; a meſma dor os fez eloquentes. E jà ſe vè, como para hũa dor grande naõ poderá haver Lenitivo; ſe elle houver de dar falla aos ſeus mudos: ſe applicado aos que ſentidos da dor eſtaõ callados, os ha de fazer fallar. Eſte Lenitivo, ſó o póde preparar a mão de Deos: ſó hum Zacharias, que em pena de naõ crer ao Celeſte Embaxador, emmudeceo: *Permanſit mutus*: quando para alivio da ſua dor, lhe veyo do Ceo o Lenitivo, entaõ fallou: *Apertum eſt os ejus*. Luc. 1. 22. Ibid. 64

2 Vamos jà com os noſſos mudos da dor: com os Sacerdotes digo do noſſo Portugal, em quanto com Jeremias os conſideramos ſuſpenſos, paſmados, & mudos: *obſtupeſcent Sacerdotes*. Ninguem póde duvidar da correſpondencia, que entre ſi tem

tem o paſmo, & a mudez: quem paſmou, emmudeceo: *Obſtupui: & vox faucibus hæſit.* Aſſim como o paſmo perturbou tanto a viſtá aos amigos de Job atormentado da ſua dor; que o naõ conhecèraõ: *Cùm elevaſſent oculos ſuos, non cognoverunt eum:* tambem logo emmudecèraõ: por ſete dias, & ſete noites naõ falláraõ: *Septem diebus, & ſeptem noctibus nemo loquebatur ei verbum.* A cauſa deſta ſuſpenſaõ, & triſte ſilencio nos amigos de Job, foy a vehemencia da dor, que lhe viaõ padecer: *Videbant enim dolorem eſſe vehementem.* E eſta foy tambem a cauſa da mudez nos Sacerdotes de Portugal: a vehemente dor de verem morta a ſua amabiliſſima Rainha: *Videbant dolorem vehementem.* Quando a dor atormẽta deſte modo; o que for della ferido, ha de paſmar, & emmudecer. Iſto he o que perſuadia Job aos ſeus meſmos amigos, jà depois de terem começado a fallar: *Attendite me, & obſtupeſcite, & ſuperponite digitum ori veſtro*: Vede a minha dor: & depois de viſta, paſmay, & emmudecey. Naõ lhes diz, que chorem; nem pede, que fallem: *Obſtupeſcite, & ſuperponite digitum ori*: eſtay ſuſpenſos, & mudos.

Virg. 2. Æneid.

Job 2. 12.

Ibid. 13.

Ibid.

Job 21. 5.

3 Naõ ſaõ as lagrimas, nem as vozes os melhores expreſsiv os da

da dor: o paſmo, & a mudez a repreſentaõ mais viva. As lagrimas paraõ: as vozes canſaõ: & depois de enxutas as lagrimas, & não ouvidas as vozes; entra a mudez a ſubſtituir por vozes, & por lagrimas. Se attendermos cõ advertencia ao que eſtá expreſſo na ſagrada hiſtoria da Payxaõ de Chriſto; naõ acharemos hũa ſó palavra de ſua ſaudoſiſsima Mãy, depois de o ver morto, & depois de morto o perder de viſta. A dor naõ podia ſer mayor: & por ſer a mayor dor; o ſeu mais vivo ſignificativo, foy o ſilencio: os ſeus melhores indices, foraõ a mudez, & o paſmo. E já do pè da Cruz, donde começou eſta ſua mayor dor, começou tambem a ſua mudez. Já alli, diz S. Bernardo: *Tacebant illi duo Martyres*: (falla da Mãy de Deos, & de S. João;) porq a ſua grande dor os não deixava fallar: *Præ nimio dolore loqui non poterant.* Em duas occaſioens padeceo a Santiſſima Mãy de Deos a meſma dor da auſencia de ſeu amabiliſſimo Filho: quando vivo, o perdeo no Templo; & quando morto, o deixou no ſepulcro. E porque na primeira auſencia foy menor a dor; pode fallar, & dizer: *Cur feciſti nobis ſic: dolentes quærebamus te.* E na ſegunda auſencia não diſſe, nem fallou palavra; porq então era muito mayor

D Bern de laudat. Virg.

Luc. 2. 48.

mayor a dor: *Præ nimio dolore loqui non poterat.* Esta deve ser a razaõ; porque quando discorremos a segunda ausencia do precioſiſſimo Filho de Maria Sãtiſſima, ſó podemos dizer com Jeremias o muito da ſua ſoledade: *Quomodò ſedet ſola:* o muito das ſuas lagrimas: *Plorans ploravit in nocte:* para darmos a ver o muito da ſua dor: *Videte, ſi eſt dolor, ſicut dolor meus.* Mas o muito da ſua mudez, naõ o podemos dizer; nem temos com quem o digamos; porque aquelle muito não ſe póde medir, nem ſe ha de explicar, & ſó he para ſuſpender. Se houver, quem por eſte paſmo diſcorra aquella dor, tambem ha de emmudecer: ſe a quizer deſcrever, tambem ha de paſmar.

Jerem. Thren. 1. 1. & 2.

Ibid. 12

4 Naõ diremos nós agora, que tal foy a dor, nem a mudez, ou paſmo dos Sacerdotes do noſſo Reyno pela auſencia da Serenissima Rainha morta; porque a differença he a que vemos. Dizemos porèm, que não faltou nelles hũa ſemelhança deſte effeito na ſua grãde dor: tambẽ emmudecèraõ: tambem os ſuſpendeo o paſmo, attendendo nós ao q̃ diz Jeremias: *obſtupeſcent Sacerdotes.* He verdade, que na falta de Lenitivo para a ſua ſaudade, naõ os atormentou tam pouco a ſua dor, que naõ poſſamos dizer,

dizer, que foy, & he mais inconsolavel a sua dor em Portugal, do que foy a dos sagrados Apostolos no Olivete, quando o Divino Mestre os deixou, & foy para o Eterno Pay. Porque o pasmo dos saudosos Discipulos naquelle mõte: *Quid statis aspicientes in cælum:* teve logo alivio dado por Anjos, na certeza de tornarem ainda a ver a quem ja naõ viaõ: *Hic Jesus, qui assumptus est à vobis, sic veniet, quemadmodum vidistis eum euntem in cælum:* esta vossa suspensaõ ha de ser aliviada: ainda haveis de ver quẽ agora se ausentou de vós. E os nossos Sacerdotes naõ tiveraõ, nem tem Lenitivo algum semelhante: jà naõ haõ de ver em Portugal a amabilissima Rainha, que por hũa vez se lhes tirou da vista: nem tem esperança, como esta, em que possaõ pòr olhos: *aspicientes in cælum.* Aquelle estar, aquelle olhar, & aquelle pasmar dos Santos Apostolos, foy emmudecer, diz o Doutissimo Sylveira: *Dolore magno ex absentia sui Magistri nullum verbum dicebant.* Outro tãto podemos nós tambem dizer dos Sacerdotes da nossa Corte, quando viraõ ir para a sepultura a quem desejavaõ perpetua vida: tambem olhavaõ, tambem estavaõ, tambem pasmavaõ, & tambem emmudeciaõ. Porèm

Act. Apost. 1. 11.

Ibid.

Sylv. in Act Apost. 1. 23.

ainda

ainda hoje penetrados da mesma dor, os consideramos suspensos, & mudos; porq não ouvem dizer: *Quæ assumpta est, veniet.*

§. II.

OS Sacerdotes, q principalmente por esta ausencia da Serenissima Rainha apuráraõ o seu sentimento, foraõ os das Familias Religiosas, q viraõ aquella morte, & a lamentáraõ em funeraes exequias. Delles havemos de entender o vaticinio do nosso Profeta: *obstupescent Sacerdotes*: porq temos exemplo em outro, que antevendo a morte do grande Rey Josias em Jerusalem, disse tambem: *In die illa magnus erit planctus in Jerusalem: plãget terra: familiæ, & familiæ; familiæ domûs Nathan:* Choraráõ naquella morte entre muitas familias, as familias da casa de Nathan. E estas familias, dizem os Expositores daquella Profecia, saõ as Familias Religiosas: *familiæ domûs Nathan; ideſt, viri religiosi, qui orationi, meditationi, Deique laudibus vacant.* As sagradas Religiões, q saõ Mãys de tantos Religiosos, saõ as que principalmẽte pasmáraõ, & emmudecèraõ na falta de quem amava a todas, como Mãy. E bem puderamos dizer de todas estas Mãys, o que Jeremias diz de outras, lamen-

Zach. 12. 11. na. & 13.

S. Hier. Theodor. Remig. Alberto apud Corn. in Zach. 12.

lamentando o estrago de Jerusalem: *Matres nostræ quasi viduæ*: as Mãys de tantos Varões Religiosos, na ausencia de quem os trataya com amor de Mãy, bẽ as podemos considerar como desemparadas: *quasi viduæ*: na nossa Jerusalẽ Portugueza: *Magnus planctus in Jerusalem*. Este pranto pelo que tem de occulto, he mudez: o seu naõ se ouvir, he pasmar. E se nós o quizermos sentir, sem que o ouçamos; discorreremos os seus motivos, & nelles o ouviremos. Elles diraõ, se estas Familias Religiosas, ou estas Mãys, tinhaõ cauſa para emmudecer, perdendo a quem tanto as sabia estimar.

Jerem. Thren 5.3.

6 E deixando sem põderaçaõ os exemplos da sua Real liberalidade; do seu singular agrado; das demonstraçoens affectuosas aos Santos Fundadores destas Veneraveis Familias; da veneração a todos os Religiosos, principalmente aos de mais conhecida santidade; & de outros actos, q̃ por occultos, & não vulgares, só os Juizes secretos do seu Espirito os poderião communicar; pede a pia affeição, alma de toda esta escritura, que exponhamos o mais evidente argumento do muito, que a Sereniſſima Rainha sabia amar estas Santas Mãys. Saõ testemunhas de vista os muitos olhos, q̃ viraõ vestidos

os

os habitos de Religiosos em algũ dos dignissimos Filhos da amabilissima Rainha: já no habito de S. Ignacio, já no habito de S. Filippe Neri, & já no habito de S. Francisco. Naõ pudera mostrar melhor, que como Mãy amava estas santas Familias, senaõ do modo entaõ possivel, dandolhes os seus Filhos. Se a Aguia, Rainha das Aves, reprova por indignos da sua maternidade aos filhos, que não fitaõ os olhos no Sol; esta Rainha, & Aguia tambem Imperial, não tinha q reprovar nos seus este abatimento, & espirito illegitimo; pois ainda quasi no ninho, já olhavaõ para o divino Sol, Author principal de todas as sagradas Religioẽs. Quanto excedia a Corte de Portugal à Corte de Saul; naõ podendo nesta David com o vestido de Soldado: *Non poßum sic incedere*: & podendo hũ Menino na outra com o habito de Religioso; diga-o qualquer Panegyrista, cujo estylo nestes breves Periodos nos he licito imitar. Era este exemplo hũa exceiçaõ daquella verdade: *Ecce qui mollibus veſtiuntur, in domibus Regum ſunt*: porque na Casa dos Reys de Portugal vestiaõse os seus Filhos de asperezas. E ver ao Regio esplendor vestido de humilde sayal na nossa Corte; era ver por semelhãça aquelle

1. Reg. 17. 39.

Matth. 11. 8.

Sol, que S. Joaõ vio no
Apoc 6 12. Ceo: *Factus tamquam saccus cilicinus.* Nem seria este Principe lançado da mesa dos Religiosos, por naõ ter o vestido dos q̃ comem naquella mesa: como foy lançado da mesa do Sacramento o convidado, que naõ tinha a vestidura dos que a
Matth. 22. 12. ella se assentaõ: *Non habens vestem nuptialem.* Ainda que aquelle habito naõ fazia Religioso; para merecimẽto da dignissima Mãy, que lho vestia, bastava a vontade, que tinha de que o fosse. Sem Isaac chegar a ser sacrificado; bastou a vontade, que o pay teve, de que o fosse, para ser apre-
Gen. 22. 16. & 17. miado: *Quia fecisti hãc rem, benedicam tibi.* Nẽ era necessario, para o innocente Principe agradar a Deos vestido naquelle habito, saber o que era ser Religioso. Por ventura, que tambem Isaac para merecer o divino agrado, naõ soubesse, que cousa era ser sacrificado; & mais o sacrificado havia de ser elle. O menino Moyses, sem que soubesse, que cousa era ser adoptado por filho da Princeza de Faraõ, por merecimento do agrado foy filho da sua adopçaõ: *Quem illa adoptavit in filiũ.* Naõ
Exod. 2. 10. deixa de merecer premio, quem só agradãdo merece. Deste agrado para Deos, & daquella honra para as Veneraveis Religioẽs, sendo igual para todas o amor

o amor da Sereniſſima Rainha; com a ſua lamentavel auſencia ficâraõ deſtituidas, & orfãas. Como as eſtimava tanto, quãto temos inſinuado na recopilação deſtas noticias; com a ſua morte perdèram a eſtimaçaõ, que nunca haviaõ tido; & por iſſo juſtamente: *matres viduæ*: com razaõ mudas: *obſtupuerũt*: & por hũa, & outra cauſa; por mudas, & por deſemparadas, a ſua dor ſem Lenitivo.

§. III.

7 ATè aqui temos ido com a dor muda dos Sacerdotes de Jeruſalem: & agora havemos de ir cõ a dor eloquẽte dos Sacerdotes de Portugal. Se atè aqui com os Sacerdotes de Jeruſalem, nos guiava a ſua dor muda: agora com os Sacerdotes de Portugal, entra a guiarnos a ſua dor eloquẽte. Quãdo a dor he grande, tudo iſto faz: faz emmudecer, & faz fallar. Depoisque a dor de Job o fez a elle mudo, & aos ſeus tres amigos por ſete dias, & ſete noites; quando já a dor naõ cabia no peito de cada hum, falláraõ todos: fallou Job, & falláraõ os ſeus amigos tudo o que achamos eſcrito, & lemos na ſua lamentavel, & diffuſa hiſtoria. Grande he a dor, que faz mudos: mas naõ he menor a q̃ faz eloquentes. Aſſim

como a dor, que prende as lagrimas, he grãde dor; não he menor a dor, que as solta. Como as vozes, & as lagrimas saõ significativas da dor; não fica esta menos conhecida na mudez desimpedida, do q̃ no pranto desatado. Nem Jeremias previo em Jerusalem hũa mudez perpetua: a mesma Jerusalem, que nos seus Sacerdotes se lhe representou muda: *obstupescent Sacerdotes*: vio elle, q̃ para significar a sua dor, tambem fallava: tambem a ouvio dizer: *O vos omnes, qui transitis per viam, attendite, & videte, si est dolor, sicut dolor meus.* O que tem de mais a dor, q̃ faz mudos, he, que nem ella diz, quanto atormenta; nem os seus atormentados sabem dizer, o que ella naõ diz. E a dor, que faz eloquentes, como sae explicada nas vozes, ella mesma diz o muito, que fere; & os seus feridos mostraõ o muito, que padecem. Mas sempre com a mesma advertẽcia da impossibilidade de Lenitivo: assim como não ha Lenitivo, que faça fallar os mudos da dor; tambem o naõ ha, para fazer callar os seus eloquentes.

Thren. 1. 12.

8 Digo ser impossivel o Lenitivo da dor, ou seja da dor, que faz mudos, ou da dor, que faz eloquentes; fallando dos Lenitivos, que podem receitar os homens, porque os mesmos,

mos, que os querem facilitar, os difficultaõ. Todos vem a dizer, q o unico remedio da dor, he a razaõ: & que os diſcurſos do juizo ſaõ os melhores correctivos do ſentimento: *Rationem habe pro doloris remedio*: diſſe hum dos Medicinãtes deſta enfermidade: Se quereis lançar fóra a dor, valeivos da razaõ. Se a todos os perſeguidos de hũa dor grande valeſſe a immunidade da razaõ; facil remedio era, o recolherſe a eſte ſagrado, quem quizeſſe livrar da dor. Porèm o meſmo Author, que o fez tam facil, pergũtado como iſſo podia ſer, reſpondeo, q tendo cada hum para ſi, que a cauſa da dor, que eſtá para vir, já tẽ vindo: *Quæ futura ſunt, ſic æſtima, ac ſi jam accidiſſent.* Deo por remedio, para a dor nos naõ vir atormentar de preſente, a conſideraçaõ de já nos ter atormentado de preterito: *ac ſi jam accidiſſent.* Bõ Lenitivo. De ſorte, que para naõ padecermos hoje a dor da lamentavel morte da noſſa amabiliſsima Rainha, havemos de conſiderar, que já havia muito tempo, que era morta. Eis-aqui o pouco, que póde a razaõ contra a dor, ſe he grande dor: não chega com os ſeus diſcurſos a aliviar a dor do coração: deſcobre bem; mas cura mal. Antes a razaõ he a que faz a dor incuravel: a

Epiſt. apud Laur. Beyul.

razaõ he a que ſempre eſtá deſcobrindo motivos, para a dor crecer mais. E quanto o entẽdimento he mais vivo, mais ſe aumẽta, & crece a dor, alimentada cõ as forças da razaõ. Por iſſo os Ruſticos ſentem menos; porque naõ tem diſcurſo, para alcançar mais: & os brutos ainda ſentem muito menos; porque a dor do animo racional naõ fere ao ſenſitivo. Já iſto foy ſentença muito diſcreta de outro juizo, que entendeo, *Dolorem apud illos libenter manere, à quibus alitur, & augetur.* Os meſmos, que padecem a dor, eſſes ſaõ os que a aumentaõ; porq̃ aindaque a naõ queiraõ, forçados dos ſeus motivos, a vem a querer. Tanto atormenta a dor, quanto a fomenta a razaõ.

Ibid.

9 Iſto aſsim advertido, quero moſtrar neſte pequeno mappa o muito, que no theatro da dor dos Sacerdotes Portuguezes diſſe a ſua eloquencia. Quero q̃ ſe veja, quantos mais motivos deſcobriraõ, & aumentaraõ nos ſeus altos diſcurſos, para ſentirmos a lamẽtavel dor, que choramos, & havemos de chorar. Nam darey a ver todos, porque nem todos vi, nem de todos me poderey aqui lembrar: nem tambem direy tudo o que elles differaõ; porque iſſo ſeria repetir o meſmo, ſe diſſeſſe tudo. Mas, porq̃ tambem

bem eu faltaria ao que prometto, ſe naõ diſſeſſe algũa couſa; diremos todos: elles, & mais eu. Elles os ſeus Themas, & os ſeus Aſſumptos: & eu nos ſeus meſmos Aſſumptos, & com os ſeus meſmos Themas, ſem mais provas, que a da razaõ, moſtrarey a verdade do meu Argumẽto: *Dor ſem Lenitivos.*

§. IV.

1o PEde a razão, que comecemos pelos Oradores deſtas Exequias ouvidos na Bahia. Porque indo do Braſil eſte brado da noſſa dor; he bẽ, que os ouçaõ em Portugal provando cõ os argumentos das ſuas Oraçoens o da noſſa Empreza. Foy o primeiro, que neſta Cidade da Bahia conſagrou eloquente Panegyrico às Reaes cinzas da noſſa Sereniſſima Rainha, o Padre Domingos Ramos da minha ſagrada Religiaõ, Lente de Prima nos noſſos Eſtudos Geraes, rogado pelo General Dom Joaõ de Lancaſtro Governador do Eſtado do Braſil.

Thema.

Venit & altera Maria videre ſepulchrum.

Matth. 28.

Hũa das duas Marias, que inſinua eſta Eſcritura, foy a primeira Eſpoſa deſte nome, que teve o noſſo Auguſtiſ-

simo Monarcha D. Pedro II. a Sereniſſima Senhora D. Maria Iſabel Frãciſca de Saboya. A ſua ſegunda Eſpoſa tambem do meſmo nome, he a Sereniſſima Senhora D. Maria Sofia Iſabel. E fazendo cõ muita advertencia o Orador eſta eleiçaõ do Thema propoſto, como o confeſſou a approvação de todos; veyo tambem muito natural para o intento, que vou ſeguindo: *Dor ſem Lenitivos*. Quando Portugal chora a ſaudade de hũa Rainha de pouco tempo defunta, fazer eſte Texto lembrada a ſaudade de outra, jà depois de annos ſepultada; que outra couſa he, ſenão aumẽtar a dor preſente com a paſſada? A dor da perda de hũa amabiliſſima Eſpoſa de S. Mageſtade, com a dor de outra ſemelhante perda? A eloquencia do Orador foy medida certa deſte ſentimẽto; porque foy lembrança de outro tam grande, como elle. Mas ſe naõ ha Lenitivo para hũa deſtas auſencias; como o póde haver para duas? O mayor remedio de hũa dor grande, & dor tam grande, como eſta; he o eſquecimento: a pena, que não lembra, naõ atormenta: he como a tempeſtade paſſada, ſe chegou a ſer eſquecida. E ſobrevindo agora hũa pena renovada ſobre outra nova: hum mar de amargura ſobre outro; como

mo póde eſquecer a tormenta? Que coraçaõ poderá reſiſtir ás ondas, que agora batem nelle; ſe pela lembrança das que jà o cõbatèraõ, todas o cercaõ de fóra,& todas lhe arrebentaõ dentro? Diga-o Portugal lamentando a morte de hũa ſua Rainha; & lembrandoſe no meſmo tẽpo da morte de outra: *Venit altera Maria videre ſepulchrum.*

11 A Real preſença da ſegunda Maria era o Lenitivo da auſencia da primeira: & repreſentandoſe ambas mortas,& ſepultadas ambas neſtas Exequias; jà a ſaudade da primeira carecia do alivio, que tinha; & a preſença da ſegunda, do que dava. Se o antidoto deſta dor era a preſença da ſegũda Maria viva; & o Orador deſtas Honras funeraes as conſiderava ambas na ſepultura mortas; moſtrava a dor paſſada ſem o ſeu remedio; & na falta do ſeu remedio a noſſa dor preſente. Era darnos a ver o remedio da dor; & a dor ſem remedio: o remedio da dor; qual o havia ſido a preſença da ſegunda Maria da auſencia da primeira: & a dor ſem remedio; qual era a auſencia da primeira ſem a preſença da ſegunda. A dor da auſencia da primeira Maria tem as ſuas raizes no meſmo coraçaõ, onde a dor da ſegunda lançou depois as ſuas. E aſsim como

as arvores enxertadas hũas nas outras avultaõ mais, porq̃ ſe ajuntaõ mais arvores a crecer: a enxertada, & a q̃ admitte o enxerto; tãbem a pena daquelle coraçaõ creceo muito mais; porque ſe ajuntaraõ nelle mais raizes a multiplicar a dor: as raizes do ſentimẽto da primeira auſencia, & as do ſentimento da ſegunda. Naõ ha lugar mais horrivel entre os vivos, que o da ſepultura, porque he o lugar dos mortos: tremẽdo por fóra, tenebroſo por dentro, eſpanto da viſta, terror da memoria, centro das lagrimas, prizaõ do goſto, ſuſto do coraçaõ, & deſterro da preſença. E a eſte funeſto lugar nos levou o eloquẽte Orador a doernos das ſaudades da ſegunda Maria, aonde jà ſe tinha ido a ſentir a da primeira. De ſorte, que ouvindoſe eſta Oraçaõ de Exequias, viaſe a dor mais crecida no coraçaõ, que atormentava; por novo aumento de raizes: & mais intoleravel no lugar do tumulo; pelos renovados horrores da ſepultura. No lugar da dor, que era o coraçaõ; mais dor: & no lugar do luto, que era a ſepultura; mais luto. E teria aqui lugar, algũ Lenitivo?

12 Entre as muitas virtudes da Auguſtiſſima Rainha, que diſcorreo o Douto Orador, foraõ duas: era hũa, admirarſe muitas vezes, de

de haver quem offendeſſe a Deos mortalmente: & era a outra, eſtranhar a demaſia do luxo no veſtir, de que tambem Deos ſe offende. E ponderadas com attençaõ eſtas duas virtudes; vemos em hũa o ſeu cuidado da graça da alma; porque a naõ podia conſiderar affeada com culpas graves; & em outra o ſeu zelo contra os aceyos do corpo; porque o ſeu eſtudo era ſó das perfeiçoens do Eſpirito. E todas as vezes que o Prègador nos repreſentava a ida da piiſſima Rainha para a ſepultura: *Venit Maria videre ſepulchrum:* excitavaõſe novos motivos para nova dor, ou para dor mayor. Hum motivo, era a falta da preſença de quem tanto cuidava do ornato da alma: outro motivo, era a lembrança de quem tam pouco prezava o do corpo. E eſtes motivos tam ſingulares, eraõ eſtimulos, para a dor ir lembrando, & crecendo. He o ſepulcro hum eſpelho por repreſentaçaõ, que deſengana aos deſcuidados da fermoſura da alma, & aos cuidadoſos do ornato do corpo. E naõ neceſſitando a Sereniſſima Rainha das viſtas deſte eſpelho; porque não tinha aquelles deſcuidos, nẽ eſtes cuidados; hia muitas vezes a verſe nelle, porque muitas vezes fallava nos deſenganos da ſepultura, &

& meditava neſte ultimo termo de grandes, & pequenos. Quando morreo o Sereniſſimo Principe D. Joaõ, primeiro fruto da ſua Real deſcendencia, não ſe ſahio da ſua preſença, ſem o ver bautizar, pouco antes de morrer; preferindo o cuidado de o ver Chriſtão ao ſentimento de o ver morto. Quando morreo a Sereniſſima Infante à Senhora D. Iſabel Luiza Joſepha, filha unica do Sereniſſimo Rey D. Pedro II. & do ſeu primeiro matrimonio, ninguem lhe pode impedir a ultima deſpedida do ſeu corpo morto: & derramando inceſſantes lagrimas, dizia, que a conſideraçaõ de ver no caminho da ſepeltura a quem tanto amava, naõ lhe havia de embargar aquelle obſequio, ainda que à viſta do tumulo. Quãdo lhe vinhaõ noticias de algum defunto de ſua Caſa, & primeira conſanguinidade; jà a achavaõ prevenida de animo para as ouvir: naõ ſó, porque a naõ atemorizavaõ; mas porque tinha advertido em ſinaes ſenſiveis na ſua Peſſoa, q̃ lhe pronoſticavão eſte pezar; como diſſe em Lisboa, morrendolhe ſeu Irmão o Principe Frederico Vvilhelmo no aſſedio de Mogũcia. E quem andava taõ exercitada nas conſideraçoens, & eſtragos da morte; tambem o eſtava nos deſenganos da ſepul-

sepultura. Todas estas reflexoẽs excitadas no argumento desta Oraçaõ funebre: *Venit Maria videre sepulchrum*: mostraõ ser impossivel Lenitivo algum para a dor, que sentimos: porque já prende na terra da sepultura. E da sepultura para dentro naõ obraõ Lenitivos.

§. V.

13 NA santa Casa da Misericordia da Bahia prégou estas Exequias o Padre Francisco Camello, Religioso tambem da Companhia, a quem os Irmãos da Mesa pediraõ este Sermaõ.

Thema.

Spoliavit me gloria mea, & abstulit coronam de capite meo. Destruxit me undique, & pereo, & quasi evulsæ arbori abstulit spem meam.

Job cap. 19.

Duas partes fizeraõ todo o assumpto deste Sermaõ: hũa parte, he de Portugal queixoso, pela sua incomparavel perda na morte da Serenissima Rainha nossa Senhora: outra parte, he de Portugal aliviado com a eternidade de Gloria, de q̃ a coroaõ as suas grandes virtudes. Hũa, & outra parte compoem tambem o nosso argumento todo: & de ambas fallaremos cõ distinçaõ. Na primeira bem se deixa ver a dor sem Lenitivo: vêse Portugal sem glo-

ria,

ria, ſem coroa, & ſem vida. E Lenitivo, que renove eſta gloria, que reponha eſta coroa, & que reſuſcite eſta vida, naõ ſe tem atè agora achado. O que ſe acha em todo o Thema, tudo he dor, por falta da gloria, por falta da coroa, & por falta da vida, que gozava o noſſo Reyno. E o alivio depois applicado a eſta dor, que he a ſegunda parte do Sermão, foy ſó Lenitivo diſcretamente receitado pelo Orador, ſem lho dar o Thema propoſto. A dor, ſim pode achar: mas nam o Lenitivo. Pode achar a dor; porq̃ dor ſemelhante, ella meſma ſe offerece aos olhos, & chega ao coraçaõ: lido ſó o Thema citado, fica deſcuberta toda a dor. Naõ pode achar Lenitivo; porque para dor tam penetrante, não ſe acha Lenitivo: buſcaſe: naõ o daõ Eſcrituras: ſó razoens o compoem. E como a dor he natural; & o Lenitivo he artefacto; temos neſta Oraçaõ exceſſiva dor; mas naõ proporcionado Lenitivo.

14 A hũa arvore deſpida de toda a ſua fermoſura, ſem o apparato dos ramos, ſem a gala das flores, ſem a ſuavidade dos frutos, cortada do tempo, deſprezada da viſta, deſtituida de ſombras; & finalmẽte a hũa arvore morta: *Pereo, & quaſi evulſæ arbori*: podemos comparar o Reyno de Portu-

Portugal na falta da ſua muito prezada Rainha. Que Lenitivo, pois, poderá ſuavizar hũa dor, que he effeito de tam lamentavel eſtrago? Ainda que Portugal ſe não póde dizer Arvore ſem ramos; porque na abundante ſucceſſaõ, que lhe deixou a ſua digniſſima Rainha, temos muitos, que vemos, & nelles logra delicioſas flores, & ſuaviſſimos frutos; comtudo, eſſes ramos, eſſas flores, & eſſes frutos eſtaõ ſeparados da ſua arvore, porque a cortou a morte; & da ſua arvore já cortada não tem Portugal já q eſperar nem mais frutos, nem mais flores, nem mais ramos. He verdade, que ainda dos que temos poderáõ nacer muitos: mas ſempre eſſes, que temos, eſtão cortados da mãy, que lhes dava a vida. E que mayor dor? E onde eſtá o Lenitivo para eſta dor? He a arvore o melhor ornato do cãpo: hum attractivo da viſta, hum deſcanſo da ſombra, & hum abrigo de todos. E deſte bem tam grande eſtava ſenhor o noſſo Reyno, em quanto vivia a ſua Auguſtiſſima Rainha: a noſſa Corte tinha na ſua preſença a mais agradavel vida, os pequenos a mais benigna ſombra, & os pobres o mais certo abrigo. E depois q a morte cortou eſta arvore, & a nós todos com o meſmo golpe os noſſos corações;

raçoens; a viſta ficou de funeraes, a ſombra de ſepultura, & o abrigo, que havia ſido de tantos deſemparados, jà não he o que havia ſido. Jà os meninos, filhos da pobreza, naõ tem aquella mãy, que por ſuas proprias mãos lhes adereçava a primeira roupa, q̃ veſtião neſte mundo, como o deo a ſaber o eſtudioſo Orador deſtas Exequias. E os innumeraveis pobres, que comião, & veſtião da meſma arvore, chegandoſe à ſua ſombra, jà não tem agazalho, aonde ſe recolher, nem arvore, para que olhar. Milagroſo pois ſeria o Lenitivo, que curaſſe toda eſta dor.

15 Hum dos univerſaes Lenitivos para toda a dor grande, he a eſperança de algũ alivio, que a ſuavize: ſe faltou a eſperança, deſeſperouſe do remedio. E a eſtes termos levou o Prègador no Thema, que diſcorreo, o encarecimento deſta dor: a ultima razão das queixas do Reyno neſta mortal auſencia da Sereniſsima Rainha, que nos offerece eſte Thema, he a deſeſperação do Lenitivo: *abſtulit ſpem meam.* Não tendo pois Portugal eſperança algũa da gloria, da coroa, & da vida, q̃ gozava na preſença da ſua Sereniſſima Rainha; o que ſó fica, he deſeſperar do remedio: he ceder o Lenitivo à dor. Não tem Portugal

gal esperãça da gloria, que lograva; porque lha levou o despojo: *spoliavit me gloria mea.* Naõ tem esperança da coroa, que o levantava; porq̃ lha tirou o roubo: *abstulit coronam de capite meo.* Naõ tem esperança da vida, que o alentava; porque lha cortou a morte: *destruxit me undique, & pereo.* E como a esperança só anima atè o tempo da posse; & os seus alentos não chegaõ ao tempo do despojo, nem ao tempo do roubo, nẽ ao tempo da morte; não ha tempo algum, para obrar o Lenitivo. A esperança tem dous tempos certos; & não mais: hum tempo, he o que precede à posse do bem desejado: outro tempo, he o actual da posse desse bem. No primeiro tempo, promette a posse do bẽ de futuro: & no segundo, promette a segurança do bem presente. E assim hũa esperança, como outra: assim a esperança do bem futuro, como a esperança do bem presente, tem fallibilidade nas suas promessas; porque falta muitas vezes cõ o promettido, para esses tẽpos. E o nosso Reyno, nem ainda tem esses tempos certos da esperança na falta da sua amabilissima Rainha: nem espera para o futuro; porque jà não ha de ter o bem, que perdeo: nem espera a firmeza da sua posse de presente; porq̃ jà não

tem esse bem para o perder. E por consequencia, nenhũa esperança lhe fica de Lenitivo para a sua dor; porque lhe faltaõ os tempos, que tem a esperança atè à posse do bem logrado; & os q̃ naõ tem, depois do bẽ perdido.

16 O Lenitivo, que discorreo o Orador na segunda parte da sua declamação, não póde obrar contra a dor, que sentimos. A coroa das virtudes da nossa ditosissima Rainha, he gloria sua: a falta, que nós choramos da sua presença, he pena nossa: a sua gloria não desfaz a nossa pena. As suas virtudes já estaõ coroadas, & os nossos olhos ainda não estaõ enxutos: & só seriaõ as suas virtudes assim premiadas Lenitivo das nossas lagrimas; se nós as vissemos agora no sujeito, onde dantes as viamos. Como agora estaõ separadas deste sujeito; temos dellas a vista, que faz a Fè; & dantes tinhamos aquella fé, que fazia a vista. O fruto das suas virtudes, quando vivia comnosco, era para si, & para nós; porque se aumentava o seu merecimento, & o nosso lucro. E agora, quando já vive com Deos, he já fruto seu, & naõ nosso; porque já logra quanto ellas lhe grangeâraõ; & nós já não temos o que dellas colhiamos. Temos grande gosto, de que já lo-

gre

gre a presença de Deos: mas no mesmo tempo nos atormenta igual dor; porque não logramos a sua. A consideração deste gosto, quãdo muito, representava o Lenitivo lá na outra vida; & nós padecemos a dor nesta, onde nós dizemos que não póde ter Lenitivo. Hũa cousa he a vista de Deos, que he premio das suas virtudes; & outra cousa he em nós a falta da sua vista, que he tormento nosso. Se a coroa das suas virtudes fosse nosso alivio; naõ teria a nossa dor mais que o principio no tẽpo, em que começou a sua ausencia. Porèm vendo nós, que ainda a dor nos vay atormentando, porque a sua ausencia sempre vay, & sempre ha de ir continuando; he argumento concludente, de que a gloria da ditosa alma da nossa dignissima Rainha não he Lenitivo para a saudade dos nossos olhos, nem para o tormento do nosso coração.

§. VI.

17 DOs Oradores destas Honras funeraes em Portugal, & na Corte, he o primeiro o Illustrissimo Arcebispo de Crãganor D. Diogo da Annunciação Justiniano, do Conselho de S. Magestade, nas Exequias Reaes, q̃ se celebráraõ na Real Casa da Misericordia em Lisboa.

Thema.

Obtenebratus eſt Sol in ortu ſuo, & Luna non ſplẽdebit in lumine ſuo.

Iſai. cap. 13.

Nem no Sol, nem na Lua vio luz o Illuſtriſſimo Orador deſtas Exequias, quando poz os olhos na morte da noſſa Auguſtiſſima Rainha. Não no Sol; porq̃ vio eclipſada a Mageſtade delRey noſſo Senhor pela morte da ſua digniſſima Eſpoſa. Naõ na Lua; porque a vio jà no ſeu occaſo poſta, vendo a Mageſtade da ſua digniſſima Eſpoſa no dia, em que fazia os annos, ſepultada. Tudo iſto retratado pelo que tinha viſto o Profeta Iſaias olhando para outras duas Mageſtades, tambem deſpoſadas; eclipſada hũa, & Sol poſto outra, ElRey Balthaſar morto tambem no dia dos ſeus annos, & a Rainha ſua Eſpoſa deſte ſentimẽto amortecida. Eſta he a accommodação do Illuſtriſſimo Orador neſtas Exequias Reaes, engenhoſamente deſcuberta, doutamente provada, & diſcretamẽte diſcorrida. E para ſer agora imitada ſem ſairmos do noſſo Argumento; dizemos, que naõ póde ter Lenitivos hũa dor, que tirou a vida a tam grandes Planetas. Dor, q̃ cortou mortalhas a eſte Sol, & mais a eſta Lua; he dor nunca atè agora ſentida: he dor totalmente

mẽte incuravel. O Sol natural ainda que tem seu occaso, tambem tẽ seu nacimento: nace tantas vezes, quantas morre. E do mesmo modo a Lua: quantas vezes sepulta as suas luzes, outras tantas as resuscita. Naõ tem eclipses, nem occidentes estes dous Planetas, sem darem esperanças de tornar a nacer, & tornar a luzir. E todos os que se entristecem cõ as suas ausencias; depois nas suas renovadas presenças, tem alivios para a tristeza; porque lhes vem o dia depois da noite, & a luz depois das trevas. Porèm, se o nosso Sol por representação do Sol natural, nunca ha de sair do seu eclipse, nem a nossa Lua de Portugal representada na do Ceo se ha de levantar do seu occidente; a dor, que sentimos sem esperança algũa de vermos ainda luzir este Sol, & nacer esta Lua para estar presente a este Sol, póde ter algum Lenitivo?

18 A luz da Lua natural, he participada do Sol: não haveria luz na Lua, se no Sol a não houvesse. E nas duas Magestades do nosso Sol, & da nossa Lua de Portugal, não era assim: da Lua participava o Sol a luz: vivia a luz da Magestade deste Sol pela luz da Magestade da Lua. Certamente logo este Sol nunca livrará de seu eclipse; porque nunca mais ha de ver

aquella Lua, que lhe communicava a luz. E como a noſſa dor vay ſeguindo aquelle eclipſe; aſſim como elle nunca mais hade ter a luz da Lua para o desfazer; tambem para a noſſa dor nunca haverá Lenitivo, que a poſſa aliviar. O Sol representado a Iſaias entre ſombras pela morte delRey Balthaſar: *Obtenebratus eſt Sol:* naõ teve de trevas mais que as horas do ſeu nacimento: *in ortu ſuo.* Moſtrou a morte daquelle Rey no dia, em que Iavia nacido; & depois continuou o ſeu gyro, & foy fazendo o ſeu dia: appareceo Sol veſtido de luto no ſeu oriente; mas naõ no ſeu zenit. E o luto, que veſtio o noſſo Sol no oriẽte da ſua Lua; porque no dia do nacimẽto de ſua Eſpoſa, então foy o ſeu enterro; ainda hoje o eſcurece; ainda o não deixa fazer dia. A Lua, que o meſmo Profeta vio ſem luz: *Non ſplendebit in lumine ſuo:* ſó a vio não luzir, em quanto não vio luzir o Sol: tanto tempo teve a Lua de trevas, quanto o Sol eſteve ſem luz. E aſſim como o Sol foy depois alumiãdo o dia; ſeguioſe tambem a Lua dando luz à noite. Porèm a noſſa Lua depois de ſer poſta, naõ ha de voltar a reſplandecer mais: nunca ha de deſpir as ſuas trevas a noite eſcura, em que nos deixou. Eclipſado pois o noſſo

o noſſo Sol, & a noſſa Lua ſepultada; ficamos nós ſem ver Sol, nem Lua; & a noſſa dor ſem alivio nem de dia, nem de noite.

19 Louvou ſingularmente o Illuſtriſſimo Orador a grande charidade, com que ſecretamente a zeloſiſſima Rainha deo muitas vezes Eſtado Matrimonial a quem por falta dos bens do mundo poderia perder os da alma. E tambem o ardentiſſimo amor, com que lavava, & penҫava a muitos meninos, que fazia vir às ſuas mãos no meſmo tẽpo Reaes, & humildes: abatidas nos noſſos olhos, mas nos de Deos mais levantadas. E ſe bem advertirmos; hũa, & outra acção eraõ influxos da noſſa Lua, a mais benefica dos noſſos Horizontes; a qual por ſer deſpoſada com o melhor Sol, que a mereceo, fomentava eſtes deſpoſorios nos ſeus vaſſallos. E tambẽ por ſemelhança com a Lua celeſte, influhia maternaes beneficios nas plãtas tenras daquelles innocentes, que tomava em braços. Nem eraõ ſó eſtes exemplos, os que fazião prova a tam ſuave influencia. Sey com certeza, que tambem a ſua pia liberalidade chegou a dar a mão a algũas Eſpoſas de Chriſto, que deixãdo o mundo queriaõ buſcar o Eſpoſo na Religião. Os exemplos do ſingular affecto, com

que abrigava aos meninos das mais pequenas idades, foraõ muitos. Pouco depois de ter chegado a Lisboa, vendo no Hoſpital Real a muitos meninos aos peitos das pobres amas que os criavaõ; com liberaliſſima mão attendeo ao ſuſtento das amas, para alimentar as crianças. Na occaſião, em que acompanhando ao diviniſſimo Sacramento, vio na Igreja a hũa criança, para bautizar; ſe offereceo para Madrinha. Encontrando em outra a hũa menina, da qual ouvio, que era orfãa de pay, & mãy; a recolheo na liteira, & levou para o Paço. Naõ ajuda mais a Lua natural a criar, & a crecer as plantas, em que influe; do q̃ a noſſa amoroſiſsima Rainha fazia crecer, & criar as plãtas capazes de ſua influencia. Quanto creceo a criança, de que foy Madrinha, nacendo planta muito humilde? Quanto creceo a menina tirada do deſemparo da natureza, & levada para o Real abrigo? E quanto ſe aumentou o alimento das crianças do Hoſpital, alimentandoſe as ſuas amas? Não era iſto amar como Mãy, & influir como Lua? Pois eſta Mãy, hé a que eſtá ſepultada; eſta Lua, hé a que luzindo ſempre chea no noſſo Hemiſferio, agora eſtá para ſempre minguante na ſepultura. E he final-

nalmente aquella Augustissima Rainha de Portugal, que deixou tam penetrados da dor aos seus vassallos com a sua mortal ausencia; que atè aos innocentes chegava a ferir taõ grãde dor. E para elles, como mais inconsolaveis; porque só tem capacidade para sentir, & naõ para a conhecer; ainda cõ mayor razaõ: *Dor sem Lenitivos.*

§. VII.

NAs Exequias celebradas pela Veneravel Ordem Terceira de Saõ Francisco no seu Real Convẽto de Lisboa, prègou o Padre Fr. Fernando da Soledade seu Chronista; sendo Ministro da dita Ordem o Conde de Val de Reys; & fazendo Pontifical o Illustrissimo Bispo de Hipponia Dom Fr. Antonio Botado.

Thema.

Oritur Sol, & occidit.

Eccle. 1.

Ao Sol nacido, & no mesmo tempo posto cõsiderou o engenhoso Orador; quando vio juntos o dia do nacimento, & o dia do enterro da nossa Augustissima Rainha: quando vio a este Sol animado ao sexto dia de Agosto sepultado em Portugal, havendo nacido no mesmo dia em Alemanha. Bem achado assumpto, para se discor-

discorrer a nossa dor, & para se lhe não achar Lenitivo! Este Sol tambem teve oriente, & occidente em Portugal: quando nelle entrou, foy Sol, que lhe naceo: *Sol oritur*: & quando delle se ausentou, foy Sol, que se lhe poz: *Sol occidit*. E se bem ponderamos o Argumento da presente Oraçaõ de Exequias, ainda deo mayores forças ao Argumento dos nossos discursos. O discreto Orador destas funebres Honras encareceo a nossa magoa entre os extremos do nacer, & do sepultar: entre o dia do nacimẽto, & da sepultura da Sereníssima Rainha. E cõ ser muito grande esta pena, considerados aquelles extremos; ainda excede a nossa dor medida por outros: medida pelos dias, em que naceo, & morreo para Portugal. Os outros dias: o do nacimẽto para a vida, & o da sepultura depois da morte, não foraõ vistos dos mesmos olhos: quem vio nacida a Augustissima Rainha em Alemanha, naõ a vio sepultada em Portugal: huns olhos lhe festejáraõ aquelle oriente; & outros lhe choráraõ este occidente. Porèm os dous dias do seu nacimento, & da sua morte para Portugal não se dividiraõ nas vistas: os mesmos olhos, que viraõ a este Sol nacido, tambem o viraõ posto. E como só em Por-

Portugal a dor da auſencia deſte Sol não penetrou o coraçaõ, ſem que primeiro feriſſe os olhos; foy dor muito mayor: foy dor de olhos, & foy dor de coraçaõ; & por iſſo dor sẽ Lenitivo. Quãdo a dor he ſó dor do coração, & não dos olhos; poderáõ os ſeus Lenitivos entrar pelos olhos, porque entaõ nos olhos naõ ha dor. Mas, quando a dor he juntamente dor dos olhos, & dor do coraçaõ; naõ podem entrar pelos olhos ao coraçaõ os Lenitivos da dor, atormentando a meſma dor os olhos. He, como ſe o antidoto do veneno foſſe dado a beber por huma taça, onde já eſtiveſſe veneno: mais o iria a aumentar, que a extinguir. E deſta morte morréraõ os corações em Portugal, auſentandoſe o ſeu Sol, que elle vio nacido, & chorou morto: entrou o veneno deſta dor a ferir de morte os corações; tendo primeiro amortecidos os olhos.

21. Muito grãde foi a dor, onde eſte Sol teve o ſeu oriente, para viver; depois de ſe ſaber alli, que já havia tido o ſeu occidente do reynar: depois de ſe ſaber em Alemanha, que era morta eſta Rainha de Portugal. Cõ muita differença porèm de dor a dor: da dor em Portugal dos ſeus vaſſallos, à dor em Alemanha dos ſeus Naturaes.

raes. A dor dos ſeus Naturaes, foy dor, onde eſta ſua Princeza ſó naceo, & não morreo: onde teve vida, & naõ a matou a morte. E a dor dos ſeus vaſſallos, foy dor, onde a amabiliſſima Rainha naõ ſó naceo, para reynar; mas tambẽ deixou de reynar, quando morreo. E mais ſentida he a morte, no lugar, onde houve morte, depois do nacimento; que onde depois do nacimento, naõ houve morte. Se o Sol natural em hũ Hemiſferio ſó tiveſſe oriente, & naõ occidente; & em outro tiveſſe occidente, depois de ter oriente; muito mais ſentida ſeria a ſua auſencia, onde foy Sol poſto, depois de ſer alli Sol nacido; do que onde ſó fora Sol nacido, & não Sol poſto. Porque em hũ deſtes Hemiſferios ſó teriaõ o goſto de o ver nacer, & naõ a pena de o ver pòr: & no outro, teriaõ a dor de o ver Sol poſto, depois de o terem viſto Sol nacido. E eſta he a noſſa mayor dor: & por eſſa razaõ, dor ſem Lenitivo: dor da auſencia de hum Sol, que no Reyno de Portugal teve occidente, depois de ter nelle oriente: *Oritur Sol, & occidit.*

22 Eſta he a razaõ, porque o Texto eſcolhido para aſſumpto deſtas Exequias he cõfirmação muito propria do noſſo Argumẽto. E he ella tam forçoſa;

çoſa; que começando o meſmo Orador a ponderar o encontro do dia do nacer para a vida, com o dia do enterro para ſepultura da Sereniſſima Rainha; o que depois proſeguio, foraõ ſó attençoens do dia do ſeu nacimento para o Reyno, com o dia, em que ſe auſentou do meſmo Reyno: foraõ os doze annos, que reynou; & naõ os trinta & tres, que viveo: o tempo do governo; & naõ o curſo da vida. Como a dor da ſua auſencia de Portugal era dor mayor; porque em Portugal teve eſte Sol myſtico oriente, & occidente; a força da meſma dor deo a naturalidade aos diſcurſos da Oraçaõ: ſahio ouvida pela boca do Orador a pena, que mais lhe atormentava o coraçaõ. Correſpondeo neſta Declamaçaõ o funebre do occaſo deſte Sol ao feſtivo do ſeu nacimento, aſſim como ſe haviaõ correſpondido, antes de ſerẽ declamados. Quando eſte Sol amanheceo a Portugal, dizia a voz de todos, quanto o coraçaõ de todos fazia dizer. Fallavaõ os olhos, fallavaõ os conceitos, & fallavaõ os agrados, do meſmo modo, que dizemos, ſe alegraõ os campos, os montes, & os prados, quando o Sol os reveſte das ſuas primeiras luzes. Aſſim tambem, quando de Portugal ſe auſentou eſte

eſte ſeu Sol, & ſe vio no ſeu occaſo; tudo era deſcõſolada ſuſpenſaõ, tudo profunda triſteza, & tudo tenebroſo luto; como quando ſe poem o Sol, naõ ha mais que eſcuridades, ſombras, & trevas. E iſto meſmo fez a eloquencia do Orador: primeiro fez lembrado o oriente deſte Sol dos Portuguezes: *Sol oritur*: & logo em todo o mais Sermaõ lamentou o ſeu occidente: *& occidit.* Para nos repreſentar mais viva a dor deſta auſencia, & o impoſsivel dos Lenitivos deſta dor; aſſim havia de fazer: havia de moſtrarnos eſte Sol nacido; & logo apreſſadamente poſto: *oritur*: *occidit.*

23 A natural accommodação, ǫ das muitas virtudes deſte Sol fez o Orador aos doze annos do ſeu Reynado, como a doze Signos do ſeu gyro, ainda aggravou mais a noſſa dor: viaõſe no meſmo tempo lembradas, & ſepultadas as ſuas influencias: os ſeus ſantos exemplos vivos, & mudos. As eſmolas publicas diſtribuidas por ſua propria mão; os empregos das meſmas mãos, quando ajoelhada veſtia a mulheres, & a meninos; os deſejos, que muitas vezes lhe impediraõ, de viſitar os doentes dos Hoſpitaes publicos; a incanſavel aſſiſtencia às enfermas domeſticas, adminiſtrandolhes muitas vezes o ſuſtento; as

ſuas

ſuas mortificaçoens, & penitencias, aindaque occultas em hum tempo, reveladas em outro; finalmente outros muitos argumentos da ſua ſanta vida, que pelos ſeus doze annos, ou Signos, foy lembrãdo o Prègador; que outra couſa eraõ, ſenão eſtimulos de hũa dor ſem remedio, vendo no meſmo tempo a hum Sol tam benefico, jà Sol poſto? Nenhũ Epitafio mais proprio ſe podia gravar no ſeu ſepulcro, que o recopilado Thema deſta Oraçaõ: *Oritur Sol, & occidit.* Aqui eſtá ſepultado hum Sol, que no meſmo tempo nace, & morre. Como a ſua vida em Portugal foy taõ breve; o ſeu nacer, pareceo o ſeu morrer. Pareceo no ſeu ſepulcro; o que he nos noſſos coraçoens: viva por lembrança, & morta por auſencia. E porque a noſſa dor ſegue o curſo deſte Sol; tambem os ſeus Lenitivos, aſſim como começão, acabaõ: tem o ſeu principio junto do fim. Parecenos, que a poderáõ curar; mas logo os vemos enfraquecer. Cuidamos, que nelles nos vem o alivio nacendo; & no meſmo tempo o vemos morto: *Oritur: occidit.*

§. VIII.

24 NO Real Convẽto do Carmo de Lisboa fez o Sermaõ deſtas Exe-

Exequias o Padre Fr. Vicente da Luz, Religioſo da meſma Ordẽ, Doutor, & Lente jubilado na ſagrada Theologia, & que foy Reytor do ſeu Collegio na Univerſidade de Coimbra, & nelle Lente de Prima, Regẽte, & Prefeito dos Eſtudos.

Thema.

Infirmata eſt, quæ peperit ſeptem: defecit anima ejus: occidit ei Sol, cùm adhuc eſſet dies.

Jer. 15.

Suſpirava Portugal por ſucceſſaõ da ſua Coroa: & tam aumentada lha deo a ſua ditoſiſſima Rainha; que em ſete digniſſimos Filhos ſeus vimos eſta felicidade. Mas, porque já naõ podemos deixar de ſentir a ſua falta, pois choramos a inopinada morte da amantiſsima Mãy de tantos Filhos: o Doutiſsimo Orador deſtas Exequias em tudo iſto advertio. Poz os olhos na continuada ſucceſſaõ, que tam fecunda Mãy nos deo: *peperit ſeptem*: & na ſaudade tam ſentida, em que nos deixou: *defecit anima ejus*. Naõ fizera eſte grande Prègador outra couſa, ſe tomaſſe por Aſſumpto o noſſo intento: *Dor ſem Lenitivos*. Acharia emparelhadas a noſſa fortuna, & a noſſa deſgraça: a Coroa da Monarchia com ſucceſſaõ; & a origem da ſucceſſaõ já ſem vida; & juntamente ſem effeito os Leni-

Lenitivos da noſſa dor. Accõmodou ao Reyno de Portugal a felicidade de Jeruſalem, em quãto fecunda de muitos Filhos; porq iſſo quer dizer o Profeta no: *peperit ſeptem:* & a ſua infelicidade tambẽ, em quãto morta; como diz a clauſula: *defecit anima ejus.* Vio no meſmo tempo, aſſim para aquella corte, como para a noſſa, o Sol poſto: *occidit ei Sol:* & o dia claro: *cùm adhuc eſſet dies.* E o noſſo diſcurſo tambem abraça eſtes dous oppoſtos: noite, & dia: gloria, & pena. Em quanto vemos a Coroa de Portugal com ſucceſſaõ; todo o tempo nos parece dia. E em quanto naõ vemos a quem lhe deo eſta ſucceſſaõ; naõ ha hora, que não ſeja noite. Tanto dura para nós a noite: *occidit ei Sol:* como vemos durar o dia: *adhuc eſſet dies.* Sendo pois hum Lenitivo da dor a luz do dia, porque ſe acaba a noite; & tendo a noſſa dor ſempre noite, que lhe eſcurece o dia; naõ he poſſivel Lenitivo, q̃ tempere extremos tam contrarios. Que nos deixe lograr o dia no gozo da ſucceſſaõ da Coroa; ſem que nos entriſteça a noite, pela auſencia de quem deo à Coroa a ſucceſſaõ.

25 Tambem as virtudes ſaõ partos, ou filhos do eſpirito, que as produz: & por iſſo morrendo para Portugal hũa Rainha, q̃ lhe

deo abundante ſucceſſaõ Real : *quæ peperit ſeptem*: tambẽ lhe morreo quem nas ſuas muitas virtudes lhe havia dado outra ſucceſſaõ ſanta. Nos muitos Filhos, que gerou, ainda que hoje menos já o primeiro; verá a noſſa Monarchia felizmente continuada a ſucceſſaõ da ſua Coroa. Porèm as virtudes, partos daquelle generoſo Eſpirito, que as animava, já as não vè, nem mais verá o noſſo Reyno; porque já ſe lhe ſepultou no ſeu occidente o Sol Progenitor, que as criava : *occidit ei Sol.* Quando eſtava para ſe pòr eſte Sol, reparou com muita attençaõ o Orador das ſuas Exequias, que as virtudes admiradas em vida de todos, naquella hora naõ eraõ actos heroicos do tempo preſente: eraõ o exercicio dos paſſados. O deſamor da vida, por ſe conformar com Deos; o deſcuido dos remedios do corpo, por attender aos da alma; os affectos de ſeu Creador, eſquecendoſe das creaturas; a liberalidade das eſmolas, que entaõ mandou repartir; as proteſtaçoens, q̃ fez de Fè; as demoſtraçoens, que ſe viraõ de ſua Eſperãça, piedade, & mais advertencias Chriſtãas; não eraõ outra couſa, ſenão o q̃ já tinhaõ ſido: eraõ as virtudes do tempo da vida viſtas no tempo da morte. E eu acrecẽto, que era o concurſo

de

de todas: & que assim como ficavaõ sem mãy os filhos da succeſſaõ Real; viaõ os noſſos olhos, que ſe acabava a ſucceſſaõ virtuoſa. Viaõ desfalecido o alẽto daquelle Sol, q̃ era alma de hũa, & outra ſucceſſaõ: *defecit anima ejus.* E à viſta de duas orfandades juntas: a dos filhos, q̃ ficavaõ ſem mãy; & a das virtudes, que ſe acabavaõ, porq̃ ſe lhes hia o ſeu eſpirito; haverá quem receite algũ Lenitivo, para modificar eſta dor: *defecit anima ejus?*

26 Iſto he, conſiderando nós, filhos ſem Mãy, & virtudes ſem alma. Nada podem obrar os Lenitivos contra a dor, eſtando o gosto tam penetrado do pezar. Mas ainda crece a dor mais, & os Lenitivos podem menos; ſe conſiderarmos, que a digniſsima Mãy de tantos Filhos no meyo dos ſeus dias: *cùm adhuc eſſet dies*: vio anticiparſelhe a noite: *occidit ei Sol.* Que podendo ainda ter muita vida, ſe lhe apreſſaſſe tãto a morte. Eſta morte anticipada da amabiliſſima Rainha, tambem para nós foy dor anticipada: foy, padecermos a dor antes de tempo. Padecer a dor, quando he tempo da dor: viver em trevas, quando ſaõ horas da noite; tormẽto he muito grande. Mas, porq̃ he tempo da dor; porque ſaõ horas de tre-

vas; póde a razaõ dar animo ao ſofrimento: atormenta a dor ao coração animado. Naõ tem porèm o coraçaõ eſtes alentos, quando a dor atormenta fóra de tempo: quando ainda duraõ as horas de dia, & ſe anticipaõ as horas da noite. A q tempo logo poderião vir os Lenitivos deſta dor; ſe ella veyo antes de tempo? Se ainda hia abrindo a flor da idade da Sereniſsima Rainha; & antes de ſer tempo, a cortou a morte? Se ainda era dia: *cùm adhuc eſſet dies*: quando entrou a noite: *occidit ei Sol?*

27 Ainda a noſſa dor foy mais cruel, do que a temos diſcorrido cõ o Texto citado neſte Sermaõ. Foy muito aguda dor; porque atormentou antes do tempo; mas, porq tomou mais tempo para atormentar, ainda foy mayor dor. Como a noite, em que nos deixou a amantiſsima Rainha, entrou por parte do dia: *occidit ei Sol, cùm adhuc eſſet dies*: as horas, que tomou do dia, crecèraõ ſobre as horas da noite. Houve mayor noite, & menos dia: menos vida, & mayor auſencia. Se a noite, que nos faz a auſencia do Sol, tomaſſe algum tempo do dia; ſeriaõ mais as horas das trevas, & menos as da luz; & por iſſo mais inſoportavel a noite. E tal he a dor da auſencia mortal da noſſa

noſſa muito deſejada Rainha: a todo o Lenitivo, figurado na luz do dia, converte em tormẽto repreſentado nas horas da noite. O que havia de ſer alivio, he pena; & o meſmo Lenitivo, he dor; porque eſtá cõvertido em noite, o que havia de ſer dia. Lograva Portugal na vida da ſua admiravel Rainha o eſplendor da ſua preſença, a luz do ſeu exemplo, & os rayos da ſua virtude. E na ſua tam chorada auſencia; de cada hum deſtes luminoſos, como de outros tantos dias, tomáraõ grande parte as trevas de igual numero de noites. Ainda illuſtrava a ſua preſença, ainda encaminhava o ſeu exemplo, & ainda alumiava a ſua virtude; porque ainda duravaõ os dias deſte Sol: *adhuc erat dies*. E eſcurecidas todas eſtas luzes com as ſombras da ſua morte; entráraõ a durar mais as noſſas triſtes noites: aquellas noites, em que ficamos; porq̃ já não vemos a ſua preſença; porque já nos não guia o ſeu exemplo; & porque já ſe nos eſcondeo a ſua virtude: *occidit Sol*.

§. IX.

28 A Santa Congregaçaõ do Oratorio de Lisboa dedicou Sermaõ de Exequias à ſaudoſa Memoria da noſſa Sereniſſima Rainha: & o prègou o

Reverendo Padre Meſtre Antonio de Faria da meſma Congregaçaõ.

Thema.

Mortuaque eſt ibi Maria, & ſepulta eſt in eodem loco.

Num. 20.

Em duas muito advertidas perguntas,& bem conſideradas repoſtas fundou eſte grãde Orador o Argumento da ſua Declamaçaõ neſta celebridade de Exequias. Na primeira,inquirio a cauſa da morte da Sereniſſima Rainha,contando taõ poucos annos de vida. Na ſegunda, quiz ſaber o myſterio (na ſuppoſiçaõ de o haver) em ſer a ſua ſepultura no abbreviado Orbe de Lisboa. E o que reſpondeo a hũa,& outra pergunta, he o que nós moſtramos no noſſo Aſſumpto: he prova muito ſingular da dor *ſem Lenitivo*. Diſſe, q os noſſos peccados foraõ, os que cortáraõ tam eſtremada vida. E que a ſua ſepultura em Portugal, era, para ſer alli centro da Fama das ſuas heroicas virtudes. E terá Lenitivo a noſſa dor; ſe nós meſmos lhe demos a cauſa, dando aquella morte? E ſe nós meſmos ſepultamos a noſſa amabiliſſima Rainha; a fama das ſuas virtudes poderá diminuir eſta dor? A cauſa de tam apreſſada morte não foy outra,ſenaõ a que o Orador deſtas

Exe-

Exequias evidentemẽ-
te provou : as noſſas
culpas a deraõ : & a di-
vina Juſtiça a vingou.
E eſtes deſenganos taõ
verdadeiros penetráraõ
tanto os coraçoens dos
que entaõ os ouviraõ ,
& agora ouvem ; que
buſcar Lenitivos para
dor tam penetrante, he
naõ crer, que eſta foſſe
a cauſa. Ninguem a co-
nhecia melhor , que a
zeloſiſſima Rainha: tã-
to a affligião as offenſas
de Deos commettidas
por ſeus vaſſallos ; que
dizia muitas vezes, da-
ria antes a propria vi-
da , & nam ſentiria a
morte de ſeus meſmos
filhos , ſe com eſtes ſa-
crificios evitaſſe huma
offenſa da Divina Ma-
geſtade. Pezemos bem
o preço deſte acto, tan-
to de amor de Deos ,
como de amor dos vaſ-
ſallos, da piiſſima Rai-
nha ; & vejamos ſe ha-
verá Lenitivo algũ pa-
ra a dor , que lhe cor-
reſponde , vendo ſem
vida a hũ coração aſ-
ſim amante. Paraque
os ſeus vaſſallos nam
perdeſſem a vida eter-
na, ſacrificava a aman-
tiſſima Rainha a tem-
poral : & mais queria
o bem das ſuas almas ,
que o da vida dos pro-
prios filhos. E eſta tam
grande fineza do ſeu
amor , não era ſó Ho-
locauſto vocal : viaſe
nas obras : fazia o que
dizia. Sendo pois eſte
o deſvelo da vigilan-
tiſsima Rainha ſobre o
mais importante bem
dos ſeus vaſſallos ; &
ſendo elles tam deſcui-

dados em lhe correſpõder, que lhe apreſſáraõ a morte; não he poſſivel, que a dor deſtes Homicidas, aindaque involuntarios, deixe de os atormentar toda a vida.

29 Chamolhes Homicidas involuntarios; porque certamente eſtimando, & venerando elles, como devião, a ſantidade daquella vida, nunca a queriaõ ver acabada; & muito menos tam anticipadamẽte cortada. Mas, poſtoque culpados naquella morte, ſem a quererem; juſtamente foraõ arguidos por argumentos do Orador, pela cauſarem. E eſta he a mais forçoſa razaõ, porque a ſua dor naõ tem Lenitivos: por que ſe achaõ convencidos no crime, q̃ naõ queriaõ ter feito; & atormentados de huma pena, que não podem aliviar, aindaque queiraõ. O aggravo das ſuas culpas não provocou menor ſatisfaçaõ da vingança de Deos, que a brevidade da vida de ſua Rainha: & ver em ſi as culpas das ſuas vidas; & a execuçaõ da divina Juſtiça na innocente vida da prezadiſſima Rainha; he padecer hũa dor, que ſe atormenta muito, por ſer tam ſanta vida ſentenciada por Deos; ainda atormenta muito mais, por ſer a noſſa vida a que provocou aquella ſentença. Os culpados neſta morte, ſomos nós: a vida, que

Deos

Deos tirou ao noſſo mayor goſto, foy a da amabiliſſima Rainha. E para a noſſa dor ter Lenitivos; nem Deos havia de ter tirado aquella vida; nem nós haviamos de ter cauſado eſta morte. E poderá iſto ſer? Deixaremos de dizer: *Mortua eſt Maria?*

30 A fama de taõ virtuoſa vida, que eſte grande Orador conſiderou no lugar, onde a Sereniſſima Rainha foi ſepultada: *ſepulta eſt in eodem loco:* não he Lenitivo da dor: antes he hũ deſpertador da ſua cauſa. Aſsim como as noſſas culpas foraõ a cauſa da ſua morte; tãbem o tem ſido de vermos já ſepultados os exemplos da ſua virtude: nós meſmos lhe ſepultamos a virtude; porq̃ nós meſmos lhe cauſamos a morte. A ſua mortificaçaõ na meſa: aſſim na ſua, que era frequẽte; como na que punha muitas vezes a mulheres pobres, & as ſervia, & cõ ellas comia. A ſua humildade no lavar dos pès, ou às meſmas, ou a outras em apoſentos retirados do Paço. A ſua charidade, com q̃ nas jornadas de Salvaterra veſtia a muitos neceſsitados, para os quaes já levava prevençaõ de veſtidos. A ſua compaixaõ para meninos deſemparados do abrigo materno, que com ſuas proprias mãos lavava, alimpava, penteava, & afagava. Eſtas, & outras

tras muitas virtudes, que fez lembradas eſte exactiſſimo Prègador de todas; como eraõ vozes, que levavaõ as attençoens à ſepultura da amabiliſſima Rainha, a quem as noſſas culpas matáraõ, & ſepultáraõ; mais acrecẽtavão a dor, que o goſto. He a Fama hũa das figuras deſte mundo, q̃ tantas vezes muda o roſto, quantas ſe coſtumão variar as ſenas: nas meſmas azas leva o bem, & mais o mal. E a das acçoens heroicas coſtuma veſtirſe da meſma cor, que ellas tomaõ: na vida de ſeus Authores; feſtival: na ſua morte; funebre: de prazer, em quanto duraõ: de pezar, quando acabão. Como he voz; ſe hontem agradou, hoje entriſteceo. E tal he a fama das illuſtres virtudes da noſſa Sereniſsima Rainha, quando hoje ouvimos, que já eſtá ſepultada: *ſepulta eſt*: aindaque na mayor Corte de noſſa Monarchia, onde a tivemos viva: *in eodem loco*. Jà não he feſtival; he luctuoſa: não enxuga as lagrimas; renova a pena: excita á dor, & não lembra os Lenitivos.

§. X.

31 DAs Honras Funeraes celebradas fóra da Corte, foraõ ſó duas as Oraçoens, de que tivemos noticia. E nas q̃ por obſequio particular mandou

dou fazer o Illuſtriſsimo Biſpo do Algarve D.Simão da Gama, do Conſelho de Sua Mageſtade, & ſeu Sumilher de Cortina; foy o Orador o P. Fr. Joaõ da Natividade, Religioſo da Ordem da Santiſſima Trindade, Miniſtro do Convento da Cidade de Lagos, na Igreja Matriz da meſma Cidade.

Thema.

Fac luctum ſecundùm meritum ejus uno die, vel duobus.

Eccl. 38.

Para medidas do merecimento da noſſa Auguſtiſsima Rainha, tomou o Orador deſtas Exequias tres motivos. Primeiro, por ſer Eſpoſa de Sua Mageſtade ElRey noſſo Senhor. Segundo, por ſer Mãy de Suas Altezas os noſſos Sereniſsimos Principes. Terceiro, por ſer digniſſima Rainha do noſſo Reyno de Portugal. E por eſtes tres motivos do merecer, foy deduzindo outros tantos argumentos do ſentir. Sentimento de Sua Mageſtade na perda de tal Eſpoſa: ſentimento de Suas Altezas na perda de tal Mãy: & ſentimẽto dos Vaſſallos Portuguezes na perda de tal Rainha. E nós agora acrecentamos, que pelas meſmas razoens não tem Lenitivos a noſſa dor. Como Sua Mageſtade jà naõ ha de ter eſta Eſpoſa; nem Suas Alte-

Altezas eſta Mãy; nem o Reyno de Portugal eſta Rainha; a noſſa dor ſempre ha de ſer eſta: ſempre ha de ſer dor ſem Lenitivos; por ſer huma dor de tantas perdas ſem remedio.

32 O vinculo dos deſpoſados he união de hũ todo, cujas partes ſaõ o Eſpoſo, & a Eſpoſa: & faltãdo qualquer deſtas partes, acabou ſem remedio o todo, porque ſe acabou a ſua união. E iſto he o que hoje choramos: ver desfeito hum todo dos mais unidos deſpoſados, por falecimento da Eſpoſa. A natureza dos todos ſempre foy eſta: deixar logo de ſer o todo, ſe deixáraõ de ſer as ſuas partes: faltando a alma, q he hũa parte do compoſto humano, acabar logo o compoſto todo. Alma era daquelle todo das duas Auguſtiſſimas Mageſtades deſpoſadas em Portugal, a preſença da amabiliſſima Eſpoſa: & acabou eſte todo; porque lhe faltou a ſua alma. O eloquente Orador deſtas Exequias confirmou a firmeza da união deſtes dous amabiliſſimos deſpoſados, com o mayor ſignificativo do ſeu amor: era eſte o nome de Coraçaõ muitas vezes ouvido no Paço, que a amantiſſima Rainha dava a Sua Mageſtade, ainda na ſua auſencia. E ſe eſte todo ſe desfez, por que auſente a prezadiſſima Eſpoſa, perdeo o

todo

todo a alma; tambem se desfez, porque ausentãdose a alma, morreo o coraçaõ do todo. E donde virá agora o Lenitivo para hũa dor de coraçaõ, & alma? Sẽ sairmos desta mesma semelhança, temos mais outro todo no cõposto, que faz a união entre mãy, & filhos: assim como o amor faz hum todo de Esposo, & Esposa; de pays, & filhos faz tambẽ outro. E a união entre a Sereníssima Rainha nossa Senhora, & seus dignissimos Filhos tambem faltou, & por consequẽcia tambem faltou o todo; porque a morte dividio as partes: porque se ausentou a Mãy, deixando os Filhos, & ficando os Filhos sem Mãy. Ficando sem aquella Mãy, que mais os criava para Deos, q̃ para si: & tanto mais para Deos; que se lhe ouvio muitas vezes dizer, que se não fossem filhos de Deos, não serião seus filhos. Ficando sem aquella Mãy, que não só se unia aos Filhos, amando; mas tambem por hum affecto de Filhos nunca visto, amada. Não era necessario, que a Mãy amantissima os chamasse para os braços: mas, como se advertio, elles mesmos a buscavaõ, sem ser chamados. Ficando finalmẽte sem aquella Mãy, que com todo este amor, para os amar, ajuntava igual coacção, para os dirigir: no mesmo tempo

aman-

amando, & encaminhando. Não será pois dor sem Lenitivo, hũa dor de tam grande falta? Ainda temos outro todo, unido primeiro, & desatado depois; por que se uniraõ, & desatáraõ as suas partes: a Rainha nossa Senhora, & o Reyno de Portugal. Primeiro foraõ taõ unidas; que ainda os seus vassallos ausentes, que nunca viraõ a sua Rainha; & só por fé amavão as suas virtudes, & Reaes prendas; vivião ligados neste todo. Só a natural sympathia, & singularmẽte rara, pois não era aquella, que nace nos olhos, para crecer no coração; avinculava o Reyno todo à sua prezadissima Rainha. E depois tam desunidas, & separadas as partes deste todo; que se ausentou para sempre do seu Reyno a sua Rainha: & por isso sem Lenitivo a dor desta perpetua ausencia.

33 E se o pranto pelo estrago destes todos ha de ser medido pelo merecimento de quem por sua morte os deixou assim desfeitos: *fac luctum secundùm meritum ejus:* bem se deixa entender, que nem as lagrimas podem ser enxutas; nem a dor póde ter Lenitivos. O merecimento da Rainha nossa Senhora para cõ Deos, jà o suppomos satisfeito: jà a sua ditosa alma está gozando o premio de suas virtudes: mas naõ assim o seu

ſeu merecimento para comnoſco. Se o noſſo pranto ha de ſer a ſatisfação do ſeu merecimento; ſempre lhe ficaráõ devedores os noſſos olhos: porque poſtos em balança a noſſa dor, & o merecimento da noſſa amabiliſſima Rainha; tanto peza o ſeu merecimento, quãto crece o pezar da noſſa dor. He o merecimento hum acredor do merecido: & com direito; que naõ ſe póde faltar com o merecido, ſem aggravo do merecimento. E ſe por eſta razaõ he o merecimento da noſſa Auguſtiſſima Rainha acredor das noſſas lagrimas; ou as havemos deixar correr, ſem parar; ou parando com ellas, offendemos o ſeu merecimento; porque naõ he o noſſo pranto *ſecundùm meritum ejus.* A dor, que nos ficou pela mortal auſencia da noſſa Sereniſſima Rainha, he hum ſubſtituto do ſeu merecimento: & por iſſo quãto ſubia então o preço do ſeu merecimẽto, ha de crecer agora a noſſa dor. E faltaria ſem duvida eſta correſpondẽcia; ſe nós não ſentiſſemos tanto, quanto o ſeu amor nos mereceo: ſe houveſſe em algum tẽpo Lenitivo da parte da dor; tendo havido aumento da parte do merecimento.

34 A ultima parte do Thema deſta Oraçaõ no ſentido do Prègador: *uno die, vel duobus:*

bus: he tambem outra prova do noſſo Argumento: tambẽ por ſer eſte pranto de dias cõtinuados, he de dor repetida, & que naõ cede aos Lenitivos. Quiz dizer o Religioſo Panegyriſta, que naõ ſatisfeito o Illuſtriſſimo Biſpo do Algarve com o ſentimẽto commum do Senado em hũ dia de Exequias, conſagrára o ſeu ſentimẽto particular ſegundas Honras ao Tumulo das meſmas cinzas em outro dia. Que foi o meſmo, que dizer, que a dor da morte da noſſa Auguſtiſſima Rainha, não he para hũ ſó dia de lagrimas: he para muitos: naõ he para acabar, he para repetirſe. O merecimẽto de qualquer outro morto ſatisfaz-ſe com hũ dia de choro: *fac luctum uno die.* Porèm o merecimẽto da noſſa muito ſuſpirada Rainha ha de ter dias dobrados: *duobus diebus.*

§. XI.

35 NO Real Cõvento de Thomar da Ordem de Chriſto prègou eſtas Exequias o Reverendiſſimo Padre Meſtre Fr. Martinho Pereira Doutor Jubilado em Theologia, Dom Prior do Convento de Thomar, Geral da Ordem de Chriſto, do Conſelho de Sua Mageſtade, & Lente de Veſpera na Univerſidade de Coimbra.

The-

Thema.

In nidulo meo moriar, & ſicut Phœnix multiplicabo dies.

Job 29.

Por ninho entendeo o Doutiſsimo Orador o Palacio, em que a Sereniſsima Rainha viveo, & morreo; havendo nelle criado os digniſsimos Filhos, que nos deixou. E retratoulhe diſcretamente a ditoſa Mãy na celebrada Fenix, que morre, & vive no meſmo lugar, multiplicando os nacimentos; porq̃ tambem no meſmo lugar do ſeu Tumulo houve multiplicação de dias. Concorreo o dia, em a viraõ ſepultada em Portugal, com a lembrança do dia, em que a tinhão viſto nacida em Alemanha. Porque na meſma ſepultura o dia do ſeu enterro a deo morta; & a lembrança do dia do ſeu nacimento a repreſentou viva. Fenix finalmente, morrendo, & nacendo. E que outra couſa he a dor, que ſentimos neſta auſencia da noſſa prezadiſſima Rainha, ſenão hũa ſemelhança da Fenix? Que outra couſa faz eſta dor, em quanto dor mortal, ſenam multiplicar a morte, q̃ nos dà por inſtantes ſucceſsivos? E em quãto dor viva, que outra couſa faz, ſenão eſtender a vida, com que nos atormẽta por dias continuados? Não he iſto ſer Fenix com ſuc-

ceſſaõ de mortes, & de vidas? Quantas vezes vay, & vem a lembrãça da noſſa Rainha para ſempre auſente; outras tantas morre, & nace eſta Fenix, à noſſa dor, nunca por hũa vez morta. Se a noſſa ſaudade neſta hora eſquecida, foy Fenix, que morreo; logo na outra hora lembrada, he Fenix, que reſuſcitou: he dor, q̃ morre para nacer, & nace para morrer: & por eſſa razaõ he dor, ſem haver Lenitivo, q̃ a poſſa curar.

36 Iſto digo, cõſiderando a noſſa dor como Fenix: & fallando da Real Fenix, q̃ neſta Declamação de Exequias vemos repreſentada; ainda digo mais. Digo, lamentando a noſſa perda, que de taõ ſoberana Fenix não temos mais q̃ a ſua morte: faltanos depois della o ſeu nacimento: naõ renaceo das cinzas, em q̃ ſe reſolveo. Os dias, que multiplicou: *multiplicabo dies*: não ſaõ dias inteiros; ſaõ aquellas partes das trevas, que com as partes da luz fazem os dias completos: ſaõ ſó aquellas, que fazem noite, & não as que fazem dia. Como depois de morrer: *in nidulo moriar*: então ſe ſeguio a multiplicação dos dias: *multiplicabo dies*: os meyos dias das trevas ſaõ os multiplicados: & os meyos dias da luz ficárão parados. Nem nos noſſos coraçoens, nem nas noſſas lembranças, nem

nem nos noſſos olhos tem a noſſa ſingulariſſima Fenix novo nacimento; para dizermos, que nace agora, onde vivia dantes. O q̃ ſentem os coraçoens, he dor deſta Fenix morta: o que repreſentaõ as lembranças, he dor deſta Fenix ſepultada: & o que choraõ os olhos, he dor deſta Fenix auſente. Onde ſó verdadeiramente renace, & verdadeiramente vive, he na Patria dos Bemaventurados: he onde ſó vivem, os q̃ jà morrèraõ. Deſta ſorte havemos de reconhecer a noſſa Auguſtiſsima Rainha como Fenix em dous lugares: em hum lugar morta, & em outro viva: com morte na ſepultura, morrendo para nós: & com vida no Ceo, vivendo para Deos. No lugar, onde viveo comnoſco, & morreo apartandoſe de nós, ſó a havemos de chorar penetrados da dor, & deſenganados do Lenitivo. E para prova com experiencia deſte deſengano, havião de ſer agora ouvidos todos os que ſe abrigáraõ debaxo das azas deſta Real Fenix: todos os deſemparados, todos os afflictos, todos os culpados, & todos os pobres; porque todos os que ſe valião da ſua natural commiſeraçaõ, achavão nella remedio; como diſcorreo neſte Sermão de Exequias o ſeu erudito Author. Todos eſtes

dirião, ſe os ouviſſemos hoje, o que nós dizemos; & confirmarião o que temos dito. Dirião todos, que choravão a ſua Fenix morta, & não renacida: viſta na lembrança, & não na preſença. Que aquella ardentiſsima Charidade, em que ſe abrazava compadecida de todos os neceſſitados, eſtava ſepultada nas ſuas cinzas, ſem eſperança de que dellas a viſſem mais reſuſcitada. E que ſe a fama, em cujas vozes por algum modo vivem os que morrem, lhe dava ſemelhança de Fenix; era ſó Fenix para os ouvidos, & não para os olhos: Fenix, que tanta dor cauſa agora, ſendo lembrada, como attrahia os agrados quando viſta.

37 Tenho dito, que eſta tam grande dor, era a Fenix, que nos ficára, depois da mortal auſencia da ſoberana Fenix, que tinhamos. E agora acrecento, que por ſe nos repreſentar a que tinhamos morrendo no berço dos primeiros annos: *in nidulo meo moriar*: he muito mayor a dor repreſentada na que nos ficou. A Fenix, q̃ tinhamos, morreo no tẽpo do nacer: a Fenix, que nos ficou, logo em nacendo matou. Ambas *in nidulo*: a que tinhamos, morrendo; a que nos ficou, matando. Como hũa ſe ſeguio logo à outra; repreſentaſe a primeira

ra nos dias do nacimẽto, Fenix morta: & a ſegunda nos meſmos dias, dor viva. E porq̃ he dor conſiderada em nacimẽto, he dor ſempre em principio: dor, que não tem fim. Se o Sol, que he o melhor Emblema da Fenix, pela continua ſucceſſaõ do ſeu nacer, & morrer, ſempre eſtiveſſe Sol nacendo; eſtaria abrazãdo ſempre: ſuccede a hum dia de Sol nacido huma noite de Sol poſto, para refrigerio do mundo: para naõ queimar em todo o tempo. Não he aſſim a noſſa Fenix: a noſſa dor, quero dizer: ainda agora eſtá em nacimẽto: tanto atormenta hoje, como atormentou no principio. Cõparada com o Sol, que he hum ſemelhante da Fenix, não tem occidente, como tem o Sol. E comparada cõ a noſſa Real Fenix, que lhe dá a ſua ſemelhança, ſempre eſtá em oriente, o que não faz a Fenix. Aſsim como hũa Fenix, a Auguſtiſſima Rainha, diz: *in nidulo moriar*: a outra Fenix, a noſſa dor, póde dizer: *in nidulo occidam.*

§. XII.

38 EStes foraõ em ſombras ſó debuxados os affectos, que deraõ a ver a dor do coração dos Sacerdotes Portuguezes, quando abríraõ as portas ao ſilencio, que os tinha ſuſpenſos: *obſtupeſcent*

peſcẽt Sacerdotes. Chameylhe dor retratada entre ſombras; não ſó porq̃ a pintura he funebre; mas tambem, porque do muito, que diſſeraõ, & ſentiraõ, o que cheguei a ſignificar, ſoy huma breve ſombra. O corpo, que a faz, ſó o póde medir a conſideração dos que ſouberem pezar a noſſa perda na morte da Auguſtiſſima Rainha D. Maria Sofia Iſabel. E ainda eſſa medida, ou a faça o ſilencio mudo, ou a tome eloquencia diſcreta, nunca póde igualar, nem com a grandeza do corpo, nẽ com o preço da perda. Iſto he o q̃ quizeraõ, mas não puderaõ dar a entender os Oradores deſtas Exequias: já cõſiderando a Portugal como Sol, ou eclipſado, ou poſto: já deſcrevendo a ſua Monarchia deſtituida das influencias daquella Lua, que a fazia crecer: & já chorãdo a ſua auſencia, como de Fenix morta, & não renacida. Huns lamentando a falta de nos continuar a ſucceſſaõ da Coroa, & nam ſem ſemelhança a das virtudes: outros cõ os olhos nas noſſas culpas, vendoas vingadas pela Juſtiça divina. Aquelles levados da dor, parecendolhes a noſſa Luſitania Arvore cortada, cabeça ſem coroa, theſouro roubado, ſepultura de eſperanças, & ſepulcro de felicidades paſſadas, & preſentes. Eſtes em olhar

para

para os dias da morte, do luto, & do enterro da ſempre ſuſpirada Rainha jà defunta, amargoſamente abſortos, & detidos. E finalmente todos declamãdo, & deplorando o q̃ himos diſcorrendo, & convencendo: Dor ſem Lenitivos.

DISCURSO IV.

Et Prophetæ conſternabuntur.

§. I.

1 ENtramos a reconhecer os Profetas, & a entender as Profecias, aſſim de Jeruſalem, como de Portugal; porque entramos a ſaber, de que Profetas falla Jeremias neſte Texto, & hey de fallar eu neſte Diſcurſo. Os Profetas, de que Jeremias falla, ſaõ aquelles, diz o ſeu Cõmentador, que havendo primeiro profetizado as felicidades de Jeruſalem, haviaõ depois ſentir os enganos das ſuas Profecias: *Qui proſpera prophetarunt; videntes ſe falli, conſternabuntur.* Naõ digo os Profetas, nem exponho as ſuas Profecias; porque tambem Jeremias faz o meſmo: Com. in Jerem. 4.

tambem não diz, que Profetas ſaõ eſtes; nem individua neſte Texto o que elles profetizáraõ: tudo ſuppoem ſabido, & eſcrito: & nós o ſuppomos tambem. Os Profetas, de que eu heyde fallar, ſaõ os q̃ logo direy: tambẽ ſaõ os que profetizando as felicidades de Portugal: *Qui proſpera prophetarunt*: & achandoſe depois enganados: *videntes ſe falli*: ſe havião de render a huma fatal conſternaçaõ: *conſternabuntur*. E atè aqui eſtamos concordes, Jeremias, & mais eu; & comnoſco o doutiſſimo Expoſitor da ſua Profecia. Mas, porque Jeremias naõ diz, que Profetas foſſem os enganados com as felicidades profetizadas a Jeruſalem: & eu quero moſtrar, que Profetas ſaõ os q̃ ſe enganáraõ com as de Portugal; niſto eſtamos differẽtes. Elle ſuppoem jà entendido o que ſe profetizou de Jeruſalem: & eu quero dar a entender o profetizado a Portugal; aſſim fallando dos ſeus Profetas, como das ſuas Profecias.

2 Digo pois, que os Profetas de Portugal foraõ coraçoens: elles foraõ os que previraõ, & lhe promettèraõ as ſuas fortunas, & depois choráraõ os ſeus deſenganos. Nem he couſa nova, reconhecer no coraçaõ eſpiritos de Profecia: recorrer a elle, como a Profeta. Quẽ nos

nos manda consultar o coraçaõ: *Cor boni consilij statue tecum:* como a Oraculo do futuro, quer q o busquemos. E como tal, nos diz o Cõmentador desta Escritura, que o reconheçamos: *Cor est oraculum boni consilij.* Ser consultado o coração, para o acerto do que se ha de fazer; he o mesmo, que ser perguntado, para se antever o que poderá vir: he responder o coração como Oraculo: *Cor est oraculum.* Porque nós cremos, que para cada hum de nós he o seu coraçaõ o seu Profeta; por isso costumamos dizer, que já elle nos tem dito o que era futuro, quando o vemos presente: já o coração me dizia isso, he o que então dizemos. E se para a Profecia do que está para vir, ha de haver Profeta, que veja, & que diga; huma, & outra cousa faz o coração. Tem olhos para ver, como lemos em Jeremias: *Visionem cordis sui*: & tem boca para dizer, como o experimentava David: *Tibi dixit cor meum.* Tanto que recorréraõ ao coraçaõ os que viraõ nacido o Bautista, logo disseraõ o seu futuro: *Posuerunt in corde suo, dicentes: Quis, putas, puer iste erit.* Logo todos, como dizem os q discorrem este nacimẽto: *Considerarunt, quid futurũ circa Joannem: quid futurum de puero.* Ainda nas superstições

Eccli. 37.17.

Jerem. 23.16.

Psalm. 26.8.

Luc.1. 66.

Cornel. Arab in Luc.

Gen-

Gẽtilicas ſe deſcobrião algũas apparencias das Profecias do coraçaõ: tambem, como ſe foſſe Profeta, houve quem o reconheceo: *Cor divinans:* & quem o abominou: *Cor malorum augur.* E paſſando do coração humano ao dos brutos; era mais notavel a credulidade, que lhe ſacrificavão. Se o coraçaõ dos animaes mortos, & offerecidos em holocauſto parecia mudo, porque naõ ſe movia; era o Pronoſticõ calamitoſo: *Ut, ſi cor ſilens jacéret, neque palpitaret; calamitates portendi, & magnas fortunæ minas crederent.* E ſe por caſo o arrebatavão as Aves; era indicio de proſperos futuros: *Si autem raptum ab Aquila fuiſſet; nimiùm propitios deos oſtenderet.*

Eurip. in Trag. Androm. Æſchyl. in Trag. Perſ.

Alexãd. ab Alex. Genial. dier. lib. 5.

Alexan. ab Alex. ibid.

3 Naõ ſe negando logo ao coração eſtes impulſos profeticos, ou occultos vaticinios; vejamos já, o que profetizáraõ os noſſos coraçoens das felicidades de Portugal, tendo taõ grande Rainha. Houve curioſo, que obſervando o dia, em que naceo; advertio ſer o meſmo, em que ſe deſpoſára em Portugal cõ o Auguſtiſſimo Rey D. Affonſo VI. a Sereniſſima Senhora D. Maria Franciſca Iſabel de Saboya, a quem a noſſa eſperada Rainha havia de ſucceder na meſma Coroa; & foy *aos ſeis de Agoſto de mil & ſeiscentos & ſeſſenta*

In vita Comit. Palat.

&

& seis. E porque os coraçoens affeiçoados coſtumaõ fazer myſterio do que poderá ſer caſo; promettéraõ os diſcurſivos de ſemelhantes contingencias, grandes felicidades a Portugal; por vir a ſer ſua Rainha hũa Princeza, à qual o dia do ſeu nacimento pronoſticava o dia do ſeu deſpoſorio. Como o dia, em que ſe deſpoſava hũa Rainha em Portugal, foy o meſmo, em que a noſſa Rainha naceo em Alemanha; o dia entaõ preſente de nacida ſe correſpondia com o dia futuro de deſpoſada. O meſmo foy, nacer a Soberana Princeza no dia, em q̃ Portugal celebrava deſpoſorios de huma Rainha; que nacer, para ſer Rainha de Portugal por outros deſpoſorios. E depoisque ſe advertio na correlaçaõ deſtes dous dias; começáraõ os coraçoẽs amantes das noſſas felicidades a profetizar com o amor, o que ſe entendia eſtava jà determinado por deſtino. Tãtas felicidades promettèraõ a Portugal os noſſos coraçõẽs para o futuro; quantas para o meſmo futuro pareceo que aquelles dous dias lhe tinhaõ promettido.

4 Nem ſe deſpreze eſta advertencia, aindaque animada pela affeiçaõ: a advertencia, digo, em que vimos juntos, & correſpondidos eſtes dous dias: o dia

dia de nacida eſta Princeza, para Rainha; & o dia, para ſer deſpoſada: hũ viſto, & o outro pronoſticado. Porque tambem foraõ advertidos, & juntamente apontados o dia de Chriſto nacido para Rey, & o dia de deſpoſado com a Igreja: hũ ſabido, & o outro repreſentado. O dia de nacido para Rey, como lemos no Euangelho: *Ubi eſt, qui natus eſt Rex.* E o dia para ſer deſpoſado com a Igreja, como ſe repreſentou nas vodas de Galilea: *Nuptiæ Verbi cum Eccleſia, conciliatæ in Cana Galilææ.* E aſſim como o dia do nacimẽto da noſſa Auguſtiſſima Rainha foy em ſeis de Agoſto; & neſſe meſmo dia ſe conſiderou junto, como em Profecia, o dia do ſeu deſpoſorio; tambem ſe viraõ juntos em ſeis de Janeiro o dia de Chriſto nacido, & adorado por Rey: *Hodie ſtella Magos duxit ad præſepium:* & juntamente em repreſentaçaõ o dia de Chriſto deſpoſado: *Hodie cæleſti Sponſo juncta eſt Eccleſia.* Os concurſos de todos eſtes dias, aindaque foraõ caſuaes, naõ deixaõ de ſer ſemelhãtes. Os dous dias de Chriſto nacido, & do nacimento da Sereniſſima Rainha, viſtos com os olhos; hum em Belem; & o outro em Alemanha. Os dous dias do deſpoſorio de Chriſto, & o da digniſſima Rainha

Matth. 2. 2.

Ita in Comment. Auctor.

In Feſto Epiph.

nha deſpoſada; pareci-
Salmer. tom. 6. tract. 7. de mirac. Dom. dos por conſideração: hum por aquelles, que deſcobriraõ repreſentado nas vodas de Caná o deſpoſorio de Chriſto: & outro por quem
In Vita Comit. Palat. affeiçoado pronoſticou no dia do nacimẽto da noſſa Rainha o ſeu deſpoſorio.

§. II.

5 NEm tambem ſe impugne a combinação profetica deſtes dous dias; por ſe advertir nella, tanto depois dos dias já paſſados: o dia do nacimẽto da Sereniſſima Rainha, no anno *de mil & ſeiscentos & ſeſſenta & ſeis*: & o do ſeu deſpoſorio, no anno de *mil & ſeiscentos & oitenta & ſete*: porque nem eſta combinaçaõ foy averiguada Profecia; nem he novidade, nas que o ſaõ, entenderem-ſe, depois de cumpridas. As mais Canonicas, que foraõ as da vida, & morte de Chriſto; quando ſe cumpriaõ, entaõ ſe entendiaõ: entaõ he, que ſe dizia: *Ut adimpleretur, quod dictum eſt per Prophetam* Primeiro ſe vio a fugida do Filho de Deos para o Egypto; & entaõ ſe advertio, q̃ já muito antes eſtava profetizada: *Ut adimpleretur, quod dictum eſt à Domino per Prophetam dicentem: Ex Ægypto vocavi Filium meum.* Primeiro ſe viraõ divididas, & jugadas as veſtiduras de Chri-

Matth. 2. 15.

Chriſto ao pè da Cruz; & entaõ ſe advertio, q de hũa, & outra couſa jà havia Profecia: *Ut adimpleretur, quod dictum eſt per Prophetã: Diviſerunt ſibi veſtimenta mea, & ſuper veſtem meam miſerunt ſortem.* Aſſim tambem com algũa ſemelhãça. Primeiro ſe vio deſpoſada a Rainha noſſa Senhora em Portugal, onde a Rainha anteceſſora ſe tinha deſpoſado no meſmo dia, em que ella havia nacido em Alemanha; & entaõ ſe advertio, que o ſeu deſpoſorio para a meſma Coroa, & para o meſmo Throno, jà parecia determinado por ſuperior providẽcia. E eſta, q chamamos Profecia, ſe não foſſe ſuppoſta, mas verdadeira; ainda ficaria mais parecida com aquellas, q o ſaõ, por ſer Profecia de deſpoſorio, & entẽdida, depois de cumprida: jà iſto ſe tem viſto em muitas Profecias de deſpoſorios. Primeiro foy viſto o Deſpoſorio do Divino Verbo com a natureza humana; & então ſe entendeo, que ja eſtava profetizado por David: *Tamquam ſponſus procedens de thalamo ſuo.* Primeiro foy viſto o deſpoſorio de Chriſto com a Igreja; & entaõ ſe entendeo, que jà eſtava profetizado por Jeremias: *Recordatus ſum tui, miſerans charitatẽ deſponſationis tuæ.* Primeiro foy viſto o deſpoſorio de Chriſto com

Matth. 27. 35.

Vide Cornel. in Cant. 3. & in Oſee 2.

Pſalm. 18. 6.

Jerem. 2. 2.

com a alma do Justo; & entaõ se entendeo, que já estava profetizado por Oseas: *Sponsabo te mihi in justitia.* E se applicarmos ao nosso intento a intelligẽcia de muitos Expositores, que descobrem na uniaõ Sacramental outro despozorio de Christo com a alma, q̃ dignamente o recebe; acharemos tambem, q̃ primeiro foy visto este despozorio no Sacramento; & entaõ se entendeo, que já estava mysticamente profetizado desde a creaçaõ do mũdo na uniaõ dos primeiros despozados: *Erunt duo in carne una.*

Osee 2. 19.

S Chrysost. Homil. 60. Rup. lib. 2. de Offic. c. 11. Turrian lib. 2. de Euch c. 7. Bosi. de Signis Eccl. cap. 8.

Genes. 2. 24.

6 Do que temos dito tambem nos póde parecer, que o dia do nacimento da nossa Soberana Rainha, & o dia do seu Despozorio; como se hũ fallasse com o outro, excitáraõ no nosso coraçaõ aquelles estimulos profeticos, que temos cõsiderado, & lhe havemos permittido. Naõ he isto pensamento despido de toda a razaõ: fallar hũ dia com outro dia, já David os ouvio: *Dies diei eructat verbum.* E porque David os ouvio fallar, quando os affectos do seu coraçaõ o elevaraõ a hum dos seus extasis; temos já exemplo, para podermos dizer, que tambẽ os affectos do nosso a hũa tam amabilissima Rainha, nos fazem parecer, que se fallariaõ entre si aquelles dous dias: o dia do seu nacimento

Psalm. 18. 3.

Vide Leblãc. hic.

mento com o dia do seu Desposorio. S. Bernardo querendo entender, q̃ dias eraõ aquelles, que David ouvio fallar, & o que fallavaõ; achou, que hum destes dias era o Anjo Embaxador da Encarnaçaõ: & que o outro dia era a purissima Virgem, que ouvio a celeste Embaxada: *Dies diei eructat verbum: Angelus Virgini: dies Angelus, propter Beatitudinem: dies Virgo, propter integritatis virtutem.* E como aquella altissima Embaxada era da Encarnaçaõ, na qual se havia de desposar o Divino Verbo com a natureza humana; vimos a entender, que este sagrado Desposorio seria a materia, de que fallavaõ aquelles dous dias: *dies diei eructat verbum*: representada na conferencia dos dous dias: *Angelus Virgini.* Isto mesmo nos póde tambem parecer por accommodada semelhança: tambem nos póde parecer, que o dia do nacimento da nossa Augustissima Rainha fallava com o dia do seu desposorio; & que das felicidades deste desposorio fallava hũ dia com outro dia: *dies diei.* Todas estas reflexões devemos ao advertido observador destes dous dias: elles deraõ motivo, paraque o seu coraçaõ primeiro, & depois os nossos profetizassem as felicidades de Portugal, & da sua merecida Rainha;

S. Bern. Serm. 5. ex parvis.

nha;as quaes agora entramos a diſcorrer, & deviaõ ſer eſtas.

7 Que aquella Princeza nacéra para Rainha. Que deixada a Caſa de ſeus Pays,reynaria em terras eſtranhas. Que o eſplendor das ſuas grandes virtudes lhe haviaõ de grãgear os agrados do Rey ſeu Eſpoſo. Que daria ſucceſſiva deſcendencia à Monarchia Portugueza. Que os Principes deſta ſucceſſaõ ſeriaõ pertendidos em toda a Europa por deſejadas Affinidades. E que todos os ſeus vaſſallos lhe fariaõ perpetua confiſſaõ de rendidos ao ſeu imperio. Naõ poderiaõ ſer outras, ſenão eſtas as felicidades de Portugal, & da ſua prezada Rainha,profetizadas pelos noſſos coraçoẽs,& previſtas na correlação dos dous dias do ſeu nacimento, & do ſeu deſpoſorio. E digo, q̃ não poderião ſer outras: porque eſtas eraõ as que jà ſe viaõ; eſtas eraõ as deſejadas do coração de todos;& porque os grandes deſejos coſtumaõ ſer as Profecias do coraçaõ. E para nos parecer, que eſtas felicidades foraõ profetizadas do modo, q̃ himos ſuppondo, ao deſpoſorio da noſſa ſuſpirada Rainha; bẽ lhe podemos accõmodar por ſemelhança as q̃ previo David no deſpoſorio da Igreja, & Chriſto, ajuſtandonos cõ os ſagrados Cõmen-

tos daquelle Salmo, q̃ achamos intitulado: Genebr. in Psal. *Carmen nuptiale Christi, & Ecclesiæ.* Deste mysticodesposorio disse o Profeta tudo o q̃ agora acabamos de dizer do Desposorio da nossa Rainha. Tambẽ disse, que a Igreja Espoſa de Christo havia de ser Rainha: *Astitit* Psal 44. 10. *Regina à dextris tuis.* Que havia de discorrer por todo o mundo, & naõ ficar onde como filha tivera o seu nacimento: *Obliviscere populum tuum, & domum patris tui.* Que pela sua fermosura assistida do Espirito Santo estaria muito unida no amor de seu Esposo: *Concupiscet Rex decorẽ tuum.* Que teria grande succeſſaõ de Filhos nos muitos Varoens Apostolicos gerados pelo Euangelho: *Nati sunt tibi filij.* Que estes Filhos haviaõ de ser em todas as partes do Universo poderosos Principes: *Constitues eos Principes super omnem terram.* E que esta Espoſa de Christo faria ser adorado o Divino Espoſo de todas as nações convertidas, sem limitação alguma de tempo: *Propterea populi confitebuntur tibi in æternum, & in sæculum sæculi.* E naõ saõ semelhantes as Profecias destes Desposorios: hum de Espoſa, Rainha na Igreja: outro de Espoſa, Rainha em Portugal?

Ibid. 11

Ibid. 12

Ibid. 17

Ibid. 17

Ibid 18

§. XIII.

§. III.

8 NAõ ſó os coraçoens profetizáraõ, como dizemos, naquelle tempo as felicidades de Portugal; mas tambem os olhos as profetizáraõ. Se os corações ſaõ Profetas, tambem o ſaõ os olhos: huns, & outros entre a eſfera das ſuas Profecias: os corações amando; os olhos vendo: & todos tendo o ſeu proporcionado futuro; & deſcobrindo o ſeu eſpecial ſegredo. E ſe quizerem negar aos olhos eſta faculdade profetica, porque nem os olhos tem vozes, para fallar, nem futuro, para ver, requiſitos neceſſarios para a Profecia; diremos, que nem por falta de hum, nem de outro requiſito deixaõ de ſer Profetas os olhos. Naõ por falta de vozes, para fallar; porque o Bautiſta no ventre de S. Iſabel ſua Mãy jà era Profeta, & ainda naõ fallava: profetizou a vinda de Chriſto, ſó quando então *Exultavit infans in utero ejus*. Aſſim o entendem uniformes, os q̃ diſcorrem eſta profecia tam anticipada: paraque ouviſſem profetizar a hum menino, antes de nacer, baſtou o ſeu *exultar*. Huma couſa he o fallar, que he dizer: & outra, o q̃ he profetizar: quẽ falla dizendo, neceſſita de vozes para fallar: & quẽ falla profetizando,

póde fallar, ſem que uſe do dizer. Os oſſos de Joſeph tinhaõ toda a incapacidade para fallar: & mais quando ſaîraõ do Egypto, profetizáraõ, depois delle morto, a meſma ſaida já por elle profetizada, quando vivo: *Oſſa ipſius poſt mortem prophetaverunt.* E ſe a hum infante, antes de nacido, & aos oſſos de hũ homem depois de morto, ſujeitos tam improporcionados para fallar, ſe concede o profetizar milagroſo; naõ he muito admittir o natural nos olhos, tendo nas ſuas viſoens grande ſemelhança cõ as profecias, & nas ſuas viſtas muita repreſentaçaõ de vozes. Nas Eſcrituras ſaõ chamados os Profetas: *Videntes*: homens, que vem: naõ ſó por viſaõ imaginária, & intellectual; mas tambem pela ocular, como dizem S Iſidoro, & S. Agoſtinho. E S. Jeronymo, para conceder ao coraçaõ o fallar, que he profetizar, conſiderou nelle o ver: *Oculi cordis fatentur arcana.* Achou, q̃ o coração era Profeta de ſegredos, porque o conſiderou com olhos; & porq̃ nos ſeus olhos deſcobrio vozes: *oculi fatentur.* A outros entendimentos muito inferiores ao de S. Jeronymo, tambem já pareceo o meſmo: tambem pareceo, que os cintillãtes rayos da viſta dos olhos eraõ linguas do ſegredo: *Arcanum*

Eccli. 49.18.

S. Iſid. S. Aug. apud Cornel. in proœmio ad Iſai. pag. 8.

S. Hieron. de Regul. Monach.

Claudian de Phœn.

canum radiant oculi jubar: & que fallavaõ cõ vozes os olhos: *Lacrymis oculos digna eſt fœdare loquaces.*

Tibul. lib 2. eleg. 6.

9 Naõ deixaõ tambẽ de ſer Profetas os olhos, por lhes faltar a viſta do futuro, que era o outro requiſito da Profecia; porque o futuro dos olhos não he, como o futuro do entendimento. Baſta, q̃ ſejaõ capazes de algum modo de revelaçaõ; para ſe dizer, que o ſaõ tambem de olhar para algum futuro: naõ do entender, mas do ver. Quando David dizia a Deos: *Revela oculos meos: & conſiderabo mirabilia de lege tua:* explicava a revelaçaõ do entendimento por algũa ſemelhança, que conſiderava nos olhos. E por iſſo dizẽ os Expoſitores deſte ſeu Salmo, que pedindo David a Deos a viſta do entendimento: *Orat pro divina lege intelligenda:* a ſignificava na viſta dos olhos: *Velum aufer ab oculis, ut aſpiciam.* Tanto o revelar do entendimento, como o revelar dos olhos, tudo vem a ſer hũa viſta: o revelar do entendimẽto, he darlhe luz, paraque veja: & o revelar dos olhos, he tirarlhes os impedimentos do ver: *velum aufer ab oculis.* Se o preſente Diſcurſo foſſe doutrinal; moſtrariamos com bem fundada extenſaõ, como, por naõ tirarmos nós aos noſſos olhos os véos, que os

Pſalm. 118. 18

cegaõ; deixaõ elles de ver os futuros da ſua eſfera. Naõ he logo diſſonancia da razaõ, admittir revelaçaõ de futuros nos olhos por ſemelhança com a dos futuros do entendimẽto: dizer, que de algũ modo vem os olhos o que eſtá por vir; aſſim como, ainda ſem milagre, ſe concedem ao entendimẽto eſtes modos de ver. Do meſmo modo, que vendo o entendimento ao longe, dizemos, que olha para o ſeu futuro; tambẽ os olhos vem o ſeu futuro, quando olhaõ para o ſeu longe.

10 Aſſim viraõ os olhos de Saõ Gregorio Nazianzeno olhando para os olhos de Juliano Apoſtata: viraõ nos olhos preſentes hum Apoſtata da Religiaõ futuro. *Oculos, ac furioſum quid videns:* diſſe exclamando o Santo: *ô quale malum Romanorum Reſpublica alit!* Da inquietaçaõ, & ſoltura dos ſeus olhos inferio a ſua Idolatria. E para eſta Profecia, ou Pronoſtico concorréraõ huns, & outros olhos: os do Sãto Nazianzeno; & os do Apoſtata Juliano. Os do Sãto, prevendo aquelle mal: & os do Apoſtata, revelandoo: huns deſcubrindo o futuro: outros dando-o a ver. O antigo Proverbio: *Ab ungue leo*: he ſingular confirmaçaõ do muito, que os olhos vem ao longe. Aquelle Artifice, que nunca tinha

D. Nazianz. Orat. 2. contra Julian. Apoſtatam.

Lucian. in Hæreſib. de Phidia Statuario.

tinha visto Leão; & só vendo a sua unha, o representou no vulto da imagem tam natural, como o que naceo nos Silvados; mais ficava devẽdo aos seus olhos, que à sua arte, a representaçaõ de Leaõ vivo no marmore morto. E quando nós applicamos o significativo deste Proverbio a quem na primeira idade logo dá sinaes de que virá ser Leaõ na mais crecida; os nossos olhos saõ os q olhando tanto ao longe vem aquelle futuro: os que vem a fera, olhando para o homem: vem Juliano Apostata, olhando para Juliano Catholico. Ainda outros olhos sem vida, & sem vista fizerão mais na consideração de alguns Gentios. Viraõse cair da Estatua de Hieron; & pronosticáraõ a sua morte, muito antes que morresse. *Oculi è statua Hieronis decidentes, ejus mortem, antequàm ad Leutram occubuisset, portenderunt.* Se naõ he facto para se crer: he combinaçaõ de olhos com o seu futuro, para se contar. E naõ olhaõ só os olhos para futuros, que saõ infaustos, & funestos: tambem pronosticaõ os jucundos, & vem de longe os festivaes. Os que se representáraõ aos olhos de Joseph, antes de ser ViseRey do Egypto; tanto no significativo, como no significado, não podião ser de mais

Plutarch. de Oracul. Pythiæ.

goſto, nem de mayor agrado. No ſignificativo foraõ por hũa vez adoraçoens de ſearas: & por outra de Sol, Lua, & Eſtrellas. Aſſim o diſſe elle meſmo a ſeus Irmãos, quando lhes contou o primeiro ſonho: *Audite ſomnium, quod vidi:* & tambem, quando lhes diſſe o ſegundo: *Vidi per ſomnium.* Em ambos os ſonhos, que ſupponho ſabidos, ſempre os olhos foraõ os que viraõ: *ſomnium, quod vidi: vidi per ſomnium.* E ſem que advertiſſem os Irmãos, quando ouviraõ o primeiro; nem os Pays, quando ouviraõ o ſegundo; todos deraõ por ſignificado aos dous ſonhos o Vice-Reynado de Joſeph. *Numquid Rex noſter eris:* diſſeraõ os Irmãos. *Num ego, & mater tua, & fratres tui adorabimus te:* diſſeraõ os Pays. Todos acertáraõ logo com o ſignificado dos ſonhos, & com o futuro dos olhos. *Somnium, quod vidi &c. Vidi per ſomnium &c.*

Gen. 37 6.
Ibid. 9.
Ibid. 8.
Ibid. 10

§. IV.

11 SUppoſta jà, & entẽdida qual he, ou poſſa ſer a Profecia dos olhos; vejamos as felicidades, que elles pronoſticáraõ a Portugal, vindo a ſua Auguſtiſſima Rainha de Alemanha. Os olhos dos ſeus Naturaes foraõ os primeiros, que as anteviraõ logo na idade do primeiro eſplendor

plendor das ſuas prendas; aſſim naturaes, como acquiridas. Os olhos, que as vião; & tambem os daquelles, q̃ nos podiaõ dar eſtas noticias; todos olhavão para hũa Princeza de muito grandes eſtimaçoens futuras, & preſentes. Amante da virtude ſem affectação; devotiſſima ſem ceremonia; tam acredora das veneraçõeſ da preſença, como devedora à liberalidade da natureza: com entendimento, com affabilidade, & com benevolencia. De mais ſoberania, que annos: & naõ de menos agrado, que reſpeito: exactiſſima nas attençoens de Chriſtãa para cõ Deos: de Filha para com os dignifſimos Pays, & de agradecida aos affectos dos amabiliſſimos Irmãos. Naõ ſe lhe empreſtavaõ os obſequios feitos à Peſſoa: mas antes ſe viaõ todos uniformes no applauſo, & ſó differentes na competencia; porque ſabia conciliar os animos, & naõ por eſtudo: & unilos tambem, ſem artificio. Ajuntava a gravidade com a lhaneza, a alegria com a modeſtia: na converſaçaõ ſempre agradavel, ou foſſe a domeſtica, ou a do campo: & nos exercicios do Eſpirito taõ frequente, como pia; & mais encaminhada por elle, que torcida. E finalmẽte naõ tinha perfeição alguma, que ou lhe faltaſſe o aceyo,

ou a viciaſſe o deſar; tranſcendendo por todas hũa graça tam natural, & mageſtoſa, q̃ a inculcavaõ merecedora do Throno, & digna de imperio. E como taõ dotada Princeza jà moſtrava viſos de Rainha; os olhos, que entaõ medião a harmonia de tantos attributos unidos, olhavaõ juntamente para a felicidade do Reyno, onde os reconheceſſem coroados. Aſſim como os Embaxadores Perſianos, olhando para os primeiros eſpiritos de Alexandre, não ſó viaõ a hum Principe, que no mundo havia de ſer Magno; mas tambem por conſequẽcia jà antevião a fortuna dos q̃ o havião de ter por Rey. A eſtrella de quẽ naceo para a Coroa, foy juntamente Pronoſtico dos q̃ depois o adoráraõ coroado: foi luz, q̃ no meſmo tempo moſtrou o Rey: *Ubi eſt, qui natus eſt Rex:* & encaminhou aos ſeus adoradores: *Venîmus adorare eum.* Matth. 2. 2. Ibid.

12 Os olhos dos vaſſallos de tam prendada Rainha, que tambem foraõ Profetas das felicidades de Portugal, quando a virão; profetizáraõ de outro modo. As Profecias, ou Pronoſticos dos olhos de ſeus Naturaes, olháraõ para as adoraçoens devidas às ſuas prendas, & às ſuas virtudes. E os Pronoſticos, ou Profecias dos olhos de ſeus vaſſallos, olhárão para

para a duraçaõ da ſua preſença aſſim enriquecida de virtudes, & prendas. Como os Horoſcopos deſtes Profetas eraõ deſejos; huns, & outros olhos viaõ em diverſos deſejos diverſos futuros. O futuro de huns olhos, era das adorações de Rainha: & o futuro dos outros, era da duraçaõ de adorada: em hum, viaſe o bem deſejado: & em outro, o bẽ poſſuido. Tanto deſejamos o noſſo bem, como a ſua duração: & aſſim, como eſtes deſejos ſempre andaõ unidos; os ſeus futuros nunca ſe vem ſeparados. Foy jà experiencia provada em S. Pedro, deixando tudo por ſeguir a Chriſto: *Ecce nos reliquimus omnia.* Primeiro poz os olhos no ſeu premio futuro: *Quid ergo erit nobis:* por eſta noſſa fineza, que premio havemos de ter. E depois quãdo vio a Gloria do Tabor (como ſe aquella viſta foſſe o premio deſejado) olhou para o futuro da ſua duração: *Bonum eſt nos hîc eſſe:* fiquemos aqui para ſempre. Taes foraõ as noſſas felicidades profetizadas pelos olhos: a felicidade de haverem de ſer adoradas as virtudes, & prendas da noſſa prezadiſſima Rainha, offerecida em hũ futuro aos ſeus Naturaes: & a felicidade de havermos de gozar eſſa viſta por duração de muitos annos, repreſentada

Matth. 19. 27.

Ibid.

Matth. 17. 4.

ſentada em outro aos ſeus vaſſallos. A felicidade do primeiro futuro, grande era; porque era a viſta de tam ſingular bem para Portugal. Porèm a felicidade do ſegundo, ainda era mayor; porque era a duraçaõ da viſta deſſe ſeu bem. No primeiro futuro, viaſe em pronoſtico eſte bem de Portugal deſejado: & no ſegundo, viaſe o meſmo bem poſſuido. E quanto exceda a felicidade da poſſe à felicidade do deſejo medida pelo tempo, ainda quando o bem deſejado he o ſummo bem; jà conſta por Eſcritura. Em mil annos de ſummo bem deſejado, porque a felicidade he bem ſó grande; cada hum dos dias de todos eſſes annos naõ he mais que hum dia de felicidade. Em mil annos porèm de ſummo bem poſſuido, porque a felicidade he mayor; tãto monta como mil annos de felicidade hũ ſó dia deſſes annos: *Mille anni in conſpectu tuo, ſicut dies heſterna, quæ præterijt.* Pſalm. 89.4.

§. V.

13 EStes foraõ os Profetas das felicidades de Portugal no tempo entaõ preſente: & eſtas foraõ tambem as Profecias do meſmo tempo. Os Profetas; coraçoens, & olhos: & as Profecias; as do Deſpoſorio da noſſa deſejada Rainha deſcu-

descuberto nò dia do seu nacimento : & as das suas virtudes , & prendas vistas no futuro do desejo, & na posse futura. Necessario foy , que tudo isto advertissemos , para accõmodarmos a alguns Profetas o Texto, que discorremos: *Prophetæ consternabuntur*:& para mostrarmos quaes foraõ as suas Profecias , & quaes as felicidades de Portugal por elles profetizadas . Vamos jà com os coraçoens Profetas; & juntamente com as Profecias do Despoforio da Serenissima Rainha na accõmodação daquella letra de David: *Dies diei eructat verbum* : como temos accommodado. Daõse tanto as maõs as fortunas , & as desgraças,que assim como os dias do anno se cõpoem de iguaes partes de trevas , & de luzes : *Factum est vespere, & mane dies unus* : tambẽ os dias da vida se achaõ igualmente compostos de tantos gostos, como pezares : tambem tem o seu *vespere* , *& mane*. Isto mesmo se vè na conferencia daquelles dias: *dies diei eructat verbum*. Logo se lhe segue a das noites : *Et nox nocti indicat scientiam*: logo junto do luminoso do dia, que parece nos representava a incomparavel felicidade do Despoforio da Augustissima Rainha ; se via o triste da noite, q assim mesmo nos significava a sua mayor,

Genes. 1. 5.

Psalm. 18. 3.

Psal. 18. 3.

&

& fatal adverſidade. Naõ dizem outra couſa aquelles dias, & aquellas noites, cõmenta Genebrardo, ſenão o que nós dizemos: dizem felicidades, & adverſidades. *Ea, quæ diebus, & noctibus contingunt, ut proſpera, & adverſa, Verbum Dei declarant, & de eo ſermonem faciunt.* Os ſignificados dos dias, & das noites, que ſaõ o ditoſo, & o infeliz, o proſpero, & o adverſo; ſaõ os q̃ nos explicaõ o que Deos diz: *Verbũ Dei declarant.* Querẽ ſaber agora o q̃ ſignifica a pratica daquelles dias accõmodada por nós ao Deſpoſorio de tam digna Rainha de Portugal? Ouçaõ o q̃ diz o ſignificado dos dias: *proſpera:* ſignifica grandes proſperidades. Querem juntamẽte ſaber o q̃ inſinua a conferencia daquellas noites, no meſmo ſentido, em que tomamos a dos dias? Ouçaõ o que diz o ſignificado das noites: *adverſa*: inſinua infortunios grandes. E ſe o que dizem os dias, & as noites, he o que Deos diz: *Verbum Dei declarant, & de eo ſermonem faciunt*: ſupponhamos, que as vozes dos dias, como ſe foſſem vozes de Deos; & tambẽ como ſe foſſem vozes de Deos as vozes das noites; nos diziaõ a felicidade de taõ Auguſto Deſpoſorio futuro; & a infelicidade do meſmo Deſpoſorio acabado. Quando a

Genebr. in Pſal. 18.

Pru=

Prudentiſſima Rainha vio em dezoito dias nacido, & morto ao Sereniſſimo Principe D. Joaõ, ſeu primeiro Filho; ſuppoz iſto meſmo: diſcorreo com tãto juizo a correſpondencia do mayor goſto junto com a mayor pena; que diſſe, a naõ eſtranhava à viſta do exemplo entaõ preſente. E que ſuppunha, lhe moſtrava Deos nelle, como tambẽ nos Reys andão juntos o ſeu prazer, & o ſeu pezar, os ſeus bons, & maos dias.

14 E nós ainda temos mais, que ſuppor, para mayor expreſſaõ do que devemos ſentir: ſupponhamos mais, q̃ naõ ſó aquellas horas do dia juntamẽte com as horas da noite, como ſe foſſem vozes proſeticas jà de goſto, jà de pena, diziaõ a Portugal o proſpero, & o adverſo, que logrou, & ſentio neſte deſpoſorio, quando celebrado, & quando extincto. Mas que tambem as horas do dia ſómente, ſeparadas das horas da noite, podiaõ dizer o meſmo: q̃ tambem podiaõ pronoſticar a noſſa lamentavel dor, ſem que as horas da noite foſſẽ ſeu Pronoſtico. O dia foi, & naõ foi a noite, o que repreſentou a Zacharias o pranto de Jeruſalem: *In die illa magnus erit planctus in Jeruſalem*: com os olhos no dia, & naõ na noite, profetizou entam Zacharias as ſuas ruinas Zach. 12. 11.

nas. E que tambem as profetizaſſe o Profeta Jeremias em outra viſta com os olhos na noite: *Plorans ploravit in nocte*: não foi muito. Retratou então o triſte do pranto pelo triſte da noite: as lagrimas pelas trevas; & eſſe he o modo ordinario do ſentir. Porèm olhar o Profeta Zacharias para o luzido do dia, que he o alivio da noite; & profetizar o funebre do choro: *in die planctus*: foy moſtrar a dor no meſmo Lenitivo, & as horas da pena nas do alivio; & então he, q̃ ſe deſcreve o mais vivo exceſſo da dor. Eſte he pois hoje o noſſo ſentimẽto mais exceſſivo: pormos nós os olhos no dia do Deſ-

Thren 1. 2.

poſorio da Sereniſſima Rainha de Portugal; & ſentirmos entaõ o coração mais ferido da dor. Como entaõ nas lembranças da felicidade, que naquelle dia logramos, & jà hoje naõ gozamos, ficamos mais rendidos às lançadas da dor, por ſentença de Boecio: *Infeliciſſimi infortunij genus eſt, fuiſſe felicem.* Naõ ha mayor deſgraça, q̃ ter ſido venturoſo: melhor he naõ dever à fortuna, que padecer o mal da infelicidade, & ficarlhe ainda devendo. Iſto meſmo he o q̃ hoje dizem os noſſos Profetas coraçoens penetrados de ſua mortal conſternaçaõ: quãdo olhaõ para o dia, q̃ naquelle Real Deſpo-

Boet. lib. 3. de Conſol. Philoſ.

ſorio

sorio lhes mostra lembrada hũa felicidade jà perdida; tambem dizẽ, q̃ a sua mayor desgraça he hoje, *fuisse felices*.

§. VI.

15 O Despozorio da nossa dignissima Rainha ha de considerarse em dous tempos: em hũ, quando se celebrou por representação de despozados ausentes na Corte de Hahildelberga: & em outro, quando depois à vista jà dos mesmos despozados presentes foy applaudido na Corte de Lisboa. O primeiro tempo he aquelle, no qual o Esposo se faz presente à Esposa na presença do amigo do Esposo. E o segundo tempo he aquelle, em que se vem já presentes Esposo, & Esposa; & satisfeitas as ausencias de ambos. Quando este Augustissimo Despozorio se celebrou com as ceremonias destas ausencias, contavamos dous de Julho: dia, em que a Igreja celebra a visita de Christo ao Bautista no ventre de Santa Isabel, como elle a reconheceo naquelle prodigioso *Exultavit infans in utero*. He expo- Luc. 1. 41.
sição sem controversia, & não necessita de mais prova. E como Christo, que então visitava, era o destinado Esposo da Igreja; & o Bautista então visitado, era o amigo do Esposo; & tudo confessa-

do por elle meſmo : Joan. 3. 29. *Qui habet ſponſam, ſponſus eſt: amicus ſponſi, qui ſtat, & audit eum:* bem diria a Portugal, quem naquelle dia lhe profetizaſſe grandes felicidades. Quẽ então lhe ſeguraſſe, que havia de ſer feliciſſimo o Deſpoſorio da ſua Rainha, por ſer em hum dia de aſſiſtencias de Chriſto, & do Bautiſta: de Chriſto, o Eſpoſo da Igreja, ainda auſente: & do Bautiſta, o amigo do Eſpoſo já preſẽte: *amicus ſponſi, qui ſtat.* Quãdo o meſmo Deſpoſorio foy applaudido na Corte de Lisboa, preſentes já as duas Mageſtades deſpoſadas; eraõ onze de Agoſto. E foi o dia mais feſtivo, que vio Portugal, na recreaçaõ de viſtas, na correſpondencia de affectos, no agrado de Parabens, na promeſſa de eſperanças : tudo pompa, tudo gala, tudo riqueza, & tudo Mageſtade: hũa repreſentaçaõ finalmẽte por ſemelhança do primeiro deſpoſorio, q̃ houve no mundo em hum Paraiſo todo delicioſo. E como dias ſemelhãtes ſaõ Pronoſticos de grandes felicidades, bẽ as prometteria a Portugal, quem naquelle dia as mediſſe pelo goſto de todos. *Gaudent populi, plauſuque ferũtur fœdera:* diſſe em hũ dia, como eſte, quem entaõ entendeo, que o coraçaõ era o melhor Profeta das felicidades de deſpoſorios: *DiviS. Cyrill. Corn. ad Joan.*

nant

Mic d. in Epithalam. Joan. Frideric. & Benedictæ Palat.

nant animis ventura beati dona puerperij, dignamque utroque parente progeniem. E quãdo hoje lembraõ os dias do Deſpoſorio da noſſa nunca eſquecida Rainha, depois de jà apagada, & por iſſo morta, aquella luz, q era alma de dias tam feſtivos; lamentaſe o deſengano da ſua Profecia, aindaque ſe naõ ouçaõ as lamentações. Naõ ha quem por ſentida eloquencia poſſa dar a ver a ſua pena, quando ella chega a ſer conſternação. Se a dor he aſſim aguda: baſta ſó a prizaõ das vozes, para a dar a entender. Iſto he o que ſó vio Iſaias profetizando a conſternação de Jeruſalem: vio a dor do coração de ſeus moradores nas vozes da citharа prezas: *Conticuit dulcedo citharæ.* Porq ſe lhe repreſentou aquelle inſtrumẽto mudo; deo a conſternaçaõ de Jeruſalem por entendida. E Jeremias cõ os olhos na meſma dor, ainda vio mais: naõ ſó a vio na harmonia de hum inſtrumento ſuſpenſa; mas tambem na de hum coro inteiro tornado todo em triſte choro: *Verſus eſt in luctum chorus noſter.* O q viraõ eſtes dous Profetas olhando para Jeruſalem, he o que padecem os noſſos coraçoens Profetas com os olhos em Portugal. Naõ ſó padecem a ſuſpenſaõ do ſeu goſto no paſmo das harmo-

Iſai. 24. 8. Corn. ad c. 23

Thren. 5. 15.

nias, que o applaudiaõ: *conticuit dulcedo citharæ*: paſſaõ a ſentir o meſmo goſto desfeito todo em lagrimas: *chorus verſus in luctum.*

16 Pelos meſmos termos ſignificou tambẽ Job a grande dor, que lhe atormentava o coração, lembrandoſe do dia, em que entrou neſte mundo, para nelle viver taõ atormentado: naõ ſó queria ver eſquecido aquelle dia: Job 3. 3. *Pereat dies, in qua natus ſum*: mas ainda o deſejava ver tornado Ibid. 4. em noite: *vertatur in tenebras*. O dia, q̃ lembra, como dia, ainda lembra com luz: ainda he dia: & Job queria, que foſſe todo noite aquelle dia: *vertatur in tenebras*: aquelle dia, que lhe deo a entrada para eſte Theatro univerſal de penas, de dores, & de lagrimas: *Dies, in quâ natus ſum.* Foy Job hum dos Profetas mais atribulados, que vemos nas Eſcrituras: foy Profeta; porque ſe entende, que dizia profeticamẽte de Chriſto, o que elle de ſi meſmo dizia: & foy o Profeta mais atribulado; porque as penas, que profetizou, tambem elle as padeceo. E como por permiſſaõ divina o coraçaõ deſte Profeta padecia as penas, q̃ profetizava: *Deus mollivit cor meum:* Job 23 16. naõ ſerá põderação ſem fundamẽto, ſe chamarmos ao ſeu coraçaõ, Profeta; aſſim como ſaõ Profẽtas

Pined. in Præfat. c. 7. n 5. c. 9. n. 3.

tas os noſſos corações. E he o motivo, porque o ſeu coraçaõ ſentia do meſmo modo, que os noſſos ſentem, a falta das felicidades paſſadas. *Cogitationes meæ diſſipatæ ſunt, torquentes cor meũ:* dizia o penalizado Profeta. Porq̃ os cuidados das minhas felicidades: *diſſipatæ ſunt:* por iſſo ellas ſaõ os atormentadores do meu coração: *torquentes cor meum.* Sinto aſſim tam atormentado o meu coração, dizẽ em nome de Job, Maluenda, & outros, que allega; porq̃; *Præſumptiones meæ de recuperanda felicitate irritæ factæ ſunt.* Porque as felicidades, em que cuidava, ou os cuidados das minhas felicidades: *diſſipatæ ſunt: irritæ factæ ſunt.* E não he iſto, o que ſente, & diz cada hum dos noſſos corações Profetas? Não ſe diminuîraõ, & cortáraõ já as felicidades, que elles profetizavão? Naõ ſaõ as ſuas conſternações: *torquẽtes cor:* porque as felicidades, em que ſe enlevavaõ: *ſunt diſſipatæ, ſunt irritæ?* Naõ querem, & deſejaõ finalmente, que aquelles dias do Deſpoſorio de ſua Rainha já defunta: aſſim o de dous de Julho; como o de onze de Agoſto, nos quaes ſe celebrou; paraque já mais naõ lembrem, nẽ já mais ſejaõ dias: *vertantur in tenebras?*

Job 17. 11.

Maluend. tom. ad Job.

§. VII.

17 Contamos mais outros dous dias, ambos felices, & infelices ambos para Portugal; & dos quaes podiaõ tambem dizer os seus Profetas corações: *dies illi vertantur in tenebras.* Não só o podião dizer do dia dous de Julho, & do dia onze de Agosto: dias, em que foy celebrado o Despoſorio da sua Sereniſſima Rainha. Tambẽ o podiaõ dizer dos dias de dous seus nacimentos: do dia, em que naceo para a vida em Alemanha: & do dia, em que naceo para o Reynado em Portugal. O mesmo he nacimento, que principio: & assim, como o começar a viver, he nacer para a vida; o começar a reynar, he nacer para o Reynado. Nacimẽto chamou S. Agoſtinho ao principio do Governo da Igreja no dia, em que Christo o deo a S. Pedro. *Rectè Eccleſiæ natalem ſedis illius colunt, quam Apoſtolus ſuſcepit, dicente Domino: Tu es Petrus, & ſuper hãc petram ædificabo Eccleſiam meam.* O nacimẽto pois da noſſa digniſſima Rainha para a vida em Alemanha, foy aos seis de Agosto, dia da Transfiguraçaõ de Christo; & por isso dia, muito para dar ditosa figura a quem naceo no mesmo dia. Como as luzes de Christo na-

S Aug. Serm. 15. de Sanctiſ.

Matth. 17. 2. naquelle dia: *Resplenduit facies ejus sicut Sol*: eraõ huma representação dos esplendores do seu Eterno nacimento: Psalm. 109. 3. *In splendoribus genui te*: bem profetizavão entaõ os que disseſſem, que nacia para grande luminoso no mundo, quem nacia em dia de tantas luzes: hũas vistas, & outras representadas. Mas oh dor crua! Oh dor sem algũ Lenitivo! E como vio Portugal nesse mesmo dia a sua Rainha? Como vio todo esse Magestoso esplendor? Virgil. Æneid. 2. *Quis talia fando temperet à lacrymis?* Eclipsado, apagado, & sepultado. Nem por ser o dia do seu nacimento, dia das luzes da Transfiguraçaõ de Christo; deixava tambem de ser dia, para figura das sombras do seu enterro: lugar tinha o Pronostico desta fatalidade em dia de tanta luz. No mesmo Tabor, onde Christo estava entre aquellas luzes, que eraõ hũ representativo dos esplendores de seu Eterno nacimento; estiveraõ tambem Profetas, Moyses, & Elias, que lhe fallavão no dia da sua morte: *Dicebant excessum ejus, quem cõpleturus erat in Jerusalem.* Luc. 9. 31. He verdade, que os coraçoens affeiçoados, os Profetas das nossas felicidades, aindaque no dia do nacimẽto da Soberana Rainha logo olhárão para o dia do seu Despoſorio; não previrão, que

eſſe meſmo dia o poderia tambẽ ſer da ſua ſepultura. Puderaõ entender, que a Princeza, que nacia em Alemanha em ſeis de Agoſto, havia de ſucceder no Throno, & na Coroa, a outra, que no meſmo dia ſe deſpoſava em Portugal. Mas, que o meſmo dia do ſeu nacimento havia de ſer o dia do ſeu enterro; iſſo não antevirão: ſendo, que o correlativo mais certo da gala das luzes, he a mortalha das trevas. No primeiro dia, em que o Sol nacco, para reſplãdecer, tambem naceo, para ſe ſepultar: *Oritur Sol, & occidit.* E iſto, em que não advertiraõ eſtes Profetas; he o q̃ nós temos advertido, & ainda em todos os annos himos chorando. Não ha dia de ſeis de Agoſto, que ſendo atè agora hũa lembrãça da mayor felicidade de Portugal; o não ſeja da ſua mayor deſgraça. Jà paſſou para ſempre aquelle dia, no qual viamos a devotiſſima Rainha celebrar o ſeu nacimento, tam agradecida a Deos pelo beneficio da vida, como ao affecto de ſeus vaſſallos, que lhe feſtejavão os annos. O ſeu agradecimento a Deos, era a profunda veneraçaõ, com que neſſe dia o recebia no diviniſſimo Sacramento. E o do affecto de ſeus vaſſallos, era o Mageſtoſo agrado, com que os admittia à ſua preſẽça.

Eccle. 1 5.

Jà

Jà em seis de Agosto naõ vemos isto: o que vemos, he luto sem medidas, he pranto sem pauzas, & he dor sem Lenitivos: se não na vista dos nossos olhos; na lembrança da sua sepultura.

18 O outro dia, tambem ditoso, & infausto tambem, como o dia, em que a nossa muito memoravel Rainha naceo para a vida; he o dia, em que naceo para o Reynado: o dia, em que começou a sua acclamação de Rainha, q foy no mesmo mez de Agosto, quando entrou na Corte; & ahi a vio, reconheceo, & adorou o Reyno. Nacer para hum Reyno, he o mesmo, que entrar na posse da sua Coroa, & subir ao seu Throno. Assim o dava a entender Xerxes celebrando todos os annos o dia, em que foy acclamado Rey: *Hunc diem, in quo Rex dictus est, tamquàm Imperij natalem singulis annis insignem celebrabat.* Fazia crer, que era dia de nacimento para o seu Reyno, o seu primeiro dia de coroado. E desta moralidade humana, não nos falta fundamento solido nas letras divinas. Assim como no cõceito de Xerxes tanto montava o primeiro dia de reynar, como o primeiro dia de nacer; no juizo profetico de Jeremias o mesmo era o ultimo dia de viver, que o dia ultimo de reynar. E

Alex. ab Alex. lib. 4. cap. 10.

por

por isso, quando queremos dizer, que acabou hũa vida; dizemos com este Profeta, que cahio hũa Coroa: *Cecidit corona capitis nostri.* Thren. Jerem. 5. 16.

Poz Jeremias os olhos no ultimo fim de Jerusalem, como se fosse o fim da vida daquella Monarchia; & explicou hũa vida acabada por hũa coroa cahida: *cecidit corona.* E então dizemos por consequencia: se o ultimo dia de Coroa, he como o ultimo de vida; vem a ser, como o primeiro dia do nacimẽto, o primeiro da Coroa.

19 Este dia do nacimento para o Reyno da nossa merecida Rainha, celebrado na primeira vez com todas as demostraçoens festivas, que a hum dia tam grande para Portugal eraõ, ou podiaõ ser acclamaçoens, q̃ o eternizassem; em todos os annos se via ser o mesmo nas repetidas graças, que por tam singular providencia rendia a Deos a piissima Rainha. Tambẽ: *Eum diem, in quo dicta est Regina, tamquàm Imperij sui natalem insignem celebrabat.* Naõ no publico da Corte; mas no interior do coraçaõ: nunca diminuindo as attençoens attrahida pela grandeza de tam elevada felicidade: mas sacrificandoas inteiras ao Supremo Author de todas. Fazia o que lhe deixou encomendado, como em testamento, seu

dignis-

dignissimo Pay no ultimo tempo das despedidas de ambos; & logo na primeira cauſula, q̃ assim lemos ainda hoje. *Em primeiro lugar noſſa Filha chariſſima por toda a ſua vida, naõ ſó cada dia, mas ainda, ſendo poſſivel, em todas as horas, terá vivo cuidado de trazer à memoria quanto deve a ſeu Creador, Redemptor, & Conſervador, medindo eſta obrigaçaõ por quantos beneficios tem recebido da liberal maõ de Sua Divina Mageſtade, & dando-lhe por todos infinitos louvores, & graças.* Eſte conſelho, que para a noſſa exactiſſima Rainha tinha forças de preceito, por ſer de tal Pay, & deixado a tal Filha; foy ſempre com promptidaõ ſeguido, & obſervado: principalmente nos dous dias dos ſeus dous nacimentos. No dia, em que naceo para a vida; & no dia, em que naceo para o Reyno: no principio do viver, a ſeis de Agoſto; & no principio do reynar, aos onze do meſmo mez. E ſaõ já hoje eſtes dias, como começáraõ, & como foraõ? Saõ nas lembranças preſentes, como eraõ nas viſtas paſſadas? Reſpondem os coraçoens feridos da ſua mortal conſternaçaõ: *Dies illi verſi ſunt in tenebras.* Já eſtes dias naõ ſaõ dias.

In Vita Comitis Palatini.

20 Notavel foy para Portugal eſte mez de Agoſto na vida, & morte

morte da ſua prezadiſſima Rainha. Naceo para a vida aos ſeis de Agoſto; & neſſe meſmo dia foy ſepultada. Naceo para o Reynado aos onze; dia do ſeu Deſpoſorio applaudido em Lisboa. Teve o primeiro fruto da ſua Real Succeſſaõ aos trinta: & foy o ſeu lamentavel tranſito aos quatro. Quem iſto diria da noſſa tam ſuſpirada Rainha? No meſmo mez Nacida, Deſpoſada, Rainha, Mãy, Morta, & Enterrada! Outra vez: quem iſto diria? Bem o poderiaõ dizer os primeiros Deſpoſados do mundo: & o poderiaõ dizer de hũ meſmo lugar, aſſim como nós o dizemos de hum meſmo mez. No meſmo Paraiſo nacidos: *Maſculum & feminam creavit eos.* Genes. 1. 27. No meſmo Paraiſo deſpoſados: *Erunt duo in carne una.* Genes. 2. 24. No meſmo Paraiſo Principes ſoberanos: *Subjicite terram, & dominamini univerſis animantibus.* Genes. 1. 28. No meſmo Paraiſo com fecunda bençaõ de Pays: *Benedixit Deus illis, & ait: Creſcite, & multiplicamini.* Ibid. E no meſmo Paraiſo à morte condenados: *Moriéris:* & para a terra da ſepultura deſtinados: *In pulverem revertêris.* Genes. 2. 17. Genes. 3. 19. Tam parecida foy como iſto a pouca duraçaõ das felicidades do Paraiſo com a das felicidades de Portugal, em hum, & outro deſpoſorio: mas naõ em

em hũa, & outra deſpoſada. A deſpoſada do Paraiſo: porque naõ obſervou o preceito de Deos, & correſpondeo logo com tanta ingratidaõ a tantos beneficios; perdeoſe a ſi, & deitounos a perder a nós. E a Deſpoſada de Portugal ſendo taõ obſervante dos preceitos do amantiſſimo Pay, & tam agradecida a Deos pela providencia de a fazer ſua Filha; perdeo dilatada vida, & nós neſta ſua perda toda a noſſa eſperança. Eſta he a conſternaçaõ de noſſos coraçoens, os Profetas de Portugal, vendo no meſmo mez renovada a lembrança das ſuas felicidades profetizadas, & juntamente cortadas. Com muito mais razaõ, do que Job, podiamos dizer deſte mez, o que elle diſſe de hum ſó dia, & de hũa ſó noite, quãdo ſe via atormentado da ſua dor. Do dia: *Pereat dies, in qua natus ſum:* naõ ſeja mais lembrado eſte dia. E da noite: *Nox, in qua conceptus eſt homo, non computetur in diebus anni, nec numeretur in menſibus:* naõ entre mais eſta noite nas medidas dos annos, nem no tempo dos mezes. E ſe a lembrança de hum ſó dia, & de hũa ſó noite da primeira entrada de Job neſte mundo para o logro das ſuas felicidades, que ſó conſiderava perdidas, o fazia querer, que nem o dia foſſe dia, nem a noite foſſe

Job 3. 3.

Ibid. 3. & 6.

foſſe tempo; nós que poderemos dizer da lembrança de hũ mez com tantos dias de felicidades logradas, & naõ ſó por conſideraçaõ acabadas? Diremos, que para dor tam penetrante do coraçaõ ſó poderá haver Lenitivo: ſe ou de todos os annos ſe tirar o mez de Agoſto: ou no mez de Agoſto ſe naõ contarem todos os dias.

§. VIII.

21 ATé aqui a cõſternaçaõ dos Profetas coraçoẽs: entremos na dos olhos Profetas. Como a ſua cauſa he hũa meſma; por iſſo ambas vem juntas: por iſſo o Profeta, de quẽ he o Texto: *Prophetæ conſternabuntur*: naõ vio huma, ſem outra. *Propterea mœſtum eſt cor noſtrum: ideò contenebrati ſunt oculi noſtri*: a meſma dor, que elle vio ferir o coraçaõ, via tambem aggravar os olhos: *Propterea mœſtum cor: ideò contenebrati oculi.* A profecia dos olhos em Alemanha: a dos Naturaes da noſſa Auguſtiſſima Rainha, que nas ſuas virtudes, & prendas lhe antevia a merecida Coroa, teve o ſeu fim profetizado. Veyo a ſer Rainha em Portugal aquella ſoberana Princeza, que já entaõ a conſideravaõ digniſſima do Throno. Naõ foy aſſim taõ certo o Pronoſtico dos Profetas olhos em Portugal

Thren. Jerem. 5.17.

tugal: naõ ſe vio lograda a duraçaõ de tantas felicidades, como a offerecia ao noſſo deſejo o cumulo de tantas prendas, & virtudes: o fim deſejado foy hum, & o fim viſto foy outro: foy muito diverſo o ſucceſſo do futuro. Era a Profecia dos noſſos olhos, a duraçaõ futura daquelle bem, que Portugal havia de lograr nas prendas, & virtudes da noſſa prezadiſſima Rainha. E porque naõ correſpõdeo o fim deſejado com eſta Profecia do deſejo; padecéraõ os Profetas olhos na falta deſte fim o tormẽto da ſua conſternaçaõ. Padecéraõ a meſma dor, que ferio mortalmente aos olhos de Moyſes. Vio eſte Profeta do monte Nebo a terra por Deos promettida; & logo morrendo por ſentença do meſmo Deos, a perdeo de viſta: *Aſcende in mõtem:* Deut. 32. 49. *vide terram Chanaan, & morere in monte.* Cõ hũa differença porèm, que faz a dor dos noſſos olhos muito mayor, q̃ a dor dos olhos de Moyſes: mayor a noſſa cõſternaçaõ, q̃ a ſua. Os olhos de Moyſes padecéraõ a ſua cõſternação hũa ſó vez; & os noſſos olhos ainda hoje padecem a ſua. E tanto he mayor hũa, que outra; quanto excede pena, que ainda atormenta, à pena, que jà deixou de atormentar. A pena, que ainda atormenta, continûa a

ſer

ſer pena: & a pena, que deixou de atormentar, paſſa a ſer Gloria. A primeira couſa, q̃ Deos faz aos Bemaventurados do Ceo, he enxugarlhes as lagrimas: he darlhes fim à conſternação dos ſeus olhos: Apocal. 7.17. *Abſterget Deus omnem lacrymam ab oculis eorum.* E como os noſſos olhos ainda não eſtão enxutos; a ſua conſternação ainda os atormenta, & elles não logrão ainda eſta Bemaventurança da terra. Por iſſo parecèrão ao Poeta bemaventurados todos aquelles, q̃ vendo os incẽdios de Troya, acabáraõ cõ a morte a conſternação dos ſeus olhos. Virgil. Æneid 1. *O ter quaterque beati, queis ante ora patrum Troiæ ſub mœnibus altis contigit oppetere.* Em quanto elles vivos, era a viſta daquellas ruinas dor intoleravel: & depois de mortos, julgouſe ſer Bemaventurança a falta daquella viſta: *queis Troiæ ſub mœnibus contigit oppetere; ter, quaterque beati.*

22 Eſte ſocego, & bemaventurança dos olhos, ſó com a morte ſe logra: em quanto houver dor penetrante, & houver olhos, que a ſintão; a ſua conſternação ſempre ha de atormentar. Hum dos q̃ mais padecèrão eſta dor de olhos, foy Jacob na auſencia de ſeu filho Joſeph: & ſó deſcanſárão os ſeus olhos, quando a morte lhos fechou, & não em quã-

to

Genes. 46. 30. to viveo : *Jam lætus moriar, quia vidi faciem tuam, & superstitem te relinquo :* disse, depois que o vio. Em quanto Jacob tinha olhos abertos, & não via o filho, não se lhe tirava a morte dos olhos: ainda estava em querer morrer, só para ir à sua presença : *Descendam ad* Genes. 37. 35. *filium meum lugens in infernum.* E só depois que o vio, & estava para fechar os olhos, a mesma morte lhe parecia descansada vida: *lætus moriar*. Ou Joseph visto, ou Jacob morto, erão os extremos da consternação dos seus olhos. A consternaçaõ porèm dos nossos dista muito da sua : vay muita differença de hũa dor à outra dor. Os olhos de Jacob, quando se queriaõ fechar, deixavaõ ao filho, para o poderem ver outros olhos: ainda Joseph podia ser visto dos olhos de seus Irmaõs. Tinhaõ por semelhãça aquelle alivio de ficar a purissima Virgem à vista de S. Joaõ: *Ecce filius tuus*: Joan. 19. 26. & S Joaõ à vista da purissima Virgem : *Ecce* Ibid. 27 *mater tua.* E os nossos olhos, quando se fecharem, naõ haõ de deixar a nossa muito suspirada Rainha, para que outros olhos a possaõ ver: naõ ha de ficar esta amabilissima Mãy à vista dos olhos de seus amantissimos Filhos, para se lhes dizer: *Ecce mater.* Jacob teve alivio, quando vio

O o Fi=

o filho; & quando depois o deixou quando vio o filho; porq o tinha presente: *vidi faciem tuam*: & quando o deixou; porque ficava vivo: *superstitem te relinquo*. Tinhaõ os seus olhos Lenitivo no tẽpo de os abrir, & para o tempo de os fechar: & os nossos olhos nesta ausencia taõ distante da nossa muito desejada Rainha, não podem ter este Lenitivo. Nem, em quanto abertos, teraõ já mais o alivio de lhe tornarem alegrar a presença: nem ao tempo de os fechar a morte o poderáõ ter, de a deixarem com vida: *superstitem te relinquo*.

§. IX.

23 NAõ he só esta a causa da consternaçaõ dos nossos olhos: não he só, porque não temos presente aos olhos abertos a amabilissima Rainha; nem porque, quando os fecharmos, a naõ havemos deixar presẽte a outros olhos. He, porque não vem os olhos o que tinhaõ profetizado: porq não vem as soberanas prendas, & illustres virtudes da nossa dignissima Rainha cõtinuadas na duraçaõ, assim como as tinhaõ previsto no desejo Da natureza dos olhos não he só o ver: tambem he o esperar: *Oculi omnium in te sperant*, Psalm. 144.15

rant, Domine. E por conſequencia tambem he o prometter, ſe em Deos foy o eſperar. Prometter aos homẽs, o q̃ ſe eſpera de Deos; he ſegurar a promeſſa no ſeguro da eſperãça. Por iſſo os olhos Profetas de Portugal eſperavaõ da liberal mão de Deos, não ſó ver a ſua tam deſejada Rainha; mas tambem nos promettiaõ em muitos annos de ſua vida outros tãtos de logro das ſuas virtudes, & prendas. E porq̃ vem agora nos ſeus annos taõ brevemente cortados malograda para ſempre a ſua eſperança, & ſem effeito a ſua promeſſa; por iſſo lamentavelmente *conſternantur*. Nem he para ſe eſtranhar nos olhos o eſperar, & o prometter; tendoſe jà viſto nas mãos o aconſelhar: *Operata eſt conſilio manuum ſuarum:* & na boca o querer: *Voluntate labiorum ejus non fraudaſti eum.* E ſe em algũ ſentido naõ he novidade haver conſelho nas mãos, & vontade na boca; tambẽ o não deve ſer a eſperãça, & a promeſſa nos olhos. Antes, porque vemos a Deos ſatisfazer a võtade da boca: *voluntate labiorum non fraudaſti*: tambem ſe póde entender, que ſatisfaz a eſperança, & promeſſa dos olhos: *ſperant oculi.* Prouerb. 31. 13. Pſalm. 20. 3.

24 A falta deſta promeſſa, & daquella eſperança choraõ ainda

hoje os olhos Profetas de Portugal: & aquelles, que mais frequentemente viaõ os actos heroicos das virtudes da amabiliſſima Rainha, & de mais perto admiravaõ as ſuas prẽdas; com lagrimas ainda mais ſentidas lamentaõ a ſua mortal auſencia: lembraõſe do que viraõ, & choraõ o que já naõ vem. Lembraſe a Marqueza de Unhaõ, digniſſima Aya de Suas Altezas Sereniſſimas; & algũas das Damas do Paço entaõ aſſiſtentes, entre as quaes foy D. Leonor Joſefa de Vilhana de ſua particular eſtimaçaõ, tambem ſe lembraõ de lhes haver pedido, ou ordenado a devotiſſima Rainha, que quando a viſſem na meſa mais goſtoſa de algum prato, lho tiraſſem, & guardaſſem em hum dos ſeus apoſentos. Oh quanto choraõ ainda hoje os olhos arbitros de tam rara virtude; porque vendo entaõ o que admiravaõ; já naõ vem hoje continuado o exercicio de actos tam illuſtres, & exemplos tam ſantos na ſua muito memoravel Rainha! Era hũa contenda de muito agrado aos olhos de Deos, quando da parte da piiſſima Rainha inſtava o dito preceito da ſua mortificaçaõ; & da parte das ſervẽtes da meſa ſe duvidava a ſua obediencia; & por fim vinha a ceder o reſpeito à virtude.

tude. E para ſer ainda mayor eſte divino agrado; logo depois da virtude da abſtinencia ſe via ſeguir a da charidade: porque o prato aſſim reſervado, ou era para alivio de algum enfermo, ou para a neceſſidade de algum pobre. A primeira culpa, que Deos caſtigou no mundo, foy a de Eva, por ſe deixar vencer do goſto de hum pomo: porque tantoque appeteceo, comeo: *Tulit, & comêdit.* Sim era filha de Eva; mas naõ o parecia a Auguſtiſſima Rainha: naõ lhe negando a deſcendencia, a vencia no eſpirito. Eva ſem nenhũa mortificaçaõ do goſto no Paraiſo: & a Auguſtiſsima Rainha com tam ſingular exemplo deſta virtude no Paço. Eva deixando de ſer Princeza Soberana, por ſe render ao goſto de hum bocado: & tambem eſquecendoſe de ſer Mãy, por botar a perder os Filhos. E a Auguſtiſsima Rainha, por naõ abater o ſeu generoſo eſpirito a huma liſonja do appetite; & por tirar o mais goſtoſo bocado da boca, para o dar a enfermos, & pobres, que tratava, como Filhos; elevando muito mais o ſeu grãde amor de Mãy. Toda eſta diferença naceo, de olhar tanto Eva para o delicioſo da terra: & a noſſa piiſsima Rainha, trazer os olhos no precioſo do Ceo. Quem olha do alto para baixo:

Geneſ. 3. 6.

xo: do Ceo para a terra; vay selhe o lume dos olhos, & cegase com os enganos dos gostos do mundo. E quẽ olha de baixo para o alto da terra para o Ceo; não se lhe perturba a vista; & só as delicias do Ceo lhe levão os olhos. Assim se viraõ elevados muitas vezes os da devotissima Rainha, quãdo se divertia, ou da honesta recreação, ou deixava a suave Musica, dando para estas retiradas industriosos pretextos; & se recolhia então a lugar secreto, onde sacrificava aquelle tempo à Oraçaõ, & presença de Deos. E se por divertimento admittia o alivio de algũ jogo licito com as Damas do Paço, ou lemelhantes sujeitos do seu cortejo domestico; primeiro propunha, & offerecia hum jogo, no qual dizia que todas haviaõ de ganhar. E depois de promettido o consentimento, que lhes pedia; entrava o jogo, que começava por hum Livrinho de Meditaçoens, no qual a mesma Augustissima Rainha lia dous pontos, em que todas meditavão por espaço de hum quarto. Este era o jogo: & se o jogo de Deos, he o estar com os homens; & com os homens está Deos no tempo da Oração; digaõ os que lem as Escrituras: se a aquella mesa de jogo convinha bem esta letra: *Ludens in orbe terrarum: esse cum* Pro. verb. 8. 31.

cum filijs hominum. As viſtas pois de taõ exercitadas virtudes, q̃ naquelle tempo eraõ hũa ſuſpenſaõ dos olhos; ſaõ hoje neſte a ſua mayor pena, & a mais porfiada conſternaçaõ. Eſtes exercicios da Sereniſſima Rainha, que ainda lembraõ: eſtes ſeus apoſentos, onde os frequentava, que ainda ſe vem; ſaõ hũs deſpertadores de noſſa ſaudade ſem remedio, & da noſſa dor ſem Lenitivo.

25 E não ſó, em quãto eſtes retiros ſe conſideravão Sacrarios para a Oração: mas tambem, quando ſervião para pratica dos primeiros rudimentos da milicia; magoão hoje lembrados, porque jà não ſaõ aſsiſtidos de quẽ nelles tinha tambem eſte Magiſterio. Como as Reaes prendas de tam ſingular Rainha de Portugal eraõ igualmente informadas por eſpiritos devotos, & animadas pelos generoſos; na meſma Aula, onde fora viſta enſinar aos Sereniſſimos Principes, o Senhor D. João, & o Senhor D. Franciſco, as obrigaçoens de Chriſtãos; tambem ſe vio em algũs tempos, quãdo ainda muito meninos, darlhes no manejo das armas as primeiras lições de Soldados. Com as ſuas proprias mãos lhes eſcorvava hũa pequena eſcopeta, ou arma ſemelhante, accõmodada no pezo

aos braços dos dous alumnos; que tam applicados naquella hora à diſciplina militar, como reverentes à materna, aprendião as induſtrias neceſſarias, para a deſarmar. E ſe por caſo ao ferir do fogo voltavão o roſto, experimentavão competente coacção; como a ſofrem os filhos da Aguia, ſe ainda do ninho naõ fazem roſto aos rayos do Sol. *Pullos implumes cogit adverſus intueri ſolem; & perculit eum, qui recuſat.* Aguia era Real, & Imperial tambẽ a noſſa Auguſtiſsima Rainha: & poſtoque digniſsima de ſer a Mãy do amor de ſeus Filhos; em nenhũa acçaõ de Principes os queria ver cegos. Como Filhos de tal Aguia, havião de pôr os olhos no Divino Sol, exercitando virtudes; & moſtrar tambem no exercicio das armas, que a Rainha das Aves não he Progenitora das q̃ ſaõ covardes: *Nec imbellem feroces progenerant aquilæ columbam.* Horat. lib. 4. Od. 4. Enſinar as virtudes, & entender das armas, jà o fez S. Paulo na ſua Eſcola. Enſinava a pureza da Juſtiça: & a eſta virtude chamava, *Loricam juſtitiæ.* Enſinava a cõſtancia da Fè: & a eſta virtude chamava, *Scutum fidei.* Enſinava a vigilancia da ſalvação da alma: & a eſta virtude chamava, *Galeam ſalutis.* Enſinava a efficacia da palavra de

Ariſt. lib. 9. animal. cap. 34.

Ad Eph. 6. 14.

Ibid. 16

Ibid. 17

de Deos: & a esta virtude chamava, *Gladiũ ſpiritûs*. Assim saõ entre si correspondidas a harmonia das virtudes, & a das armas: a primeira para ornato da alma: a segunda para semelhança desse ornato: hũa, como coro de virtudes representadas; outra, como representaçaõ de virtudes. Nenhũa outra cousa nos dizem haver na alma mais virtuosa: *Quid videbis in Sulamite:* senaõ harmonias de exercitos: *Niſi choros caſtrorum*: ou como vertem outros: *Niſi opera agonum*: *niſi choros armatos*. Entre todos os que quizeraõ saber a razaõ de ser hũa alma santa: *Terribilis ut caſtrorum acies ordinata:* disse com nosco Beda: *Quia univerſam virtutum aciem in ſe habet inſtructam*: porque o mesmo saõ virtudes perfeitas, que armas bem ordenadas. A mayor gloria de Judith foy, ser juntamente Santa, & generosa: saber armarse de virtudes, & tomar armas: no mesmo tempo pôr os olhos em Deos: *Confirma me, Domine:* & as maõs no punhal: *Pugionem exolvit*.

Ibid. Corn. hic.

Cant. 7. 1.

Lyran. Guilher Pariſ. in Cant.

Beda in Cant. 6.

Judith 13. 11.

Ibid. 8.

26 Esta consonancia entre virtudes, & armas, naõ era só o abono da dignissima Rainha de Portugal para os primeiros estudos militares, em que exercitava aos Serenissimos Principes seus Filhos. A consideraçaõ tam-

tambẽ de ſer Eſpoſa de hũ Rey Portuguez, & Filha de hũ Pay Alemaõ, era muito particular eſtimulo, para cuidar deſtes enſayos. Aſſim o havemos de entender da ſuaviſſima repoſta, que deo a ElRey noſſo Senhor, quando em hũa occaſiaõ lhe reparou no rigor, aindaque de Mãy, comque tomava conta da lição aos dous diſcipulos. E foy querer, q̃ ſeus Filhos não ſó foſſẽ temidos pelo valor Portuguez herdado de ſeu Pay; mas tambem pelo Germanico participado de ſua Mãy. E pudera acrecentar, que exemplo tinha para ſeguir, na Auguſtiſſima Mãy do Sereniſſimo Rey D. Sebaſtião, que de Heſpanha nenhuma outra couſa lhe coſtumava mandar, ſenão armas, ainda crecendo elle na ſua primeira idade. *Joanna Auſtriaca Sebaſtiani Parens ex Hiſpania filio vixdum adulto nulla ferè alia mittitare crepundia muneraque conſuevit, præter gladiolos, clypeoſque, & ferreas fiſtulas, cæteraque hujus generis irritamenta genij militaris.* E o motivo de querer influir no ſangue dos dignifſimos Filhos os eſpiritos do ſeu, tambem era hereditario da ſua conhecida, & elevada Aſcendencia: porq̃ nas ultimas horas da preſença, quando ſe deſpedia para Portugal, lhe encomendou ſeu amãtiſſimo

Sacchin in Hiſt. Societ. P. 4. lib. 6. n. 192.

tiſsimo Pay, que nunca ſe eſqueceſſe das obrigaçoens do ſangue, q̃ tinha acquirido por nacimento. Entre eſtas havemos de entender, que era hũa a que hi-mos cõſiderando: a do cuidado de que os ſeus Auguſtiſsimos Filhos moſtraſſem, que eraõ filhos de Aguia; & que logo do ninho tinhão olhos, para reſiſtir às luzes do Sol. E ſem q̃ ſejaõ Aguias, nem eſtudem competẽcias cõ o Sol, as Mãys dos Baleares, dos Cadurcos, dos Acarnanes, & dos Ethiopes, iſto meſmo fazem aos ſeus filhos: tambem nos annos da puericia os enſinaõ a ler ſoldados: *Matres infantes pueros ab ipſis vitæ incunabulis his diſciplinis aſſuefaciunt.* E com tal exacção, que ſem primeiro preceder a boa conta do exercicio das armas: *Priùs funda*: não ſe lhes dá o ſuſtento: *cibo veſci prohibentur.* Cõ hũa grande differença porèm do que fazem eſtas Mãys aos ſeus Filhos, ao que fazia com os ſeus a Sereniſsima Rainha ſua Mãy. Aquellas Mãys davaõ aos Filhos nas horas do ſeu exercicio militar o ſuſtento do corpo: & a noſſa piiſſima Rainha alimentava os ſeus com o do eſpirito. Perſuadindo a ambos, q̃ não temeſſem o perigo das armas; lhes dizia, q̃ ſó devião temer a indignação de Deos. Aquellas Mãys primeiro

Alex ab Alex. lib. 2. c. 25.

meiro entravaõ com os Filhos à prática das armas: *Priùs funda:* & depois ſe ſeguia a diſtribuiçaõ do ſuſtento: *cibo veſci*: & a muito memoravel Rainha de Portugal, primeiro propunha, & intimava aos Sereniſsimos Principes o temor de Deos; & então os inſtruhia no exercicio das armas. Queria ver em cada hum de ſeus Filhos hum David: primeiro os olhos em Deos, ainda que a contenda fôſſe com Gigãtes; como fez David antes de entrar na batalha com o Filiſteo: *Venio ad te in nomine Domini*: & depois o uſo da funda: *Tulit unũ lapidem, & fundâ jecit.* Ah olhos Profetas do noſſo Portugal! Naõ erão eſtas as prẽdas, & as virtudes da voſſa Rainha, que no futuro do voſſo deſejo viſtes durar por muitos, & muitos annos? E como ſe cumprio a voſſa Profecia? Era ſó de doze annos o tempo do ſeu Reynado viſto no voſſo Pronoſtico? E a voſſa conſternação na falta deſtas viſtas tem, ou terá algum Lenitivo?

1. Reg. 17. 45. Ibid. 49

§. X.

27 MUdemos agora de viſtas: & deixando as q̃ foraõ das maõs da noſſa generoſiſſima Rainha, em quanto detidas na pratica de armas; paſſemos às q̃ ſe viraõ

na

na frequente diſtribuiçaõ das ſuas eſmolas, que tambem ſaõ armas. Como o Reyno do Ceo ha de ſer entrado por força: *Regnum cælorum vim patitur*: & os ſeus combatentes, ſaõ os que o entraõ: *& violenti rapiunt illud*: neceſſariamente havia de haver armas para eſta conquiſta; & tambem mãos, que moveſſem eſſas armas: & tudo ha. As armas ſaõ as eſmolas, diz o doutiſſimo Cornelio: *Eleemoſyna expugnat cælum*. E as maõs, que com ellas ſe armaõ, ſaõ agora por exẽplo as da noſſa Miſericordioſa Rainha: *Manum ſuam aperuit inopi, & palmas ſuas extendit ad pauperem.* O meſmo he andar a maõ aberta para o neceſſitado: *manum inopi: palmas pauperi*: que ver conquiſtar o Ceo com maõ armada: *eleemoſyna expugnat cælum*. A mais geral campanha dos que haõ de entrar aquelle Reyno, he a q̃ ſe ha de ver no ultimo dia do mundo. E ſendo todas as virtudes, & boas obras, as que abriraõ os caminhos, para ſe chegar a combater aquellas muralhas celeſtes; a virtude, que ſe ha de nomear a victorioſa, he a Miſericordia. Aſsim ſe entende aquella ſentença dos Proverbios: *Qui pronus eſt ad miſericordiam, benedicetur*: que os Setenta vertem: *Qui miſeretur pauperis, victoriam*

Matth. 11. 12.

Ibid.

Com. in Proverb. 22

Prov. 31. 20.

Prov. 22. 9.

riam acquirit. A esmóla he a que se ha de coroar, para se coroarem todas. *Venite benedicti, possidete paratum vobis regnum:* porque ao faminto *dedistis manducare:* ao sequioso *dedistis bibere:* ao enfermo *visitastis:* ao despido *cooperuistis:* & ao encarcerado *venistis.* De maneira, que os merecimentos de todos os conquistadores do Reyno do Ceo: a constancia dos Martyres, a vigilia dos Confessores, a austeridade dos Anacoretas, a paciencia dos Innocẽtes, & a pureza das Virgẽs; todas estas virtudes se haõ de comprehender laureadas, & triunfantes na misericordia cõ os pobres: a esmola he a q *victoriam acquiret.*

Matth. 25. 34.

28 Naõ direy eu aqui, nem o numero, nem o valor das esmolas, que distribuiraõ as liberalissimas maõs da muito pia, & muito compadecida dos pobres, a Rainha nossa Senhora; porque destes exemplos muito mais nos encobria o seu segredo, do que viaõ os nossos olhos. Mas sim devo dizer a singular destreza, & notavel advertencia, com que jugava estas armas: sendo muito grande a importancia deste dispendio; ainda era mayor o entendimento, com que dispendia. Occasiaõ se vio, em que dando por suas proprias mãos as costumadas esmolas aos po=

pobres mais humildes, que lha vinhaõ pedir chegados à ſua liteira; hum dos doze Moços da Camera, & obrigados à ordinaria comitiva, lhe fez advertencia, que hum daquelles pobres havendo já levado hũa eſmola, hia ſegunda vez levando outra. *Naõ vos louvo o zelo*, reſpondeo a prudentiſſima Rainha: *todos eſtes pobres ſaõ hum ſó; & hũa ſó he a mão, que leva todas eſtas eſmolas.* Conſiderava em todos elles a Chriſto; que ſendo hum ſó, eſtá em todos os pobres por aquella ſua propria ſentença: *Quamdiù feciſtis uni ex his minimis, mihi feciſtis.* Boa repreſentação eſta de Chriſto ſacramẽtado: Chriſto hum ſó em todos os pobres, por conſideraçaõ da piiſſima Rainha; aſſim como hũ ſó em todas as hoſtias por reproduçaõ do Corpo de Chriſto. Muito parecida a eſta ſua ſentença ſe lhe ouvio tambem outra: como ſempre conſiderava a Chriſto preſente na preſença dos pobres; correſpondiaõ tambem ſempre as ſuas palavras cõ as ſuas obras. Todos os pobres eraõ hum ſó pobre; porque a ſua cõſideraçaõ lhe repreſentava em todos a Chriſto. E porque via repreſentadas as mãos de Chriſto nas mãos dos pobres; naõ queria, que outras mãos, ſe naõ as ſuas, diſtribuiſſem aos pobres as ſuas eſmolas.

Matth. 25. 40.

Por

Por isso a hum dos familiares domesticos,& immediatos aos lados da liteira, que se offerecia para receber as esmolas das Reaes mãos,& passalas às dos pobres, disse a muito devota, & muito judiciosa Rainha: *As mãos destes pobres naõ saõ inferiores às minhas; mas antes, porque eu sey de quem saõ as suas; as minhas naõ saõ melhores, nem tam boas.* Com estas tam bem ponderadas consideraçoens repartia a devotissima Rainha as suas esmolas; porque as repartia, naõ só com vontade, mas tambem com entendimento. Dava a esmola, & sabia quem era o pobre, a quem a dava: & desta sorte justamente merecia aquella Bemaventurança considerada por David: *Beatus, qui intelligit super egenum & pauperem.* Pſal 40. 2. E aindaque no sentido commum dos que discorrem esta letra, a Bemaventurança, de que falla o Profeta, he dos que soccorrem aos pobres com cuidado; no sentido particular de alguns, he dos que daõ a esmola com entendimento. He bemaventurado aquelle, que com prudencia, & discriçaõ faz a esmola: *beatus qui intelligit.* Aquelle, que não só attende à necessidade do pobre, quando faz a esmola; mas tambem ao entendimento, com que a faz. He bem, q̃ se entenda, discorre a sutileza S. Petr. Chrysol Lotin. Bellarm apud Leblãc. ad Pſal. 40.

tileza de Chryſologo: *Quòd ipſe, qui cælum tegit, ſit nudus in paupere: quòd in eſuriente eſuriat ſaturitas: & quòd ſitiat in ſitiente fons fontium.* Que veja deſpido no pobre ao q̃ nos veſte: com fome no faminto ao que nos ſuſtenta: & com ſede no ſequioſo ao que nos refrigera. E deſta ſorte ſoccorria aos pobres a noſſa muito ſuſpirada Rainha: não dava eſmola, ſem que nella foſſe a ſua vontade, & o ſeu entendimento. A ſua vontade para o pobre viſto: & o ſeu entendimento para o pobre repreſentado.

29 E para mayor elogio da amabiliſſima Rainha, ainda temos mais que admirar: naõ ſó dava as ſuas eſmolas com o ſeu entendimẽto; mas do modo que ſe póde dizer, as dava com o entendimento de Chriſto: entendendo, quem he o pobre, a quem ſe faz a eſmola; porque Chriſto nos faz entender, que elle meſmo he eſſe pobre. E por iſſo, não ſó conſiderava a Chriſto nos pobres; mas tambẽ os chamava Irmãos ſeus; aſſim como Chriſto os tinha por ſeus Irmãos: *Quamdiù feciſtis uni ex his fratribus meis.* Perguntada hum dia, ſe tinha muitos Irmãos, & reſpondendo que muitos; eſtando depois na repartição das ſuas eſmolas, diſſe a quem lhe havia feito a pergunta, apontando para os pobres, Matth. 25. 40.

bres, que eſtavão preſentes: *Eſtes ſaõ os meus Irmãos, que eu affirmei, que tinha.* Tambem então reſpondeo, como havia reſpondido Chriſto, quando lhe diſſeraõ, que ſeus Irmãos o
Matth. 12. 47. buſcavão: *Ecce fratres tui foris ſtant quærentes te:* apontando tambem para os pobres diſcipulos, diſſe o meſmo:
Ibid. 49 *Ecce fratres mei.* E eſta he a razão, porque a piiſſima Rainha, & amantiſsima Mãy dos pobres dava as ſuas eſmolas, não ſó como ella entendia; mas tambem como entendia Chriſto. Hũa vez reconhecendo a Chriſto no pobre; & por iſſo dizia: *Todos os pobres ſaõ hum ſó pobre.* Outra vez entendendo, que os pobres eraõ ſeus Irmãos; & por iſſo dizia: *os meus Irmãos ſaõ eſtes pobres.* Demos ainda mais alma a eſta ponderação: a eſta eſmola dada com vontade, & com entendimẽto. Como ſempre ſe deve dar com amor do pobre, & pelo amor de Deos; pede mais reflexoens eſte amor. Dar a eſmola ao neceſsitado, compadecendoſe da ſua pobreza; he amalo com a vontade, & como a ſi meſmo: *Diliges proximum ſicut te ipſum.* Dar
Luc. 10. 27. a eſmola ao pobre, entendendo que aquelle pobre he Chriſto, & que aquelle neceſsitado he Irmão de quem dá a eſmola; he amalo com o entendimento: & por ſemelhança, he amalo,

amalo, como Deos quer ser amado: *Diliges Deum ex corde, & ex mente.* Deos manda, que amemos ao proximo com aquelle amor, q̃ se chama amor: *diliges.* E quer que o amemos a elle cõ o amor, q̃ tambẽ se explica por entendimento: *diliges ex mente.* Aquelle coração, & aquelle entendimento, com que Deos quer ser amado, tudo he o mesmo amor: & tambem quando nos diz, que o amemos: *ex tota anima*: tudo he hum só amor, chamado coração, entendimento, & alma. Mas explicase, como amor, coração, & tambem como amor, entendimento, ou alma, quando he amor de Deos; porque esse he o amor, com que Deos deve ser amado: *Ex toto corde: ex omni mente.* E quem deste modo entende, quando faz a esmola ao pobre: he aquelle Bemavẽturado: *Beatus, qui intelligit super egenum & pauperem.*

Ibid.

§. XI.

30 ASsim era dotada de prẽdas, & virtudes a nossa muito desejada, & muito suspirada Rainha. E se a sua duração era o que os Profetas olhos tinhaõ previsto no futuro dos seus desejos; quanto poderáõ sentir hoje vendoa jà acabada? Quanto poderáõ sentir hoje os olhos da-

quelles pobres, que a amantiſsima Rainha ſoccorria, como a Irmãos, ſem poderem jà ver a quem tanto os trazia diãte dos olhos? Poderáõ ſó dizer o que dizia David, quando ſe conſiderava deſemparado dos que o havião conhecido; & aſsim afflicto ſe lamentava diPſal. 87 9. ante de Deos. *Longè feciſti notos meos à me:* jà não vejo a quem me Ibid. 10 via. *Oculi mei languerunt præ inopia:* ſinto quaſi mortos os meus olhos; porque lhes falta a viſta dos que me amavaõ. E a mayor cõſternação, que padeço (diz por elle Genebrardo) he ver, que nunca ſahirey deſtas Genebr hîc. anguſtias: *Non video exitum in his malis, neque liberationem.* E ſe nós havemos de accõmodar eſta afflicçaõ de David à dor dos olhos deſtes pobres: *Oculi mei languerunt præ inopia*: havemos de conſiderar nos ſeus olhos o tormento de duas pobrezas. Hũa pobreza: *præ inopia:* porque jà naõ vem a quem conheciaõ por ſeu emparo: *longè feciſti notam à nobis.* Outra pobreza: *præ inopia*: porque o emparo, de que ſe vem deſtituidos, naõ era ſó de hũa Rainha, a quem conheciaõ, como Rainha: mas de hũa Rainha, que os amava como Irmãos: *os meus Irmãos ſaõ os pobres.* Joſeph, o ViſoRey do Egypto, vendo diante de ſi a ſeus Irmãos famintos;

mintos; & tendo muito paõ, que lhes dar, & elles poderem levar; não pode ter as lagrimas fechadas: *Avertit se parumper, & flevit.* E q̃ lagrimas não verteraõ, ou deixaráõ de verter os pobres de Portugal, se jà lhes falta o paõ, de que vivião; & a Rainha sua Irmãa, que os sustentava com o paõ? Joseph, aindaq̃ chorou à vista dos Irmãos padecendo fome; tinha os Irmãos à vista: no mesmo tempo, em que os chorava famintos, os via presentes. Os necessitados porèm de Portugal, não choraõ só o tormento da fome na falta do paõ; mas tambem o tormẽto da vista na falta da presença de quem lhes matava a fome. *Non saturatur oculus visu*: lemos nas sentenças do Sabio. O sentido da vista sempre está faminto: nunca se farta de ver. E se os olhos sempre tem esta fome, ainda vendo sempre; os nossos Profetas olhos, que jà não vem o que vião, & estão sempre padecendo, porq̃ não vem; qual será a sua fome? Qual será a sua dor? Qual será á sua consternação? E qual será o seu Lenitivo? Ver muito, & desejar ver muito mais; he fome dos nossos olhos no mundo: *Non saturatur oculus visu*: mas naõ he tormento da vista. Se sempre desejão ver mais; tambem sempre estaõ vendo muito.

Gen. 42. 24.

Eccle. 1. 8.

Mas não ver o bem, q̃ jà ſe vio, & ſem eſperança da ſua viſta; he nunca ver o fim ao tormento de não ver. He a dor dos olhos de David: *languerũt oculi præ inopia:* & he a deſeſperação do Lenitivo deſſa dor: *non video exitũ in his malis.*

31 Eſte foy o fim das Profecias dos noſſos coraçoens, & dos noſſos olhos, os Profetas de Portugal. Se chegáraõ a ver cumpridos os ſeus deſejos, que nós chamamos ſuas Profecias, nas felicidades q̃ logrou Portugal; tambem a eſſas meſmas felicidades logradas, viraõ brevemente acabadas. Sim vio Portugal a ſua deſejada Rainha: & no ſeu Reynado fim viraõ os olhos as ſuas Reaes prendas, & illuſtres virtudes. Mas, porque nunca foy imaginada a preſſa, com q̃ a morte cortou eſtas felicidades; huns, & outros Profetas: coraçoens, & olhos, experimentáraõ a conſternação futura do Texto, que acabamos de diſcorrer: *Prophetæ cõſternabuntur.* He o coraçaõ humano o centro dos deſejos: nelle nacem, nelle crecem, nelle vivem, & nelle morrem. Aſſim como os olhos ſaõ o theatro, onde os deſejos ſe daõ a ver; ou entrando, ou ſaindo, ou parados, ou acabados. Nos noſſos coraçoens, & tambem nos noſſos olhos, como Profetas, que pro-

prometterão a Portugal as suas felicidades desejadas, tudo isto se vio. Nos nossos coraçoens nacérão os desejos, quando começou a amanhecer a esperança de vermos a nossa suspirada Rainha. Nos nossos coraçoens crecérão os desejos, quando se foy dispondo o seu Augustissimo Desposorio. Nos nossos coraçoens vivérão os desejos, quando lhe annunciavamos muitos annos de vida. E nos nossos coraçoens morrérão os desejos, quãdo com a sua morte os enterramos na sua sepultura. Os nossos olhos saõ o theatro, onde se vem entrar os desejos, porque os olhos saõ os primeiros, que festejaõ as suas entradas. Saõ o theatro, aonde se vem sair os desejos; porque da alma para os olhos fazem os desejos as suas sahidas. Saõ o theatro, onde paraõ os desejos; porque tanto duraõ os desejos nos olhos, quãto as cousas desejadas. E saõ o theatro, onde acabaó os desejos; porque naõ havendo mais que desejar, naõ tem os olhos mais que ver: & taes foraõ os desejos das nossas felicidades nos nossos olhos. Desejamos ver a nossa amabilissima Rainha; & entaõ entráraõ pelos olhos os nossos desejos. Tivemos a felicidade de a ver; & entaõ sahíraõ os nossos desejos da alma para os olhos.

Logramos a ſua Real preſença; & entaõ deſcanſáraõ nos olhos os deſejos. Foraõ para a ſepultura as ſuas prezadiſſimas prendas, & os exemplos das ſuas ſuaviſsimas virtudes; & entaõ fecháraõ as portas dos deſejos os noſſos olhos. E porque neſte mundo tantos ſaõ os noſſos deſejos, quantos ſaõ os ſeus enganos; o que agora dizem os Profetas coraçoens, & os Profetas olhos; he o que delles ſe dizia no principio deſte diſcurſo: *Proſpera prophetárunt; & videntes ſe falli, conſternabuntur.*

DISCURSO V.

Et dixi: Ergone deceptiſti populum iſtum, dicens: Pax erit vobis?

§. I.

1 LOgo, Altiſsimo Senhor, ſe coraçoens, & olhos Profetas das noſſas felicidades, ſaõ hoje os enganados; naõ diremos, que diſpuzeſtes vós eſtes enganos? Naõ diremos, que nos prometteſtes o que pediaõ os noſſos deſejos; & que naõ correſpondéraõ com as voſſas promeſſas os noſſos ſucceſſos?

ceſſos? Se vós fiaſtes dos deſejos dos noſſos coraçoens, & dos noſſos olhos a promeſſa das noſſas felicidades: & aſſim olhos, como coraçoens ſentem, & choraõ hoje o ſeu deſengano; naõ nos ſerá permittido tambem dizervos: *Ergone decepiſti?* E que Portugal foy o enganado: *populum iſtum?* E que o engano foy a falta da paz promettida: *dicens, Pax erit vobis?* Se Jeremias, ſem offenſa voſſa, & deſculpada a ſua confiança, pode arguir, do modo que podia ſer, a voſſa palavra; deſculpados nós tambẽ com a noſſa dor, aſſim como elle com o ſeu ſentimento, bem podemos fallar por ſua meſma boca: bem podemos duvidar, como elle duvidou. E para o imitarmos, temos exemplos muito vivos nas Eſcrituras: não he ſó Jeremias, o que nos anima a fallar tam queixoſos, & magoados no Tribunal da voſſa juſtiça. E como naõ paſſamos do perguntar; naõ chegamos a offender: as voſſas diſpoſiçoẽs naõ ſaõ injuſtas; nem as noſſas queixas, aggravos: falla a dor, & naõ ſe condena a razaõ.

2 Aſsim vos fallou muitas vezes Job, voſſo ſervo tam ſingular, ſem nunca vos offender: diſſe, queixouſe, & arguhiovos: *Et in his omnibus non peccavit Job labijs ſuis, neque ſtultum quid contra Deũ locutus* Job 1. 22.

locutus eſt. A ſua dor o obrigou a perguntar-vos, paraque o criaſtes, ſe havia de ſer inimigo voſſo. *Quare poſuiſti me contrarium tibi?* Porque ſou eu o alvo da voſſa ira? Se eu já vos peço perdaõ das minhas culpas; como ainda continuaõ os voſſos caſtigos? Quereis, que duvide da voſſa compaixaõ; & ainda naõ ſinta bem da voſſa Providencia? Dos meus peccados naõ duvido eu: mas, porque me naõ inſinuais hũa eſperança do ſeu perdaõ? *Cur non tollis peccatum meũ?* Finalmente morrerey eu, & viveráõ outros: *Ecce nunc in pulvere dormiam.* E tam apreſſadamente morrerey, que ſe me quizer ver morto na madrugada; muito antes deſſe tempo, já naõ ſerey vivo: *Si mane me quæſieris, non ſubſiſtam.* Proſeguio Job laſtimado, & rendido ao tormẽto da ſua afflicçaõ, & vos dizia outra vez: *Quare de vulva eduxiſti me?* Eu, paraque naci? Porque me livraſtes das anguſtias do ventre, onde fuy concebido; ſe eu havia de ſofrer eſtas, em que eſtou poſto? Melhor me fora naõ ver, nem ainda as luzes do primeiro dia; do que experimentar o q padeço em tantos: *Qui utinã conſumptus eſſem, ne oculus me videret.* Se eu morreſſe, antes de nacer, naõ ſeria viſto no mundo: naõ ſaberia o que eraõ dias, nem noi-

Job 7. 20.

Pined. hic in Paraphr.

Ibid. 21

Ibid.

Job 10. 18.

Pined. hic in Paraphr.

Ibid.

noites: seria hum naõ nacido, & hũ fim morto: Ibid. 19 *Fuiſſem quaſi non eſſem, de utero translatus ad tumulum.* Atè aqui Job. E David, outro voſſo ſervo, & muito do voſſo coraçaõ: Act. 13. 22. *ſecundùm cor meum*: tambem vos fallou naõ menos queixoſo, & ſentido. Entendendo, que por voſſo eſquecimento o perſeguiaõ ſeus inimigos, vos perPſalm. 41. 10. guntava: *Quare oblitus es mei?* Porque tam eſquecido de mim me deſemparais? Porque me deixais perecer em hũ Ibid mar de triſtezas? *Quare contriſtatus incedo?* Como conſentis, que Le Blãc hic in Paraphr. as perſeguiçoens de meus inimigos ſejaõ as ondas, em que o meu ſofrimento faça naufragio: *Dum affligit me inimicus?* Porque elles me conſiderão já ſem alentos no animo, & ſem forças no corpo: *Dum confringuntur oſſa* Ibid. 11 *mea*: fazem crecer a tempeſtade das minhas tribulaçoens: *Expro-* Ibid. *braverunt mihi, quitribulant me inimici mei.* E porque haveis de permittir, que digaõ o que eu ouço todos os dias: *Dum dicunt mihi per* Ibid. *ſingulos dies*: onde eſtá o teu Deos, que tanto ſe eſquece de ti: *Ubi eſt* Ibid. *Deus tuus?* Ainda mais ſentido o meſmo David renovava em outro tempo a ſua laſtima, arguindo o voſſo deſcanſo: *Exurge, quare ob-* Pſal. 43 *dormis Domine?* Porque 23. não voais, para ſoccorrer a eſte afflicto? Porque

que ha de ſer tam dilatada a minha dor; & tam deſcanſada a voſſa attençaõ para o ſeu remedio? *Quare faciem tuam avertis?* Como tam vingativo fechais os olhos, & voltais o roſto a quem tanto neceſſita do voſſo favor? E como vos naõ lembraõ as minhas calamidades, deixándome ſem o auxilio da voſſa poderoſa maõ: *Oblivisceris inopiæ noſtræ, & tribulationis noſtræ?* Eſtes foraõ, Senhor, os ſentimentos de hum Job, & de hum David: & eſtes, os que animaõ a noſſa confiança, para vos repreſentarmos as noſſas magoas por imitaçaõ das ſuas. E ainda que ſentidos por força da noſſa dor, rendendo ſempre conformes a noſſa vontade por abraçar a voſſa.

Leblãc. hîc in Paraphr.

Ibid. 24

Ibid.

§. II.

3 HE pois a ſuſtãcia da noſſa queixa, a falta da noſſa paz: daquella paz que logravamos na vida da noſſa amabiliſſima Rainha; & que naõ tinhamos, antes da ſua vinda. Era entaõ a pena, & a afflicçaõ de Portugal, a falta de ſucceſſaõ para a Coroa, & de Rainha para o Reyno: a falta da ſucceſſaõ Real: & a da ſua Real preſença. Aſsim fluctuava a Monarchia; quando vós, Senhor, prometteſtes aos noſſos deſejos para cada hũa deſtas faltas a ſua paz

paz desejada. Não de outro modo, que sendo vós o desejado de
Agg. 2. 8. todos: *Desideratus cunctis gentibus*: em vós nos foy promettida a
Isai. 26. 12. paz suspirada: *Domine, dabis pacem nobis*: & comvosco nos veyo a paz promettida: *In terra pax hominibus*. E foy
Luc. 2. 14. a succeſſaõ da Coroa, paz para o Reyno; & paz para nós, a presença de nossa Rainha; porque a guerra, que faz a morte, entraria na Casa de Jacob, se Rachel não tivesse succeſſaõ: *Da mihi liberos, alioquin moriar*: & para os vossos Discipulos penalizados com a vossa morte, a vossa pre-
Luc. 24. 36. sença foi a sua paz: *Pax vobis*. E se as vossas promessas haviaõ de corresponder aos nossos desejos; & os nossos desejos eraõ de muitos annos de vida da Rainha, que nos déstes, para mais firmeza da succeſſaõ da Coroa, & mais duraçaõ da sua soberana presença; vendo nós agora a paz da succeſſaõ cortada, & a paz da sua presença perdida: *Ergone decepisti dicens, Pax erit vobis?* Os Filhos da succeſſaõ naõ estaõ já sem Mãy; & o Reyno de Portugal naõ está já sem a Rainha, que deo a succeſſaõ? Ainda que a Monarchia logrou por algum tempo toda esta paz: a paz desta succeſſaõ, & a paz daquella presença; com a sua morte nos faltou toda a paz atè alli lo-

grada.

grada. A paz da ſucceſſaõ ficou ſem a pacifica Mãy, que a tinha dado: & a paz da preſença ſem a ſuaviſſima Rainha, que a dava. Naõ pode deixar a amabiliſſima Rainha a ſua paz aos ſeus vaſſallos; aſſim como vós deixaſtes a voſſa aos voſſos Diſcipulos: *Pacem relinquo vobis.* Joan. 14. 27. Cõ a ſua morte parou entaõ hũa paz, & perdeoſe a outra: parou a noſſa paz da ſucceſſaõ, & perdeoſe a paz da ſua preſença. E depois da voſſa morte; a paz da voſſa ſucceſſaõ nos innumeraveis filhos gerados pelo Euangelho, ainda hoje a Igreja a vay continuando em muitos, como em Sam Paulo a continuou: *Per Euangelium ego vos genui:* 1. ad Cor. 4. 15. & a paz da voſſa preſença, atè o fim do mundo a eſtais ſupprindo, & nós no Sacramento logrando: *Vobiſcum ſum uſque ad conſummationem ſæculi.* Matth. 28. 20. Deſta ſorte naõ tendes faltado com a paz promettida ao mũdo: *In terra pax.* Porèm com a paz promettida a Portugal: *dicens, pax:* naõ tendes faltado? *Ergone deceptiſti?*

4 Nas liçoens da paz, que nos voſſos Diſcipulos deixaſtes enſinada ao mundo, ves ouvimos dizer o que vós meſmo fizeſtes. Dizeis, que offerecendo nós a noſſa paz a hũa caſa: *Pax huic domui:* & ſendo a caſa merecedora da paz offerecida: *Si fuerit* Matth. 10. 12. Ibid. 13

fuerit domus illa digna: deixemos ficar neſſa
Ibid. caſa a noſſa paz: *Veniet pax veſtra ſuper eam.* Mas, ſe da noſſa paz naõ for merecedo=
Ibid. ra a caſa: *Si autem non fuerit digna:* volte para
Ibid. nós a noſſa paz: *Pax veſtra revertetur ad vos.* Iſto he o que nos enſinaſtes: & o que fizeſtes, foy o meſmo. Quando offereceſtes a voſſa paz aõ Diſcipulo traidor, chamandolhe
Matth. 26. 50. amigo: *Amice, ad quid veniſti:* foy a voſſa paz de vós para elle. E porque della naõ era digno tam ingrato Diſcipulo, voltou delle para vós a voſſa paz, & ſem ella foy elle a morrer deſ-
Matth. 27. 5. eſperado: *Abiens laqueo ſe ſuſpendit.* Eſta foy, Divino Meſtre, a voſſa doutrina; & eſta he, a que agora nos dá fundamento para a noſſa pergunta. E haveria caſa alguma em Portugal, que naõ quizeſſe a paz offerecida pela ſua Rainha? Quẽ o dirá? Pois ſe todo Portugal queria, & deſejava a paz, que a todos offerecia a ſua preſença, o ſeu agrado, & a ſua charidade; como ſe foy eſta paz para vós, & ficáraõ ſem eſta paz tantas caſas? Todas ellas a mereciaõ: todas eraõ dignas da ſua paz; porque em todas era ſuſpirada, amada, & venerada. E ſe vós dizeis, que ſendo a caſa digna da paz, naõ ſaya a paz deſſa caſa: *Veniet pax ſuper eam:* & vimos, que de todas

as

as caſas de Portugal mandaſtes ſair a paz, de que eraõ dignas: *Pax revertetur*: naõ enganaſtes? *Ergone decepiſti?* Naõ mereciaõ eſta paz os Templos ſagrados, caſas voſſas, onde a paz deſta Real preſença era cõ tanto applauſo recebida? Naõ mereciaõ eſta paz os Palacios da ſua morada, ou aſſiſtencia, caſas onde era tam adorada? E não merecião eſta paz, ou deixarião de a merecer, as caſas dos Hoſpitaes, & de tantos Pobres, aonde poſto que não foſſe em Peſſoa a charitativa Rainha; na ſua eſmola hia a ſua paz? Não vay ainda hoje eſta ſua paz no ſuſtento de algũas amas do Hoſpital Real, para ſe alimentarem os meninos alli expoſtos? Quantas vezes imitou a communicação da voſſa paz, entrando a ſua nas caſas, onde faltava? Eſtando fechadas as ſuas portas: *Januis clauſis*: entrava nellas a ſua charidade, & com ella a paz dos ſeus neceſſitados: *Pax vobis*. Entrava a paz, que ſerenava as afflicçoens dos que ſe poderião render à violencia da pobreza. Entrava a paz dos apertados com a porfiada guerra da fome. Entrava a paz dos deſpidos, dos enfermos, dos encarcerados, & dos empenhados por ſuas dividas. Em todas eſtas caſas, indo ſó o nome da miſericordioſa Rainha com as ſuas eſmo-

Joan. 20. 26. Ibid.

esmolas, entrava a sua grande charidade: & articulando esta aquellas vozes, com que fallaõ as boas obras, dizia a todos os perseguidos da pobreza: Aqui tendes da vossa paz: *Pax vobis.* E he bem, Senhor, que em todas estas casas esteja outra vez viva toda esta guerra, porque lhes tirastes a sua paz? Não terião desculpa os desemparados destas casas, se estimulados da sua dor vos dissessem: *Ergone decepisti, dicens: Pax erit vobis?*

§. III.

5 COm as vossas mesmas Escrituras havemos dar mayores forças à nossa queixa por parte dos pobres: tanta he a nossa razaõ; & tam aguda a sua dor. Vós nos mandais, que naõ atormentemos o coraçaõ do pobre com a dilaçaõ da sua esmola: *Cor inopis ne afflixeris, & non protrahas datũ angustianti.* E mandais tambem, que no tempo da affluencia dos bens nos lembremos dos necessitados: *Memento paupertatis in tempore abundantiæ, & necessitatum.* Isto he o que vós nos mandais fazer: & isto diz tambem de vós o vosso Profeta David. Diz que vos naõ esqueceis dos clamores dos pobres: *Non est oblitus clamorem pauperum.* E diz, que os naõ despre-

Eccli. 4. 3.

Eccli. 18. 25.

Psal. 9. 13.

zais, quando recorrem a vós pelo seu remedio: Psalm. 21. 25. *Non sprevit, neque despexit deprecationẽ pauperis.* Por estas Escrituras estava obrigada a vossa infinita Clemencia, daquelle modo, que se podia obrigár, a inclinarse a innumeraveis pobres, que no tempo da enfermidade da sua muito cõpadecida Rainha vos pediaõ a sua vida. Naõ diziaõ outra cousa, nem as suas vozes, nem as suas lagrimas, mais que o allegado nas Escrituras propostas. Estas eraõ as suas angustias, estes os seus brados, estes os seus apertos, & estas as suas deprecaçoens. E vós, Senhor, como os ouvistes? Como vos compadecestes? Vós dizeis, que naõ retardemos para a manhãa a esmola, que nos pedem hoje: *Non protrahas datum angustianti.* E na sua Rainha morta estendestes para tam longe o tempo da esmola, com que os soccorria; que já a não hão de ver mais. Vós dizeis, que quanto mais tivermos, mais demos aos que naõ tem: *Memento paupertatis in tempore abundantiæ.* E vós cortando a vida de quem tam liberalmente os sustentava, quereis que vivaõ, ou morraõ na sua miseria. David diz de vós, que vos naõ esqueceis dos clamores de qualquer mendigo: *Non est oblitus clamorem pauperum.* E nós vimos, q a tãtos rogos,

rogos, & a tantos gemidos dos que viaõ lhes morria a ſua Rainha, naõ attendeſtes compadecido. David diz de vós, que naõ deſprezais as humildes ſupplicas dos perſeguidos da pobreza: *Non ſprevit, neque deſpexit deprecationem pauperis.* E naõ vos doeſtes de tantas, & tam laſtimoſas vozes de todos aquelles deſemparados. Como ſe haõ de entender logo eſtas Eſcrituras? Como ſe hade olhar logo para a ſua infallibilidade? E ainda com mais razaõ poderemos eſtar aſſim duvidoſos, lendo as outras, nas quaes vemos empenhada a voſſa palavra, para ſe cumprirem todas. *Petite, & accipietis: pulſate, & aperietur vobis.* Eſtes miſeraveis não pedião? Não batião às portas da voſſa compaixaõ? E ſe vós prometteſtes dar o que vos pediſſem; & elles naõ virão o que prometteſtes: *Ergone decepiſti?* choraráõ pois todos ſem remedio, ſofreráõ de novo as lançadas da pobreza, lamentaráõ a perda da ſua paz: & para ſe não queixarem mais de vós, não ſe lembraráõ mais da voſſa palavra: *dicens, Pax erit vobis.* Joan. 16. 24. Matth. 7. 7.

6 Abramos outras Eſcrituras, deixando tambem outras, q̃ poderião aqui fazer maior numero, & animar ainda mais o noſſo argumento. Vós nos aconſelhais, q̃ não voltemos

temos os olhos ao pobre, que nos pede a esmola: *Ab inope nè avertas oculos tuos.* E q̃ aos que forem pequenos, não viremos o rosto: *Ne avertas faciem tuam à puero.* E se o mesmo que pedir a esmola, for juntamente pobre, & tambem pequeno: se for algum pobrinho innocente; ainda deve ser mayor a charidade, que nos aconselhais nestas duas Escrituras. E vós assim o quereis dizer naquella vossa sentença: *Qui susceperit unum parvulum in nomine meo, me suscipit.* Eu sou o abrigado, dizeis vós, quando o he algum destes innocentes: & isto se ha de entender *de puero verè parvulo*: diz quem explica a força desta letra. Advertida assim esta verdade, entra a nossa queixa por parte destes pobrinhos; & fallo em nome de tantos innocentinhos necessitados, quantos abrigava a grande charidade da nossa sempre memoravel Rainha. E porque não ouvistes vós aos muitos, que vos pediaõ mais vida para a sua Rainha? Porque voltastes os olhos àquelles pobrinhos, que a amantissima Mãy de pobres muitas vezes posta de joelhos despia dos seus pobres vestidos, & vestia com outros novos? Ouvindo elles dizer, que lhes morria a sua compassiva Rainha; lançados diante de vós tambem

Eccl. 4. 5.

Psalm. 68. 18.

Matth. 18. 5.

Cornel. hic.

de

de joelhos, levantadas as mãos, & derramando muitas lagrimas, não vos rogavão pela ſua vida? E não faziaõ o meſmo os outros meninos, aos quaes tambem ajoelhada a piiſſima Rainha veſtia com as proprias galas dos Sereniſſimos Principes, gloriandoſe de ver os veſtidos dos filhos do ſeu ſangue, nos que conſiderava filhos do voſſo amor? Quando pois, Senhor, ſe poderia ver melhor praticado o voſſo conſelho: *Ab inope ne avertas oculos tuos?* E quando o outro: *Ne avertas faciem tuam à puero?* E não tem grande lugar a noſſa queixa: *Ergone decepiſti?*

7 Bem cremos, que entre todas as vozes dos muitos pobres, q̃ vos pediaõ mais annos para hũa vida a todos taõ importante, as q̃ ſe ouviraõ de mais agrado voſſo, eraõ aquellas, que a amabiliſsima Rainha repetia muitas vezes no tempo da ſua mortal enfermidade. *Naõ roguem a Deos pela minha vida: ſó convem que a ſua vontade ſe faça.* E que mais fez Abraham, para que vós ſuſpendeſſes a morte do filho; ſe naõ conformarſe com a voſſa vontade? Sem que elle chegaſſe a fazer o ſacrificio do filho, porque o filho naõ morreo; & ſó porque a ſua vontade foy a voſſa, pois ſó iſſo foy o que fez: *Quia feciſti hanc rem*: livrou o Genes. 22. 16.

filho da morte, & ficou o Pay com seu filho. E a vida de Isaac era mais importante na casa de Abraham, que a vida da nossa Augustissima Rainha no Reyno de Portugal? Se aquelle Pay ficava sem hum filho, tantos filhos, & taes filhos não ficarão sem Mãy, & sem tal Mãy? De ficar, ou não ficar vivo Isaac; não se seguia, ou acabava algũa paz, nem cõmua, nem particular. E de viver, ou não viver a nossa charitativa Rainha; havia de continuar, ou deixaria de haver aquella paz de todos, & de muitos, que a guerra movida pela pobreza trazia opprimidos. E naõ he tam pouco necessaria no mundo esta paz, como poderá parecer a quem ainda não medio as armas da guerra, q̃ nelle faz a pobreza. A esta paz he que nós podemos chamar paz fermosa, accommodandolhe a fermosura daquella paz profetizada por Isaias: *Sedebit populus meus in pulchritudine pacis.* Paz com fermosura ha de ter por seu correlativo guerra cõ fealdade & mais a guerra da pobreza, que a guerra das armas, he o seu correlativo, por ser mais fea guerra. A guerra, que fazem as armas, ainda tem algũa fermosura: as mesmas armas tem lustre, os mesmos esquadroens armados saõ vistosos, os mesmos combatẽtes vestem

Isai. 32. 18.

veſtem de gala: & atè a meſma morte, que não póde haver couſa mais fea, he glorioſa. Porèm a guerra, que faz a pobreza, he hum complexo de muitas fealdades: fealdade nos famintos, fealdade nos mal veſtidos, fealdade nos enfermos, fealdade nos encarcerados: & paſſando das fealdades do corpo às da alma (porque atè a eſte fermoſiſſimo eſpirito chega a afear a pobreza;) ainda ſaõ mais horriveis as ſuas fealdades, por deſcomporem a fermoſura da graça. Em quanto pois vivia a grande Rainha, que vós, Senhor, déſtes a Portugal, lograva elle a paz mais fermoſa: lograva aquella paz oppoſta à guerra da pobreza prometida ao voſſo povo: *Sedebit populus meus in pulchritudine pacis.* E ſe hoje já eſta paz naõ for tam fermoſa; naõ ſois vós, o que tiraſtes ao voſſo povo a fermoſura da paz, levandolhe a ſua Rainha, depois de lha teres dado? *Ergone decepiſti populum iſtum?*

§. IV.

8 MEnor ſeria eſta noſſa magoa, ſe não foſſem mais que os pobres, os que ſe achaõ deſemparados da ſua paz: outros choraõ tambem o deſemparo da ſua. A paz, que vós, Senhor, nos déſtes, & enſinaſtes; porq̃ he paz voſſa, & não como a do mũ-

Joan. 14.27. do: *Pacem meam do vobis, non quomodò mundus dat*: he propriamẽte aquella paz, que he amizade: paz de união: he aquella paz contraria a toda a diſcordia. Pois atè deſta paz ficárão privados os Vaſſallos de taõ pacifica Rainha; porque hum dos ſeus mais vivos cuidados era o deſta paz. Quando ſabia, que em algũa caſa faltava eſta amizade Chriſtãa, mãdava quem da ſua parte foſſe pedir aos diſcordes a união perdida. E bem ſe ſabe, que eraõ taõ frequentes eſtas embaxadas da paz, que os enviados deſtas occultas legacias jà ſe moleſtavão de tam cõtinuado zelo, porque o não podia aturar o ſeu canſaço. Tambem no tempo deſte ſanto exercicio hia, & entrava a voſſa paz: *Ianuis clauſis*: a pacificar aos deſunidos: tambẽ hia, do modo que podia ir, a zeloſiſſima Rainha a pedir, & rogar: *Ea, quæ pacis erant*. E o que era para mayor admiração noſſa, & ſuaviſſimo agrado voſſo; foy o que algũa vez ſe vio. Se por algũ caſo a muito ajuſtada Rainha com as leys da voſſa paz ſentia no ſeu pacifico animo qualquer eſtimulo de deſabrimento domeſtico, que pudeſſe ter dado; era a primeira na ſupplica do perdão, & na offerta do amor; pontos principaes da rogativa deſta paz: *Ea, quæ pacis ſunt.*

Joan. 20. 26.

Luc. 14. 32.

sunt. Não esperava, q orando diante de vossos Altares a mandasses primeiro a inteirar a amizade, que de algum modo estivesse quebrada: *Vade priùs conciliari.* E este seu merecimento grangeado pelo estudo da sua propria paz, jà hoje estarà diante de vós premiado: mas o grande bem, que interessavão tantos no seu incansavel cuidado sobre a paz alhea; jà hoje por sua ausencia tem parado, & poderá estar perdido. E não he, Senhor, para muito chorada a perda de hũa paz, que hia durando com a vida de quem tanto a zelava? A perda de hũa paz, que para ser muito grande, bastava ser perda da vossa paz? E como permittistes, que se acabassem estes lucros da vossa paz com a morte de nossa mansuetissima Rainha? *Ergone decepisti, dicens: Pax?*

Matth. 5. 24.

9 Ainda sentimos mais a perda de outra paz, que não he para se perder, & tanto se interessava nella, vivẽdo a nossa suspirada Rainha. Esta era a paz da nossa alma cõvosco: a paz, que conserva a vossa amizade com os homens. O muito, que esta nunca esquecida Rainha de Portugal sentia as vossas offensas, considerando que dellas poderiaõ ser Authores os seus Vassallos; nos livros da vossa lembrança o havia de achar escrito, quando depois

depois o vio remunerado. A inimizade com voſco, que he o effeito da culpa, lhe feria tanto o coraçaõ, que ſe lhe ouvio dizer, naõ eſtimaria em nada a perda da ſua vida, ſe com ella ſe evitaſſe a da voſſa amizade. Quanto ſe canſava, quanto ſe deſvelava, & ainda quãto dava, para ſe não perder eſta paz; ou para ſe recuperar, ſe eſtiveſſe perdida; he mais ciencia voſſa, do que noſſa noticia. A ſua grande humildade lhe fazia theſouro eſcondido, que comprava para vós com muito largas, & numeroſas eſmolas, ficando o cãpo ſeu, & o theſouro voſſo. E a ſua abrazada charidade lhe deſcubria as dragmas perdidas, para ſerem voſſas, depois de achadas, como quem preferia o ſeu precioſo valor a todas as riquezas. E que viveſſe tam pouco hũa Rainha tam grande! Que não foſſem ſufficientes embargos para a ſentença da ſua morte tantas preces publicas, tam continuados prantos, tam devotas applicaçoens de ſantas reliquias, tam duplicadas eſmolas, tantas invocaçoens dos Santos da ſua devação; & entre todas a mais ſabida de Sam Franciſco Xavier, ao qual em toda a ſua vida nomeandoo ſó por ſeu Santo, lhe dizia o ſeu nome; & neſta occaſiaõ bem podemos conſiderar, que

diante

diante de vós se havia de empenhar pela Rainha, que era nossa, o Santo, que era seu! Cremos, que o seu muito zelo da paz de todos comvosco, lhe havia bem merecido o vosso amor, a vossa paz, & a vossa amizade. E faltaria, quem no tempo da sua doença mortal vos dissesse: *Ecce quam amas infirmátur?* Joan. 11. 3. Naõ haveria, quem ferido da sua dor vos arguisse de algum descuido: *Domine, non est tibi curæ?* Luc 10. 40. Assim deixais morrer a quem amais? Assim vos descuidais agora de quem sempre cuidou em vós? Se fossem só dous os que rogassem pela sua vida; bastavão as suas oraçoens, para crermos que havião de ser ouvidos, fiados naquella vossa palavra: *Si duo ex vobis consenserint super terram, de omni re quamcumque petierint, fiet illis a Patre meo, qui in cælis est.* Matth. 18. 19. Os que concordes na mesma oraçaõ vos pedião mais larga vida para a sua amabilissima Rainha, não eraõ só dous: eraõ innumeraveis. Eraõ grandes, eraõ pequenos: & eraõ todos aquelles, que na sua presença tinhão a sua paz. E se vós attendestes à desconsolaçaõ dos dous discipulos de Emmaús, deixandoos socegados com a vossa presença: *Ibat cum illis*: & tambem aliviastes a pena dos outros, que lamentavão a vossa morte Luc. 24. 15.

com

com a vossa mesma presença: *Stetit in medio*: porque não impetráraõ por mais annos a presença de sua Rainha tantos rogadores da sua vida? Não foy mayor maravilha, & mayor fineza de amor a vinda do Espirito Sáto ao mundo; do que seria a vossa liberalidade para mais vida da nossa Rainha? Pois, se impetrárão esta vinda tam prodigiosa os muitos: *Perseverantes unanimiter in oratione*: como não conseguiraõ hũa extensaõ mayor da quella vida tantas oraçoens de tantos, que juntos, & tambem *unanimiter* a pedião? Prometteis a dous: *Si duo ex vobis*: tudo o q̃ pedirem: *de omni re, quãcumque petierint*: & empenhais a vossa palavra pelo seu despacho: *fiet illis*: & a tantos, que vos pedião hũa só cousa, a não concedestes? *Ergone decepisti?*

Joan. 20. 26.

Act. 1. 14.

Corn. hic.

10 Naõ repetira, Senhor, tantas vezes esta mesma pergunta, se eu vos naõ vira em algũa occasiaõ fazer o mesmo, que pergunto: se nas Escrituras vos não achára enganando, daquelle modo, que se póde dizer que enganais. Quizestes, que Achab Rey de Israel guiado por algum engano fosse à campanha de Galaad, para nella ser vencido, & morto; & propuzestes no Tribunal da vossa justiça, como poderia ser enganado. *Quis decipiet Achab*

3. Reg. 22. 20.

Achab Regem Iſrael, ut aſcendat, & cadat in Ramoth Galaad? E offerecẽdoſe o Demonio, para armar eſte engano àquelle Rey; vós lhe approvaſtes, o que logo alli traçou; & o mandaſtes cõ imperio executivo enganar a Achab, & com ſeguro voſſo, de ter effeito o ſeu engano: *Decipies, & prævalebis: egredere, & fac ita.* Outra vez vos ouvimos dizer á vós meſmo, que quando algum Profeta engana, elle o faz enganado por vós; & que he tambem engano voſſo o engano do Profeta, do modo, que póde ſer. *Propheta cùm erraverit: ego Dominus decepi Prophetam illum.* E chegando ao particular do engano daquella paz previſto por Jeremias, quando vos perguntou: *Ergone decepiſti dicens, Pax:* temos tambem Texto, que lhe reforça a ſua pergunta. Cõ os olhos em Jeruſalem diſſe dos ſeus moradores o meſmo Profeta, que elles entendião eſtavaõ em muita paz, livres da guerra futura, que os ameaçava; & mais não tinhaõ a paz, que cuidaraõ. *Curabant contritionem, dicentes, Pax, pax; & non erat pax.* Como cuidavaõ, que tinhaõ paz, & a naõ tinhão, eſtavão enganados. E o Profeta tudo iſto vio: vio a paz, em que ſe confiavaõ; & vio o engano da confiança. Todos eſtes exemplos,

Ibid. 22

Jerem. 6.14.

Ezech. 14.9.

emplos, Muito poderoso Deos, & Senhor nosso, nos desculpaõ, & animão a ser confiados, para vos fazermos tambem com Jeremias a sua mesma pergunta, mas sujeitos sempre aos vossos profundos juizos: *Ergone decepisti populum istum, dicens: Pax erit vobis.*

§. V.

11 SAindo agora da presença de Deos, onde me considerava, em quanto lhe propunha a nossa magoa; sou já obrigado a dizer o que he bẽ se entenda. Em primeiro lugar, Deos não engana, nem póde enganar: com a summa verdade não póde estar engano. Atè do Deos fingido pela Gentilidade disseraõ o mesmo, os que nelle reconhecéraõ Numen divino. *Est Deus, occultos qui vetat esse dolos.* Tibul. l. 1. O que Deos faz, quando ouvimos dizer, que engana; he permittir o engano ao que está deliberado a enganar. Assim o fez ao Demonio determinado a enganar a Achab: permittiolhe o seu engano. Quando lhe disse: *Egredere, & fac ita:* foy o mesmo, que dizerlhe: faze o q̃ queres fazer. Foy o que Christo disse a Judas, depois de o ver deliberado ao vender: *Quod facis, fac citiùs.* Joan. 13. 27. Naõ quiz, que lhe fosse traidor: permittio que o fosse, já

já que o queria ſer. Em ſegũda advertencia havemos de entender, que eſtas permiſſoens de enganar em Deos, ſaõ para caſtigo dos homens: & tal foy a permiſſaõ do engano de Achab em pena da ſua impiedade. Queria Deos, que morreſſe; & permittio, que os ſeus falſos Profetas fallando por boca do Demonio o enganaſſem. Iſto aſſim advertido; poderá algum de nós duvidar, que foy para caſtigo noſſo a morte da noſſa amabiliſſima Rainha? Não poderemos já hoje entender, que enganados pelos noſſos deſejos, viemos a padecer gravemẽte magoados, havendonos prometido a noſſa eſperança viver muito goſtoſos? Quando Deos diz, que elle permitte o engano, ſe nos engana algũ Profeta: *Propheta cùm erraverit, ego decepi Prophetam*: não falla dos Profetas verdadeiros: implicão na meſma profecia engano, & mais verdade. Falla dos que não ſaõ verdadeiros Profetas, & que Deos primeiro vé, que as ſuas profecias haõde ſer enganos. Por iſſo nos enganáraõ os noſſos Profetas: porque as ſuas profecias eraõ deſejos de coraçoens, & olhos, tam capazes para enganar, como para ſerem enganados. Só, quando Deos dá os deſejos: *Deſiderium animæ tribuiſti*: na boca, em que elles ſe ouvem, Pſalm. 20. 3.

não

não permitte haver engano: *Et voluntate labiorum ejus non fraudasti* Naõ se engana, nem he enganado, quem diz o que deseja; se Deos he o Author dos seus desejos. Porèm se saõ nossos os desejos, podem ser enganosos, ainda, quando parecem verdadeiros: podem prometter grandes felicidades; & faltarem depois as felicidades promettidas. Ibid. 3.

12 Nem he prova de nos segurarmos na posse das que Deos nos quiz dar, a liberalidade, com que as deo. Se aos desejos do que lhe pedimos, concede o bem, que desejamos; poderá naõ conceder a continuaçaõ desse bem aos desejos de o conservarmos. Se huns desejos podem conseguir o bem, que se pede; outros poderáõ provocar o castigo, que se merece. Ao seu povo, diz David, satisfez Deos tam liberal os seus desejos, quãto se deixa ver na promessa, que lhe fez, antes que pedissem: *Dilata os tuum, & implebo illud*: tudo o que te vier ao pedir da tua boca, eu to darey a boca chea. Porém, porque depois faltou a Deos o seu povo com as attençoens, que lhe devia: *Non audivit populus meus vocem meam; Israel non intendit mihi*: naõ só lhe satisfez os desejos da sua conservação; mas em pena do seu esquecimento, Psal. 80 11. Ibid. 12

&

& ingratidaõ; dos desejos do seu coração lhe fez o seu castigo: Ibid. 13 *Dimisi eos secundùm desideria cordis eorum.* Taes saõ os nossos desejos, & logro das felicidades desejadas. Se foraõ concedidas a hũs desejos: *Dilata os, implebo illud*: foraõ outros desejos a medida do castigo: *Dimisi secundùm desideria.* Viamos as singulares prẽdas, & illustres virtudes da nossa prezadissima Rainha: & satisfeitos da nossa felicidade, viamos tambem nos desejos de coraçoens, & olhos profetizada hũa duraçaõ muito estendida da sua vida. E que succedeo? O que todos choramos como Profetas naõ verdadeiros, & enganadores; permittio Deos em pena do nosso esquecimento, que enganados elles, nos visemos nós enganados. Que cuidãdo nós, estavamos muito seguros na posse do bem, que tinhamos; nos achassemos como agora estamos, depois deste bem perdido. Os Profetas de Jerusalem, & os nossos Profetas, igualmente foraõ enganados, & enganáraõ: os Profetas de Jerusalem, diz o Doutissimo Cornelio, commentando aquelle lugar de sua profecia: *Curabant contritionem*: profetizavaõ aos seus moradores muita paz, prometendolhes, que os não havia de opprimir a guerra, que temiaõ: *Nite-* Corn. in Jerem. 6.

bantur avertere plagam imminentem. E os noſſos Profetas, coraçoens, & olhos, profetizavaõ tambem com os ſeus deſejos muita paz a Portugal, prometendo, que naõ perderiaõ tam cedo a que gozavaõ na vida da ſua Rainha, tantas vezes, & para tantos Pacifica, & Pacificadora. E aſſegurando todos eſtes Profetas muita paz: *Dicentes, pax, pax:* naõ havia tal paz: *& non erat pax.* Veyo ſobre Jeruſalem a guerra, que temiaõ os ſeus moradores: & auſentouſe para ſempre de Portugal a paz, que tinhamos na noſſa Rainha. E eis aqui, porque ſaõ impoſſiveis Lenitivos para a noſſa dor: porque no meſmo tempo, em que cuidarmos que já naõ ha dor; ha de haver dor: aſſim como eſtes Profetas previaõ muita paz: *dicentes, pax:* & naõ havia paz: *& non erat pax.*

§. VI.

13 MUito devemos aos Doutiſsimos Oradores, que na falta deſta paz declamáraõ Honras funebres nas Exequias da noſſa Auguſtiſſima Rainha; & diſſeraõ entaõ, o que nós agora dizemos: & diſſeraõ, ſer caſtigo noſſo a ſua mortal auſencia. Eſta he a verdade: tirounos Deos a paz, q̃ nos havia dado na ſempre memoravel Rainha;

nha; porque a tinhamos desmerecido. E porque a tirou, quando nos parecia, que logravamos aquella felicidade para mais annos; jà naõ devemos duvidar, nem perguntar a Deos: *Ergone decepisti dicens, Pax.* Supponhamos, que assim foy: supponhamos, que permittio Deos os nossos enganos, para nos dar o seu castigo. Os enganados somos nós: & os enganadores foraõ corações, & olhos: foraõ os nossos Profetas. Diziaõ huns, & outros animados pelos seus desejos, que havia de ser muito larga a vida da Serenissima Rainha: felicidade primeira, da qual dependiaõ todas as mais felicidades. Porèm succedeonos o que naõ esperavamos; & o q̃ vimos succeder ao Rico da Parabola do Evangelho. Cuidava elle, que vivia em muita paz, descanço, & socego, quando dizia à sua alma: *Anima mea requiesce.* Cria, que tinha alma para muito tempo; & por isso a lisongeava com a descansada posse de muitos bẽs desta vida: *Habes multa bona posita in annos plurimos.* E logo na noite do mesmo dia destes seus cuidados, ou destes descuidos vio, que vivia enganado: vio perdido o seu descanso, & tirada a alma, que tinha por sua: *Hac nocte repetent à te animam tuã.* E com muita propriedade

Luc. 12. 19.

Ibid.

Ibid. 20

dade lhe dizem: *repetent à te animam tuam:* haõ de pedirte a alma, que te deraõ; & quando naõ cuidavas, que a pediſſem tam cedo; *hac nocte repetẽt.* Alma era do noſſo Reyno a noſſa amabiliſſima Rainha: alma, que animava as ſuas felicidades, & de que viviaõ as noſſas eſperanças. E quando deſcanſados, & eſquecidos nos parecia, que tinhamos alma para muita vida, & Rainha para muitos annos; entaõ ſe dizia a Portugal: *Hac nocte repetent à te animam tuam:* jà te tiraõ a alma, que te deraõ: jà não terás *multa bona in annos plurimos.*

14 E digo, que eſte deſcuido, & eſquecimento foy, o que Deos caſtigou em Portugal, aindaque outras muitas foſſem as ſuas culpas; porque tambem aſſim o fez Deos, quãdo caſtigou o ſeu Povo. Depois de lhe dar tudo o que deſejavaõ: *Non ſunt fraudati deſiderio ſuo:* Pſal. 77 29. porque ſe eſquecèraõ de lhe gratificar tãtos beneficios: *Obliti ſunt benefactorum ejus, & mirabilium ejus, quæ oſtendit eis:* viraõ ſobre ſi a divina vingança: *Ira Dei aſcendit ſuper eos:* poſtoque por outras culpas tambem a tiveſſem provocado. No meſmo tempo, em que eſtavaõ logrando o milagroſo ſuſtento, que haviaõ deſejado: *Pluit ſuper eos ſicut pulverem carnes, & ſicut arenam maris:* Ibid. 11 Ibid. 30 Ibid. 27

vo-

volatilia pennata : os
Ibid. 30 castigou Deos. *Adhuc esçæ eorum erant in ore ipsorum; ira Dei ascendit super eos.* Tambem nós podemos dizer o mesmo ; porque tambem Portugal está cõprehendido no mesmo descuido daquelle povo. Tambem Deos na nossa Augustissima Rainha nos deo todas as felicidades desejadas: naõ podemos dizer, que fomos *fraudati desiderio nostro.* E porque nos vio esquecidos de tam singulares beneficios : *obliti benefactorum, & mirabilium ejus* : no castigo desta nossa culpa comprehendeo a vingança das outras : *ira Dei ascendit super nos.* No mesmo tempo , em que Portugal estava no logro das suas felicidades; quando tinha maravilhosa successaõ da Coroa; quando gozava a maravilhosa paz, que deixo já discorrido: tudo visto com os olhos, & à medida dos nossos desejos; entaõ a divina justiça *ascendit super nos.* Nem pareça novidade , castigar Deos muitas culpas na sentença de hũa, se nesta se comprehendem as outras. No ultimo dia do mundo , que tambẽ ha de ser o da sua ira mayor : lembrando só a culpa opposta à charidade Christãa: *Quia* Matth. *non dedistis manducare:* 25. 42. *quia non dedistis potum &c.* todas as mais culpas haõ de ficar condenadas : *Discedite à me* Ibid. 41

maledicti in ignem æternum. Lembrada entaõ hũa só culpa, que comprehenda as outras; todas haõ de ser vingadas. E por isso com muita justiça, no esquecimento dos beneficios de Deos em Portugal saõ castigadas todas as outras suas culpas: na lembrança de hũa, sentenceadas todas: hũa manifesta, as outras entendidas: *quia obliti sunt benefactorum ejus.*

15 Seria, naõ duvidamos, permittindo Deos os enganos, que dispuzeraõ para a sua vingança; & nos obrigaõ a duvidar, como depois de tantos beneficios houve tam exacto castigo, que parece nos enganou Deos: *ergone decepisti.* Mas assim ha de ser atè o fim do mũdo; porq já foy assim, quando o mundo começou: já desde a sua creação começou Deos a fazer beneficios, & a castigar o seu esquecimento, pezando culpas, & enganos: culpas de hũa parte da balança, & enganos da outra parte: & tudo por seus altissimos, & profundissimos juizos, que saõ os pezos, & a balança, com que Deos péza: *Pondus, & statera judicia Domini.* Prov. 16. 12.

Depois de crear Deos a Adam em hum Paraiso de maravilhosos beneficios; logo à primeira culpa, q entaõ houve no mundo, correspondeo o seu engano. O Demonio enganando: *Decepit:* & Adam pecando. Genes. 3. 13. & 6.

cando: *Comêdit*: de hũa parte o engano: & da outra a culpa. E por este engano do Demonio, disposto para o castigo de Adam, veyo elle a perder o complemento de todas as suas felicidades prometti-das, ainda depois de logradas. Promettida por Deos na benção da propagação a felicidade da descendencia: *Crescite, multiplicamini, replete terram.* Promettida por Deos no dominio da mesma terra a felicidade de todos os seus bẽs: *Ecce dedi vobis herbam afferentem semen super terram, ut sint vobis in escam.* E promettida por Deos no vinculo do desposorio a felicidade da uniaõ de desposados, dandolhe a Eva por Esposa: *Adduxit eam ad Adam: & erunt duo in carne una.* E teve Adam perda em todas estas felicidades, depois de logradas; porque as não logrou completas. A felicidade da descendencia sentenceada em Eva a tantos trabalhos, como partos: *Multiplicabo ærumnas tuas, & conceptus tuos: in dolore paries filios.* O dominio da terra condenado em Adam com maldiçaõ perpetua: *Maledicta terra in opere tuo.* E a uniaõ de desposados desfeita em ambos com pena de morte: *In pulverem revertêris.* Já de tam longe, como isto, vem as perdas de felicidades depois de logradas, por permissaõ

Genes. 1. 28.
Ibid. 29
Genes. 2. 22. & 24.
Genes. 3. 16.
Ibid. 17
Ibid. 19

de enganos, nos que se esquecem de agradecer a Deos os seus beneficios. Ainda agora Adam em tanta fortuna: em tanta paz cõ Deos, que o faz seu semelhante, & lhe dá a sua imagem, ou o seu retrato: *Ad imaginem, & similitudinem*: & logo despojado dessa paz, & para muitos annos de guerra, o lança do Paraiso: *Ejecit Adam*. E se elle advertira no pouco tempo, que lhe durou esta amizade, & paz com Deos; naõ lhe pudera dizer com Jeremias em Jerusalem, & comnosco em Portugal: *Ergone decepisti dicens, Pax?*

Genes. 1.26.

Genes. 3.24.

16 Fechemos agora esta abobeda, nos dous exemplos, que deixo lembrados, fica bem retratado o nosso exemplo. No castigo do Povo de Deos, & no castigo de Adam, o nosso castigo. Sempre este provocado pelo esquecimento, ou ingratidaõ dos beneficios, q̃ a todos fez Deos: ao seu Povo no deserto, a Adam no Paraiso, & a nós em Portugal. Assim, como nos corações do Povo de Deos, & nos olhos de Adam dormia descansado o seu descuido, como se tivessẽ felicidades para muitos annos; permittio Deos, q̃ vissem no desengano dos seus castigos a pena dos seus enganos; & nos mesmos coraçoens, & nos mesmos olhos a vingança dos seus descuidos.

O povo

O povo de Deos, porque levado dos desejos de seus coraçoens, que os divertia da attençaõ a Deos devida: *Populus meus non intendit mihi*: castigado nos desejos dos mesmos coraçoẽs: *Dimisi eos secundùm desideria cordis eorum*. E Adam, porque esquecido de Deos com os olhos na fermosura do pomo: *Pulchrum oculis, aspectuque delectabile*: nos mesmos olhos castigado, por indigno de o ver: *Abscondit se à facie Domini*. Aquelles coraçoẽs desmerecendo o amor de Deos: & estes olhos perdendo a Deos de vista. E nós, que fazemos o terceiro exemplo, com ambos os castigos juntos, de coraçoens, & de olhos; como Profetas, q̃ tambem nos faziaõ dormir sobre a posse das nossas felicidades. Huns, & outros com dor sem Lenitivos, pela mortal ausencia da nossa sempre desejada Rainha: os coraçoens com magoas do seu amor, sem alivio: & os olhos com perda da sua presença, sem remedio.

Psalm. 80. 12.
Ibid. 13.
Genes. 3. 6.
Ibid. 8.

§. VII.

17 E He impossivel o Lenitivo para esta magoa, & o remedio para esta dor; porque o unico motivo, que o pudera fazer possivel, já hoje não póde tanto. Seria accõmodado Lenitivo para a nossa dor, se em algum tempo nos pudesse

deſſe parecer, que a morte da Auguſtiſſima Rainha de Portugal fora mais para coroa do ſeu merecimento, que para caſtigo noſſo: mais para gloria de Deos, que para ſua vingança. Mas, como jà hoje nos confeſſamos caſtigados com aquella inopinada, & apreſſada morte; naõ nos póde dar alivio a conſideraçaõ, de que naõ ſeriaõ as noſſas culpas, as que provocáraõ tam carregado caſtigo. Sabemos, que a morte de Lazaro mais foy para gloria de Deos, que o quiz reſuſcitar; que para pena continuada das Irmãas, que o viraõ morrer: Joan. 11. 4. *Infirmitas hæc non eſt ad mortem, ſed proglo-ria Dei.* Porèm não foy aſſim a morte da noſſa muito eſtimada Rainha; ainda que tambem nos parece o podia ſer: tambem poderia ſer para gloria de Deos a vida da noſſa Rainha enferma, ſem morrer; aſſim como o foy a vida de Lazaro, depois que morreo. Merecimentos nos parece havia na noſſa Rainha, aſſim como os havia nas Irmãas de Lazaro, para que ambas as enfermidades naõ foſſem *ad mortem.* Se Maria, a Irmãa de Lazaro, não ſe tirava dos pés de Chriſto; ou chorando ſobre elles: *Lacrymis cœpit rigare* Luc. 7. *pedes ejus*: ou alimpan-38. doos: *Capillis capitis ſui* Ibid. *tergebat*: ou veneran-doos com obſequioſos oſculos: *Oſculabatur*

pedes

pedes ejus: ou ungindoos: *Unguẽto ungebat*: ou junto delles ſacrificando as ſuas attençoẽs ao que enſinava: *Sedens ſecus pedes Domini, audiebat verbum illius*. O meſmo fazia a devotiſſima Rainha de Portugal: jà adorando a imagem de Chriſto morto: & jà venerando a Chriſto nas ſuas imagens vivas. Quando ſe abraçava com a imagẽ de Chriſto na Cruz; aos ſeus pés rendiaõ os ſeus olhos o rego das lagrimas: *Lacrymis rigabat*: & offertava a ſua boca a reverencia dos oſculos: *oſculabatur*. E ſe a mortificaçaõ repreſentada no unguento da myrra he a unçaõ mais ſuave para os pés de Chriſto Crucificado; em todas as ſextas feiras do anno os ungia cõ eſta virtude a muito mortificada Rainha. Tirava delles hum raminho de alecrim verde, onde mandava lho puzeſſem hum dia antes; & goſtando, como bocado muito doce, a ſua grande amargura, com a myrra naquelle faſciculo conſiderada: *unguento ungebat*. Em todos eſtes actos eſtãdo *ſecus pedes Domini*: por tantas bocas, como chagas da ſagrada imagẽ, fallava Chriſto ao coraçaõ da devotiſſima Rainha: & o ſeu coraçaõ *audiebat verbum illius*. E quando em todas as ſextas feiras da Quareſma ajoelhada aos pés das pobres, imagens vivas de

Luc 10. 39.

Chriſto,

Chriſto, os lavava, alimpava, & venerava; tambem entaõ, conſiderando nelles os pés de Chriſto: *rigabat: tergebat: oſculabatur.* Se Martha, a Irmãa de Maria, igualmente digna do amor do divino Meſtre, nos cuidados da hoſpedagẽ de Chriſto provava a fineza do ſeu amor: *Martha autem ſatagebat circa frequens miniſterium*: a amoroſiſſima Rainha tambẽ naõ perdia eſtes cuidados. Naõ ſó ás meſmas pobres do lavatorio dos pès dava o ſuſtento daquelle dia, & as ſervia com elle, conſiderando que alimentava, & ſervia a Chriſto; mas ainda às enfermas domeſticas, ſem diſtinçaõ de eſtados, coſtumava aſſiſtir com a Peſſoa, & recrear com o regalo, levada da meſma conſideraçaõ. Todas eſtas virtudes bem poderiaõ ſer motivos diãte de Deos, para prorogar a vida à noſſa Rainha; aſſim como o foraõ as de Maria, & Martha, para lhes reſuſcitar o Irmaõ. E ſe Deos foy mais ſervido reſtituir a vida de Lazaro, q̃ impedir a morte da virtuoſiſſima Rainha; havemos de entender, que tanto foy gloria ſua livrar da pena as duas Irmãas de Lazaro defunto, como darnos a ſentir hũa dor ſem Lenitivo com a auſencia da noſſa Rainha morta.

18 Jà deſta certeza naõ

naõ podemos duvidar: naõ duvidamos já das noſſas culpas, nem do noſſo merecido caſtigo. E cremos, que mais o merecéraõ as culpas de Portugal; do que o pudéraõ impedir as virtudes da ſua Rainha. Porém, que ſendo nós os culpados; a innocente vida da Auguſtiſſima Rainha foſſe a cortada! Deos clemente, Deos miſericordioſo; a noſſa Rainha ſem culpa, & com muito merecimento; & morta? *Tantæne animis cæleſtibus iræ?* Permittaſe ao noſſo pezar eſte termo aſſim expreſſivo da noſſa magoa: porque aindaque gentilico, explica, & deſculpa o ſentimento Chriſtaõ. Quando em Portugal naõ houveſſe ao menos dez juſtos, que mereceſſem a Deos o perdaõ alheyo, como já em algum tempo o merecião muitas Cidades, & muito culpadas: *Non delebo propter decē:* naõ merecerião o perdaõ proprio as virtudes heroicas de hũa Rainha tam bem viſta dos divinos olhos? Ouvio Ninive nos brados de hum Jonas o prazo de quarenta dias para a emenda de ſeus moradores: *Adhuc quadraginta dies, & Ninive ſubvertetur:* & Portugal ſem ouvir algum divino reclamo, que o deſpertaſſe do ſeu eſquecimento, & fizeſſe conhecer os enganos da ſua confiança? Aſſim como ſe prometteo a

Virg. Æneid. 1.

Genes. 18. 32.

Joan 3. 4.

Eze-

Ezechias, que Deos, em quem confiava, o naõ havia de enganar: Isai.37. 10. *Non te decipiet Deus tuus, in quo tu confidis:* & chegãdo elle às portas da morte, as suas lagrimas lhe alcançáraõ de Deos viver mais annos: Isai.38. 5. *Adjiciam super dies tuos quindecim annos:* naõ valeria à nossa amabilissima Rainha, como valeo a este Rey, a grande confiança que tinha em Deos, para sobre os seus annos viver mais dias? Se a mais vida de Ezechias foi prova de o naõ enganar Deos, em quem confiava: *non te decipiet Deus:* a menos vida da nossa Rainha, que tanto cõfiava em Deos, não he bastante fundamento, para perguntarmos a Deos, do modo que se permitte dizer, se tambem engana aos que nelle confiaõ? *Ergone decepisti?* Queixase assim a nossa dor; porque naõ chegamos a comprehender a inteireza da justiça divina; & a medimos pela humana. Entremos nós no seu primeiro Tribunal, que foy o do Paraiso, onde houve Juiz, Reo, & sentença; & veremos, como na sua fonte, o primeiro acto de justiça, que se vio no mundo; & nelle o que agora choramos em Portugal.

§. VIII.

19 VIose alli tão inteira a divina justiça, que para vingar

vingar Deos a primeira culpa dos homens, não só sentenceou com pena de morte a Adam, que era o culpado; mas ficou logo a sua culpa pedindo, para satisfaçaõ proporcionada, a morte do Filho de Deos, q era summa innocencia. Adam morto; porque mereceo a morte: *In pulverem revertêris*: & morto o Filho de Deos; porque se offereceo a morrer: *Oblatus est, quia ipse voluit*. E não he isto vir já do Paraiso a justiça de Deos comprehendendo ao culpado, & ao innocente, ainda que por diversos motivos? A Adam, para a vingança da culpa: & ao Filho de Deos, para a sua satisfação? E entendemos já, como a mesma justiça podia vir sobre as felicidades de Portugal, por suas culpas: & sobre a vida da sua innocente Rainha, sem a embargarẽ as suas muitas virtudes? Sobre Portugal, para nelle vingar Deos as suas offensas: & sobre a vida da benemerita Rainha, para com a sua morte ficar mais inteira a divina vingança? Se este fosse agora o nosso argumento, todo o presente discurso seria necessario, para dar a conhecer tam evidente verdade. E veriamos, como Deos naõ suspẽde o castigo do culpado, ainda prevendo, que nelle se ha de comprehender o innocente, quando esse mesmo

Genes. 3. 19

Isai. 53. 7.

castigo

caſtigo do innocente he tambem caſtigo do culpado: quando he caſtigo de Portugal, a meſma morte da ſua Rainha. E ainda prevendo Deos, que de algum modo lhe poderá tocar o caſtigo de noſſas culpas; nem por iſſo as deixa ſem vingança, quando iſſo meſmo he o ſeu caſtigo. Porque Deos previa, que vencidos os exercitos de Iſrael pelos Filiſteos, a ſagrada Arca do Teſtamẽto havia de ſer tambem preza ſua: *Capta eſt Arca Dei:* não ſuſpendeo por iſſo a morte de trinta mil Iſraelitas: *Cecíderunt de Iſrael triginta millia.* E ſe Deos não revoga as ſentenças da ſua juſtiça, ainda quando ella chega a comprehender o que he de ſeu divino culto: *Arca Dei capta:* tambem naõ as revogará, ainda quando vè, que o caſtigo dos que ſaõ culpados tambem ha de chegar aos que o naõ ſaõ. Fabuloſa he a inteireza da juſtiça dos fingidos Deoſes: & mais foy por elles ſentenceada à morte a innocente Ifigenia, ſendo o culpado ſeu Pay Agamemnon. Depois de fulminada a ſentença de tormenta, & peſte, em deſaggravo da offenſa de hũa Deoſa; não baſtou eſta vingança: ainda mandáraõ, que foſſe mayor: *Oracula conſulta dixerunt, Agamemnonio ſanguine Dianam eſſe placandã.* E ſem nós ſairmos do

1. Reg. 4. 11.

Ibid. 10

Bocat. de natura Deorũ lib. 12. cap. 16.

que

que eſcrevem deſtas Divindades imaginadas; & póde ſervir, para dar cor à confirmaçaõ do que cremos da verdadeira, contaõ, que Ifigenia por compaxaõ ſuperior livrou da morte: *Cùm jam, ut immolaretur, eſſet altaribus admota, Numinis miſeratione ſublata eſt.* Tambem ſe confirma a verdade; quando para o parecer, ſe reveſte della a mentira. Naõ podemos nós dizer outro tanto da noſſa digniſſima Rainha: vimos, que nem Deos ſe compadeceo da ſua innocencia; nem tambem ſabemos, ſe ainda cõ a ſua morte eſtará aplacada a divina juſtiça. Bem vejo alguns motivos muito ſingulares, paraque no juſto caſtigo de Portugal não ſe comprehendeſſe a ſua Rainha: mas, como não havia de haver Lenitivo, que modificaſſe a noſſa dor; tambem não houve motivo, que a divertiſſe: & iſto iremos agora vendo.

20 Muito grande motivo era de Miſericordia para Deos, a que viamos na noſſa piiſſima Rainha para os pobres: parece, que eſta ſua grande compaxaõ, pela ſemelhança que tinha com a de Deos, lhe mereceria mais dilatada vida. Aſſim nos eſtá parecendo, emquãto não conſideramos, como he inteira no Tribunal de Deos a ſua juſtiça: emquanto não vemos, como a naõ

podem embargar eſtas ſemelhanças. E não nos ſayamos do Paraiſo, onde já diſſe ſe deo a primeira ſentença cõtra os homens; para vermos o contrario do que cuidamos. A dous ſemelhantes de Deos, & não podião ſer mayores ſemelhãtes ſeus, comprehendeo então a divina juſtiça provocada pela culpa de Adam. A Chriſto, q̃ era imagem natural de Deos: *Imago Dei:* & a Adam, que era hũa copia daquelle original: *Faciamus hominem ad imaginem noſtram.* E não obſtante toda a ſemelhãça; ambos aquelles dous ſemelhantes de Deos morréraõ: morreo Adam, porq̃ offendeo a Deos; & morreo Chriſto, porque remio a Adam. E que muito, não reſpeite Deos aos ſeus ſemelhantes, attendendo à ſua juſtiça; ſe a injuſtiça dos homẽs tambem não reſpeita aos ſeus ſemelhantes? Se nós vemos a Joſeph degradado para o Egypto por ſeus Irmãos, q̃ eraõ ſeus ſemelhãtes por ſangue: *Vendiderunt eum Iſmaelitis:* & a Herodes condenando à morte a tantos Innocentes, que erão ſeus ſemelhantes, por ſerem ſeus naturaes: *Mittens occîdit omnes pueros, qui erant in Bethlehem?* Hade dizerſe, que a enveja dos Irmaõs de Joſeph, ſentenceando a degredos; & a ambiçaõ de Herodes, condenando à morte, chegaõ a influir in-

2. ad Cor. 4. 4.

Geneſ. 1. 26.

Geneſ. 37. 28.

Matth. 2. 16.

injuſtiças contra os ſeus ſemelhantes; & q̃ Deos por inclinado aos ſeus ſemelhantes, ha de faltar à inteireza da ſua juſtiça? O q̃ eſta reflexaõ nos faz advertir, he o que muito nos deve doer: he entendermos, que aggravarião tanto as noſſas culpas a divina juſtiça, que no ſeu tribunal provocáraõ a ſentença de morte da noſſa Rainha, ſem a impedir aquella ſua ſemelhança com Deos; & encommendada pelo meſmo Deos: *Eſtote miſericordes, ſicut & Pater veſter miſericors eſt.*

Luc.6. 36.

21 E não era ſó eſta a ſemelhança da noſſa Rainha com Deos, emquanto ambos miſericordioſos: tambem a tinhão muito grande, emquanto Deos no cõſelho, que lhe dava de miſericordia com os pobres, ſe nomeava Pay, & ella ſe devia cõſiderar filha: *Eſtote miſericordes, ſicut & Pater veſter miſericors eſt.* Quando Deos nos falla, como Pay; nos cõſideramos ſeus filhos: aſſim como, quando nos falla como Creador; nos conſideramos ſuas creaturas: & quando, como Redemptor; ſeus remidos: & quando, como Cõſervador; ſeus conſervados. E ſe Deos aconſelhando à noſſa charitativa Rainha a miſericordia cõ os pobres, lhe fallava como Pay; ella tomava, & ſeguia aquelle conſelho de Pay miſericordioſo, como filha

miſericordioſa: *Eſto filia miſericors, ſicut Pater miſericors eſt.* E eſta ſemelhança he muito mayor, que a outra: he muito mayor, que a ſemelhança, que ſó faz a Miſericordia: he ſemelhança de Pay para Filho; & naõ póde haver mayor ſemelhança. Pois, nem eſta baſtou, paraque Deos, caſtigando a Portugal por ſuas culpas, deixaſſe com vida a ſua Rainha: paraque naõ decretaſſe a morte a eſta filha. Foy agora a juſtiça de Deos em Portugal, como a ſua primeira juſtiça no Paraiſo, onde ainda eſtamos. Por não faltar Deos à ſua inteireza, decretou a morte de dous filhos, para vingança, & ſatisfaçaõ da ſua primeira offenſa. A morte de Adam, ſeu filho adoptivo, por aggreſſor da ſua offenſa: *In pulverem reverteris:* & a morte de Chriſto, ſeu Filho natural, para redempção do aggreſſor: *Filio ſuo non pepercit.* Por hum, & outro Filho: hum, o unico gerado; & outro, o primeiro creado, começou Deos a moſtrar a inteireza da ſua juſtiça: eſte foy logo o ſeu primeiro exemplar, ſentenceando a hum, & naõ perdoando a outro. E aſſim o fazia (admittindo proporcionada comparaçaõ) a Auguſtiſsima Rainha na direcçaõ domeſtica da ſua familia: os digniſsimos Filhos eraõ os primeiros exemplares, quando

Genes. 3. 19.

Ad Rom. 8. 32.

quando attendia às leys da inteira educaçaõ. Como eſta conſtitue tambem hum Tribunal, onde ſe examina, & julga a obſervancia das ſuas leys; pelos amabiliſſimos Filhos começava a ſua exacta coacçaõ; & por ſua caſa eſte bom exemplo. Não de outra maneira, que o exemplo de Chriſto, quando pelo Templo de Jeruſalem, caſa tambem ſua: *Domus mea, domus orationis:* começou a ſua exacta correcçaõ, lançando della aos que lhe aggravavaõ a obrigada veneraçaõ do reſpeito, & devida reverencia do culto: *Omnes ejecit de templo.*

Matth. 21. 13.

Joan. 2. 15.

§. IX.

22 NEm pareça, que deixaõ de convir entre ſi eſmola, & juſtiça, quando louvamos hũa, & outra couſa na noſſa digniſſima Rainha: quãdo dizemos, que era Filha de Deos, em quãto miſericordioſa com os pobres, & exemplar na inteireza da juſtiça, em quanto vigilantiſſima ſobre a direcçaõ da ſua caſa. Eſmola, & juſtiça, já Tobias a deixou aconſelhada a toda a ſua deſcendencia: *Filijs veſtris mandate, ut faciant juſtitias & eleemoſynas.* E eſte meſmo conſelho deo tambem à Sereniſſima Rainha ſeu aman-

Tob. 14. 11.

tiſſimo Pay, quando nas ultimas viſtas, & proximas diſpoſiçoens para a viagem de Portugal lhe encomendou outros, para nelle ſaber viver, & reynar: & dizia aſſim na recomendação da juſtiça: *Quando a noſſa chariſſima Filha admittir algũs ſujeitos no ſerviço de Beneficios Eccleſiaſticos, ou outros cargos dos que pertençaõ à ſua diſtribuiçaõ; attenderá principalmente à qualidade, & merecimentos de quem os ha de ſervir, preferida ſempre a quaeſquer reſpeitos a equidade deſtas remuneraçoens. E nem as deve expedir, ſem preceder conſelho dos que neſtas diſpoſiçoens poſſaõ ter voto; paraque a falta do maduro exame naõ ſeja cauſa de perigar o agradecimento deſtes premios, havendo em ſeu lugar ſentidas queixas dos mais beneméritos, fundadas no deſprezo de ſua juſtiça.* E eis-aqui expreſſa a clauſula do Teſtamento de Tobias, na qual encomendava aos filhos, & netos a juſtiça neceſſaria para as ſuas direcçoens domeſticas: *Filijs veſtris mandate, ut faciant juſtitias.* E ſe fallava de muitas, & naõ de hũa ſó juſtiça, he, porque aconſelhava todas as obras juſtas: *Ut faciant juſtitias; ideſt, opera juſta.* E as que principalmente ſe daõ a conhecer por eſtas obras juſtas, ſaõ, & devem ſer, as que ſe no-

In Vita Comitis Palatini.

Vide Corn. hic.

nomeaõ, ou podem nomear juſtiças. A coactiva, a punitiva, a directiva, & a diſtributiva; porque tòdas ſaõ *opera juſta*. E que bem exercitava a zeloſiſſima Rainha os preceitos deſtas juſtiças! Com que inteireza animava os actos de tantas virtudes! Já temos viſto a obſervancia da coactiva na inteira direcçaõ, cõ que criava os digniſsimos Filhos: por naõ faltar às leys da educaçaõ, parecia eſquecida dos affectos de Mãy. E nunca Mãy mais verdadeira, que quando aſſim parecia menos lembrada. A obſervancia da juſtiça diſtributiva: das obras juſtas, que eraõ diſtribuiçoẽs; foy entre todas ſingularmente admirada na deſiſtencia, que fez da merce de hũa Igreja, que já tinha dado, cuidando ſer da ſua jurdiçaõ. Em ſabendo, que era do Padroado del-Rey noſſo Senhor; & podendo haver de Sua Mageſtade o conſentimento da merce já feita; ſó por naõ offender o direito dos que a poderiaõ pertender, deſiſtio da ſua liberalidade, fazendo ceder a ſua vontade à juſtiça. A Igreja era o Priorado de S. Tiago em Lisboa: & eu, que agora faço memoria deſte exemplo, digo o que vi. E não foy iſto attender à diſtribuiçaõ da juſtiça? Naõ era eſte o conſelho do Prudentiſſimo Pay da Auguſtiſſima

Rainha? Dizia elle; ou vinha a dizer outra couſa o Santo Tobias nas ſuas direcçoens: *mandate, ut faciant juſtitias?*

23 A outra clauſula do meſmo conſelho de Tobias: *mandate, ut faciant eleemoſynas*: tambem foy advertencia do grande Eleytor Palatino para a prezadiſſima Filha, & Rainha noſſa Senhora. Depois de lhe dizer, que poſto era muito decente aos Reys o attributo de agradecidos, & naõ menos neceſſaria a attençaõ, para não diſpenderem inconſiderados, ajuntou: *Eſta cautela porém naõ tem lugar, quando os Principes abrem as mãos, para ſoccorro dos neceſſitados.* De maneira, que a liberalidade, que não era eſmola, havia de ſer medida; para ſe naõ paſſar alem de liberal: & naõ havia de ſer coarctada a liberalidade, que era ſoccorro dos pobres; para ſe não ficar aquem de miſericordioſo. Hũa liberalidade, porque ſó era argumento da Magnificencia; com regra: & a outra, porque era divida da Charidade; ſem taxa. E digo, que era divida da Charidade; porque aſſim o dizia a charitativa Rainha: *Tomay, filhos: do voſſo comeis; & do voſſo vos dou*: coſtumava dizer aos pobres, quando lhes dava eſmola. E não era muito, que iſto diſſeſſe hũa Rainha Chriſtãa, & tam illuſtrada

In Vita Comitis Palat.

de

de virtudes; se Diogenes, hum Gentio, & por vaidade pobre, dizia o mesmo, quando os outros Filosofos lhe estranhavão o seu mendigar: dizia, que era seu tudo o que pedia; porque o pedia necessitado: *Non peto, sed repeto: repetimus autem mutuum, aut depositum.* Laert. lib. 6. Desta sorte, & com esta consideração seguia inteiro o santo conselho de Tobias a piissima Rainha: com a mesma mão satisfazia ao *faciant justitias*: & tambem ao *faciant eleemosynas.* Como as suas esmolas eraõ restituiçoens, pois dava aos pobres o que era dos pobres; vinhaõ a ser no mesmo tempo justiças, & mais esmolas: charidade livre; & justiça obrigada.

24 Sabia assim unir a justiça com a charidade a nossa muito judiciosa Rainha; porq naõ saõ extremos opostos charidade, & justiça; porque saõ virtudes; & estas sempre andaõ concordes. Naõ sabia porèm compor a justiça com a affeiçaõ; nem o seu gosto com a justiça; porq lhes conhecia a repugnancia reciproca. E se bem se tem advertido, tudo fica já visto na sua coacçaõ domestica, & liberalidade publica. Nem deixava de reprehender, por querer amar: nem fazia a merce a quem inclinava, concorrendo quem a merecia. Ou coacçaõ, ou affei-

affeiçaõ; ou liberalidade, ou divida; eraõ os polos do ſeu grande juizo: nunca concordando os que eraõ oppoſtos; & ſempre acertando com o Governo Aulico, & Politico, aconſelhada pelos dictames paternos. Se no meſmo tempo entendeſſe, que bem podia ſatisfazer a eſtes affectos tam contrarios: aos que eraõ juſtiça, & aos que eraõ amor; accõmodaria o ſeu juizo a extremos repugnantes; & era arriſcar a inteireza da juſtiça no ſeu Tribunal domeſtico. Faria o que quiz fazer Salamão, quando poz em riſco a vida daquelle infante, ſe as duas mãys encontradas no requerimento conſentiſſem cõ o ſeu juizo. Se ellas conſentiſſem na diviſaõ ſentenceada: *Dividite infantem in duas partes*: nenhũa das mãys teria filho; & eſte acabaria morto. O juizo, como he parto do entendimento, tambem ſe póde chamar filho: & ſe a Sereniſsima Rainha quizeſſe affeiçoar o meſmo juizo à juſtiça, & mais à affeição; tambem faria eſte filho do ſeu entendimento em dous pedaços: *in duas partes*: & nem a juſtiça, nem a affeição ficarião inteiramẽte ſatisfeitas. Hum pedaço do ſeu juizo, ou daquelle filho, entendendo q devia amar, ſeria para o amor: & outro pedaço do meſmo juizo, ou

3. Reg. 3. 25.

do

do meſmo filho, julgando que havia de reprehender, ſeria para a coacçaõ. Nem ſatisfaria inteiramẽte á vontade, entendendo que podia fazer a merce, & dar a Igreja; ſe a impugnaſſe a juſtiça. E nem ſatisfaria inteiramente à juſtiça, julgãdo que não devia fazer a merce, & dar o Beneficio; ſe o quizeſſe dar por vontade. Só dando o juizo inteiro à juſtiça, ſem o repartir com a vontade; julgava com razão. Aſſim como, ſó dando Salamão o filho inteiro à que era verdadeira mãy, ſem o repartir com a fingida; ſentenceou com acerto. Inteireza de juſtiça, & juizo inteiro; tudo vem a ſer a meſma couſa: & não faz juſtiça inteira, quem a faz por juizo partido, querendo com elle ſatisfazer a duas partes oppoſtas: com o meſmo filho a duas mãys encontradas: *dividite infantem.*

§. X.

25 POnderemos mais outro motivo ſobre os q̃ ficaõ diſcorridos; o qual poderia tambem ſervir de Artigo, para embargos da ſentẽça de morte da noſſa Auguſtiſſima Rainha, ſe no Tribunal de Deos foſſe admittido. A Rainha noſſa Senhora foy eſcolhida pela mão de Deos para a coroa de Portugal: & não negará eſta verdade, quem conſiderar

derar nas circunſtancias da ſua eleiçaõ. Para ter ſucceſſaõ o Reyno, a Monarchia gloria, & lograrem os Portuguezes o ſeu fim deſejado; ſó havia de ſer ſua Rainha, quẽ Deos eſcolheſſe. Como elle he o Author das boas eleiçoens; & o que dâ Reys aos Reynos: *Rex Regum*: aſſim o havemos de crer. E diſcorrendo nós a felicidade, com que ſe conſeguio o ſeu Auguſto deſpoſorio, ſem contradiçaõ de juizos, ſem repugnancia de võtades: mas antes com agrado, contentamento, goſto, & applauſo de todos; devemos dizer: *Elegit eam Deus, & præelegit eam*. E não era forçoſo eſte motivo, paraque Deos naõ tiraſſe tam cedo a Portugal a Rainha, q̃ lhe deo? Havemos dizer, q̃ não: era juſto caſtigo noſſo a ſua morte; & no Tribunal de Deos não ſe havia de ſuſpender a juſtiça divina por aquella eleiçaõ, ainda que da mão de Deos. Tornemos ao Paraiſo: onde Adam, que era hũa perfeitiſſima obra da mão de Deos, & hũa obra tam parecida com ſeu Author: *Ad ſimilitudinem noſtram*: foy logo por elle meſmo reprovada, & ſentenceada a ſer desfeita: *In pulverem revertêris*. Tambem eſtá parecendo a todos, que eſta obra taõ perfeita da mão de Deos: hũa creatura, a quem deo tanta graça, & eſcolheo para ſua

1. ad Tim. 6. 15.

Geneſ. 1. 26.

Geneſ. 3. 19.

ſemelhança, a não deſfizeſſe, & reduziſſe ao pô, de que fora feita. Iſto meſmo he o que allegava Job, quando pedia a Deos, que por ſer obra ſua, o conſervaſſe a meſma mão, q̃ o fizera: *Operi manuum tuarum porriges dexteram.* Porèm, como a meſma mão, que deo a Adam tanta graça, & a Portugal tam eſcolhida Rainha; no meſmo tempo, em que diſpende beneficios, eſtá chea de juſtiças: *Iuſtitiâ plena eſt dextera tua:* & como a conſidera S. João Chryſoſtomo; quando he remuneradora, tambem he vingativa: *Spectatur hîc juſtitia vindex, & remuneratrix:* tam liberal nos dava a digniſſima Rainha, que pediamos; como vingadora reſervava o caſtigo para nola tirar, pouco depois de a ter dado.

Job 14. 15.

Pſal. 47 31.

Lorin. in Pſal. tom. 1. p. 974.

26 E poſtoq̃ no meſmo tempo ſe compadeceſſe Deos de nós (do modo, que ſe póde compadecer) vendo a noſſa dor futura; nem aſſim ſuſpendia a deliberaçaõ da ſua juſtiça. Como experimentamos tam pezado caſtigo; havemos de crer, que no meſmo tempo, em que Portugal ſe via tam favorecido de ſua liberal mão, dandolhe tam eſcolhida Rainha; a meſma maõ da eſcolha havia de ſer depois a mão da vingãça. Iſto fez tambem Deos a Adam; paraque tudo achemos provado no Tri-

Tribunal do Paraiſo. Bem via Deos, que Adam nacido nas mãos da ſua Omnipotencia, hũa imagem ſua, o primeiro ſoberano do mũdo, hũ Progenitor de homens ſem aſcendencia humana; depois o havia de condenar por irrevogavel ſentença a viver para o trabalho, para o cuidado, para o pranto, & para o enfado. Bem via, que ficava ſujeito à enfermidade, deſprezo da fortuna, alvo do pezar, mendicante do comer, dependente do veſtir, & ambicioſo do grangear. Bem via, que a ſua fatal ſorte havia de tranſcender por toda a ſua deſcendẽcia, lidando ſeus filhos com os vilipendios da pobreza, com as anguſtias da fome, com as inconſtãcias do tempo: vicioſos em hũa idade, em outra canſados, na ultima aborrecidos, & finalmente mortos, & em cinzas desfeitos. E cõtudo, aindaque compadecido da ſua deſgraça: *Tactus dolore cordis intrinſecùs*: a meſma maõ, q̃ lhe havia dado tanta ſoberania, o ſentenceava à morte: *in pulverem revertêris*. E terá já viſto Portugal na vingança da culpa de Adam o retrato da vingança das ſuas culpas, depois de ambos taõ favorecidos da meſma mão de Deos: hum pela graça, com que o dotou; & outro pela Rainha, que lhe deo? Terá já viſto, como Genes. 6. 6.

nem

nem pelo motivo de ſemelhante, nem pelo motivo de miſericordioſa, nem pelo motivo de filha, nem pelo motivo de juſta, nem pelo motivo de eſcolhida livrou a ſua muito eſtimada, & prezada Rainha de tam apreſſada morte, ſó por vingar Deos as noſſas culpas?

§. XI.

27 PAra Deos dar a Portugal a Auguſtiſſima Rainha, que lhe deo; concorrèraõ igualmente a magnificencia de ſua mão, a benignidade de ſeus olhos, & a clemencia de ſeus ouvidos. Ouvio Deos a Portugal pedindo Rainha, vio a Portugal neceſſitado do que pedia, & deo a Portugal o que deſejava. E aſſim como na liberal mão de Deos, q̃ lhe eſcolheo tam prezada Rainha, não teve Portugal a ſuſpenſaõ da ſua morte; porque aquella mão *juſtitiâ plena eſt:* tambem a naõ teve nos divinos olhos, que lhe poz; nem nos benevolos ouvidos, que para elle inclinou; porque tam cheyos de juſtiça eſtaõ os olhos, & os ouvidos de Deos, como eſtá a ſua mão. Os olhos, que Chriſto poz em S. Pedro, depois de o haver negado: *Reſpexit Petrum:* Luc 22. 61. no meſmo tempo de benignos, foraõ ſeveros: benignos; porque olháraõ para S. Pedro com-

compadecidos: & ſeveros; porque o arguiraõ da ſua negação, como juizes. *Palpebræ ejus interrogant filios hominum*: diſſe David dos divinos olhos: o ſeu olhar, aſsim como he compadecer, tambẽ he arguir, & ſentẽcear. O meſmo foy olhar Chriſto para Sam Pedro, depois de o ter negado: *reſpexit Petrũ*: que perguntarlhe pela ſua confiſſaõ pouco antes tam proteſtada, & ſentencearlhe a negaçaõ tres vezes repetida: *palpebræ ejus interrogant*. E por iſſo ſahio logo S. Pedro ſentenceado a fazer penitencia: *Egreſſus flevit*: porque aquella viſta dos olhos de Chriſto o arguhio, & convenceo da culpa: o meſmo tẽpo de olhar, foy o do condenar. E he o que quiz dizer S. Agoſtinho, commenta o Expoſitor deſta Eſcritura: *Oculorum ſuorum nutu verberans eum, ſui lapſûs admonuit*. Na meſma viſta dos olhos do divino Meſtre aggravado pelo Diſcipulo houve pena, & admoniçaõ: *verberans eum: lapsùs admonuit*. E paſſando de S. Pedro Reo convencido no Tribunal de Deos, a S. Pedro Juiz Delegado no meſmo Tribunal; tambem vemos a Deos perguntando, & no meſmo tempo julgando: juntamente Enqueredor, & mais Juiz. Logo, em acabando S. Pedro de arguir a Ana-

Pſalm. 10. 5.

Luc. 22. 62.

Cornel. hîc.

nias

Act. Anias da sua culpa: *Cur tentavit Satanas cor tuum, mentiri te Spiritui Sancto:* cahio Ana-
post. 5. 3. nias morto: *Audiens hæc verba, cécidit, & expiravit.* Como do
Ibid. 5. inquirir de S. Pedro ao morrer de Ananias naõ houve tempo; havemos de entender, que assim como S. Pedro perguntava; julgava, & cõdenava Deos. Este he o argumento de serem as culpas grandes: vingalas Deos apressado: tirar a Portugal a sua amabilissima Rainha, passando a sua idade pouco depois da flor; & estando o seu Reynado no tempo actual do fruto. E mais que tudo isto: & primeiro q̃ tudo isto; condenar Deos ao Anjo com tam apressada sentença, quanto a representou a Christo a breve duraçaõ de hum relampago: *Videbam Satanam sicut fulgur de cælo cadentem.* O relãpago he hũa luz, que no mesmo tempo, em que he, acaba: o mesmo he luzir, que morrer: ou o seu expirar, he luzir. E assim como Deos, sendo a culpa grande, no mesmo tempo, que está perguntando, vay julgando; he a sentença tam abbreviada, como foy a inquirição: he como o relampago: *sicut fulgur.* Luc. 10. 18.

28 Desta sorte castigou Deos a Portugal, depois de pôr nelle os benignos olhos, quando lhe deo a dignissima

Rainha, que pedia: mo-
ſtrando-os agora che-
yos da divina juſtiça. E
do meſmo modo che-
yos de juſtiça os divi-
nos ouvidos, tambem
o quiz caſtigar em o
não ouvir agora, depois
de o ter então ouvido:
ſe o ouvio, quando lhe
pedia Rainha: não o
quiz ouvir, quando lha
tirava. E Deos tam ju-
ſto he, quando ouve,
ſendo miſericordioſo,
como quando ſendo
Juiz: ou ouve os dele-
jos de Rachel, para lhe
Geneſ. 30. 6. dar hum filho: *Domi-
nus exaudivit vocem
meam, dans mihi filium:*
ou os clamores de Abel
Geneſ. 4. 10. contra o Irmão: *Vox
ſanguinis fratris tui cla-
mat ad me.* Aſſim co-
mo ouvio as oraçoens
de Portugal, para lhe
dar ſucceſſaõ: ouvio
tambem os clamores
das ſuas culpas, para
lhe dar o caſtigo. A
juſtiça dos olhos de
Deos, & a dos ſeus ou-
vidos ſempre ſe corref-
pondem: vém os ſeus
olhos a juſtiça, que fa-
zem os ſeus ouvidos;
& ouvem os ſeus ouvi-
dos a q̃ fazem os ſeus
olhos. *Deſcendam, &* Geneſ.
videbo, utrùm clamo- 18. 21.
*rem, qui venit ad me,
opere compleverint:* diſ-
ſe Deos, quando quiz
caſtigar as culpas de
muitas Cidades grave-
mente culpadas. Vie-
rão ver os ſeus olhos:
deſcendam, & videbo:
a juſtiça, que o clamor
daquellas culpas pedia
aos ſeus ouvidos: *cla-
morem, qui venit ad me.*
E ſe nós vemos a Por-

tugal

tugal caſtigado no Tribunal dos olhos de Deos; entendamos, q̃ tambem o foy no Tribunal dos ſeus ouvidos. A ſentẽça de morte da ſua prezadiſsima Rainha foy conferida em ambos os Tribunaes: os olhos examinando as noſſas culpas: *videbo, utrùm*: & os ouvidos attendendo ao ſeu clamor: *clamorem, qui venit*. Armados pois de juſtiça contra Portugal os ouvidos, & olhos de Deos, & tambem a ſua mão: aſſim como antes a meſma mão, os meſmos olhos, & os meſmos ouvidos eſtavão pelas ſuas felicidades; nam podemos achar Lenitivos, que poſſaõ abrandar tanta dor. Sea mão de Deos, que levantou a Portugal, dandolhe a Rainha tam deſejada, agora taõ cedo lhe cortou a vida: & ſe os divinos olhos, que para a ſua eſcolha primeiro foraõ tam beneficos, & os ſeus ouvidos tam propicios; & depois olhos, & ouvidos ſe voltáraõ fiſcaes das noſſas culpas; que Lenitivo teremos para hũa dor tam mortal?

§. XII.

29 DA juſtiça da mão, olhos, & ouvidos de Deos, não duvidamos nós: bem ſabemos, q̃ Deos, aſſim como todo he Miſericordia; tambem he todo Juſtiça. No que porèm podemos

reparar, he o que guardei, para diſcorrer agora: he, que ſendo de tanto agrado de Deos o ſacrificio, que a piiſſima Rainha lhe fazia dos ſeus ouvidos, não foſſe elle baſtante, paraque no noſſo caſtigo ſe não comprehẽdeſſe a ſua morte. Já vimos, como nem as eſmolas das ſuas mãos; nem a mortificaçaõ dos ſeus olhos, quando com eſtudados pretextos ſe retirava donde os podia recrear; chegáraõ a ſuſpender o golpe, que lhe cortou a vida. Mas ainda ſe não vio, nem ponderou o ſacrificio de ſeus ouvidos, que reſervei para eſte lugar. Era pois eſte holocauſto dos ſeus ouvidos, o que delles fazia na frequencia de ouvir a palavra de Deos: não ſe contentava cõ a ouvir nas muitas occaſiões de aſsiſtencia neceſſaria a quem publicamente a prègava: outra era a ſua fineza: & fineza muito mayor. Mandava ao Reverendo Cõmiſſario da Veneravel Ordem Terceira de S. Franciſco da Cidade, Varaõ Santo, q̃ na ſegunda, & quinta feira de cada ſomana foſſe fazer ao Paço em Capella interior as meſmas praticas, que fazia aos Irmãos Terceiros. E que bem empregados ouvidos nas attençoens da palavra de Deos! Que bem diſpoſto coraçaõ, & bem preparada terra, para frutificar a ſemente daquella

Luc. 8. 11. quella palavra: *Semen eſt verbum Dei!* Bem moſtrava eſte ſanto exercicio da Sereniſſima Rainha, q̃ nem aquella ſemẽte cahia entre pedras: *Aliud cécidit ſuper petroſa*: nem prẽdia entre eſpinhos: *Aliud cécidit in ſpinas.* Quẽ aſſim abraçava a ſemẽte da palavra de Deos; bem fazia crer, que nẽ a terra era de eſpinhos; nem o coraçaõ de pedra.

Marc. 4. 5

Ibid. 7.

30 E attendendo nós aos actos heroicos das ſuas muitas virtudes; bem vemos, que ſempre obrava o que ouvia. Como tinha ouvidos de ouvir: *aures audiendi:* não ouvia ſó para entender; mas tambem para obrar. Ouvia os exemplos da eſmola dos pobres; & obravão as maõs o que ouviaõ os ouvidos. Ouvia o conſelho da mortificaçaõ dos ſentidos; & o que lhe entrava pelos ouvidos, ſe lhe via nos olhos. E ſe diſſermos, que não ſó os ſeus ouvidos ouvião; mas tambem ouviaõ as ſuas mãos, & os ſeus olhos, quando faziaõ o que ouviaõ os ouvidos; naõ ſerá encarecimento ſem prova. Que as mãos tambem ouçaõ, quando fazem o que os ouvidos ouvem; já o diſſe S. Gregorio, tendo por palavra de Deos aquella agua, que os eſcolhidos Soldados de Gedeaõ levavaõ cõ as mãos à boca: *Qui manu ad os projiciente lambuerant aquas.* Como eſ-

Judic. 7. 6.

tes, diz o Sagrado Doutor, saõ aquelles, que fazem o que ouvem: saõ, os que ouvindo a divina palavra, naõ deixaõ de obrar o q̃ nella se diz: *Qui, cùm doctrinæ fluenta hauriunt, rectitudinem operũ non inflectunt.* E primeiro que S. Gregorio o disse Deos, como lemos na consideraçaõ de hum Expositor sobre aquelle texto: *Dedit Dominus tabulas testimonij scriptas digito Dei* Deonos Deos os preceitos da Ley escritos por sua mão: *digito Dei*: porq̃ quer que o nosso ouvir seja como o seu obrar: que mais o ouçamos com as mãos, que com os ouvidos: assim como nos manda guardar a Ley, mais com as mãos, que com as vozes: *Præcepta mea non in sono, ut quis audiat; sed ut executioni mandet.* Sendo o meu dizer, obrar; ha de ser obrar o seu ouvir. E se as mãos ouvem, quando fazem o que ouvem os ouvidos: & naõ he isto muito; pois tambẽ aconselhaõ, quando fazem o que se aconselha: *Operata est consilio manuum suarum*: bẽ podemos dizer, que fazendo os olhos o que ouvem os ouvidos; tãbem os olhos ouvem. E desta sorte a palavra de Deos ouvida, assim como a ouvia a nossa muito devota Rainha; era semente, que naõ só lançava raizes nos ouvidos, mas prendia tambem nos olhos, & fruti-

S Greg. Moral. 30. c. 33.

Exod. 31. 18.

Pined. Eth. 311. n. 12.

Prov. 31. 13.

frutificava nas mãos. E assim como ao Rey Argos fingiraõ todo olhos, para servir de exemplar à Prudẽcia dos homens; a piissima Rainha toda era ouvidos para ouvir a palavra de Deos : ouvidos nas maõs, ouvidos nos olhos, & ouvidos de ouvir nos ouvidos: *Aures audiendi.* E por estes ouvidos póde Portugal ouvir, & entender, quaes seriaõ as culpas, que foraõ causa da sua apressada morte; pois nem as maõs, nem olhos, nem ouvidos de Deos, que a escolhéraõ para nossa Rainha, cõcorréraõ para a suspẽsaõ de tam cruel golpe. Naõ nos ouvio Deos a nós, como o ouviaõ à elle as maõs, olhos, & ouvidos da nossa amabilissima Rainha! Oh, como deviaõ ser muitas, & deviaõ ser grandes as nossas culpas! Oh, como se difficultaõ, & impossibilitaõ os Lenitivos da nossa dor!

Matth. 11. 15.

31 Tenho dito, que guardára para este lugar a palavra de Deos ouvida pela nossa Augustissima Rainha; por que quiz, que acabasse este Discurso, assim como havia começado. Começou por argumentos propostos a Deos, que parecia nos tinha enganado, por nos tirar a Rainha, q lhe pedimos: *Ergone decepisti:* & quero, que acabe por conclusaõ, de sermos nós mesmos, os que nos enganamos;

por não termos ouvido o que Deos nos dizia. E ſe começamos por Adam a provar eſta verdade; com Adam acabarémos tambẽ de a provar. He o engano hum bem eſçondido, facil de ſe amar, & difficultoſo de ſe ver: hum vêo por dentro, q̃ faz cegar; & hum ſono, q̃ faz eſquecer. Tudo iſto ſe vio, primeiro em Adam; depois no mũdo; & agora em Portugal. Dizia o Demonio a Adam, & mais a Eva: eſte fruto a vós prohibido por Deos naõ vos ha de matar, ſe o comeres: *Nequaquam moriemini*: mas antes ſerá a voſſa ciencia como a de Deos, que o prohibio: *Eritis ſicut dij ſcientes*. Dizia o appetite do goſto: eſte fruto nam naceo para morrer na arvore: para ſe comer, foy creado aſſim taõ perfeito: *Bonum ad veſcendum*. Ibid. 6. Dizia a viſta dos olhos: eſte fruto ſahio das mãos de ſeu Author com taõ agradavel fermoſura, que leva os olhos de todos, & não ſe ha de deixar de ver: *Pulchrum oculis, aſpectuque delectabile*. Ibid. E ſó o ſentido do ouvir: ſó o preceito de Deos ſoando nos ouvidos de Adam, lhe dizia a verdade: Se comeres deſte fruto, has de morrer: *In quocumque die comederis ex eo, morte morieris*. Porèm, porq̃ Adam nam attendeo ao que ouvia; naõ fez fruto nos ſeus ouvidos a palavra

Geneſ. 3. 4.

Ibid. 5.

Geneſ. 2. 17.

lavra de Deos, por comer o fruto inculcado pelo Demonio; & rendeoſe ao ſeu engano. Tal foy depois o engano de Iſaac, quando houve de abendiçoar ao ſeu filho mais velho: tambem por naõ ouvir com attençaõ ao ſentido, que lhe dizia a verdade, o enganáraõ os outros ſentidos. Dizia o Tacto a Iſaac: eſtas maõs, que eſtás tocando, ſaõ maõs de teu filho Eſaû: *Manus ſunt Eſau.* Dizia o Olfacto: eſta fragrãcia do filho, que tens diante de ti, he das roupas de Eſaû: *Ecce odor filij mei.* Dizia o Goſto: eſte guizado, que comes, he da caça, que taõ apreſſadamente buſcou, & te trouxe o teu Eſaû: *Quomodò tam citò invenire potuiſti?* E ſó o Ouvido: ſó eſte ſentido lhe dizia, q̃ aquelle filho, que parecia Eſaû, naõ era ſenaõ Jacob: *Vox quidem, vox Jacob eſt*: eſte, que eu ouço fallar, verdadeiramente he Jacob: *vox quidem Jacob.* Mas, porq̃ Iſaac enganado pelos ſentidos, que lhe mentiaõ, naõ abraçou a verdade, que lhe fallava aos ouvidos; deo a primeira bençaõ das felicidades da ſua caſa, ao filho, que era o mais moço; & prevaleceo o ſeu engano contra o direito do mais velho. Naõ fez o q̃ nós fazemos, quando o tacto, o olfacto, o goſto, & tambem os olhos nos dizem, que he paõ, & vinho,

Geneſ. 27. 22.

Ibid. 27

Ibid. 20

Ibid. 22

vinho, o que ſe come, & bebe no Sacramento; & ſó cremos a verdade, que nos diz o ouvido: *Caro mea verè eſt cibus: ſanguis meus verè eſt potus.* Joan. 6. 56.

32 Semelhante foy tambem o engano de Portugal: tambem enganado, como Iſaac, & mais Adam, naõ ouvio a verdade manifeſta; deixouſe levar da apparente; & o venceo o engano encuberto. Dizia a Portugal o noſſo deſejo: que a vida de tam prezada Rainha naõ ſeria de tam poucos annos, como foraõ outras; ainda temendo nós, que ſim o poderia ſer. Porque novecẽtos annos viveo o primeiro Homem do mundo; & mais não ſó temia, mas ſabia de certo que havia de morrer, & tinha eſta certeza por lembrança: *Memento: in pulverẽ revertẽris.* Dizia a eſperança conſequente a eſte deſejo: q o Reynado da noſſa Auguſtiſſima Rainha naõ deixaria de ſer dilatado, aindaq as noſſas culpas nos ameaçaſſem com o ſeu fim, para caſtigo noſſo. Por que paſſáraõ cem annos de ameaços, em q deteve Deos o diluvio jà decretado: *Addu-cam aquas diluvij ſuper terram:* & mais em todo eſte tempo (notou Sam Joaõ Chryſoſtomo) nenhũa emenda ſe via nos ameaçados. *Interceſſerunt anni inter prædictionem, & diluvium centum; & in ijs annis* Geneſ. 3. 19. Geneſ. 6. 17. S. Chryſoſt. hom. 20. in Geneſ.

annis ne tantillum quidem profecerunt. Dizia a ſocegada paz do noſſo Reyno: que o deſcanço logrado no tempo de Rainha tam eſcolhida, naõ era para logo ſe render ao pezo dos cuidados, que o podiaõ oppugnar; ainda que todos, como perturbadores da noſſa quietaçaõ, ſempre o eſtiveſſem alterando. Porq̃ cercado ſe achava David de ſeus inimigos; & mais deſcanſava muito pacifico ſobre as ſuas meſmas adverſidades: *In pace in idipſum dormiam, & requieſcam.* Que he o meſmo, como ſe diſſeſſe, diſcorre o Doutiſſimo Genebrardo: *Simul cum eis, quantumvis hoſtibus, pacificè dormiam.*

Pſal. 4. 9

Genebr hic.

E ſó deſpertava a Portugal a contingẽcia do meſmo riſco, de que ſe temia: do riſco, de lhe faltar a ſua Rainha; ainda entendendo, que naõ tinha a certeza de lhe haver de faltar. Só o deſpertava a maldiçaõ daquella figueira, aindaque deſculpada na falta do ſeu fruto fóra do tempo: *Non erat tempus ficorum.* Só eſta arvore, no diſcurſo do Santo & Douto Beda, lhe dizia a verdade aos ouvidos: *Arefecit Dominus arborem maledicto, ut audientes intelligerent ſeſe divino condemnandos eſſe judicio.* Só ella lhe dizia, que todas as ſuas conſideraçoens, ou deſculpas o naõ livrariaõ no Tribunal de Deos, para lhe

Marc. 11. 13.

S. Bed. homil. 7. in Quadrag. tom. 7.

lhe naõ tirar a Rainha, que lhe dera; porque naquelle Tribunal poderia ter as culpas, que elle não cuidava, pelas quaes lhe seria tirada. Como no juizo de Deos (comtigo fallo agora, ò Portugal) como no juizo de Deos podias estar sentenceado, aindaque no teu ignoravas a causa da sentença: aindaque por semelhãça com aquella arvore parecias estar desculpado, como ella o estava; o desprezo desta contingencia te enganou, & cego com este teu engano te descuidaste. Por isso deixando jà de fazer a Deos aquella pergunta de Jeremias: *Ergone decepisti:* a ti a queremos fazer agora. Logo não te enganaste a ti mesmo? Cuidavas, que naõ morreria tam cedo a tua Rainha, não obstãte a certeza de que poderia morrer em todas as horas; porque vias a Adam, aindaque sentenceado à morte, com novecentos annos de vida: & o que viste, foi a tua Rainha morta. Logo naõ te enganaste a ti mesmo? Cuidavas, que a tua Rainha teria dilatado tẽpo de Throno, & Coroa, aindaq̃ por tuas culpas receavas o fim desta felicidade para teu castigo; porque vias a dilaçaõ do diluvio com cem annos de espera, depois de jà decretado para castigo do mundo: & o que viste, foy o apressado prazo do seu Reynado.

Logo

Logo naõ te enganaſte a ti meſmo? Cuidavas, que a tua tam deſejada paz, depois de lograda na preſença da tua pacifica Rainha, naõ ſeria perturbada por ſucceſſos a ella oppoſtos, ſem temeres a inconſtancia do ſocego humano; porque vias a David deſcanſando ſobre as ſuas adverſidades: & o que viſte, foy o eſtrago da tua quietaçaõ: foy aquelle meſmo engano dos que diſſeraõ eſtamos em ſegura paz: *Cùm dixerint pax, & ſecuritas:* & de repente ſe viraõ ſem paz, & ſem ſegurança: *Tunc repentinus ſupervenit interitus.* Logo não te enganaſte a ti meſmo? E naõ te enganaſte, porque naõ ouviſte? Pois agora ſentirás ſem Lenitivo da tua dor, a mortal ferida, que te deo o teu engano. 1. Theſſ 5. 3. Ibid.

DISCURSO VI.

Et ecce pervenit gladius uſque ad animam.

§. I.

1 E Que formidavel he a eſpada, que chega a ferir a alma! He eſta, a eſpada mais formidavel; porque toda he dor, & toda

toda eſpada, o que as outras eſpadas nunca foraõ. A eſpada, que he artefacto de ferro, naõ he dor; ſó he metal. A eſpada, que repreſenta a juſtiça, naõ he dor: ſó he figura. A eſpada porèm, que entra pela alma, he dor toda; porq̃ em nenhũ tempo defende, como a de ferro: nem patrocina, como a da juſtiça: ſempre he eſpada de ferir, porque ſempre eſtá para doer. E por ſer toda dor a eſpada, que nos paſſou o coraçaõ, tirando a vida à noſſa amabiliſſima Rainha; foy a eſpada, que vio Jeremias ferir a Jeruſalem; & a que nós vimos cortar por Portugal: foy a eſpada, que entrou atè a alma: *pervenit uſque ad animam.* O tamanho deſta eſpada, & o agudo deſta dor, aſſim Jeremias, como Jeruſalem, o deraõ bem a entender. Jeremias, porque olhando para eſta eſpada, vio que chegava atè a alma: *uſque ad animam.* E Jeruſalem, porque ſofrendo eſta dor, naõ achou outra, que lhe pudeſſe ſer comparada: *Videte, ſi eſt dolor, ſicut dolor meus.* Como a eſpada, que vio Jeremias, foy a meſma dor, que padeceo Jeruſalẽ; ſe Jeremias lhe tomou a medida, emquãto eſpada; Jeruſalem lhe tomou o pezo, em quanto dor. Nem ſe pudera melhor profetizar aquella dor, que havia de atormentar a mais ſentida, Thren. 1. 12.

ſentida, & a mais magoada alma; ſe não foſſe previſta como dor, & como eſpada: *Tuam ipſius animam pertranſibit gladius.* A dor, que ha de padecer a voſſa alma, porque ſerá a mayor dor; tambem ha de ſer eſpada: *gladius pertranſibit.* Tal he pois a noſſa dor por ſentido accõmodado à mortal auſencia da noſſa nunca eſquecida Rainha: he eſpada tam fóra de marca, que chega a ferir a alma: *gladius uſque ad animam.* E he dor tam profunda, que ſe lhe póde duvidar a medida: *ſi eſt dolor, ſicut dolor.*

Luc. 2. 35.

2 Tambẽ por ſemelhança accõmodada ao noſſo intento ſe podia dizer deſta dor, & deſta eſpada à magoadiſſima Rainha de Portugal, o que no Templo diſſe o Sacerdote à Rainha dos Anjos. Tambem ſe lhe podia dizer, que ſendo aquella dor, eſpada para Portugal: *ipſius gladius*: porque lhe chegou ao coraçaõ; tambem, porque do meſmo golpe lhe levou a ſua Rainha; fora eſpada, & dor para a ſua alma: *tuam pertranſivit animam.* O q̃ naquelle Templo havia ſido profecia do futuro; em Portugal foy viſta do preſente. Foy dor reciproca entre Portugal, que ficava, & a ſua Rainha, que morria; aſſim como dizem q̃ foy, a dor entre Chriſto, quando morria, & a Sãtiſſima Mãy tam-

cl. hic. q̃ ficava: *Hic dolor vicissim à Christo in matrẽ reflectebatur; ipsa enim dolebat, Christum de suo dolore dolere.* Dohiase o Filho da dor da Mãy; & a Mãy da dor do Filho: Portugal da dor de sua Rainha; & a Rainha da dor do seu Portugal. Principalmente, quando se viaõ as duas magoadissimas Magestades: os amabilissimos Filhos, & a amãtissima Mãy. Sempre entaõ diziaõ os olhos a dor mutua dos coraçoens: *dolor vicissim reflectebatur*: & jũtamente sentia cada hũ o sentimento do outro: *de suo dolore dolebant.* Tantas vezes se dohia Sua Magestade da dor da sentidissima Rainha; quãtas ouvindolhe pedir os Santos Sacramẽtos, lhe divertia este cuidado com pretexto de intempestivo. E não penetrava menos o coraçaõ da muito amante Rainha este amoroso, & prudente conselho de Sua Magestade; porque bem via, que mais era dor da sua dor, que divertimento do seu cuidado. Este costuma ser o effeito da dor mutua: he ser hũa dor causa de outra dor; & ser por isso causa no mesmo tempo, em que he effeito. Como hũa dor se intende por outra dor; ambas saõ causas, & saõ effeitos ambas. Pelos remedios, que Christo na Cruz applicou à sua dor, vendo tam sentida a Santissima Mãy; & tambẽ

tambem applicou à dor da Santiſſima Mãy, q o via a elle tam ſentido; bem ſe deſcobre a mutua cauſalidade de hũa dor para outra dor. Deixandoſe Chriſto por repreſentaçaõ no amado diſcipulo como filho da puriſſima Mãy; nem quiz que a Mãy ficaſſe ſem filho: *Ecce filius tuus:* nem que elle repreſentado no meſmo filho ficaſſe ſem Mãy: *Ecce mater tua.* Aſſim, como entaõ a preſença do Filho delegada em S. Joaõ era remedio para a dor da Mãy; tambem era remedio para a dor do Filho. E porque do modo, que era poſſivel, nem a Mãy ficou ſem Filho, nem o Filho ſem Mãy; ſeguioſe o mutuo remedio à dor mutua. Foy hum remedio cauſa do outro remedio; porque hũa dor havia ſido cauſa da outra dor, porque *dolor viciſſim reflectebatur*: & porquè hum do outro, *de ſuo dolore dolebat.*

Joan. 19.26.

Ibid.27

3 Eſta meſma harmonia de dores igualmente ſe via no ſucceſſivo ſom das lagrimas, que cahiaõ dos olhos da amabiliſsima Mãy, & das que lhe correſpondiaõ nos olhos dos prezadiſſimos Filhos. Chamolhe harmonia; porque alli a dor era alternada: *viciſſim reflectebatur*: & porquè jà ſe vio em Coro entoar a dor: *Verſus eſt in luctum chorus noſter.* Formavaõ então hũas, & outras lagri-

Thren. 5. 15.

mas aquelle Canto de David: *Miſericordiam & judicium cantabo tibi, Domine:* no qual, ouvindo Deos ao Profeta, ſoavaõ concordes o brando da ſua divina compaxaõ: *cantabo miſericordiam:* & o agudo do ſeu rigor: *cantabo judicium.* E digo, que aquellas lagrimas formavaõ eſte meſmo canto; porque tambem a magoadiſſima Mãy, & os ſentidiſsimos Filhos no Coro do ſeu pranto entoavaõ a Miſericordia de Deos, pedindolhe ſe compadeceſſe da ſua dor; & entoavaõ tambem a ſua Juſtiça, conformandoſe com a ſua vontade. Só huma differença havia entre eſtes dous Cantos: o Canto do Palacio de David, & o Canto do Palacio de Portugal. David louvava a Juſtiça de Deos jà temperada com a ſua Miſericordia: jà tinha viſto a Deos compadecido, depois de o ver irado. E a ſentidiſsima Mãy, & magoadiſsimos Filhos pedião a Deos, que cõ a ſua Miſericordia tẽperaſſe a Juſtiça: a Miſericordia, pedindoa: & a Juſtiça, abraçandoa. Iſto entoavão as vozes mudas daquellas lagrimas: pedindo a divina compaxão: *cantabant miſericordiam:* & abraçando a Juſtiça divina: *cantabant judicium.*

Pſalm. 100. 1.

4 Era tam firme o abraço da piiſſima Rainha com a divina Juſtiça; que muito antes do ſeu golpe, ſujeitandoſe

doſe à maõ, o havia de dar, jà por elle ſuſpirava. Chegou a empenhar por ſeu interceſſor ao Sereniſsimo Principe D. Joaõ, para lhe haver de Sua Mageſtade o conſentimẽto de tomar o ſagrado Viatico, naõ obſtante o parecer dos Medicos, que lhe não julgavaõ ainda o tempo deſta prevençaõ Chriſtãa. Buſcar, ou pedir o ſuſtento para os filhos, vemos nós em todas as Mãys: mas pedir, ou buſcar hũ filho o Viatico para a jornada da Mãy, ſó neſte caſo de tanta dor, & de nenhũ Lenitivo, ſe podia ver. E primeiro que neſte Filho, ſe vio no Filho da puriſsima Virgem, que deixandoſe na ſagrada Euchariſtia para Viatico de todos; foy principalmente, para o ſer da Santiſsima Mãy, diz o Doutiſſimo Salazar: *Ante omnes, & præ omnibus propter Mariam inſtitutũ fuiſſe.* Em vida, por alimento, para viver: & para a morte, por Viatico para morrer. E ſe naõ foy pedido; foy deixado. Naõ ſe apreſſava mais a ſua enfermidade, em lhe attenuar a vida; do que ſe adiantava a ſua ancia nas preparaçoens para a morte: pareciaõ cuidados de a ir eſperar, antes do tempo de ella vir. Os ſervos mais vigilantes do Senhor, ſaõ os q̃ batendolhe Deos à porta pelos correyos da morte, que ſaõ as

Salazar in Proverb. tom. 1. cap. 9. ad illud Matth. *Vobiſcũ ſum &c.*

enfermidades, na conſideraçaõ de S. Gregorio: *Pulſat Dominus, cùm per ægritudinis moleſtias eſſe mortem vicinam deſignat:* logo elles a abrem ſem demora: *confeſtim aperiunt.* E ſe a virtuoſiſſima Rainha jà queria abrir a porta ao Senhor, antes de entrar, baſtando ſó, que a enfermidade bateſſe, & lhe fizeſſe aviſo, q̃ vinha; que poderemos dizer, vendo tanta preſſa no abrir, antes do tẽpo de entrar? Abrir logo ao bater do correyo, antes do bater do Senhor? Diremos, que a muito ajuſtada Rainha *pulſanti judici aperire non trepidabat.* Diremos, que ainda *non pulſanti confeſtim aperiebat.* Diremos, que quando ainda o tempo *propinquæ mortis non veniebat:* jà a vigilantiſsima Rainha *de gloria retributionis hilareſcebat.* E bem poderiamos dizer, que toda eſta preſſa do abrir, & do eſperar ao Senhor, era certeza, que tinha do ſeu vir, & do ſeu bater para entrar. Nem ſerá cõſideração livre, ſe tudo iſſo diſſermos: ſe entendermos, que na morte da noſſa prezadiſsima Rainha mais havia de myſterio, que de caſo. Quẽ por muitas vezes, antes de adoecer, affirmava, que cedo havia de morrer; fundamento deo, para ſe cuidar, que outros correyos da ſua morte havia tido, muito antecedẽtes aos da enfermidade.

S. Greg. homil. 13 in Euang.

midade. E quem experimentava, que lhe apertavão a mão, & a deixavaõ frigidiſſima por largo tempo, quãdo lhe morria algum Irmão, ou Parente de conſanguinidade aſsim chegada; bem poderia ter indicios certos da morte propria, ſe os tinha da alhea. E mais, quando os da propria lhe eraõ tam importantes, & nam menos merecidos: quando o tempo do ſeu viver, todo havia ſido prevenção para o do morrer.

§. II.

5 NAõ dizião os Vaſſallos da Auguſtiſsima Rainha, que o ſeu animo tam generoſamente diſpoſto para morrer, annũciava a certeza da ſua morte: eſſa conſideração ſó a faziaõ, os q dentro do ſagrado do Paço, & Arbitros dos ſegredos da ſua alma podião ter tam particulares noticias. Diziaõ porèm, & com grande dor dos ſeus coraçoens, que lhes morria a ſua Rainha; porque viaõ ao Ceo de todo fechado às ſuas deprecaçoens. Tambem eſta univerſal deſconſolação era efleito da dor mutua entre elles, & a ſua amabiliſsima Rainha. Tambẽ elles, & a magoadiſſima Rainha padeciaõ aquella dor, que *viciſſim reflectebatur*. Elles, porque levando à ſua preſença

as ſagradas Imagens mais milagroſas, & as ſantas Reliquias mais veneradas, para multiplicarem as rogativas da ſua vida; ſempre a viaõ ir acabando. E a muito amante Rainha, porque entendendo, q̃ aquelle cuidado de ſeus Vaſſallos era argumẽto da ſua dor, lhes correſpondia cõ a ſua: *vicissim de ſuo dolore dolebant.* Naõ nos aliviava tam grande dor, nem promettia Lenitivos a ſagrada preſença das Imagens de Chriſto, & de ſua Santiſsima Mãy; poſtoque cada hũa ſó, ou ambas juntas nos podiaõ alentar a eſperança de vermos com mais vida a noſſa amabiliſsima Rainha. Podia darnos eſte alento a preſença ſó da Imagem de Chriſto nella conſiderada por repreſentaçaõ. Porque ſe a falta deſta preſença havia ſido cauſa da morte de Lazaro: *Si fuiſſes hîc, frater non fuiſſet mortuus*: na ſua Imagem eſtava Chriſto alli preſente, do modo que podia eſtar. Podia tambẽ darnos eſte alento a Imagem ſó da puriſſima Virgem, animando a noſſa confiança com a experiencia da ſua maternal compaxão. Porq̃ ſe antes de Chriſto ter Mãy no mundo, não achava Iſaias quem lhe detiveſſe a maõ do caſtigo: *Non eſt, qui teneat te*: já depois de nacer da puriſſima Virgem, diz Sam Boaventura, que achamos,

Joan. 11. 21.

Iſai. 64. 7.

mos, quem a possa deter: *Beata Virgo detinet Filium, ne peccatores percutiat.* Podiaõ darnos este alento as Sãtas Imagens da Mãy, & Filho alli juntas, dobrada na presença de ambos a esperança de todos. Porque, se para ambos juntos, o Filho morrendo, & a Mãy vendo morrer o Filho, o alivio foy reciproco: *Ecce mater tua: ecce filius tuus:* tambem o poderia ser para a nossa amabilissima Rainha, que morria, & para os seus Vassallos, que a viaõ morrer; pois tambem a dor então era reciproca: *vicissim reflectebatur.* Podiaõ tãbem darnos este alento os merecimentos dos Santos invocados nesta afflicçaõ para nossos valedores: & principalmente os que nas suas Santas Imagens alli estavaõ venerados. Porque, se na consideraçaõ de Saõ Boaventura cõmentãdo aquelle Texto: *In plenitudine Sanctorum detentio mea*: & fazendo reflexaõ sobre a palavra *detentio* a enchente dos merecimẽtos da purissima Virgẽ Rainha dos Santos, suspende os castigos da maõ de Deos: *detinet Filium, ne percutiat*: tambem poderiamos esperar esta mesma suspensaõ, do grande cumulo dos merecimentos dos Santos expressamente nomeados no mesmo Texto: *in plenitudine Sanctorum* Podiaõ finalmente darnos

S. Bonav. in Spec. B. Virg. c 7.

eſte alento as ſagradas Reliquias trazidas de diverſos Santuarios, & applicadas neſta occaſiaõ para noſſo remedio: & por razão eſpecial, as de Sam Franciſco Xavier, que na devaçaõ da piiſſima Rainha era por Antonomaſia o ſeu Santo. Porque, ſe Sam Pedro, para dar ſaude a hum enfermo, que lhe pedia hũa eſmola, baſtou q eſte lhe puzeſſe os olhos: *Reſpice in nos*: tãbem nós todos, aſſim como o enfermo, eſtavamos com os olhos em Sam Franciſco Xavier, olhando para as ſuas Reliquias. E ſe a devotiſsima Rainha não pedia ao ſeu Santo a eſmola da vida, pois ſó queria, que a vontade de Deos foſſe feita; tambem aquelle ſoccorrido de S. Pedro naõ lhe pedia a eſmola da ſaude, pois ſó queria a da prata, ou do ouro, que elle naõ tinha: *Argentum, & aurum non eſt mihi*. Se S. Pedro deo aquella milagroſa ſaude; porque ſó viſto dos olhos, & ſem obrar cõ as mãos, tinha virtude, para a poder dar: *quod autem habeo, hoc tibi do*: parecianos, q o Santo Xavier daria eſta milagroſa vida; porq tambem tinha virtude, para a poder dar, ſendo nas ſuas Reliquias tocado das mãos, & juntamente reverenciado com olhos; & entaõ, *quod habebat, id dabat*. Porèm oh fatal golpe! Nem as ſagradas Imagens

Act. 3. 4.

Ibid. 6.

gens de Chriſto, de ſua Santiſſima Mãy, & dos Santos mais milagroſos: nem a virtude ſanta das Reliquias mais adoradas nos pronoſticáraõ o deſejado fim da noſſa confiança; & ſó vimos cumprida a fatalidade de Portugal, ſemelhante à que previo Jeremias em Jeruſalem: *Et ecce pervenit gladius*

6 Foy eſpada o inſtrumento deſte golpe; porque quando a ferida he aſſim mortal, & aſſim reciproca, a eſpada he o ſeu inſtrumento. Quando Deos revelou a Ezechiel a ſegunda, & terceira deſtruiçaõ de Jeruſalem; aquella mayor dor, era reciproca; & o meſmo vinha a ſer dor, que eſpada. *Percute manu ad manum, & duplicetur gladius, ac triplicetur:* diſſe Deos a eſte Profeta. Firaõſe com golpes reciprocos as tuas mãos, que he o final da mayor dor: & daras a entender, que multiplicada eſta dor, ſe ha de multiplicar a eſpada. Os golpes das maõs, reciprocos: *manu ad manum:* & tantas eſpadas, como tantas dores: *duplicetur, ac triplicetur gladius.* Eſpada achamos, que foy tambem a provocada pela dor reciproca; não ſó nas Hiſtorias profanas, mas tambem nas fabuloſas. Nas profanas, achamos a Niſo, & a Euryalo feridos cada hum da dor do outro; & mortos à eſpada ambos. Ezech. 21. 14.

bos. E para que nem a dor foſſe reciproca, nẽ o golpe mutuo; queria Niſo ſer ſó o morto, & que o não foſſe Euryalo. Eu ſou, & não Euryalo, dizia elle, o que devo morrer: *Me, me ipſum, qui feci.* A minha vida, & naõ a ſua, he a que ha de cortar eſta eſpada: *in me convertite ferrum.* Semelhante a eſta fineza, & ainda em gráo mais ſuperior, era a da noſſa amabiliſsima Rainha a reſpeito dos ſeus Vaſſallos: tambem pelos naõ ver atormentados daquella dor, que na outra vida ſó he dor; queria antes ſofrer a dor, que neſta he a dor mayor: queria antes morrer. Quem dizia, que de vontade muito livre perderia a ſua vida temporal, ſó porque os ſeus Vaſſallos naõ perdeſſem a eterna; tambem vinha a dizer, como ſe fallaſſe com os executores da divina juſtiça: *in me convertite ferrum.* Vivaõ os meus Vaſſallos para Deos, ainda que eu morra para o mundo. E neſta conſideraçaõ, eu ſou, & não elles, a que he bem, que morra: *me me ipſam, quæ feci.* Nas Hiſtorias fabuloſas, encontramos na meſma eſpada, em que ſe atraveſſou Pyramo, atraveſſada Thisbe. Pyramo primeiro, por cuidar, que era morta Thisbe: *dimiſit in ilia ferrum.* E Thisbe pouco depois, por ver morto a Pyramo: *Incubuit*

Æneid 9.

Meta-morph. 4.

cubuit ferro, quod adhuc à cæde tepebat. Ainda que o conto he ficçaõ poetica; para emblema de hũa dor mutua, he figura verdadeira. Os seus feridos saõ supposstos, & os seus nomes fingidos: porèm a moralidade he experimẽtada. Se houver dor mutua; ha de haver espada para os extremos da dor: ou a de ferro; ou a da mesma dor.

§. III.

7 E Naõ he isto, o que experimentou o nosso Portugal? Esta dor espada, ou esta espada dor, cõ hum mesmo golpe, & esse sem Lenitivos, não nos chegou à alma: *gladius usque ad animam?* Quantas vezes, se veriaõ ferir hũa maõ cõ outra: *manu ad manum*: no tempo que a mortal enfermidade hia diminuindo os espiritos vitaes da amabilissima Rainha? E quantas a cruel espada, ou dor aguda nos ameaçava com o golpe da sua morte, & com a morte dos nossos coraçoens: *gladius duplicabatur, triplicabatur?* E naõ eraõ só os seus ameaços para os Mayores do Reyno; mas tambem, para os que naõ eraõ taõ grandes: naõ só para os mais levantados; mas tambem para os muito humildes. Assim como aquella espada antevista, & profetizada por Ezechiel tanto estrago propostiçava

cava aos montes, como aos outeiros: não menos aos rochedos, que aos valles. *Hæc dicit Dominus montibus, & collibus, rupibus, & vallibus: ecce ego inducam super vos gladium.* Aos montes, & outeiros insensiveis mandava dizer Deos, o que haviaõ de sentir os sensitivos: *dicit Dominus montibus, & collibus.* Aos rochedos, & valles inanimados mandava dizer Deos, o que haviaõ de chorar os vivos: *dicit Dominus rupibus, & vallibus.* A todos havia de ferir mortalmente aquella espada: *inducam super eos gladium.* Isto foy o profetizado a todo Israel; & tambem o mesmo, que experimentou todo Portugal. Estava para descarregar o golpe da formidavel espada, & não só o temião os moradores da Corte; mas tambem os dos campos, os dos montes, & os dos valles, quando lá se ouviaõ as lamentaçoens dos Povoados. Deixavaõse ver nos olhos de todos, os tristissimos affectos de seus coraçoens; assim como se dão a ver nos dilatados Hemisferios as sombras dos eclipses proximos: ou no mar já perturbado a tormẽta prevista. O amor a tam amavel, & estimada Rainha fazia esperar contra o que se via: como então só animava hũas esperanças da sua vida à vista jà da morte; nam se podia dizer

Ezech. 6. 3.

dizer de cada hum dos que lutavaõ com eſtes contrarios: *Spem vultu ſimulat, premit altum corde dolorem.* Naõ póde eſperar com ſimulado aſpecto, quem padece a dor, que faz deſeſperar. Nem a deſconfiança, que amortece o coraçaõ; a podem encobrir os olhos. Æneid. 1.

8 Aſſim fluctuava o Reyno todo debaxo da imminente eſpada; como ſe foſſe tormentoſo aſtro, que influhia no mar das noſſas magoas: nas ondas, quero dizer, daquelle mar repreſentado, que ſem encarecimento póde ſer mais temido, que o verdadeiro. Ao mar verdadeiro poz Deos termo, para delle não poderem paſſar, nem ainda as ſuas mais embravecidas ondas. *Circumdedi illud terminis meis, & poſui vectem, & oſtia: & dixi: Uſque huc venies, & non procedes ampliùs, & hìc confringes tumentes fluctus tuos.* O mar porèm repreſentado, que he o mar das afflicçoẽs, não tem termo, que o feche: ainda ſe lhe não diſſe: *uſque huc venies.* Póde Deos limitallo, he verdade; mas de ſua natureza, não he mar para parar: não ſe lhe póde cortar o paſſo: *non procedes ampliùs.* Levantavaſe, pois, no noſſo coração magoado eſte mar tam temido; aſſim como ſe hia aggravando na' noſſa muito ſuſpirada Rainha a ſua enfermidade mortal: Job 38. 10. & 11.

mortal: & porque a viamos ir em crecimẽto, entendiamos que não punha Deos termo ao mar de noſſas penas. Sobreſahiaõ, & ſoçobravão as ſuas ondas a todos os coraçoens; & por iſſo mais ſe cortavaõ os coraçoens, que as ondas. Nem occorrião Lenitivos, que pudeſſem fazer embate ao impeto, com que corriaõ; para nós a noſſa dor; & para a amantiſſima Rainha, a ſua morte. E digo, que corriaõ; porque foy então o tempo, em que uſando a morte de azas, a noſſa dor lhe imitou os voos. Sentindoſe finalmente a muito penalizada Rainha, & Auguſtiſsima Senhora noſſa já rendida nos ſataes braços da morte; dava os ſeus aos da ſagrada Imagem de Chriſto na Cruz tantas vezes, quantas lhe pedia o perdaõ de ſuas culpas. E repetindo com frequencia os actos de Fé, & com ternura os de amor, conforme ſempre com a divina vontade: depois de ſatisfeitas as obrigaçoens de Chriſtãa, & as da ſentidiſsima deſpedida, que não ſe deſcreve; porque ſe ſuppoem ſabida, & melhor ditada pela dor, que ouvida na eſcritura; deo a eſpada o cruel golpe, & ſeparou de Portugal a ſua alma: *Pervenit gladius uſque ad animam.*

§. IV.

§. IV.

9 CHamo alma de Portugal a dignissima Rainha, que elle perdeo, & o animava com a sua presença; porque assim costumão chamar no mundo aos que nelle saõ os mayores, & os primeiros: por semelhança com o Sol, alma de todos os Luminosos celestes, como entre todos o primeiro, & o mayor. Alma de toda a Monarchia era acclamado entre os Gregos o seu Emperador Andronico: *Anima Imperij*: porque era o seu Mayor, & o seu primeiro. E porque tambem participava do Sol as semelhanças; quando morreo, o lamentárão os seus vassallos, como se fosse Sol posto. *O quis Reipublicæ magnam facem extinxit! Qualem Urbium oculum effôdit! Ille fuit, qui totas noctes pervigil excubabat. Ille fuit splendidissima lucerna.* Joan. Vill. Hist. Florêt. lib. 9. cap. 132. Deixariamos nós, logo, de chamar alma de Portugal a sua Rainha, tendo a mayoria, & primazia tambem, de seu Luminoso? Deixariamos de dizer: *O quis Lusitaniæ magnam facem extinxit: illa erat splendidissima lucerna?* Ser luz, & ser alma, não saõ predicados oppostos: alma se chama a luz, em quanto anima a fermosura dos Artefactos materiaes; porq todos elles a perdem, retirandose a luz.

a luz. O composto do mais precioso metal, & mais rica pedraria, depositado onde lhe não chega a luz, tem o seu esplendor em sepultura; porque faltãdolhe a luz, lhe falta a sua alma. Que seja alma a luz; he experiencia da vista: ahi está o Sol, que como alma de Astros, & Planetas, os faz viver pela sua luz: ahi estaõ as luzes artificiaes, que quando as vemos apagadas; porque as consideramos sem alma, as chamamos mortas. E que a muito suspirada Rainha de Portugal fosse sua luz, & seu esplendor; quem o duvidará? Que Vassallo seu dirá que naõ era luz, vendo só o que fazia, quando cõmungava? Nos dias, em que recebia o Santissimo Sacramẽto, cerceava o seu esplendor externo do vestido, & ornato rico, por reverencia do divino Sol, que então considerava presente. Fazia, o que fazem as estrellas na presença do Sol: amortalhão a sua luz; & só a do Sol está viva. E não seria accommodação violenta; se dissessemos com o Bautista, hũa das grandes luzes do mundo: *Lucerna ardens, & lucens*: o que elle de si mesmo dizia comparado com quem era mayor luz, q̃ elle: com quem só era verdadeira luz: *Erat lux vera.* A' vista das crecidas luzes do Sol divino, deve ser diminuida

Joan. 5. 35.

Joan. 1. 9.

Joan. 3. 30. nuida a minha luz: *Illum oportet creſcere, me autem minui.* He verdade, que cõ grande diferença entre diminuiçaõ, & diminuiçaõ: entre a menos luz do Bautiſta, & a menor luz da Auguſtiſsima Rainha. O Bautiſta cõſideravaſe menos luz, que o divino Sol, apontando-o ſó cõ o dedo:

Joan 1. 29. *Ecce Agnus Dei.* E a noſſa Auguſtiſſima Rainha fazia ſer menor a ſua luz, unindoſe com o meſmo Sol no Sa-

Joan. 6. 57. cramento: *In me manet, & ego in illo.* E iſto, não ſó era mais; por ſe ver hũa diminuiçaõ da luz em hũa Rainha; & a outra em hũ Montanhez do deſerto: mas tambem por outra ſingular razaõ, ainda mais ſuperior. Por ſer a reverente cõſideração do Bautiſta, de ſi para Chriſto, antes de haver uniaõ ſacramental: & a da humildiſsima Rainha, jà depois de haver eſta uniaõ entre ſi, & mais Chriſto. E diminuir o Bautiſta a ſua luz comparado com o mayor Sol, ſem ainda ſer elevado a unirſe com elle no divino Sacramento; he menor fineza, que a da piiſſima Rainha na conſideraçaõ, em que a ponderamos: conſiderando nós diminuido o ſeu eſplendor Regio em preſença do meſmo Sol, jà depois de ter ſubido a ſer com elle hum extremo daquella uniaõ: *manet in me: maneo in illo.*

10 Neſta humildade tam rara da virtuoſiſsima Rainha viaõſe entre ſi concordes duas luzes do mundo oppoſtas: a luz, que he luſtre da virtude; & a luz, que he eſplendor da Peſſoa. He luz do mundo o eſplendor da Peſſoa; porque o mũdo ſe enobrece com eſte eſplendor. E he luz do mundo o luſtre da virtude; porque quiz Chriſto, que a virtude dos ſeus Diſcipulos foſſe luz do mundo: Matth. 5. 14. *Vos eſtis lux mundi.* E em hum meſmo tempo concorriaõ eſtas luzes do mundo oppoſtas para a humildade heroica da Auguſtiſsima Rainha: eſcondendoſe o eſplẽdor da Peſſoa, paraque reſplandeceſſe o luſtre da virtude: não apparecendo a luz, que he agrado dos olhos humanos; para apparecer a outra luz, que Deos manda a vejaõ os homens: *Luceat lux coram hominibus.* Ibid. 16 Hũa luz do mundo, *ſub modio*, para luzir a outra *ſupra candelabrũ.* Ibid. 15 A meſma võtade, q̃ dirigia ambas; apagava hũa, & acendia outra. Nas meſmas maõs deſpidas do precioſo, & luſtroſo eſplẽdor do mundo; reſplãdecia a virtude, que no mundo hade andar nas maõs: *Lucernæ ardentes in manibus.* Luc 12. 35. Chegando a devotiſsima Rainha à meſa da ſagrada Communhaõ, recebia ao Senhor com o decẽte ornato de Eſpoſa,

indo

indo ſem as veſtiduras dos deſpoſados: *Non habens veſtem nuptialem.* Para ſe expreſſar por emblema eſta oppoſiçaõ de extremos aſſim concordados; temos figura, & temos letras. Supponhamos viſta em natural retrato a ſoberana Rainha de Portugal ſem o eſplendor de ſeu Real atavio; & juntamente a eſſa meſma falta de eſplendor na Peſſoa, ſer luſtre da virtude: hũa tam grande luz entre ſombras; ſem as ſombras eclipſarem a tam grande luz; que he o ſignificado do noſſo penſamento. E para letras, que o poſſaõ ſignificar; temos no Texto de S. João: *Lux in tenebris.* Nas ſombras, que agora eſcurecem o Real ornato da Peſſoa; ahi meſmo reſplandece a virtude. Temos no Salmo de David: *Sicut tenebræ, lumen.* Virtude, que naõ deixa de luzir entre ſombras; atè a meſma ſombra he virtude. E temos no livro dos Proverbios: *In nocte non extincta lucerna.* Sombra nocturna, & luz, bem ſe podem achar juntas na meſma virtude. Como naõ fallamos das ſombras verdadeiras, ſenão das repreſentadas; as letras, que tambem ſó ſe entendẽ das ſombras repreſentadas; bem podem explicar no ſentido accõmodado as virtudes verdadeiras.

Matth. 22. 12.

Joan 1. 5.

Pſalm. 138. 12.

Prov. 31. 18.

11 E não póde haver

repreſentação mais viva do dia, & da noite na ſua alternativa de tempos; que neſte retiro de hũa luz, & entrada de outra. No retiro da luz, que era eſplendor da Peſſoa na Auguſtiſsima Rainha; & entrada da luz, que nella era o luzimento de ſua virtude. Aſsim como eſtas duas luzes erão no mundo grandes: a da virtude, & a da Peſſoa: & ambas ſe alternavão na devotiſſima Rainha por ſucceſſaõ de tempos, em que deixava de luzir com hũa; & luzia com outra; bem podemos dizer, que tam admiravel Rainha era para Portugal hum novo Ceo; onde ſe via tambem: *Duo luminaria* Geneſ. 1. 16. *magna.* A luz, que era o eſplendor da virtude; por ſer mayor luz: *Luminare maius.* E a luz, que era o luzimento da Peſſoa; por ſer luz menor: *Luminare minus.* Chamo luz menor a eſte Peſſoal luzimento; não pela Peſſoa: mas pela luz. A Peſſoa, era aquelle Luminoſo, que ſó Portugal mereceo para ſua Rainha & o eſplendor externo, de que ſe deſpojava nos tempos jà repetidos, & a deixava, como entre ſombras para a noſſa viſta; era, qual a Lua entre as ſombras da ſua eſfera, o luminoſo menor: *luminare minus.* Deſte Ceo, pois, deſta virtude, deſta luz, & deſta alma, ſem ſe dar lugar Ibid. Ibid.

a Le-

a Lenitivo, nos privou o golpe daquella eſpada: *pervenit uſque ad animam.*

§. V.

12 TAnto he a virtude alma das Monarchias, emquanto luz; como emquanto exemplo: ſe emquanto luz, he alma, que illuſtra; emquanto exemplo, he alma, que alenta: he aquella alma, que ſe falta; o edificio, que ella animava, logo cahio. Logo no principio do mundo, a primeira falta da obſervancia do divino preceito, fez que o mao exemplo de Eva fizeſſe cahir a Adam: comêraõ ambos do fruto prohibido: *Comêdit, deditque viro ſuo, qui comêdit:* & os que eraõ o edificio do mundo racional, ſem luz cegos; & de bom exemplo deſtituidos, cahîraõ em pô desfeitos: *In pulverem revertêris.* Se as Virgens imprudentes do Euangelho imitaſſem o bom exemplo das Prudentes; nẽ ſe achariaõ com as alãpadas apagadas, ſem a alma da luz: *Lampades extinguuntur:* nem ſeriaõ ameaçadas com a hora da morte, por ſe naõ alentarem com a alma do exemplo: *Vigilate, quia neſcitis horam.* Tal ficou a noſſa Monarchia ſem o exemplo da ſua virtuoſiſſima Rainha: morta, ſem a alma, que he luz;

Genes. 3. 6.

Ibid. 19.

Matth. 25. 8.

Ibid. 13.

& ſem a alma; que he exemplo, tambẽ morta: ſem luz, para o encaminho: & ſem exemplo, para o ſeguimento. Muito ſingular foy o q̃ vimos, quando lhe offerecéraõ para aumẽto das ſuas rendas a cõpra, & venda dos eſcravos de Guinè, que ſe contratava para o commercio das Indias Occidentaes. Reſpondeo com eſpirito generoſo, *que naõ queria ter parte algũa em contrato de almas.* O preço deſte exemplo ainda he muito mayor, q̃ o de todos os intereſſes, entaõ offerecido naquella mercancia. Quem ſó tratava, do modo que podia, & nós temos jà dito, do ganho de almas para Deos; nam ſabia contratar nos lucros das almas, que he agencia dos homens. A deſtreza dos ſeus lãços, era no contrato de almas perdidas: a ſua experiencia lhe tinha já moſtrado, como ſe encaminha para o rebanho a ovelha: *Quæ erravit*: & ſe acha a Dragma: *Quæ perdita*. 13 Nem ſe diga contra a conſideração da Prudentiſſima Rainha, que no contrato dos eſcravos, naõ he o meſmo gananciar com o trabalho dos ſeus corpos, que com a ſujeiçaõ das ſuas almas. Por que, como os corpos, ſó animados ſervem; ſó animados ſe compraõ. E não ſe póde contratar em hum genero, q̃ por ſer humano, tam ſujei-

Matth. 18. 12.

Luc. 15. 9.

ſujeitos ficaõ ao trabalho os corpos, como as almas: tam certo he o intereſſe havido pelas almas animando, como pelos corpos animados. Eſte foy o ſentido daquella admiravel ſentẽça: *Naõ quero ter parte algũa em contrato de almas*: com que a noſſa muito pia Rainha reſpondeo à negociaçaõ propoſta. Conſiderava no eſcravo inſeparaveis o mal da ſujeiçaõ da alma, & o mal do cativeiro do corpo; & por iſſo naõ quiz lucros proprios com perdas alheas: cõ a perda do eſcravo pela ſujeição do corpo, que leva comſigo infallivelmente a da alma. E he a razaõ, porq̃ dando Deos licença ao Demonio, para perſeguir a Job; logo lhe poz limite na perſeguiçaõ: ſeparou a perda dos bens temporaes, & o mal do corpo, da perda dos eſpirituaes, & do mal da alma. Para a primeira perda de Job, lhe diſſe Deos, podes fazer o que quizeres: *Ecce, univerſa quæ habet, in manu tua ſunt.* Job 1. 12. Para a ſua ſegunda perda, naõ te dou poder nenhum: *Verumtamen animam illius ſerva.* Job 2. 6. Se em algũ tempo o Demonio foy contratante; foy neſta occaſiaõ: queria gananciar nos bens da alma de Job, deſejando que cahiſſe tentada; & por meyo dos bens do corpo, lhe armava a tentaçaõ. E como ſaõ entre ſi tam con-

cõnexas eſtas duas perdas: a dos bens do corpo, & a dos bens da alma; foy neceſſaria aquella limitação de Deos, para deſta vez naõ intereſſar o Demonio: *animam illius ſerva.* O contrato offerecido à Sereniſſima Rainha, aindaque naõ foi tentaçaõ do Demonio, para os eſcravos perderem os bens eſpirituaes da alma; foy tentaçaõ do mundo, paraque lhe ſujeitaſſe as forças temporaes da alma na venda do corpo. E por lhes naõ fazer a muito compadecida Rainha o mal da ſujeição de ſuas almas, conſequente á ſujeição dos ſeus corpos; naõ aceitou o contrato, & reſiſtio à tentaçaõ. Fugio de hũa negociaçaõ, & fez outra: fez aquelle negocio, que por ſer com Deos, vio que era o do ſeu mayor goſto: *Guſtavit, & vidit, quia bona eſt negotiatio ejus.* Prov. 31. 18. Eſte goſto, he o meſmo que razaõ, diz hũ Douto Expoſitor: *guſtus rationem ſignificat.* E eſta razaõ, acrecenta outro, he para diſtinguir o mal do bem: *res commodas ab incommodis.* E accõmodando nós os ſeus intentos ao noſſo; dizemos, que aquelle goſto, ou aquella razaõ, he para ſe conhecer entre todas as negociaçoens, qual he a boa: *bona negotiatio*: a dos bens do Ceo; & não a dos bens do mundo.

14 Sabemos nós, que

ſe

ſe lhe offereceſſem algum contrato, em que os eſcravos livrando do cativeiro dos corpos, livraſſem tambẽ por meyo do Bautiſmo, de outra mayor ſujeição das almas; abraçaria ſem duvida eſte contrato: empenharia todos os ſeus bens, ſó para dar a Deos os que ſaõ ſeus: ſó para dar ao Filho de Deos aquelles bens, que ſaõ a ſua herança profetizada por David: *Poſtula à me, & dabo tibi gentes hereditatem tuã.* A ſaber (cõmenta Genebrardo com muitos) todos os Gentios chamados, & convertidos à Fè: *Ut ſint tua hereditas per fidem, & agnitionem tui: ideſt, vocatio omnium Gentium, & populorum.* Neſte contrato ſim entraria a noſſa Auguſtiſsima Rainha, para virem ao conhecimento da Fè os que ſaõ herança do Filho de Deos: os Povos Gẽtilicos, ou os Eſcravos de Guinè convertidos. Eſta ſeria a ſua melhor negociaçaõ: *bona negotiatio ejus*: por que ſó eſta lhe dava goſto, & lhe levava os olhos: *guſtavit, & vidit.* E como ſe fallaſſe com o meſmo divino Herdeiro; lhe diria a devotiſſima Rainha: Haja, Senhor, quem me peça para eſte reſgate de almas o que eu poſſo dar; & eu darey tudo para os lucros da voſſa herança: *dabo tibi.* Não entro no contrato, em que os intéreſſes

Pſalm. 2. 8.

S. Cyrill Theodoret. apud Genebrard. hic.

reſſes offerecidos haõ de ſer meus: & ſó o admittîra, ſe os lucros foſſem voſſos; *hereditátem tuam.* As almas dos eſcravos convertidos ſaõ herança voſſa: & ſe eu admittiſſe o cõtrato dos bens do mũdo, com dano das almas dos eſcravos; ſeria tambem com dano dos voſſos bens, & dos meus lucros. E nós lemos nas voſſas Eſcrituras, que quãdo Deos arrenda os bens da ſua herança: *Tradidit bona*
Matth. 25. 14 *ſua:* he para lucro dos
Ibd. 20. ſeus rendeiros: *Quinque talenta tradidiſti: alia quinque ſuperlucratus ſum.* No contrato que me offerecem, & eu não aceito; o mundo he o que dá, & me dá o que não he ſeu. E no contrato dos bens da voſſa herança, que eu aceitára, ſe mo offereceſſem; eu era a que vos dava, & vos dava o que era voſſo: *dabo tibi hereditatem tuam.* Nem ſeria impoſsivel eſte contrato, por ſeres vós o que nelle havieis de pedir, & eu a que havia de dar. Porque ſendo almas, os bens contratados; jà voſſo Eterno Pay vos diſſe, que bem os podias pedir: *poſtula à me, & dabo tibi gentes.* E muito menos não conviria tal contrato, pela condição de pedires vós, o que jà he voſſo: *hereditatem tuã.* Porq̃ Senhor ſois vós de todos os bens do mundo: & mais quando o faminto pede o paõ; vós o pedis, & nós o da-

Matth. 25. 35. o damos : *dediſtis mihi manducare.* Quando o ſequioſo pede agua, vós a pedis, & nós a damos: Ibid. *dediſtis mihi bibere.* E quando o deſpido pede a veſtidura, vós a pedis, & nós a damos: Ibid. 36 *cooperuiſtis me.* Iſto vinha a dizer a muito judicioſa Rainha, rebatendo a tentaçaõ do mundo na negociaçaõ dos Eſcravos. E a alma deſte, & de muitos exemplos veyo a perder Portugal na eterna auſencia da ſua Rainha alma ſua, ſeparada por violencia de hum golpe, que naõ tem Lenitivo : *gladius uſque ad animam.*

§. VI.

15 GRande foy a perda de Portugal na conſideraçaõ de lhe haver faltado cõ a auſencia lamentavel da ſua Rainha, a ſua alma: aquella alma, q̃ he luz, & aquella, que he exemplo de huma Monarchia Chriſtãa. Mas ainda foy mayor a ſua perda, pela ſeparação daquella alma, que he amor: pela falta da ſua amantiſsima, & amabiliſſima Rainha. Por cauſa deſta mortal auſencia, ficou Portugal ſem a muito amavel Rainha, a quẽ amava: & ſua muito amante Rainha jà naõ eſtá em Portugal, para o amar. E como a alma mais

mais está onde ama, q onde anima: *Anima potiùs est ubi amat, quàm ubi animat*: por faltar a Portugal a sua Rainha, que era a sua alma; nem já está onde animava, nem onde amava. Ficou Portugal duas vezes cadaver: despojado da alma, que era amor; & da mesma alma, em quanto era vida. Naõ se póde dizer desta sua alma nem o mais, nem o menos de tam celebrada sentença. Nem que está mais, onde amava: *potiùs ubi amat*: nem menos, onde animava: *quàm ubi animat*: porque já Portugal, nem vive amado, nem animado desta sua alma, faltandolhe a sua presença. E como poderá reviver por beneficio de Lenitivos, hum corpo, depois de tanto tẽpo cadaver? Hũa Monarchia sem a sua prezadissima Rainha; se nella lhe faltou esta sua alma? Lamentando S. Agostinho a morte, & ausencia de hũ grande amigo seu; deste mesmo modo se lamẽtava, & discorria. Como, se aquelle amigo fosse alma de todo o mundo, porque elle o amava, como a sua alma; entendia, que pela ausencia daquella alma todos os homens morreriõ da mesma ausencia, assim como elle por essa causa se considerava morto. *Mortem, quæ eum mihi abstulerat, repentè consumpturam omnes homines puta-*

S. Aug. in lib. Confess. ex Plat.

Lib 3. Confess. cap 4.

putabam, quia illum potuit: dizia quem conſiderava no ſujeito amado ſemelhanças de alma. E ſe eſta era a conſideração de hum amigo para outro, porque os ſeparava a morte; & porque o amor era a alma, que ſe ſeparava; tambem, porque a morte ſeparou de Portugal a ſua amabiliſſima Rainha, que era a ſua alma, podemos nós conſiderar o meſmo. Tambem podemos cuidar, que a morte: *quæ eam nobis abſtulerat*: porque deixou hum cadaver a Portugal; a todos nos deixou cadaveres: *omnes conſumptos*. Tudo iſto faz o amor, quando ſe conſidera, como alma: de ambas as partes ſe correſpondem eſtas finezas: tanto da parte da alma animando, como do corpo animado.

16 Da parte da noſſa amabiliſſima Rainha nunca ſe lhe duvidou deſte amor ao ſeu Reyno; nem da parte do ſeu Reyno houve duvida do ſeu amor à ſua Rainha. Como a ſua Rainha era alma deſte corpo, & era aquella alma, que he amor: não era poſſivel, que ſe naõ amaſſem cordialmente corpo, & alma. O argumento, que podia impugnar tanto amor entre eſta alma, & eſte corpo; ſó o poderia propor a juſtiça: porque ainda que he virtude, & por iſſo muito amavel; não deixa de

ſer

ſer amargoſa, & por eſſa razaõ, menos ſuave. O contrario porèm deſta experiencia foy, o que ſe vio, admirou, & engrandeceo em hũ acto heroico da Auguſtiſſima Rainha: quando pertendendo ǫ hum grande Prelado Eccleſiaſtico, & de muito merecimento lograſſe a Prebenda de huma Igreja ſem reſidencia; ſujeitou à inteireza da juſtiça a ſua Real vontade. E ainda fez mais: ordenou ao Juiz, que havia decidir a cauſa; ǫ fizeſſe inteira juſtiça. E paſſou adiante: ao meſmo Julgador, que a ſentenceou contra o ſeu goſto, louvou muito a ſua inteireza. E naõ parou neſte termo: quiz impetrar diſpenſaçaõ do Summo Pontifice, para chegar ao fim deſejado, ſem ofenſa da ſentença dada: & porque o Pontifice a confirmou; a muito amante da juſtiça, & sẽpre memoravel Rainha de Portugal, repetio muitas vezes o louvor do Doutiſſimo, & rectiſſimo Juiz, ǫ primeiro dera a ſentença em Lisboa; & hoje he digniſſimo Arcebiſpo da Bahia, D. Sebaſtião Mõteiro de Vide. Neſta acção aſſim ſingular, que póde ſer a naõ emparelhaſſe outra, excepto o caſo, em que foſſe ſua; naõ lhe faltou regra, que ſeguir. Paraque, ſendo tam amante do ſeu Portugal, o foſſe igualmente da juſtiça; jà no Filho

de

de Deos dado por amor
Joan. 3. 16. ao mundo: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filiũ ſuum unigenitum daret*: vemos tambem encõmendada a juſtiça do
Joan. 5. 27. mundo: *Dedit ei judicium facere, quia Filius hominis eſt.* Amar Deos muito ao mundo; & amar muito a noſſa Rainha a Portugal; não era, paraque o mũdo, & Portugal ficaſſem izentos da juſtiça. Haviaõ de ſujeitarſe, o mundo à juſtiça de Deos, & Portugal à dos homens: havião de ſujeitarſe os Vaſſallos da Rainha de Portugal ao imperio da juſtiça, ainda quando os quizeſſe patrocinar o amor.

17 E mais que iſto fez a AuguſtiſſimaRainha no caſo referido: naõ ſó quiz que o Vaſſallo pertendente ſacrificaſſe à juſtiça a propria ſujeiçaõ; mas tambem queria offerecerlhe a ſua. Pedindo ao Miniſtro, que fizeſſe juſtiça; ambos conciliavaõ a juſtiça com o amor: o Vaſſallo, rendendolhe a pertenção: & a Sereniſſima Rainha ſacrificandolhe a vontade. Fez, o que fazia David: que ſendo tanto do coraçaõ, & do amor de Deos, como o achamos na Eſcritura: *Virum ſecundùm cor meum:* Act. 13. 22. tambẽ era muito conforme com a ſua juſtiça: *Judica me: diſcerne cauſam meam.* Pſalm. 42. 1. Pedindo a Deos o tratamento de ſeus divinos olhos: *Cuſtodi me,* Pſalm. 16. 8.

queria

ut pupillam oculi tui : queria tambẽ aos meſmos olhos por ſeus juizes : *De vultu tuo judicium meum prodeat.* Nẽ, por ſer do coraçaõ, & dos olhos de Deos ; livre da ſua juſtiça : mas antes por iſſo meſmo ; muito ajuſtado com a ſua juſtiça, por ſer tanto do ſeu coraçaõ, & dos ſeus olhos. E ainda aſſim, com muita ventagem da Auguſtiſſima Rainha de Portugal a eſte grande Rey de Iſrael: da noſſa Rainha a David. O Rey de Iſrael, poſtoque conciliava em ſi meſmo a juſtiça com o amor ; naõ pedia a Deos contra ſi a juſtiça: pedia o contrario ; porque pedia o ſeu favor. *Judica me* : explica Genebrardo: *defende me. De vultu tuo judicium meum :* diſcorre o meſmo Expoſitor : *meam cauſam vultu placido diſcepta.* E a Rainha de Portugal pedia ao Juiz da ſua cauſa ; que por reſpeito do amor ao ſeu Reyno, & ſeus Vaſſallos, não faltaſſe à juſtiça. David, conſiderandoſe entre magoas de menos favorecido, por lhe parecer, que jà a juſtiça de Deos diſcordava do ſeu amor ; chegou a formar, & ainda a multiplicar queixas de quẽ tanto o amava. *Quare me repuliſti? Quare triſtis es anima mea? Quare conturbas me ?* E a noſſa muito amante, & muito juſta Rainha, vendo confirmada pelo Vigario de Chriſto a ſen-

Ibid. v. 2.

Pſal. 42. 2. & 5.

Genebr hic.

ſentença proferida cõtra a ſua vontade; com nenhum deſtes affectos ſe deo a ver magoada. Nem repulſa, nem triſteza, nem perturbação a fizeraõ olhar queixoſa para a juſtiça; nem a obrigárão a ſer conſoladora do amor. Eſta he a alma, que tambem perdeo Portugal, perdendo a ſua amantiſſima Rainha: alma, que tambem animava a Monarchia, em quãto a amava. E medida eſta perda, & pezada eſta dor; o noſſo amor aſſim magoado não póde ter Lenitivo: ſendo a perda mayor, que o remedio, o Lenitivo não póde mais q̃ a dor: & dor eſpada, que chegou à alma: *gladius uſque ad animam.*

§. VII.

18 TAmbem he alma da Republica Chriſtãa aquelle amor, que he devaçaõ: não ſó o que he uniaõ, ou concordia das virtudes; mas tambem o que he devação, ou affeiçaõ da ſantidade. Porque ſe a virtude tanto he alma de huma Monarchia, em quanto luz, que a illuſtra, como emquanto exemplo, que a encaminha; tambem o fica ſendo o amor, conſiderado como unitivo, para a concordia, & como affectuoſo, para a devaçaõ. Iſto tem as virtudes perfeitas: o q̃ he hũa, he a outra. A que he luz, que allu-

mia, he exemplo, que guia: & a que he amor, & une; tambem he amor, & affeiçoa. E cõvertidas hũas em outras, o meſmo amor he devaçaõ; & o meſmo exemplo he luz. Saõ todas, o que vimos ſer as de Chriſto, tanto por uniaõ, como por converſaõ: a que era caminho, era verdade, & era vida: a que era verdade, era vida, & era caminho: & a que era vida, era caminho, & era verdade: *Ego ſum via, veritas, & vita.* Joan. 14 6. Naõ moſtrava Chriſto o caminho, ſem enſinar a verdade: naõ enſinava a verdade, ſem aconſelhar a vida: & não aconſelhava a vida, ſem apontar o caminho. No meſmo tempo era hũa ſua virtude, o que eraõ as outras: *via, veritas, vita.* E conferindo nós com eſta harmonia das virtudes em hum meſmo ſujeito, a que vemos nas operaçoens da alma no meſmo homem; deſcobrimos grande confirmaçaõ do q̃ eſtamos diſcorrendo. Moſtramos, que nem eſta accommodaçaõ faltou à noſſa Auguſtiſſima Rainha, para lhe chamarmos alma de Portugal: não lhe faltou, ſer no meſmo tempo, pelo exercicio das ſuas virtudes, Luz, Exemplo, Amor, & Devaçaõ; aſſim como a meſma alma no homem, pela diverſidade de ſuas operaçoens, he intellectiva, ſenſitiva, & vegetativa.

getativa. Naõ que daqui ſe ſiga haver no homem tres almas realmente diſtintas; nem ter havido na prezadiſſima Rainha quatro cõ a meſma diſtinçaõ. Mas, porque aſſim como as operaçoens formaes na alma do homẽ faz contar tres almas; as diverſas virtudes na piiſſima Rainha de Portugal fazia reconhecer quatro. A alma do homem, hũa: mas pela formalidade das operaçoens, alma intellectiva, alma ſenſitiva, & alma vegetativa. A alma do noſſo Portugal, hũa: mas pela multiplicação das virtudes, alma Luz, alma Exemplo, alma Amor, & alma Devaçaõ.

19 Era tam ſingular entre todas as ſuas devaçoens, a que tinha ao ſagrado Apoſtolo do Oriente S. Franciſco Xavier; que, como jà diſſemos, era elle por ſua Antonomaſia o ſeu Santo: & como agora dizemos, parecia a ſua devaçaõ contagioſa pegada aos ſeus Filhos. Porque ſe a devotiſſima Mãy dizia: *meu Santo*: quando fallava em Xavier; diziaõ tambem: *meu Santo*: os digniſsimos Filhos, quando nelle fallavão. Singular prova do ſanto contagio das virtudes! Daquella communicação, digo, de ſantidade, que paſſando de huns a outros, parece Epidemia. Que todas as virtudes ſe poſſaõ cõmunicar por meyo

da ſantidade das obras; he experiencia tranſcendente de huns Santos a outros. As acções ſantas dos primeiros foraõ por imitaçaõ influindo nas dos ſegundos; & depois nas de todos: & iſto he o que vemos nos contagios, donde tomamos a ſemelhança. Que ainda dos corpos infectos cõ algum mal de enfermidade, ſe pegue ás almas o bem das virtudes por contagio ainda mais myſterioſo; he confiſ-
2. Corint. 11. 29. ſaõ de S. Paulo. *Quis infirmatur, & ego non infirmor*: dizia o Apoſtolo: qual he o trabalho alheyo, que por virtude da charidade eu o não padeça como proprio? Se os que eu amo em Chriſto, adoecem no corpo; faz q eu adoeça com elles a charidade da alma: hũa ſua enfermidade, he huma virtude minha. Que tambem o contacto de veſtidos ſeja meyo para a communicaçaõ das virtudes; vioſe naquella enferma, que tocando os de Chriſto: *Tetigit veſtimentũ ejus*: Marc. 5 27. cobrou a ſaude perdida: *Senſit corpore, quia* Ibid. 29 *ſanata eſſet*. Duas foraõ as virtudes por meyo daquelle contacto cõmunicadas: a virtude da Fè, indo da enferma para Chriſto: & a virtude da Charidade, vindo de Chriſto para a enferma. No meſmo tẽpo Chriſto, & mais a enferma ſe ſentîraõ tocados deſtas virtudes: Chriſto, quando diſſe:

Ibid. 30 disse: *Quis tetigit vestimenta mea*: sentiose tocado da Fè da enferma:

Ibid. 28 *Si vestimentum ejus tetigero, salva ero.* E a enferma, sentiose tocada da Charidade de Christo: *sensit, quia sanata esset*: quando tocou o vestido de Christo: *tetigit vestimentũ ejus.* Todos estes modos de cõtagio nas virtudes confessamos, & admittimos: mas haver tambem este santo cõtagio só por palavras, & vozes ouvidas do modo, em que temos reparado: dizendo os Sereniſſimos Principes: *Meu Santo*: porque dizia: *meu Santo:* a devotiſſima Rainha; he modo de contagio nunca ouvido: he haver contagio nas palavras, onde não póde haver contacto, nem de corpo, nem de vestido.

20 Poderia ser argumento opposto a milagrosa virtude de S. Pedro; pois era tal, que só a sombra, sem contacto tambem algum de corpo, ou vestido, dava saude aos enfermos: *Ut, veniente Petro, saltem umbra illius* Act. 5. 15. *obumbraret quemquam illorum, & liberarentur ab infirmitatibus suis.* Porèm o exemplo allegado não convence a nossa ponderação: porque ainda na communicação daquella virtude de S. Pedro, se não precedia contacto de corpo, ou de vestido; havia o da sombra: aos que tocava a sombra, se cõmunicava a virtude.

E acrecenta Sam Joaõ Chrysostomo, diz o Doutissimo Cornelio, que tocando á sombra a hum só, os mais proximos ao tocado todos saravaõ: *Censet, quòd umbrâ Petri tangente unum dumtaxàt, cæteri, qui illi vicini, sanarentur.* De maneira q naõ obrava aquella milagrosa Epidemia, ou prodigioso contagio, sem o contacto da sombra, ao qual se seguia o dos mais chegados: *umbrâ tangente unum, illi vicini sanabãtur.* E não foy a primeira vez, que na sombra se reconheceo contacto, & nelle se descobrio communicaçaõ da virtude milagrosa. S. Vicẽte Ferreira, & outros Expositores já disserão, que por isso se converteo Dimas: *Ideò unũ dumtaxat Latronem fuisse conversum:* porque só a elle tocava a sombra de Christo na Cruz: *quia ipsum solum tangebat umbra Christi crucifixi.* E nestas palavras da devotissima Rainha: *meu Santo:* não havia contacto, nem por corpo, nem por vestido, nem por sombra; & por seu meyo se communicava, como por santo contagio de palavras, a devação do Santo aos Sereníssimos Principes: sahia da boca da Mãy, & se pegava á dos Filhos. Esta he a singular prova do santo contagio das virtudes: esta a maravilha, que ainda se não tinha visto.

Sanct. Chrysost. apud Corn. hic.

S. Vincent. Ferr. apud Corn. in Act. Apost. loco cit.

21 E ainda ſe não tinha viſto mais: naõ ſe tinha viſto communicada eſta devação, ſem ſe advertir na ſua communicação. Sem advertir hum Eſcrevẽte publico da Corte no que eſtendia em hũa Eſcritura; havendo de eſcrever: *D. Maria Sofia Iſabel:* lançou: *D. Maria Sofia Xavier.* A eſcritura era a da fundação do Collegio, que ao ſeu Santo conſagrava a devotiſſima Rainha; & aſſim havia de ſucceder. Para de todo o modo parecer contagioſa a ſua devaçaõ, havia de eſtar o Eſcrevẽte tocado della, ſem advertir, que o eſtava; como acontece aos tocados do cõtagio, quãdo ſem advertencia ſe achaõ delle feridos. E tambem aſſim havia de ſer, quando ſe tratava deſta fundação: as ſuas principaes Pedras fundamentaes: *Maria, & Xavier:* havião de ler-ſe juntas em hũa Eſcritura; como ſe vem eſcritas em outra, quando ſe começava a Fundação da Igreja, as duas Pedras, q̃ a fundavão: *Chriſto, & Pedro.* Eſte caſo nos dà agora motivo, para levantarmos mais as noſſas conſideraçoens: faz, que reparemos em não dizer a muito judicioſa Rainha na converſação, o que eſte Eſcrevente lãçou na Eſcritura: dizer: *o meu Santo:* & naõ dizer: *o meu Xavier.* Tanto ſe expreſſava a ſua devação de

hum modo, como de outro: mas antes em dizer: *Xavier*: a singularizava mais; porque o nome: *Santo*: he a todos cõmum; & o nome: *Xavier*: he o nome individual do seu Santo. E se digo, q agora levantamos mais as cõsideraçoens; he porque entendemos, que a devotissima Rainha queria nomear a Xavier por hum nome mayor, que o seu, qual he o q dà a santidade. O mayor nome, com que os Anjos no Ceo louvão a Deos, he o de, Santo: Isai. 6.3 *Sanctus, Sanctus, Sanctus*: & com este nomeava a Xavier a sua devotissima Rainha. E justamẽte o nome: *Sãto*: he mayor, que o nome: *Xavier*: ainda quãdo Xavier he o Santo; porque achou David, que o nome: *Santo*: atè o mesmo Deos o exaltava sobre todos os nomes, sendo muitos os nomes que damos a Deos. *Quoniam magnificasti super omne, nomen sanctum tuum*: diz o Profeta. *Quoniã magnificasti super omne nomen, Sanctum, sive sanctitatem tuam*: dizẽ muitos com Lorino. Nem excluimos desta grãde devaçaõ de Xavier a particular circunstancia de o chamar a piissima Rainha, naõ só *Santo*, mas tambem *meu*. Porque se lhe havemos de accõmodar algum exemplo, para a engrandecer mais; no mesmo Deos o achamos por boca tambem

Psalm. 137.2.

Lorin. hic.

de

Psalm. 88. 36. de David: *Semel juravi in sancto meo.* Ajuntou o seu *meu*, com o seu *sancto.* Tẽdo Deos ser divino, ser immenso, ser infinito, & ser immutavel; a nenhum destes, & dos outros seus Attributos vemos nas Escrituras assim nomeado, senaõ só ao, ser Santo. Naõ lemos: *in divino meo*: *in immenso meo*: *in infinito meo*: *in immutabili meo*: & só achamos: *in sancto meo.* Naõ, porque a Santidade de Deos seja mayor Attributo, que os outros; nem Deos menos perfeito por elles, que pela sua Santidade. Mas, para nós advertirmos, que têm as perfeiçoens todas, quem chegou a ter a da Santidade: & que todas reconhecia no seu prodigioso Xavier a piissima Rainha em o nomear só *Santo.*

22 E era Xavier o seu Santo; não só por devaçaõ: mas tambem quanto podia nos principaes actos das suas heroicas virtudes, o era por imitação. A empreza toda de Xavier, foy a salvação das almas: & já temos dito, quanto a Serenissima Rainha imitava este zelo. O fruto das Missoens era o meyo, por onde o Santo Xavier animava a sua empreza: & tambem já dissemos como a zelosissima Rainha influhia neste meyo. O ensino da Doutrina Christãa foy outro dos grandes empregos do Apostolico

Prè-

Prègador do Oriente: & a ſua imitação he a que agora queremos dizer. Mandava ir ao Paço a grãde imitadora de Xavier em dias, & horas convenientes, a hum dos Filhos da Companhia, para explicar a ſanta Doutrina aos ſujeitos do ſeu Real cortejo, onde tambem aſsiſtia, & os Sereniſſimos Principes. E neſte acto tam louvado, do modo que podia, imitava a Xavier: ſe naõ fazendo a Doutrina; ordenando ſe fizeſſe. Poſtoque não profeſſando o Inſtituto do ſeu Santo; era por meyo de hũ Filho da ſua meſma Profiſſaõ. Iſto meſmo fazia Xavier no Oriente: tambem enſinava a Doutrina, quãdo muitas vezes a mãdava enſinar. E por meyo dos ſucceſſores dos ſeus Apoſtolos, ainda hoje a enſina Chriſto, quando elles a enſinão. Era tambem Xavier o Santo da devotiſsima Rainha; porque nos Filhos da Cõpanhia era o ſeu Santo, o Meſtre da ſua doutrina: não ſó quando Rainha em Portugal; mas jà quando Princeza em Alemanha. E ſe a Cõpanhia começou a dar o Leyte da Doutrina Chriſtãa à Sereniſsima Princeza, que depois foy noſſa Rainha; bem lhe podemos accommodar aquelle primeiro Leyte, que na meſma doutrina deo S. Paulo aos ſeus diſcipulos: *Lac vobis potum dedi.* 1. Cor. 3. 2.

dedi. E por consequẽcia; bem diremos da Companhia, o que hũ Poeta disse do Apostolo, considerando-o como Mãy de tantos filhos, quantos com este seu Leyte, ainda hoje cria para Deos: *Lac pia Mater habet.* Dos peitos desta Mãy, a Companhia digo, tomou o primeiro Leyte da santa doutrina a nossa Augustissima Rainha. E por isso já de entam consideremos nós, lhe diria o seu Sãto, olhando para esta sua primeira criaçaõ, que se gloriava de a ver: *Sugẽtem ubera matris suæ.* Como Xavier era Filho da Companhia, & tambẽ se havia criado com o seu mesmo Leyté; a devaçaõ da piissima Rainha ao seu Sãto, era a mayor, que podia ser: era de tal Irmão, para tal Irmãa. Nem podemos negar à devotissima Rainha, & ao seu Santo esta relaçaõ de Irmaõs fundada no ensino da santa doutrina: hum ensinandoa, & outro fazendoa ensinar. Assim como, tão perseguidor era da sagrada Doutrina Saulo ajudando apedrejar a Santo Estevaõ; como aquelles, que o apedrejavão, por ensinar a Doutrina Christãa. Se o odio da doutrina de Christo unia as vontades de quem a perseguia, & de quem ajudava a perseguir; com mais razão o amor da mesma doutrina he uniaõ de irmandades;

Cant 8. 1.

ou

ou vontades nos que a enſinão, & fazem enſinar. Irmãos chamou Chriſto aos ſeus Diſcipulos: *Ecce fratres mei*: & tambem aos que fizeſſem a vontade de ſeu Eterno Pay: *Qui fecerit voluntatem Patris mei, ipſe meus frater eſt.* E ſe a vontade de Deos expreſſa nas Eſcrituras, he enſinar, & doutrinar: *Docete omnes gentes*: he explicar a importancia dos Sacramentos: *baptizantes*: he avivar a credibilidade dos Myſterios da Fè: *in nomine Patris, & Filij, & Spiritus Sancti*: Xavier enſinãdo a doutrina na India, & a piiſsima Rainha fazendoa enſinar no ſeu Palacio; tam Irmãos eraõ entre ſi, como o ficaraõ ſendo de Deos: *Qui fecerit voluntatem Patris mei, ipſe meus frater eſt.* Nẽ faltava à doutrina mãdada enſinar pela muito pia, & devota Rainha, o que muitas vezes ſe via na doutrina enſinada pelo ſeu Sãto: aſſim como nas Cortes da India ouviaõ a que elle enſinava, os Reys, & Principes, que converteo; ouvião tãbem a que ſe mandava enſinar na Corte de Portugal, a ſua Auguſtiſſima Rainha, Suas Altezas os Sereniſsimos Principes, & as Illuſtriſsimas Cortezãas da ſua immediata companhia. Todo eſte Eſpirito Catholico atè aqui ponderado animava a Devaçaõ da

Matth. 12. 49.
Ibid. 50
Matth. 28. 19.
Ibid.
Ibid.

noſſa

noſſa piiſſima Rainha, ou Alma de Portugal: & todo por violencia daquella dor, que choramos, ſem Lenitivos; cortou a fatal eſpada, que ferio tam prezada alma: *gladius uſque ad animam.*

§. VIII.

23 FIcou finalmẽte Portugal hum cadaver, ficando ſem a ſua Rainha, alma ſua: naõ ficou, como S. Agoſtinho conſidera o Reyno do Ceo; & diz, que ſe não deve chamar cadaver aquelle Reyno; porque a Eternidade, que he a alma da ſua duraçaõ, nunca acaba: *Regnum verè Beatum, carens morte, vacans fine.* Os mais Reynos, de algũ modo animados por alma, que tem fim, & a ſepara a morte do ſeu corpo, como foy Portugal; juſtamẽte ſe podem chamar cadaveres. Aſſim como variaõ de eſtado, mudaõ de corpo, por ſerem figuras deſte mundo: em hũa Scena cõ repreſentaçaõ de viventes; & com a de cadaveres em outra. Ter caido, & ſer cadaver, diz outra vez o meſmo Santo, & o diz tambem S. Jeronymo, tudo vem a ſer hũa couſa: da ſua queda traz o cadaver o ſeu nome: *A cadendo appellata ſunt cadavera.* Por iſſo quando Adam cahio no Paraiſo, logo começou a ſer cadaver: *pulvis es*: & lhe diſſeraõ, que ſe havia de

S. Aug. tom. 9.

Idem de Civit. Dei.

Genes. 3. 19.

de desfazer na sepultura: *in pulverem revertêris.* E porque os Reynos tem semelhãça com os corpos humanos, como o entendeo Aristoteles: *Est Respublica, sive Regnum, sicut corpus humanum*: & Plutarco fallando com o Emperador Trajano, os reconheceo animados: *Respublica est corpus quodammodo, quod divini Numinis beneficio velut animatur*: tambem hão de ser cadaveres, porque tambem caem: *a cadendo appellata cadavera.* Se saõ corpos levantados, quando florecẽ triunfantes; quando depois os deixa a alma, que os animava, saõ corpos caidos: saõ cadaveres.

Ibid.

Arist. 5. Pol. t.

Nicol. Oresm Lexovien. Amist de mutat mo net. cap. 17.

24 Isto assim ponderado; duvidará Portugal ser hoje cadaver, tendo caido da sua mayor felicidade? Duvidará ser corpo morto, separada jà de si na sua Rainha, a sua alma: *gladius usque ad animam?* E se he corpo morto, corpo caido, & cadaver; como póde ter Lenitivos a sua dor? Este nosso Reyno, & por ausencia desta sua alma hoje assim cadaver, recorrẽdo nós aos ritos da Antiguidade Gentilica, bem nos mostra a impossibilidade dos seus Lenitivos. Enterravaõ huns aos seus cadaveres voltados para o Oriente: *Megarenses, pronos Orientem versùs*: & outros, para o Occidente: *Phœ-*

Alex. ab Alex. lib 5. cap. 2.

Æl. lib. 7. de var. hiſt.

Phœnices Afri, Occidentem versùs. E de qualquer modo, que nós cõſideraſſemos ſepultado o noſſo cadaver, a letra: *morto ſem Lenitivos*: lhe poderia ſervir de Epitafio. Olhando para o Oriente: *morto ſem Lenitivos*: porque com os olhos no Sol, que lhe naceo; & jà lhe não ha de nacer. E olhando para o Occidente: *morto ſem Lenitivos:* porque com os olhos no Sol, que ſe lhe poz; & por hũa vez poſto. A Roma antiga; aquella Roma, que eſtá debaxo da nova, bem a podemos conſiderar com Lenitivos da ſua dor. Porq, ainda que ha muitos annos he cadaver ſepultado; tambem hoje he corpo outra vez vivo. Como por cima de Roma ſepultada eſtá Roma renacida; bem podemos entender, que eſtá Roma aliviada; ou olhe para o Oriente, ou para o Occidente. Com Lenitivo, olhando para o Oriente. *Orientem versùs:* porque tornou a nacer. E com Lenitivo, olhando para o Occidente: *Occidentem versùs:* porque não acabou de viver. A alma, que animava a Roma ſepultada, tambem era luz, tambem era exemplo, tambem era amor, tambem era devaçaõ. Era a luz da Fè, era o exemplo da Chriſtandade, era o amor dos Martyres, & era a devaçaõ dos Santos. E porque a meſma alma, he

he a q' anîma a Roma renacida; a ſubterranea, a que he cadaver, bem a podemos conſiderar reſuſcitada. E naõ he aſſim o noſſo Portugal, & o noſſo cadaver, por auſencia da ſua alma: o eſplendor da ſua luz, a guia do ſeu exemplo, a uniaõ do ſeu amor, & a ſuavidade da ſua devaçaõ; tudo eſtá com a ſua alma ſepultado, & tudo com ella ſubterraneo.

§. IX.

25 LUz, & exemplo ſam predicados, que ſe convertem, como jà diſſemos; porque tanto encaminha o exemplo, como a luz: & não illuſtra menos a luz, que o exemplo. Os Varoẽs illuſtres em virtude, tambem foraõ exemplares: & os ſeus exemplos foraõ tambem luzes. Tudo tinha jà dito Seneca, fazendo diſtinçaõ entre a efficacia do exemplo, & do preceito. *Longum iter eſt per præcepta: breve, & efficax per exempla*: eis-ahi o exemplo encaminhando: *breve iter per exempla.* E dando a razaõ do ſeu penſamento, diz: *quia homines plus oculis credunt, quàm auribus:* & eis-ahi a luz dos olhos fazendo o que faz o exemplo: *plus oculis, quàm auribus credunt.* De maneira, que ſem a luz dos olhos, não ſe póde ver o caminho, que enſina o exemplo: Senec. ad Luci.

& com a luz do exemplo, melhor ſe enſina o caminho, que haõ de ver os olhos. E eſta he a bem fundada razaõ; porque conſideramos a Portugal cadaver na auſencia da ſua prezadiſſima Rainha: ficou ſem aquella alma, que era luz, & era exemplo. He verdade, que ainda lhe ficáraõ muitos exemplares da virtude, & exemplos da ſantidade muito illuſtres: mas naõ lhe ficou a luz, & o exemplo da que era ſua alma. Como eſtes exemplos, & eſtas luzes, que lhe ficáraõ, ſaõ as virtudes dos Vaſſallos da que era alma de Portugal; ſaõ, como os mais exemplares, & luminoſos da Gerarchia dos aſtros: ſim ſaõ Eſtrellas, & Planetas; mas a alma de todos he o Sol. Se o Sol lhes faltaſſe; bem ſe lhes poderia accommodar a ſemelhança de cadaveres na falta da ſua alma: ou já os podemos aſſim chamar, quando elle ſe lhes auſenta. E naõ lhes fariamos violencia com eſta accommodaçaõ, tendoos por cadaveres celeſtes: pois a Filoſofia os chama corpos; a Fé diz, que haõ de cair; & temos por doutrina, que ſe haõ de corromper.

16 Ao Principe chamáraõ os Antigos: *Reipublicæ oculum* vigilante luz de hũa Monarchia. E porque o Sol tambem he Principe dos Aſtros, & de mais luz, que os olhos; tam- Laur. Beyer. tom 3. pag. 170.

bem lhe podemos dar o meſmo nome: *Cæli oculum*: eminente Eſplendor das aulas celeſtes: ambos Principes, & ambos luzes. Os meſmos Antigos chamáraõ tambem ao Principe: *ſpeculum ſubditorum*: eſpelho, em que ſe vem os vaſſallos. E porque no Sol, podemos dizer, que vem as ſuas ſemelhanças todos os luminoſos do Ceo; do meſmo modo o havemos tambem chamar: *ſpeculum ſubditorum*: eſpelho das luzes menores. Ambos Principes, & eſpelhos ambos. Combinemos agora eſtas accommodaçoens: & ſuppondo por principio certo na politica Chriſtãa, que o meſmo he ſer exemplo, que eſpelho; porque em ambos ſe vè o que he fermoſura, para ſe imitar; & o que he fealdade, para ſe emendar; concluamos aſſim eſte Periodo. Naõ ſó Princeza, mas Auguſtiſſima Rainha, era a alma de Portugal, que choramos auſente por morte: alma, que no meſmo tempo era ſua luz, & ſeu exemplo, ou eſpelho. E porque já de hũa vez dividida do ſeu corpo eſta alma; tambem ſem eſperança de tornar a ſer ſeu eſpelho, ou ſua luz, deixandoo para ſempre cadaver. E ha Lenitivos para tam aguda dor? Em quanto eſta alma animava eſte corpo; era a ſua virtude luz, que o illuſtrava, & eſpelho, em

em que se via. E se já esta luz se apagou,& a cortina deste espelho se correo; esta dor terá Lenitivos? O seu zelo, para o bem da Monarchia, era: *Reipublicæ oculus*: todo era olhos sobre este bem. O seu exemplo, para os Vassallos, era: *speculum subditorum*:todos se reformavaõ à vista deste espelho.E naõ he cadaver Portugal, naõ tendo elle já estes olhos, que o vejaõ, nem espelho, em que se ver?

§. X.

27 A Desgraça de hum corpo caido, depois de feito cadaver, ha de medirse pela altura, donde elle cahio: quanto de mais alto a queda, mais desgraçado o corpo, & mais abatido o cadaver. E he o que dá a entender o Poeta: *Tolluntur in altum, ut lapsu graviore ruant.* Claud. lib 7.in Ruffin. Mas antes acrecenta S. Jeronymo contrapezando a subida com a queda, que mayor he a pena ao tempo do cair, que o gosto na hora do subir: *Non est tanti gaudij excelsa tenuisse, quanti mœroris de sublimioribus corruisse.* Lib.1. Epist. Portugal, aquelle corpo,que agora consideramos cadaver, tinha subido tanto,pela uniaõ, & amor com a alma, que o animava, em quanto viva a sua Rainha; que nem quando lograva a sua presença, podia subir mais alto: nem,quando

depois a perdeo, cair mais baxo. Naõ eſtranhará eſte encarecimẽto, quem conſiderar, quanto faz ſubir de eſpirito o cumulo de virtudes unidas em hũa alma; & quanto o corpo animado com eſta alma fica ſubindo. Eſte cumulo, & eſta uniaõ de virtudes tinha a noſſa Auguſtiſſima Rainha; alma de Portugal. A ſua charidade era compaxaõ da pobreza; a compaxaõ da pobreza era humildade da Peſſoa; a humildade da Peſſoa era deſprezo da ſoberania. E por converſaõ de todas; quando a virtuoſiſſima Rainha deſprezava a ſoberania, abraçava a humildade: quando abraçava a humildade, obſequiava a pobreza: & quando obſequiava a pobreza, afinava a charidade. Eſte amor, reprovando nós agora a celebrada, & antiga ſentença: *Non benè conveniunt, nec in una ſede morantur Maieſtas, & amor*: dignamente ſe aſſentava no meſmo throno com a Mageſtade: nem a Mageſtade deſconvinha do amor: nem o amor da Mageſtade. E como era amor do proximo, & unia todas eſtas virtudes, formava dellas hũ circulo, como no amor de Deos o conſiderou formado S. Dionyſio Areopagita. *Divinus amor, tamquam ſempiternus circulus propter bonum, ex bono, in bono, & ad bonum indeclinabili*

Ovid. Meram. 2.

S. Dion. Areopag. de Divin. nomin.

bili converſione circumiens Diſcorre o amor de Deos por ſua bondade, ſae da ſua bondade, achaſe na ſua bondade, & volta para a ſua bondade. E o amor da noſſa charitativa Rainha tambem: *indeclinabili converſione circumiens*: diſcorria pela virtude, ſahia da virtude, achavaſe na virtude, & voltava para a virtude. De hũa para outra: & ſempre por todas: *tamquam circulus*. Qual a alma no corpo humano (paraq̃ ainda por eſta ſemelhança acertadamente lhe chamemos alma) que por eſtar toda em todas as ſuas partes; como fazendo circulo, o rodea todo. Privado pois Portugal de hũa alma tam unida a todo elle, quando nella ſe achavão unidas todas as virtudes; o circulo das virtudes ficou cortado; & o do amor deſta alma com o ſeu corpo, desfeito.

28 E porque a amabiliſſima Rainha ſendo alma de Portugal, tanto o animava com a ſua charidade, como cõ a ſua devaçaõ; tam cadaver ficou deſemparado de hũa virtude, como de outra. He conſequencia ſem duvida, que authoriza muito hum grande Meſtre Aſcetico, definindo a devaçaõ; porque nella comprehendeo ambas as virtudes devaçaõ, & charidade: *Devotio eſt fervida mentis in Deum dilectio, per quam divi-*

Gilbert. Tornac. de tranquillit. anim. cap. 19.

na dulcedo rapitur. O meſmo he devaçaõ, q̃ amor: & por meyo deſtes dous affectos unidos goſtamos neſta vida o fruto da doçura da outra. Quanto ſe alimentava a devotiſſima Rainha deſte fruto, & ſe enlevava neſte roubo; foy bem manifeſto no publico da Corte, & advertido no occulto do Palacio, como jà temos moſtrado. A reflexaõ ſingular, q̃ agora nos occorre, he ſer a devaçaõ furto: *dilectio, per quam divina dulcedo rapitur.* E bem podemos conſiderar, q̃ a devação da piiſſima Rainha era tam fervoroſa, & ſubida; que chegava a fazer eſte roubo. A frequencia dos ſeus actos, a duração do tempo nelles, & em todo elle a reverente poſtura de joelhos ſem violencia, mas antes com manifeſto goſto; não ſó eraõ indicios evidentes do furto, que a ſua alma fazia da divina doçura; mas tambem os olhos do corpo, de que a Auguſtiſſima Rainha era alma, entravaõ a ter parte no meſmo furto. Tanto o faziaõ os noſſos olhos da ſua devação; como a ſua devaçaõ dos olhos de Deos: os noſſos olhos levados da ſuavidade, que deſcobriaõ na ſua devação: & a ſua devaçaõ attrahindo a ſi as viſtas de Deos. E como os olhos tambẽ vivem do agrado da viſta, porque tanto vivem, quãto vem;

vem ; privados jà os noſſos deſta ſua vida com a morte da amabiliſſima Rainha; tambem cahîraõ, & ficáraõ tambem cadaveres. Eſta he a univerſal razão, porque todo Portugal deſejava dilatada vida à ſua piiſſima Rainha ; & porque a muito amante Rainha merecia a Portugal toda eſta eſtimaçaõ. Fazia Portugal o que Roma fazia, quando florecia o Santo Põtifice Leaõ X. deſejando o meſmo, que Portugal deſejava , dizia por boca dos que viaõ as ſuas grandes virtudes : *Vive pie , ut ſolitus ; vive diù, ut meritus.* Não ſe acabe para nós a voſſa piedade; nẽ para vós o voſſo merecimento. E era o meſmo, que dizer : vivei mais tempo , para Roma viver mais. Jà que ſois a alma deſte corpo com a voſſa vida ; naõ ſeja depreſſa cadaver , por voſſa morte. Iſto he o que dizia Roma , antes da ſeparaçaõ daquella alma , de quem taõ grande Monarchia era corpo; & na qual a vida era pia : *vive pie , ut ſolitus* : & o merecimento era vida : *vive diù , ut meritus.* Outro tanto dizia Portugal , porque o dizião à ſua Rainha , & à ſua alma, os ſeus amantiſsimos Vaſſallos ; jà olhando para a ſua devaçaõ ; jà medindolhe o ſeu merecimento: *vive, ut ſolita : vive , ut merita.* Porèm , como o golpe

Jovius in Leonis X. vita.

da eſpada era inevitavel; & pela dor conſequente, o Lenitivo impoſſivel; ficou Portugal cadaver por ſeparaçaõ da ſua alma: *pervenit gladius uſque ad animam.*

29 Por ſeparaçaõ, torno a dizer, daquella alma, conſiderada, como luz; admirada, como exemplo; retratada, como amor; & venerada, como devaçaõ. Todas eſtas perfeiçoẽs juntas obrigavaõ a dizer em Portugal, quando era lembrada a ſua Santa Rainha Iſabel; o que S. Jeronymo dizia das duas Sãtas Paulas de Roma, Avó, & Neta, fallando com a ſegunda. *Si non fuiſti prima, quæ Gracchorũ ſobolem ſanctitatis laude conſecraſti; certè feciſti, ut Avia non eſſet ſola.* Aſſim meſmo em Portugal: ſe a ſua antiga Rainha Iſabel foy a primeira; naõ foy ſó: porque a noſſa Rainha Maria Sofia Iſabel foy a ſegunda: *fecit, ut prima non eſset ſola.* E naõ póde haver Lenitivo para a noſſa dor; poſtoque a meſma eſpada da morte cortaſſe a vida de ambas, & a nós o coração a todos. Aquella ſentença: *Solatium eſt miſeris ſocios habere Penates*: eſtá cõdenada no juizo de Seneca: *Malevoli ſolatij genus eſt turba miſerorum*: naõ póde ſer alivio da pena de hum, a pena de todos. A nós, que perdemos hũa ſegunda Rainha Iſabel, depois

Ex Epiſt. 15 lib 2. & ex ultim. lib. 3.

Senec. lib. de Conſol. ad Marcian.

depois de Portugal ter perdido outra, não alivia, ter por cõpanheiros no estrago, que fez a morte aos Santos da mesma Aula, se não he Lenitivo da dor ter por semelhantes no sentimento aos Deoses da mesma casa: *socios habere Penates: malevoli solatij genus est.* Ainda que de hũa mesma dor morreo em Portugal o coração de Sua Magestade ElRey nosso Senhor: *Perivit cor Regis:* o coração de Suas Altezas os Sereniſſimos Principes, & dos Principes Ecclesiasticos, & da Corte: *& cor Principum.* Ainda q̃ o mesmo golpe tirou a falla aos Sacerdotes: *Obstupuêre Sacerdotes:* & affligio aos Profetas: *Prophetæ consternati.* Ainda que a força do sentimento fez parecer engano de Deos, o q̃ era sentença sua justissima: *ergone decepisti.* Ainda que a fatal espada da morte cortou a vida da nossa Augustissima, amabilissima, & prezadissima Rainha; & nella privou ao corpo da Monarchia Portugueza da sua alma: *pervenit gladius usque ad animam.* E finalmente, ainda que toda esta desconsolação comprehẽdeo a tantos magoados; a pena de todos não fica sendo alivio de algum: mas antes a sua dor foy, he, & será sempre *Dor sem Lenitivos.*

Aos

Aos que tiverem lido.

Lenitivos da dor: foy glorioſo Argumento do M. R. P. M. Fr. Franciſco da Natividade Carmelitano, bem conhecido na Patria, onde naceo, & actualmente ennobrece com as ſuas grandes prendas de letras ſagradas, & humanas, authorizando as cadeiras, illuſtrando os pulpitos, & dando à eſtampa admirados frutos, aſſim de hum eſtudo, como de outro; & tudo já hoje emprego da fama, que dá a conhecer o ſeu grande nome. A eſte ſeu Aſſumpto: *Lenitivos da dor*: que com ciencia, & erudiçaõ doutiſſimamente diſcorreo, para alivio das ſaudoſas lembranças da noſſa Auguſtiſſima Rainha, devo eu o que tomei: *Dor ſem Lenitivos*: para ainda lamentar mais as meſmas ſaudades. Foy o intento, abrir Problema da noſſa grande dor, diſputando nelle: ſe fica mais bem medida pelo alivio; ſe pela pena: mais, pela applicação do Lenitivo; que pela falta do remedio. Porque aſſim como o cuſto da cura prova a grandeza da ferida; tambem a fica provando a impoſſibilidade da medicina. O que eu logo faço, he conceder

aos

aos diſcurſos da primeira parte a melhor accommodação do vocabulo: *Lenitivo*: que de ſua natureza ſignifica a brandura da dor; o que eu não faço diſcorrendo a ſegunda. Porque deſviado da natural etymologia do meſmo nome: *Lenitivo*: mais quero, que ſeja remedio, para de todo tirar a dor; que alivio, para de algum modo a temperar. Iſto meſmo ſaõ Problemas: tantas concluſoens diverſas, como diverſos fundamentos. As razoens do Lenitivo conſiderado, como alivio da dor, não podiaõ ſer mais bem deduzidas, nem melhor provadas: & eſpero da benevolencia de quem ler as do Lenitivo tomado como ſeu remedio, que tambem ſejaõ bem admittidas. O Lenitivo alivio, porque he poſsivel, & a experiencia o moſtra jà aos noſſos olhos; dâ muitos Lenitivos à dor. E o Lenitivo remedio, porque o naõ póde haver, pois o não experimentaõ os noſſos tam magoados coraçõeſ; deixa a dor ſem Lenitivo.

INDEX
LOCORUM SACRÆ
SCRIPTURÆ.

Prima nota oſtendit diſcurſum, ſecunda numerum.

Ex Libro Geneſis.

Cap. 1. 5. *Factum eſt veſpere & mane dies unus. d. 4. n. 13.*

16. *Duo luminaria magna. d. 6. n. 11.*

Luminare maius. ibid.

Luminare minus. ibid.

26. *Faciamus hominem ad imaginem noſtram. d. 5. n. 20.*

Ad imaginem, & ſimilitudinem. d. 5. n. 15.

Ad imaginem noſtram. d. 1. n. 20.

Ad ſimilitudinem noſtram. d. 5. n. 25.

27. *Maſculum & fœminam creavit eos. d. 4. n. 20.*

28. *Benedixit illis Deus, & ait: creſcite, & multiplicamini. d. 4. n. 20.*

Creſcite, multiplicamini, replete terram. d. 5. n. 15.

Subjicite terram, & dominamini univerſis animan-

mantibus. d.4. n.20.
29. *Ecce dedi vobis herbam afferentem semen super terrã, ut sint vobis in escam. d.5. n.15.*
Cap.2. 17. *In quocumque die comederis ex eo, morte morieris. d.5. n. 31. Morieris. d.4. n.20.*
22. & 24. *Adduxit eam ad Adam: & erunt duo in carne una. d. 5. n.15.*
24. *Erunt duo in carne una. d.4.n.5. & 20.*
Cap.3 4. *Nequaquam moriemini. d.5.n.31.*
5. *Eritis sicut dij scientes. d.5.n.31.*
6. *Bonum ad vescendum.* ibid.
Pulchrum oculis, aspectuque delectabile. d.5. n.16. & n.31.
Tulit, & comêdit. d.4. n.24.
Comêdit, deditque viro suo, qui comêdit. d. 6. n.12.
8. *Abscondit se à facie Domini. d.4. n.24.*
13. & 6. *Decepit: comêdit. d.5. n.15.*
16. *Multiplicabo ærumnas tuas, & conceptus tuos: in dolore paries filios. d.5. n.15.*
17. *Maledicta terra in opere tuo. d.5. n.15.*
19. *Pulvis es. d.6.n.23. Memento, quia in pulverem revertêris. d.1. n.4. & d.5. n.32. In pulverem revertêris. d.1.n.20. d.4. n.20. d.5. n.15. & n.19. 21. & 26. & d.6.n.12. & 23.*
24. *Ejecit Adam. d.5. n.15.*
Cap. 4.10. *Vox sanguinis fratris tui clamat ad me. d.5.n.28.*
Cap. 6. 6. *Tactus dolore cordis*

cordis intrinſecus. d. 2. *n.* 1. *&* *d.* 5. *n.* 26.

17. *Adducam aquas diluvij ſuper terram. d.* 5. *n.* 32.

Cap. 18. 21. *Deſcendam, & videbo, utrùm clamorem, qui venit ad me, opere compleverint. d.* 5. *n.* 28.

32. *Non delebo propter decem. d.* 5. *n.* 18.

Cap. 21. 16. *Abijt, ſeditque è regione procul. d.* 1 *n.* 6.

Non videbo morientem puerum. d. 1. *n.* 6. *&* *d.* 2. *n.* 8.

Levavit vocem ſuam. d. 2. *n.* 8.

17. *Exaudivit Deus vocem pueri. d.* 2. *n.* 8.

Cap. 22. 16. *Quia feciſti hanc rem. d.* 5. *n.* 7.

16 *&* 17. *Quia feciſti hanc rem, benedicam tibi. d.* 3. *n.* 6.

Cap. 23. 4. *Ut ſepeliam mortuum meum. d.* 1. *n.* 16.

13. *Et ſic ſepeliam mortuum meum.* ibid.

Cap. 27. 20. *Quomodò tam citò invenire potuiſti? d.* 5. *n* 31.

22. *Vox quidem, vox Jacob eſt.* ibid.

Manus ſunt Eſau. ibi.

27. *Ecce odor filij mei.* ibid.

Cap. 30. 1. *Da mihi liberos, alioquin moriar. d.* 5. *n.* 3.

6. *Dominus exaudivit vocem meam, dans mihi filium. d.* 5. *n.* 28.

Cap. 35 8. *Mortua eſt Debora nutrix Rebeccæ. d.* 2. *n.* 26.

Sepulta eſt ſubter quercum. ibid.

Vocatum eſt nomen loci: quercus fletûs. ibid.

18. *Benoni, ideſt, filius dolo-*

doloris. ibid.
Appellavit eum Benjamin; ideſt, filius dextræ. ibid.
20. *Erexit titulum ſuper ſepulchrum.* ibid.
Hic eſt titulus monumẽti Rachel, uſque in præſentem diem. ibid.
Cap. 37 6. *Audite ſomniũ, quod vidi. d. 4. n. 10.*
8. *Numquid Rex noſter eris?* ibid.
9. *Vidi per ſomnium.* ibi.
10. *Num ego, & mater tua, & fratres tui adorabimus te?* ibid.
28. *Vendiderunt eum Iſmaelitis. d. 5. n. 20.*
33. *Tunica filij mei eſt.* ibid.
Beſtia devoravit Joſeph. ibid.
35. *Deſcendam ad filium meum lugens in infernum. d. 1. n. 9. & d. 4. n. 22.*
34. *Sciſſis veſtibus lugens filium ſuum. d. 2. n. 15.*
Cap. 42. 24. *Avertit ſe parumper, & flevit. d. 4. n. 30.*
Cap. 46. 30. *Jam lætus moriar, quia vidi faciẽm tuam, & ſuperſtitem te relinquo. d. 4. n. 22.*
Cap. 50. 3. *Flevit Ægyptus ſeptuaginta diebus. d. 2. n. 19.*

Ex Libro Exodi.

Cap. 2. 10. *Quem illa adoptavit in filium. d. 3. n. 6.*
Cap. 23. 15. *Non apparebis in conſpectu meo vacuus. d. 1. n. 13.*
Cap. 29. 37. *Sanctum Sãctorum. d. 2. n. 17.*
Cap. 31. 18. *Dedit Dominus tabulas teſtimonij ſcriptas digito Dei. d. 5 n. 30.*

Ex

Ex Libro Numerorum.

Cap.20.1. *Mortuaque eſt ibi Maria, & ſepulta eſt in eodem loco. d.3. n. 28.*

Ex Libro Deuteronomij.

Cap. 32. 49. *Aſcende in montem : vide terram Chanaan, & morere in monte. d.4.n.21.*

Cap. 34. 8. *Fleverunt filij Iſrael triginta diebus. d.2.n. 19.*

Ex Libro Judicum.

Cap.7. 6. *Qui manu ad os projiciente lambuerant aquas. d.5. n.30.*

Ex Libro 1. Regum.

Cap.1. 8. *Cur fles, quare affligitur cor tuum? Nũquid non ego melior tibi ſum, quàm decem filij? d.2.n.5.*

Cap. 4. 10. *Ceciderunt de Iſrael triginta millia. d. 5. n.19.*

11. *Capta eſt Arca Dei. d.5.n.19.*

Cap. 17. 39. *Non poſſum ſic incedere. d.3.n.6.*

45. *Venio ad te in nomine Domini. d.4.n.26.*

49. *Tulit unum lapidem, & fundâ jecit. d.4.n.26.*

Ex Libro 3. Regum.

Cap.3 25. *Dividite infantem. d.2.n.6.*

Dividite infantem in duas partes. d.5. n.24.

26. *Date illi infantem vivum. d.2.n.6.*

27. *Date huic infantem vivum.* ibid.

Cap.19. 4. *Petivit animæ ſuæ, ut moreretur. d.1. n. 14.*

Cap.22. 20. *Quis decipiet Achab Regem Iſrael, ut aſcendat, & cadat in Ramoth Galaad? d. 5. n.10.*

22. *Decipies, & prævalebis : egredere, & fac ita.* ibid.

Ex Libro Tobiæ.

Cap. 10. 4. *Flebat mater ejus lacrymis irremediabilibus. d. 1. n. 9.*

7. *Quotidiè circunſpiciebat, & circuibat vias, per quas ſpes remeandi videbatur. d. 1. n. 9.*

Cap. 14. 11. *Filijs veſtris mandate, ut faciant juſtitias & eleemoſynas. d. 5. n. 22.*

Ex Libro Judith.

Cap. 13. 7. *Confirma me Domine. d. 4. n. 25.*

8. *Pugionem exolvit. d. 4 n. 25.*

Ex Libro Job.

Cap. 1. 12. *Ecce univerſa, quæ habet, in manu tua ſunt. d. 6. n. 13.*

22. *Et in his omnibus non peccavit Job labijs ſuis, neque ſtultum quid contra Deum locutus eſt. d. 5. n. 1.*

Cap. 2. 6. *Verumtamen, animam illius ſerva. d. 6. n. 13.*

12. *Cùm elevaſſent oculos ſuos, non cognoverunt eum. d. 3. n. 2.*

13. *Septem diebus, & ſeptem noctibus nemo loquebatur ei verbum.* ibid.

Videbant enim dolorem eſſe vehementem. ibid.

Cap. 3. 3. *Pereat dies, in qua natus ſum. d. 4. n. 16. & n. 20.*

3. & 6. *Nox, in qua conceptus eſt homo, non computetur in diebus anni, nec numeretur in mẽſibus. d. 4. n. 20.*

4. *Vertatur in tenebras. d. 4. n. 16.*

11. *Quare non in vulva mortuus ſum? d. 1. n. 2. Quare egreſſus ex utero non ſtatim perij? d. 1. n. 14.*

13 &

13. & 14. *Nunc requiescerem cum Regibus terræ, qui ædificant sibi solitudines. d. 1. n. 2.*

Cap. 4. 18. *In Angelis suis reperit pravitatem. d. 1. n. 20.*

Cap. 6. 6. *Potest aliquis gustare, quod gustatum affert mortem? d. 1. n. 3.*

7. *Quæ priùs nolebat tangere anima mea, nunc præ angustia, cibi mei sunt. d. 1. n. 7.*

Cap. 7. 20. *Quare posuisti me contrarium tibi? d. 5. n. 2.*

21. *Cur non tollis peccatum meum?* ibid.

Ecce nunc in pulvere dormiam. ibid.

Si mane me quæsieris, non subsistam. ibid.

Cap. 10. 18. *Quare de vulva eduxisti me? d. 5 n. 2.*

Qui utinam consumptus essem, ne oculus me videret. d. 1. n. 14. & d. 5. n. 2.

19. *Fuissem, quasi non essem, de utero translatus ad tumulum. d. 1. n. 14. & d. 5. n. 2.*

Cap. 11. 16. *Quasi aquarum, quæ præterierunt, recordaberis. d. 1. n. 4.*

17. *Cùm te consumptum putaveris, orieris ut lucifer.* ibid.

Cap. 14. 15. *Operi manuũ tuarum porriges dexteram. d. 5. n. 25.*

Cap. 17. 3. *Pone me juxta te, & cujusvis manus pugnet contra me. d. 1. n. 20.*

11. *Cogitationes meæ dissipatæ sunt, torquentes cor meum. d. 4. n. 16.*

14. *Putredini dixi, pater: & mater vermibus. d. 2. n. 26.*

Cap. 19. 9. & 10. *Spoliavit me gloria mea, & abstulit coronam de capite meo. Destruxit me undique, & pereo, & quasi evulsæ arbori abstulit spem meam. d. 3. n. 13.*

21. *Manus Domini tetigit me. d. 1. n. 20.*

Cap 21. 5. *Attendite me, & obstupescite, & superponite digitũ ori vestro. d. 3. n. 2.*

Cap. 23. 16. *Deus mollivit cor meum. d. 1. n. 20. & d. 4 n. 16.*

Cap. 29. 18. *In nidulo meo moriar, & sicut Phœnix multiplicabo dies. d. 3. n. 35.*

Cap. 38. 10. & 11. *Circumdedi illud terminis meis, & posui vectem, & ostia: & dixi: usque huc venies, & non procedes amplius, & hic confringes tumentes fluctus tuos. d. 6. n. 8.*

Ex Libro Psalmorum.

Psal. 2. 8 *Postula à me, & dabo tibi gentes hereditatem tuam. d. 6. n. 14.*

Psal. 4. 9. *In pace in idipsũ dormiam, & requiescam. d. 5. n. 32.*

Psal. 9 13. *Non est oblitus clamorem pauperum. d. 5 n. 5.*

Psal. 10. 5. *Palpebræ ejus interrogant filios hominum d. 5. n. 27.*

Psal. 16. 2. *De vultu tuo judicium meum prodeat. d. 6. n. 17.*

8. *Custodi me, ut pupillam oculi.* ibid.

Psal. 18. 3. *Dies diei eructat verbum. d. 4. n. 6. & n. 13.*

Et nox nocti indicat scientiam. d. 4. n. 13.

6. *Tam-*

6. *Tamquam ſponſus procedens de thalamo ſuo. d.4.n.5.*

Pſalm. 20. 3. *Deſiderium animæ tribuiſti. d.5. n. 11.*

Et voluntate labiorum ejus non fraudaſti eum. d. 4. n. 23. & d. 5. n. 11.

Pſal.21.25. *Non ſprevit, neque deſpexit deprecationem pauperis. d. 5. n.5.*

Pſal.22.4. *Virga tua, & baculus tuus, ipſa me conſolata ſunt. d.1.n.21.*

Pſal. 26. 8. *Tibi dixit cor meum. d.4.n.2.*

Pſal.30.8. *Salvaſti de neceſſitatibus animam meã. d.2.n.21.*

13. *Oblivioni datus ſum, tamquam mortuus à corde. d.1.n.18.*

Pſal.37. 18. *Dolor meus in conſpectu meo ſemper. d.2. n.27.*

Pſal.40.2. *Beatus, qui intelligit ſuper egenum & pauperem. d.4 n.28.*

Pſal.41.10. *Quare oblitus es mei? d.5.n.2.*

Quare contriſtatus incedo? ibid.

Dum affligit me inimicus. ibid.

11. *Dum confringuntur oſſa mea.* ibid.

Exprobraverunt mihi qui tribulant me inimici mei. ibid.

Dum dicunt mihi per ſingulos dies. ibid.

Ubi eſt Deus tuus? ibid.

Pſal.42.1. *Judica me: diſcerne cauſam meam. d. 6.n.17.*

2. & 5. *Quare me repuliſti? Quare triſtis eſt anima mea? Quare conturbas me? d. 6. n. 17.*

Psal. 43. 23. *Exurge, quare obdormis Domine? d. 5 n. 2.*

24. *Quare faciem tuam avertis?* ibid.

Oblivisceris inopiæ nostræ, & tribulationis nostræ? ibid.

Psal. 44. 10. *Astitit Regina à dextris tuis, d. 4. n. 7.*

11. *Audi filia, & inclina aurem tuam. d. 1. n. 13.*

Oblivisceré populũ tuũ, & domum patris tui. d. 4. n. 7.

12. *Concupiscet Rex decorem tuum.* ibid.

17. *Nati sunt tibi filij.* ibid.

Constitues eos principes super omnem terram. ibid.

18. *Propterea populi confitebuntur tibi in æternum, & in sæculum sæculi.* ibid.

Psal. 47. 11. *Justitia plena est dextera tua. d. 5. n. 25.*

Psal. 68. 18. *Ne avertas faciem tuam à puero. d. 5. n. 6.*

Quoniam tribulor, velociter exaudi me. d. 2. n 8.

Psal. 71. 10. *Reges Tharsis. d. 1. n. 26.*

Psal. 77. 11. *Obliti sunt benefactorum ejus, & mirabilium ejus, quæ ostendit eis d. 5. n. 14.*

27. *Pluit super eos sicut pulverem carnes, & sicut arenam maris volatilia pennata.* ibid.

29. *Non sunt fraudati à desiderio suo.* ibid.

30. *Adhuc escæ eorum erant in ore ipsorum; ira Dei ascendit super eos.* ibid.

Psal. 80. 11. *Dilata os tuũ,*

&

& implebo illud. d. 5. n. 12.

12. *Non audivit populus meus vocem meam; Israel non intendit mihi.* ibid.

Populus meus non intendit mihi. d. 5. n. 16.

13. *Dimisi eos secundùm desideria cordis eorum. d. 5. n. 12. & n. 16.*

Psal. 83. 4. *Altaria tua, Domine virtutum, Rex meus, & Deus meus. d. 2. n. 14.*

Psal. 87. 9. *Longè fecisti notos meos à me. d. 4. n. 30.*

10. *Oculi mei languerunt præ inopia.* ibid.

Psal. 88 36. *Semel juravi in Sancto meo. d. 6. n. 21.*

Psal. 89. 4. *Mille anni in conspectu tuo, sicut dies hesterna, quæ præterijt. d. 4. n. 12.*

Psal. 100. 1. *Misericordiam & judicium cantabo tibi, Domine. d. 6. n. 3.*

Psal. 109. 3. *In splendoribus genui te. d. 4. n. 17.*

Psal. 118. 18. *Revela oculos meos, & considerabo mirabilia de lege tua. d. 4. n. 9.*

Psal. 137. 2. *Quoniam magnificasti super omne, nomen sanctum tuum. d. 6. n. 21.*

Psal. 138. 12. *Sicut tenebræ, lumen. d. 6. n. 10.*

Psal. 144. 15. *Oculi omniũ in te sperant, Domine. d. 4. n. 23.*

Ex Libro Proverbiorum.

Cap. 8. 31. *Ludens in orbe terrarum: esse cum filijs hominum. d. 4. n. 24.*

Cap. 16. 11. *Pondus & statera judicia Domini. d. 5. n. 15.*

Cap. 21. 1. *Cor Regis in manu Domini. d. 1. n. 20.*

Cap 22 9. *Qui pronus est ad misericordiam, benedicetur. d. 4. n. 27.*

Cap. 31. 13. *Operata est consilio manuum suarū. d. 4 n. 23. & d. 5. n. 30.*

18. *Gustavit, & vidit, quia bona est negotiatio ejus. d. 6. n 13.*

In nocte non extincta lucerna d. 6. n. 10.

20. *Manum suam aperuit inopi, & palmas suas extendit ad pauperem. d 4. n. 27.*

Ex Libro Ecclesiastæ.

Cap. 1. 5. *Oritur sol, & occidit. d 3. n. 20. & d. 4. n. 17.*

8. *Non saturatur oculus visu. d. 4. n. 30.*

Cap. 3. 15. *Quæ futura sunt, jam fuerūt. d. 1. n 4.*

Ex Canticis Canticorū.

Cap. 2. 14. *Sonet vox tua in auribus meis. d. 1. n. 13.*

Vox enim tua dulcis ibi.

Cap. 5. 2. *Ego dormio, & cor meum vigilat. d. 2. n. 18.*

Cap 7. 1. *Quid videbis in Sulamite? d. 4. n. 25.*

7. *Statura tua assimilata est palmæ. d. 1. n. 12.*

Cap. 8. 1. *Sugentem ubera matris suæ. d 6. n. 22.*

6. *Dura, sicut infernus, æmulatio. d. 1. n. 8*

Ex Libro Ecclesiastici.

Cap 4 3. *Cor inopis ne afflixeris, & non protrahas datum angustianti. d. 5. n. 5.*

5. *Ab inope ne avertas oculos tuos. d. 5. n. 6.*

Cap. 18 25. *Memēto paupertatis in tempore abūdantiæ, & necessitatum. d. 5 n. 5.*

Cap. 22. 13. *Luctus mortui septem dies. d. 2. n. 19.*

Cap. 24. 16. *In plenitudine Sanctorum detentio mea. d. 6. n. 5.*

Cap.

Cap. 30. 4. *Mortuus est Pater ejus, & quasi non est mortuus; similem enim reliquit sibi post se. d.2.n.2.*

Cap 37 17. *Cor boni consilij statue tecũ. d.4.n.2.*

Cap.38.16.& 18. *Fili, in mortuum produc lacrymas: & fac luctum secundùm meritum ejus.d. 2.n.10.*

16.& 18. *In mortuum produc lacrymas:& fac luctum uno die, vel duobus.d.2.n.19.*

18.*Fac luctum secundùm meritum ejus uno die, vel duobus. d.3.n* 31.

Cap. 49. 18. *Ossa ipsius post mortem prophetaverunt.d.4.n.8.*

Ex Prophetia Isaiæ.

Cap.6.3. *Sanctus, Sãctus, Sãctus, Dominus Deus. d. 1. n.12. & d.6.n.11.*

Cap.13.10. *Obtenebratus est Sol in ortu suo, & Luna non splendebit in lumine suo. d.3.n* 17.

Cap. 24 8. *Conticuit dulcedo citharæ. d.4.n.15.*

Cap.26. 12. *Domine, dabis pacem nobis. d.5.n.3.*

Cap.32.18. *Sedebit populus meus in pulchritudine pacis. d.5.n.7.*

Cap.37. 10. *Non te decipiat Deus tuus, in quo tu confidis. d.5.n.18.*

Cap.38.5. *Adjiciam super dies tuos quindecim annos. d.5.n.18.*

Cap. 53. 7. *Oblatus est, quia ipse voluit. d.5. n.* 19

Cap 64. 7. *Non est qui teneat te. d.6.n.5.*

Ex Prophetia Jeremiæ.

Cap 2. 2. *Recordatus sum tui, miserans charitatem desponsationis tuæ. d.4. n.5.*

Cap. 4.9. & 10. *Peribit cor*

cor Regis, & cor Principum: & obstupescent Sacerdotes, & Prophetæ consternabuntur. Et dixi: Ergone decepisti populum istum, dicens: Pax erit vobis: & ecce pervenit gladius usque ad animam. d.1.n.1.

Cap.6. 14. *Curabant contritionem, dicentes, Pax, pax; & non erat pax. d.5.n.10.*

Cap.15. 9. *Infirmata est, quæ peperit septem: defecit anima ejus: occidit ei Sol, cùm adhuc esset dies. d.3.n.24.*

Cap.23.16. *Visionem cordis sui. d.4.n.2.*

Cap.31. 15. *Noluit consolari, quia non sunt. d.1. n.21.*

Ex Threnis Jeremiæ.

Cap. 1. 1. *Quomodò sedet sola. d.3.n.3.*

2. *Plorans Ploravit in nocte.* ibid. *& d. 4. n. 14.*

4 *Viæ Sion lugent, eò quòd non sint qui veniant ad solemnitates. d.2.n.13.*

12. *O vos omnes, qui transitis per viam, attendite, & videte, si est dolor, sicut dolor meus. d.2.n.16. & d.3. n.7.*

Videte, si est dolor, sicut dolor meus. d.3. n.3. & d.6.n.1.

Cap. 5. 3. *Matres nostræ quasi viduæ. d.3. n.5.*

15. *Versus est in luctum chorus noster. d.4. n.15. & d.6.n.3.*

16. *Cecidit corona capitis nostri. d.4.n.18.*

17. *Propterea mœstum est cor nostrum: ideò contenebrati sunt oculi nostri. d.4.n.21.*

Ex

Ex Prophetia Ezechielis.

Cap. 6. 3. *Hæc dicit Dominus montibus, & collibus, rupibus, & vallibus: Ecce ego inducam ſuper vos gladium. d. 6. n. 7.*

Cap. 14. 9. *Propheta cùm erraverit: ego Dominus decepi Prophetam illũ. d. 5. n. 10.*

Cap. 21. 14. *Percute manu ad manum, & duplicetur gladius ac triplicetur. d. 6. n. 6.*

Ex Prophetia Oſee.

Cap. 2. 14. *Loquar ad cor ejus. d. 1. n. 13.*

19. *Sponſabo te mihi in juſtitia. d. 4. n. 5.*

Ex Prophetia Jonæ.

Cap. 3. 4. *Adhuc quadraginta dies, & Ninive ſubvertetur. d. 5. n. 18.*

Ex Prophetia Aggæi.

Cap. 2. 8. *Deſideratus cunctis gentibus. d. 5. n. 3.*

Ex Prophetia Zachariæ.

Cap. 12. 11. 12. & 13. *In die illa magnus erit plãctus in Jeruſalem: planget terra: familiæ, & familiæ: familiæ domus Nathan. d. 3 n. 5.*

In die illa magnus erit planctus in Jeruſalem. d 4. n 14.

Cap. 13. 6. *His plagatus ſum in domo eorum, qui diligebant me. d. 1. n. 24.*

Ex Euangelio D. Matthæi.

Cap. 2. 1. *Magi ab Oriente. d. 1. n. 26.*

2. *Ubi eſt, qui natus eſt Rex? d. 4. n. 4. & 11. Venimus adorare eum. d. 4. n. 11.*

15. *Ut adimpleretur, quod dictum eſt à Domino per Prophetam dicentem: ex Ægypto vocavi filium meum. d. 4. n. 5.*

16 *Mit-*

16. *Mittens occidit omnes pueros, qui erant in Bethlehem. d.5. n.20.*
18. *Noluit consolari, quia non sunt. d.1.n.21.*
Cap. 3. 9. *Potens est Deus de lapidibus istis suscitare filios Abrahæ. d.2. n.12.*
Cap. 5. 14. *Vos estis lux mundi. d.2. n.2. & d.6. n.10.*
15. *Sub modio: supra candelabrum. d.6.n.10.*
16. *Luceat lux coram hominibus.* ibid.
24. *Vade priùs reconciliari. d.5.n.8.*
Cap.7.7. *Pulsate, & aperietur vobis. d.5.n.5.*
Cap. 8. 22. *Dimitte mortuos sepelire mortuos suos. d.2. n.5.*
Cap.10. 12. *Pax huic domui. d.5.n.4.*
13. *Si fuerit domus illa digna.* ibid.
Veniet pax vestra super eam. ibid.
Si autem non fuerit digna. ibid.
Pax vestra revertetur ad vos. ibid.
Cap.11. 8. *Ecce qui mollibus vestiuntur, in domibus Regum sunt. d.3.n.6.*
12. *Regnum cælorũ vim patitur, & violenti rapiunt illud. d.4.n.27.*
15. *Aures audiendi. d.5. n.30.*
Cap.12. 40. *In corde terræ. d.2 n.17.*
47. *Ecce fratres tui foris stant quærentes te. d. 4. n.29.*
49. *Ecce fratres mei. d. 4 n.29. & d.6. n.22.*
50. *Qui fecerit voluntatem Patris mei, ipse meus frater est. d.6.n.22.*
Cap.13. 30. *Sinite crescere ad comburendum. d. 2.n.23.*

In fasciculos. ibid.
Cap. 16. 18. *Tu es Petrus, & super hanc petram ædificabo Ecclesiam. d. 2. n. 11.*
Cap. 17. 2. *Resplenduit facies ejus sicut Sol. d. 4. n. 17.*
4. *Bonum est nos hîc esse. d. 4 n. 12.*
Cap. 18. 5. *Qui susceperit unum parvulum in nomine meo, me suscipit. d. 5. n. 6.*
12. *Quæ erravit. d 6. n. 12*
19. *Si duo ex vobis consenserint super terram, de omni re quâcunque petierint, fiet illis à Patre meo, qui in cælis est. d. 5. n. 9.*
Cap. 19. 27. *Ecce nos reliquimus omnia. d 4. n. 12. Quid ergo erit nobis?* ibi.
Cap. 21. 13. *Domus mea, domus orationis. d. 5. n. 21*
Cap. 22. 12. *Non habens vestem nuptialem. d. 3. n. 6. & d. 6. n. 10.*
21. *Quæ sunt Cæsaris, Cæsari: quæ sunt Dei, Deo. d. 2. n. 14.*
Cap. 25. 8. *Lampades extinguuntur. d. 6. n. 12.*
13. *Vigilate, quia nescitis horam.* ibid.
14. *Tradidit bona sua d. 6. n. 14.*
20. *Quinque talenta tradidisti: alia quinque superlucratus sum.* ibid.
34. 35. & 36. *Venite benedicti, possidete paratum vobis regnum: dedistis manducare: dedistis bibere: visitastis: cooperuistis: venistis. d. 4. n 27.*
35. *Dedistis mihi manducare. d. 6. n. 14. Dedistis mihi bibere.* ibi.
36. *Cooperuistis me.* ibid.
40. *Quamdiù fecistis uni ex fratribus meis. d. 4. n. 29.*

40. *Quam=*

40. *Quamdiù feciſtis uni ex his minimis, mihi feciſtis. d.4. n.28.*

41. *Diſcedite à me maledicti in ignem æternum. d.5.n.14.*

42. *Quia non dediſtis mãducare: quia non dediſtis potum &c. d.5.n.14.*

Cap.26.38. *Triſtis eſt anima mea uſque ad mortem. d.1.n.22.*

50. *Amice, ad quid veniſti? d.5.n.4.*

75. *Egreſſus foràs, flevit amarè. d.2.n.11.*

Cap.27.5. *Abiens, laqueo ſe ſuſpendit. d.5.n.4.*

34. *Dederunt ei vinum. d.1. n.3.*

Vinum cum felle miſtũ. ibid.

Cùm guſtaſſet, noluit bibere. ibid.

35. *Ut adimpleretur, quod dictum eſt per Prophetam: diviſerunt ſibi veſtimenta mea, & ſuper veſtem meam miſerunt ſortem. d.4.n.5.*

46. *Deus meus, ut quid dereliquiſti me? d.1. n.22.*

50. *Emiſit ſpiritum. d. 2. n.14.*

51. *Et ecce velum Templi ſciſſum eſt in duas partes à ſummo uſque deorſum. d.2. n.14.*

Cap.28. 1. *Venit & altera Maria videre ſepulchrum. d.3. n.10.*

19. *Docete omnes gentes. d.6. n.22.*

Baptizantes in nomine Patris, & Filij, & Spiritûs Sancti. ibid.

20. *Vobiſcum ſum uſque ad conſummationem ſæculi. d.2.n.2. & d.5.n.3.*

Ex Euangelio D. Marci.

Cap.4.5. *Aliud cecidit ſuper petroſa d.5.n.29.*

7. *Aliud cecidit in ſpinas.* ibid.

Cap.

Cap. 5. 27. *Tetigit veſtimentum ejus. d. 6. n. 19.*
28. *Si veſtimentum ejus tetigero, ſalva ero.* ibid.
29. *Senſit corpore, quia ſanata eſſet.* ibid.
30 *Quis tetigit veſtimẽta mea?* ibid.
Cap. 11. 13. *Non erat tẽpus ficorum. d. 5. n. 32.*
Ex Euangelio D. Lucæ.
Cap. 1. 22. *Permanſit mutus. d. 3. n. 1.*
41. *Exultavit infans in utero ejus. d. 4. n. 8. & 15.*
64. *Apertum eſt os ejus. d. 3. n. 1.*
66. *Poſuerunt in corde ſuo, dicentes: quis, putas, puer iſte erit? d. 4. n. 2.*
Cap. 2. 14. *In terra pax hominibus. d. 5. n. 3.*
35. *Tuam ipſius animam pertranſibit gladius. d. 6. n. 1.*
48. *Quid feciſti nobis ſic? Dolentes quærebamus te. d. 3. n. 3.*
Cap. 5. 7. *Annuit ſocijs, ut venirent, & adjuvarent eam. d. 1. n. 26.*
Cap. 6. 36. *Eſtote miſericordes, ſicut & Pater veſter miſericors eſt. d. 5. n. 20.*
Cap. 7. 38. *Lacrymis cœpit rigare pedes ejus: capillis capitis ſui tergebat. d. 5. n. 17.*
Cap. 8 11. *Semen eſt verbum Dei. d. 5. n. 29.*
Cap. 9. 31. *Dicebant exceſſum ejus, quem completurus erat in Jeruſalem. d. 4 n. 17.*
Cap. 10. 18. *Videbam ſatanam ſicut fulgur de cœlo cadentem. d. 5. n. 27.*
27. *Diliges Deum ex corde, & ex mente. d. 4. n. 29.*
Diliges proximum ſicut teipſum.

teipſum. ibid.
39. *Sedens ſecus pedes Domini, audiebat verbum illius. d.5.n.17.*
40. *Martha autem ſatagebat circa frequens miniſterium.* ibid.
Domine, non eſt tibi curæ? d.5.n.9.
Domine, non eſt tibi curæ, quòd ſponſa mea reliquit me ſolum miniſtrare? d.1.n.25.
43. *Maria optimam partem elegit.* ibid.
Cap.12. 19. *Anima mea, requieſce d.5.n.13.*
Habes multa bona poſita in annos plurimos. ibi.
20. *Hac nocte repetent à te animam tuam.* ibid.
35. *Lucernæ ardentes in manibus. d.6.n.10.*
36. *Ut, cùm venerit, confeſtim aperiant. d.1.n.15.*
Cap.14 32. *Ea, quæ paracis erant. d.5.n.8.*
Cap. 15. 9. *Quæ perdita. d.6.n 12.*
10. *Super uno peccatore pœnitentiam agente. d.1.n.26.*
Cap. 19. 40. *Si hi tacuerint, lapides clamabunt. d.2.n.12.*
41. *Videns civitatem, flevit ſuper illam. d.2.n.11.*
44. *Non relinquent in te lapidem ſuper lapidem. d.2.n.12.*
Cap.22. 42. *Non mea voluntas, ſed tua fiat. d.1.n.23.*
43. *Apparuit illi Angelus confortans eum. d.1.n.22.*
61. *Reſpexit Petrum. d.2.n.11 & d.5.n.27.*
62. *Egreſſus flevit. d.5.n.27.*
Cap.23.44 *Tenebræ factæ ſunt in univerſam terram. d.2.n.20.*
45. *Et*

45. *Et obſcuratus eſt ſol.* ibid.

46. *Et clamans voce magnâ, expiravit.* ibid.

Cap. 24. 6. *Non eſt hîc, ſed ſurrexit. d. 1. n. 17.*

15. *Ibat cum illis. d. 5. n. 9.*

36. *Pax vobis. d. 5. n. 3.*

Ex Euangelio D. Joannis.

Cap. 1. 5. *Lux in tenebris. d. 6. n. 10.*

9. *Erat lux vera. d. 6. n. 9.*

29. *Ecce Agnus Dei. d. 6. n. 9.*

Cap. 2. 15. *Omnes ejecit de Templo. d. 5. n. 21.*

Cap. 3. 16. *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium ſuum unigenitum daret. d. 6. n. 16.*

29. *Qui habet ſponſam, ſponſus eſt: amicus ſponſi, qui ſtat, & audit eum. d. 4. n. 15.*

30. *Illum oportet creſcere, me autem minui. d. 6. n. 9.*

Cap. 5. 27. *Dedit ei judicium facere, quia filius hominis eſt. d. 6. n. 16.*

35. *Lucerna ardens, & lucens. d. 6. n. 9.*

Cap. 6. 56. *Caro mea verè eſt cibus: ſanguis meus verè eſt potus. d. 5. n. 31.*

57. *In me manet, & ego in illo. d. 1. n. 13. d. 2. n. 3. & d. 6. n. 9.*

Cap. 8. 12. *Ego ſum lux mundi. d. 2. n. 2.*

Cap. 11. 3. *Ecce quam amas, infirmatur. d. 5. n. 9.*

4. *Infirmitas hæc non eſt ad mortem, ſed pro gloria Dei. d. 5. n. 17.*

21. *Si fuiſſes hîc, frater non fuiſſet mortuus. d. 6 n. 5.*

Cap. 13. 27. *Quod facis, fac citiùs. d. 5. n. 11.*

Cap. 14. 6. *Ego ſum via, veritas, & vita. d. 6. n. 18.*

27. *Pacem relinquo vobis. d. 5. n. 3.*
Pacem meam do vobis, non quomodò mundus dat. d. 5. n. 8.
Cap. 16. 24. *Petite, & accipietis. d. 5. n. 5.*
Cap. 19. 26. *Ecce filius tuus. d. 4. n. 22. & d. 6. n. 2.*
27. *Ecce mater tua. d. 2. n. 24. d. 4. n. 22. & d. 6. n. 2.*
34. *Unus militûm lanceâ latus ejus aperuit, & exivit sanguis, & aqua. d. 2. n. 25.*
Exivit sanguis. d. 2. n. 18.
Cap. 20. 13. *Tulerunt Dominum meum. d. 1. n. 17. & d. 2. n. 24.*
Nescio ubi posuerunt eũ. d. 1. n. 10. & 17.
15. *Ego eum tollam. d. 1. n. 10. & 17.*
18. *Vidi Dominum. d. 2. n. 24.*
26. *Januis clausis. d. 5. n. 4. & 8.*
Stetit in medio. d. 5. n. 9.
Pax vobis. d. 5. n. 4.
27. *Affer manum tuam, & mitte in latus meum. d. 1. n. 1.*
28. *Dominus meus, & Deus meus. d. 2. n. 24.*
Ex Libro Actuum Apostolorum.
Cap. 1. 11. *Quid statis aspicientes in cælum? d. 3. n. 4.*
Hic Jesus, qui assumptus est à vobis in cælũ, sic veniet, quemadmodum vidistis eum euntem in cælum. ibid.
14. *Perseverantes unanimiter in oratione. d. 5. n. 9.*
Cap. 3. 4. *Respice in nos. d. 6. n. 5.*
6. *Argentum, & aurum non est mihi.* ibid.
Quod autem habeo, hoc tibi

tibi do. ibid.
Cap 5.3. *Cur tentavit ſatanas cor tuum, mentiri te Spiritui Sancto. d. 5. n.27.*
5. *Audiens hæc verba, cecidit, & expiravit.* ibid.
15. *Ut, veniente Petro, ſaltem umbra illius obumbraret quemquam illorum, & liberarentur ab infirmitatibus ſuis. d. 6. n.20.*
Cap.13.22. *Virum ſecundùm cor meũ. d.6.n.17. Secundùm cor meum. d. 5.n.2.*
Ex Epiſtola ad Romanos.
Cap.2. 5. *Theſaurizas tibi iram in die iræ. d. 2. n.23.*
Cap. 8. 32. *Filio ſuo non pepercit. d.5.n.21.*
Ex Epiſtola prima ad Corinthios.
Cap.3.2. *Lac vobis potum dedi. d.1.n.11. & d.6. n.22.*
Cap.4.15. *Per Euangeliũ ego vos genui. d.5.n.3.*
Cap. 10. 4. *Petra autem erat Chriſtus. d.2.n.11.*
Ex Epiſtola 2. ad Corinthios.
Cap.4.4. *Imago Dei. d. 5. n.20.*
Cap.11.29. *Quis infirmatur, & ego non infirmor. d.6.n.19.*
Cap.13. 1. *Ecce tertiò hoc venio ad vos. d.2.n.4.*

Ex Epiſtola ad Epheſios.
Cap. 6. 14. *Loricam juſtitiæ. d.4. n.25.*
16. *Scutum fidei.* ibid.
17. *Galeam ſalutis.* ibid. *Gladium ſpiritûs.* ibid.
Ex Epiſtola ad Philippenſes.
Cap.1.23. *Deſiderium habens diſſolvi. d.1.n.14.*

Ex Epistola ad Thessalonicenses.

Cap. 5. 3. *Cùm dixerint, pax, & securitas. d. 5. n. 32.*
Tunc repentinus superveniet interitus. ibid.

Ex Epistola 1. ad Timotheum.

Cap. 6. 15. *Rex Regum. d. 5. n. 25.*
Rex Regum, & Dominus Dominantium. d. 1. n. 20.

Ex Epistola 1. B. Petri Apostoli.

Cap. 2. 5. *Tamquam lapides vivi, superædificamini domus spiritualis, sacerdotium sanctum. d. 2. n. 12.*

Ex Libro Apocalypsis.

Cap. 1. 5. *Primogenitus mortuorum. d. 2. n. 26.*

Cap. 6. 12. *Factus tamquam saccus cilicinus. d. 3. n. 6.*

Cap. 7. 17. *Absterget Deus omnem lacrymã ab oculis eorum. d. 4. n. 21.*

INDICE
DOS PENSAMENTOS.

A primeira nota aponta o Diſcurſo: a ſegunda o numero.

A

Aguas. VEnce as ſuas correntes a lembrança das penas. d.1. n.4.

Alivio. Na eſperança o podem ter as lagrimas. d.1.n.9. Naõ o tem os mortos do coração. d. 1. n.15. He morte do coraçaõ, carecer do alivio da converſaçaõ. d.1.n.19. Os alivios do mundo, mais ſaõ enganos, que alivios.d.1.n.5.

Alma. Tem eſpada, que a fere. d 6. n 1. & 2. A dor reciproca fere duas almas. ibid. Quem foi grãde no mundo, tambem foy nelle alma. d. 6. n.9. O meſmo he ſer luz, que ſer alma. ibid. A virtude he alma, em quanto luz, & emquãto exemplo. d.6. n.12. Quem ſujeitou o corpo a ſervir, tambẽ ſujeitou a alma ao ſerviço. d.6. n.13. Ser amado,

do, he ſer alma. d.6. n. 15. & 16. Tambem a Devaçaõ he alma. d.6. n.18.

Amargura. A de hũa dor grande nunca ſe póde adoçar. d. 1. n.3.

Ambiçaõ. Quaes ſaõ os ſeus theſouros. d. 2. n. 21.

Amor. Quando he menos mal, não ver a peſſoa amada. d.1.n.6. Ser menos amado, por eſquecido, he morte do coraçaõ. d.1. n. 18. O pulſo do amor, he a dor: & o da dor, he amor. d.1. n.24. O amor ignorado, he pobreza forçada. d.2.n 21. Tambem o entendimento ama. d.4.n.29. Arriſcou a juſtiça, quem ſe levou do amor. d.5. n.24. O amor tambem he alma. d.6. n. 15. & 16. E bem ſe póde unir com a juſtiça. ibid. n 17. Como faz o amor circulo. d.6. n.27.

Annos. Mais ſentem os poucos, que os muitos. d.2.n.8.

Armas. Parecemſe com as virtudes. d. 4 n. 25. Naõ deſdiz o enſino das virtudes do das armas. d.4. n.26. Armas ſaõ as Eſmolas. d. 4. n. 27.

Arvore. He figura do Reyno. d 3.n.14.

Auzencia. A mortal ſempre repreſenta mortos. d 1. n 16. Só ſe ſatisfaz com a preſença. d.2. n. 2. Satisfazſe por cartas. d 2. n.4. A que he effeito da morte, he mayor, que a da diſtãcia. d 2. n. 6. Tem ſeu theſouro nas ſaudades. d. 2. n. 23. He dor, de

que

que morre o coraçaõ. d.2.n.24.

B

Bem. O perdido naõ tem conſolação.d.1 n. 21. A falta do bem deſejado he menor, q a do poſſuido. d.2. n.6. Quaes ſaõ os bẽs tranſcendentes do coraçaõ. d.2. n.21. Tanto deſejamos o noſſo bem,como a ſua duraçaõ. d.4. n.12. Naõ he o meſmo, bem poſſuido,que bem ſeguro. d. 5. n. 12. & 13.

Bemaventurança. Tambem a fazem as Eſmolas. d.4.n.28.& 29.

Beneficios. Saõ tam antigos, como os eſquecimentos. d. 5.n.15.

C

Cadaver. Póde=o ſer o Reyno, & a Monarchia. d. 6. n. 23. Naõ ha conſideraçaõ de cadaver, q não ſeja amargoſa. ibid. Jà em algum tempo teve alivio. d.6. n. 24. Naõ livraõ os corpos celeſtes de poderem ſer cadaveres. d. 6. n. 25. Que cadaver he o mais abatido. d.6. n.27. Tambẽ os olhos podem ſer cadaveres. d.6. n.28.

Cartas. Tambem ſatisfazem auzencias.d.2.n.4.

Caſtigo. Bem o podem ſer os deſejos.d.5.n.12.

Clamor. As pedras tambem clamaõ. d.2. n.12.

Conformidade. A que ſe tem com Deos, naõ

tira a dor, que ſe padece. d. 2. n. 23. Faz padecer a dor duas vezes. ibid.

Conforto. Naõ o póde haver para hũa dor grande. d. 1. n. 3. A pena do coraçaõ do Rey naõ admitte conforto. d. 1. n. 22.

Conſolaçaõ. Naõ a tem inteira a perda do grãde bem. d. 1. n. 21. Nẽ a buſcaõ os mortos do coraçaõ para a ſua morte. ibid. Nem a achaõ os que a dor faz mudos. d. 3. n. 4. Nem os que a querem ter na companhia dos deſconſolados. d. 6. n. 29.

Contagio. Saõ contagioſas as enfermidades do coraçaõ. d. 2. n. 1. Tambem o ſaõ as virtudes. d. 6. n. 19.

Contrato. Quando obriga a ſujeitar tanto os corpos, como as almas. d. 6. n. 13.

Converſaõ. As virtudes a tem de hũas em outras. d. 6. n. 18.

Coraçaõ. Mais quer que o mate o ferro, que a dor. d. 1. n. 1. O ſeu veneno he a pena, & tambem a ſua lança. ibid. Tem renovada ferida na pena lembrada. ibid. Qual he a etymologia do ſeu nome. d. 1. n. 2. Tanto monta, como cuidado. ibid. A ſua morte he mayor, que a morte do corpo. d. 1. n. 7. Vive do mal, de q̃ morre. ibid. Naõ he tranſito a ſua morte ibid He pena, que ſempre começa. d. 1. n. 8. A morte do coraçaõ he violenta. d. 1. n. 14. Como morre o cora=

coração do Rey. d. 1. n. 18. Se a sua pena he de morte, naõ tem lugar a consolaçaõ. d. 1. n. 21. O coraçaõ do Rey naõ deixa de ser invencivel, aindaque se renda ao sentimento. d. 1. n. 27. O coraçaõ dos filhos morre de duas dores. d. 2. n. 1. Qual he o lugar do coraçaõ da Igreja. d. 2. n. 18. Como he incuravel a dor do coraçaõ. d. 2. n. 19. Qual he o coraçaõ do Monarcha. d. 2. n. 21. Ser thesouro sem dono, he a mayor dor do coraçaõ. d. 2. n. 24. Dor antiga em coraçaõ nobre, sempre he dor nova. d. 2. n. 27. O coraçaõ tambem profetiza. d. 4. n. 2. E quaes saõ as suas profecias. d. 4. n. 7. Que cousa he o coraçaõ humano. d. 4. n. 31.

Coro. Tambem ha coro de dores. d. 6. n. 3.

Corpo. Os mortos do corpo podem morrer voluntarios, & não os mortos do coração. d. 1. n. 14. Podem ter Lenitivo. d. 1. n. 15.

Correspondencia. Tambẽ a tem os dias. d. 4. n. 4.

Cuidado. Quando a dor he do auzente morto, só nesse morto se cuida. d. 1. n. 17. O mesmo he coraçaõ, que cuidado. d. 1. n. 2. Como atormentaõ cuidados. d. 4. n. 16.

Culpas. Quando saõ grãdes, a Igreja he a primeira, que as chora. d. 2. n. 14. Na sentença de hũa se castigaõ muitas. d. 5. n. 14. Vaõ à mesma balança as culpas, & os enganos. d. 5. n. 15. Por naõ

naõ comprehender o innocente, naõ ſe deixa o caſtigo do culpado. d.5.n.19. O final de ſer grande a culpa, he ſer apreſſado o caſtigo. d.5.n.27.

Cura. He incuravel a grande dor do coraçaõ. d.1.n.24. A razaõ faz eſta dor incuravel. d.3. n.8.

D

Demonio. Tam antigo he o ſeu engano, como a noſſa culpa. d.5. n.15. Tambem he contratante. d. 6.n.13.

Deos. Ainda eſtando na ſua maõ o coraçaõ dos Reys, naõ livraõ da morte do coraçaõ. d.1. n.20. A ſua conformidade naõ tira a dor, que ſe padece d.1.n.23. Ouve mais depreſſa aos mais atormentados. d. 2.n 8. Tambẽ nos queixamos de Deos, ſem q̃ o offendamos. d.5.n.12. & deinceps. E tambem dizemos que nos engana, ſem que o aggravemos. d.5.n.3. & ulteriùs.

Deſcuido. Deſcuidar, & temer, tudo ha de ſer o meſmo. d.5.n.14.

Deſculpa. Onde ellas ſaõ mais, ahi ſe deve temer mais o engano. d. 5 n.32.

Devaçaõ. Tambem he alma. d.6.n.18. He bem contagioſo. d. 6. n. 19. Pegaſe ſem ſe advertir. d.6.n.21. He furto. d.6. n.27.

Dezejo. O bem deſejado he menor, q̃ o poſſuido. d. 2. n. 6. Dezejos, ſaõ

saõ as Profecias do coraçaõ. d. 4. n. 7. E tambẽ dos olhos. d. 4. n 12. Quanto excede a felicidade da posse à felicidade do dezejo. d. 4. n. 13. Se huns dezejos saõ felicidades; outros podem ser castigo. d. 5. n. 12.

Dezerto. Da solidaõ bem se póde fazer dezerto; & do dezerto sepultura. d. 1. n. 12.

Dias. Como entre si se correspondem. d. 4. n. 4. & 5. E como fallaõ entre si. d. 4. n. 6. Os dias da vida saõ como os do anno. d. 4. n. 13. O dia de hũa pena naõ lembra como dia: lembra como noite. d. 4. n. 16. Tambem he dia de nacer, o dia em que se começa a reynar. d. 4. n. 18.

Differença. Qual he a que tem o espelho, & a lẽbrança. d. 1. n. 5. E qual a que tem a morte do corpo, & a do coraçaõ. d 1. n. 7. Como differem o estar presente por semelhança, & o estar por presença. d. 2. n. 8. Como saõ differentes os thesouros da lealdade, & os da ambiçaõ d. 2. n. 21. Que differença tem o fallar dizendo, & o fallar profetizando. d. 4. n 8. Quanto differem entre si as dores de olhos. d 4. n. 22. & 23. O que faz a differẽça do olhar da terra para o Ceo, & do Ceo para a terra. d. 4 n. 24.

Discurso. Para a dor ser grande, não depende de discurso. d. 2. n. 7. Como descobre o discurso a gran-

a grandeza da dor. d.3. n.9. & ulteriùs. Porq̃ a dor grande naõ tem Lenitivo nos diſcurſos. d.3.n.10.uſque ad finẽ.

Dor. A que he grande, mata, & naõ acaba de matar. d.1. n.1. Crece por Antipariſtaſis.ibid. Pareceſe com o fogo. ibid. A ſua lembrança he o ſeu aumento.ibid. Só eſquecida deixa de atormentar. d. 1. n. 2. He parto do cuidado, & effeito da lembrança. ibid. Ninguẽ quer morrer da ſua dor. d.1. n. 14. Quando a dor he do auzente morto, ſó neſſe morto ſe cuida. d.1. n. 17. Confortar para a dor grande, he fazela dobrada. d.1. n.23. O pulſo da dor, he o amor : & o do amor, he a dor. d. 1. n. 24. A dor da auzencia por morte, he mayor, que a da auzencia por diſtancia. d. 2. n. 6. A dor do coraçaõ faz chorar os olhos. d. 2. n. 11. Como he incuravel a dor do coraçaõ. d.2. n.19. Tambem ha dor tranſcendente. d.2. n.23. Qual he a dor,de que morre o coraçaõ do Principe. d.2. n.24. A dor tranſcendente naõ tem Lenitivo.ibid. Do mal paſſado tambem ha dor nova. d. 2. n. 27. Qual he a verdadeira dor de coraçaõ. d.2.n.28. Como a dor muda he eloquente. d.3. n.1.& 7. A dor grande naõ ſofre que o dia ſeja dia, nem a noite tempo. d.4. n.20. A grande dor he eſpada. d.6. n. 1. Como fere a dor

dor reciproca. d.6.n.3. & 6.

Doutrina. Tambẽ a faz, quem a manda fazer.d. 6. n. 22. Os filhos da meſma doutrina, tambem o ſaõ do meſmo leyte, & criados aos meſmos peitos. ibid.

E

Eleiçaõ. Nem os elegidos pela maõ de Deos deixaõ de ſer caſtigados. d.5.n.25. & 26.

Eloquencia. Mais ſabem dizer a ſua dor os mudos, que os eloquentes. d.2. n.8. As lagrimas tambem ſaõ eloquentes. ibid. Como ſe entende a eloquencia dos mudos. d. 2. n. 16. A dor grande, ou faz mudos, ou eloquentes. d.3.n.1. & deinceps.

Engano. Como ſe admitte em Deos. d.5. n.3.& ulteriùs. PermitteDeos enganos, para dar caſtigos. d.5. n.13. A hũ engano feito correſpõde hũa culpa pezada.d. 5.n. 15. ꝙ couſa he engano. d.5.n.31.

Entendimento. Naõ ſente mais o que mais entende.d.2. n.8. Quaes ſaõ os Bemaventurados do entendimento. d. 4. n. 28. & 29. Tambem o entendimento tem filhos: & quaes ſaõ. d. 5. n.24.

Eſmolas. Saõ armas. d.4. n.27. Dadas com entẽdimento fazem Bemaventurados. d.4. n.28. E tambem Irmãos unidos. d.4.n.29. Bem cõcordaõ entre ſi juſtiça, &

& esmola. d.5.n.22. & 23.

Espada. A que fere a alma, he a mais formidavel. d. 6. n. 1. Tantas dores, como tantas espadas. d.6.n.6.

Espelho. He o mesmo, q lembrança. d. 1. n.5. E tanto monta, como exemplo. d.6.n.26.

Esperança. Como nella podem ter alivio as lagrimas. d. 1. n. 9. Naõ he o melhor remedio da dor a esperança do remedio.d.3.n.15. Tãbem nos olhos ha esperança, & mais promessa.d.4.n.23.

Esquecimento. Faz morrer o coraçaõ. d. 1. n. 18. O do beneficio he indicio da vingança. d. 5.n.14.

Exemplo. He alma da Monarchia. d.6. n.12.

Exequias. Tambẽ as fazem os olhos, & mais o coração. d.2.n.19.

F

Fama. Que cousa he. d.3.n.30.

Fel. O de hũa dor grande não tem Lenitivo. d. 1. n.3.

Felicidade. Naõ he a felicidade do nacimento o melhor pronostico da vida. d.4.n.11. Ainda póde ter castigo depois de promettida, & lograda. d.5.n.15.

Ferida. Quando he mortal, a espada he a que a faz.d. 6.n.6.

Fermozura. Tambem se acha na paz. d.5. n.3. E qual he a fealdade opposta. ibid.

Filhos. Participaõ o mal do coração dos Pays. d.2.

d. 2. n. 1. Naõ ſatisfaz pela auſencia dos Pays a educaçaõ dos filhos. d. 2. n. 2. Bem ſe póde ajuntar no ſeu enſino o exercicio das virtudes, & o das armas. d. 4. n. 26. A inteira juſtiça nem aos filhos perdoa. d. 5. n. 21. Tambem o entendimẽto tem filhos, d. 5. n. 24.

Fim. Naõ o tem a morte do coraçaõ. d. 1. n. 8. O fim deſejado, & naõ poſſuido, he tormento dos olhos. d. 4. n. 21.

Finezas. Saõ inſeparaveis a do tormento da dor, & a do exceſſo do amor. d. 1. n. 24.

Fome. Qual he a dos olhos. d. 4. n. 4.

Fortuna. Quanto ſe daõ as mãos as fortunas, & as deſgraças. d. 4. n. 13. uſque ad n. 18.

G

GEraçaõ. Tambem ſe acha na ſepultura. d. 2. n. 26.

Gloria Como póde convir a que he de Deos, com a ſua vingança. d. 5. n. 17.

Grandes. Tanto devem ſer mais Santos, quanto forem mayores. d. 1. n. 12. Quãto mais Grãdes, mais ſentidos. d. 2. n. 23. Só no coraçaõ dos Grandes he a dor ſempre lembrada. d. 2. n. 26.

Guerra. Tambem a faz a pobreza. d. 5. n. 7.

H

HArmonia. Tambẽ a tem as dores. d. 6. n. 3.

Heran-

Herança. As enfermidades do coraçaõ tambẽ ſe herdaõ. d.2. n.1. Para a herança de Deos bem podem dar lucro os homens. d.6. n.14.

Homens. Os que facilitaõ o remedio da dor, eſſes o difficultaõ. d.3.n.8.

Horas. Achaõſe as da pena nas do alivio. d. 4. n.14.

I

I *Dade.* Tambẽ falla a q̃ he menor. d.2.n.8.

Ignorancia. A do amor do amigo he pobreza forçada. d.2.n.21.

Igreja. He a primeira em chorar as grandes culpas. d. 2. n. 14. & 17. Qual he o lugar do ſeu coraçaõ. d.2.n 18.

Inferno. Os mortos do coraçaõ tem ſemelhança com os do Inferno. d.1. n.8.

Innocencia. He a mais bẽ ouvida d.2.n.8.

Ira. Tambem tem theſouros. d.2.n.23.

Juſtiça. A mais inteira naõ deixa de caſtigar a culpa por reſpeito da virtude. d.5. n.19. Naõ perdoa aos ſemelhantes do Julgador. d.5. n. 20. O Juiz recto por ſua caſa começa com a juſtiça. d.5.n 21. Como convèm entre ſi juſtiça, & eſmola. d.5.n.22. & 23. Arriſcaſe a juſtiça, ſe ſe attende ao amor. d.5. n.24. Tanta juſtiça ha nos olhos de Deos, como nas ſuas mãos. d.5.n.27. A Juſtiça de Deos entoa em coro com a ſua Miſericordia. d.6.n.3. Como ſe

ſe póde unir a juſtiça com o amor. d.6. n.16. & 17.

L

Agrimas. Saõ retrato da pena eterna. d.1.n.9. Como a eſperança póde ſer o ſeu alivio. ibid. Saõ as que regaõ a pena. d.1. n.13. Quem mais chora, falla mais. d 2.n 8. Quaes ſaõ as lagrimas da Igreja. d.2. n.11. & 14. Por quantos modos ſe choraõ as mortes. d.2.n.19. Dizem as lagrimas, o q̃ ſente o coração. d.2. n. 20. Naõ ſaõ o mayor expreſſivo da dor. d. 3. n. 3. Tam grande he a dor que ſolta as lagrimas, como a que as prende.d.3.n.7.

Ley. A de Deos he leyte: & como. d.1.n.11.& d. 6. n.22. Tem peitos, cõ que cria filhos. ibid.

Lembrãça. Faz o meſmo, que faz o coraçaõ. d.1. n.2. He inſeparavel da pena. d.1. n.4. A que jà paſſou, torna a vir. ibid. He como o eſpelho.d.1 n.5. A da peſſoa auſente he mayor mal, do q̃ he bem a viſta da preſente.d.1.n.6. Só no coraçaõ dos Grandes he a dor ſempre lembrada. d.2. n.26.

Lenitivo. Naõ o póde ter a dor, que mata, & naõ acaba de matar. d.1, n. 1. Dar Lenitivo à dor grande, he fazela mayor. ibid. O eſquecimẽto da dor, ſó póde ſer o ſeu Lenitivo. d.1. n.2. O que ſe applica a hũa dor grande, ſempre he

amargoſo. d.1.n.3. Póde ter Lenitivo a morte do corpo: mas não a do coraçaõ.d.1.n 15. A pena do coraçaõ do Rey não tem Lenitivo. d.1.n.22. Naõ he de effeito algũ o que ſe applica na auſencia dos mortos. d.2.n.2. Podẽ ſer Lenitivos as repreſentaçoens das preſenças. d.2.n 4. A opprelſaõ da morte muito sẽtida não tem Lenitivo. d.2. n.17.Naõ tem Lenitivo a pena de haver theſouro ſem dono. d. 2. n.24. Sem dous ingredientes neceſſarios, não ſe póde compor o bom Lenitivo.d.2.n.27 Se o Lenitivo naõ dá ſalla a mudos, não tira a dor. d.3. n.1. Naõ he a razaõ o ſeu melhor Lenitivo. d.3. n.8. Por quantas razões não ha Lenitivos para a dor grande.d. 3. n.10. uſque ad finem.

Luz. Tambem he alma. d.6.n.9. Quantas ſaõ as luzes do mundo. d. 6. n.10. Tanto monta exemplo, como luz. d.6. n.27.

M

Máy. Tambem ha filhos, que buſcaõ alimento para as Máys. d.6.n.4.

Mal. Do paſſado tambẽ ha dor. d.2.n.25.

Maõs. Saõ maõs armadas, as q̃ fazem eſmolas. d. 4. n. 27. As que daõ eſmola, fazem juſtiça. d.5. n.23. Nem a a eleyçaõ da mão de Deos livra ao eſcolhido do caſtigo. d.5.n.25. & 26.

& 26. Tanta justiça ha nos olhos de Deos, como nas suas maõs. d. 5. n. 27. Os olhos, & as maõs tambem ouvem. d. 5. n. 30. Como se póde deter a maõ do castigo de Deos. d. 6. n. 5.

Mar. O das penas he mais temido, que o das ondas. d. 6. n. 8.

Medida. A do sentimento he o amor. d. 5. n. 24. Naõ a tem as lagrimas. d. 2. n. 19.

Memoria. Naõ se risca della a dor dos corações nobres. d. 2. n. 26.

Merecimento. He tanto mayor, quãto mais dura a dor. d. 1. n. 23. Que couſa he merecimẽto. d. 3. n. 33. A coroa do merecimento naõ tira a dor do coraçaõ. d. 5. n. 17. Nem sempre merecimentos iguaes tem iguaes premios. ibid.

Misericordia. Tam justo he Deos, quando ouve como misericordioso; como quando dá ouvidos de Juiz. d. 5. n. 28. A misericordia de Deos entoada em dous coros. d. 6. n. 3.

Morte. Mais penosa he a succeſſiva, que a final. d. 1. n. 1. He o melhor remedio contra a dor do coraçaõ. d. 1. n. 2. Quẽ se póde haver como morto, tem seguro descãço. ibid. He mais cruel a morte do coraçaõ, que a do corpo. d. 1. n. 7. A do coraçaõ naõ se chama transito. ibid. Pareceſe com a morte eterna. d. 1. n. 8. Bem póde hum sepulchro ter mais sombras de morte, que outro. d. 1. n. 10. A morte dos

mortos do coraçaõ he violenta. d. 1. n. 14. A ausẽcia mortal só mortos representa. d. 1. n. 16. Naõ implica ter coraçaõ de Rey, & ser morto do coraçaõ. d. 1. n. 22. Hũa morte causa outra. d. 1. n. 25. Só com a morte saõ os olhos Bemaventurados. d. 4. n. 22. He como morte repentina a falta do bẽ possuido. d. 5. n. 13.

Mudez. Tambem os mudos fallaõ. d. 2. n. 16. Eloquencia, & mudez saõ effeitos contrarios, & unidos. d. 3. n. 1. Pela mudez se explica melhor a dor. d. 3. n. 3.

N

Nacimento. Como se multiplicaõ os dias do nacimento. d. 4 n. 16.

Necessidade. He cruel necessidade a ignorancia do amor. d. 2. n. 27.

Negocio. Quem foge da negociaçaõ com o Demonio, negocea com Deos. d. 6. n. 13.

Nobreza. Quanto mais nobre, mais virtuoso. d. 1 n. 12. A mayor nobreza he a mais sentida. d. 2. n. 23 Sem haver nobreza de coraçaõ, naõ ha dor com raizes. d. 2. n. 26.

Noyte. Tambẽ as noytes fallaõ. d. 4. n. 13. & 14. E tambẽ profetizaõ. ibid. Lembra como noyte o dia, que foy de algũa pena. d. 4. n. 16.

Novidade. Tambem póde ser nova a dor, que jà he passada. d. 2. n. 27.

O

Olhos. As ſuas viſtas fazem morrer o coraçaõ. d. 1. n. 7. Baſta que os olhos ſintaõ, para o coraçaõ ſe doer. d. 2. n. 8. Os olhos dos Principes tambẽ choraõ. d. 2. n. 11. Como choraõ as pedras, ſem ter olhos. d. 2. n. 11. 12. & 13. No ſentimento grande correſpondemſe coraçaõ, & olhos. d. 2. n. 19. Tambem os olhos ſaõ Profetas. d. 4. n. 8. & 9. E quaes ſaõ as ſuas Profecias. d. 4. n. 10. A hũ meſmo tempo ſentem coraçaõ, & olhos. d. 4. n. 21. A Bẽaventurança dos olhos, ſó cõ a morte ſe logra. d. 4. n. 22. & 23. Tambẽ ſaõ pobres os olhos. d. 4. n. 30. E ſaõ Theatro. ibid.

Orfandade. O coraçaõ tambem tem orfaõs. d. 2. n. 1. A dor dos orfaõs naõ depende de annos. d. 2. n. 7.

Ouvidos. Tanta juſtiça ha nos olhos de Deos, como nos ſeus ouvidos. d. 5. n. 27. Deos taõ juſto he, ouvindo miſericordioſo, como ouvindo, ſendo Juiz. d. 5. n. 28. Olhos, & mãos tambem ouvem. d. 5. n. 30. Para ſe acertar com a verdade, mais ſe ha de ouvir a hum ſó, que a diga, do q̃ a muitos, que a contradigaõ. d. 5. n. 31. & 32.

P

Palavra. Quantos contrarios tem a

palavra de Deos, para naõ ser ouvida. d.5. n. 3. Tambem por palavras póde haver contagio. d.6.n.19.& 20.

Paſmo. Quẽ paſmou,emmudeceo.d.3.n.2.

Paz. Nega Deos a que promette, & mais não engana. d.5. n.4. Qual he a paz fermoſa. d. 5. n. 7. Muitas vezes não temos paz, cuidando q̃ a temos.d.15.n.12.

Pedras. Tambẽ choraõ. d. 2. n. 11. 12. & 13. E tambem fallão. d. 2. n. 12. uſque ad 16.

Pena. He veneno do coraçaõ. d. 1.n.1. He lança para o meſmo. ibid. Só no eſtado de morto naõ lembraõ penas. d.1 n.1. Quando he a pena ſempre amargoſa. d. 1. n.3. Naõ póde ſer conſortado quem a padece. ibid. He inſeparavel da lembrança.d.1.n.4. No meſmo tẽpo ſaõ as penas morte,& alimento. d.1.n.7. Quando ſe vio hum retrato da pena eterna.d.1.n.9. Melhor ſe chora a pena callando,que fallando. d.2.n. 8. Pena, que deixou de atormentar, paſſa a ſer gloria. d.4. n.21.

Perigo. Naõ eſtà longè de perigar, quem cuida q̃ naõ tem perigo. d.5.n. 32.

Petiçaõ. Quer Deos, que lhe peçamos, atè o que jà nos déo. d.6.n.14. E tambem nos pede o q̃ he ſeu, & nós lhe damos. ibid.

Pézo. Tanto fere a eſpada dor, quãto péza o ſentimento. d.6.n.1.

Pobres. Saõ todos hũ ſó pobre.d.4.n.28. Como ſaõ

ſaõ os olhos pobres. d. 4. n. 30. Tambẽ na pobreza ha guerra. d.5.n. 7.E tambẽ fealdade.ibi.

Preceito. O de Deos he alimento. d.1.n.11.

Premio. Nem ſempre he o meſmo, ainda com o meſmo merecimento. d.5. n.17.

Preſença. Repreſentada ſatisfaz pela auſencia. d. 2. n. 4. Naõ ſatisfaz hũa preſença a auſencia da outra. d. 2. n. 5. Naõ he ſó ſentida a dor do mal preſẽte.d.2.n 25

Principes. Tambem ſaõ mortos do coraçaõ. d. 2.& uſque ad finem.Os da Igreja tambem choraõ. d. 2. n. 11. & 14. Quanto ſentẽ os Principes da Igreja a dor do coraçaõ.d.2.n 18.& 19. Tambem ſaõ mortos do coração os Principes da Corte.d. 2.n.20. Saõ os olhos do Reyno, & o eſpelho dos Vaſſallos. d.6. n.26.

Principio. Quando he o principio nacimento.d. 4. n.16.

Profetas. Saõ os coraçõeſ. d. 4. n. 2. Quaes ſaõ as ſuas Profecias. d.4.n.7. Tambem ſaõ Profetas os olhos. d.4. n.8.& 9. E quaes ſaõ as ſuas Profecias. d.4. n.10. Tambem ſaõ Profetas os dias. d.4.n.13. & 14.

Promeſſa. Como eſperaõ, & promettem os olhos. d.4. n. 23. A felicidade promettida, & lograda, ainda póde ſer caſtigada.d.5.n.15.

Q

Queixas. Como ſe fazem de Deos, sẽ

offenſa ſua. d. 5. n. 2. & deinceps. Bem ſe póde queixar quem muito ama do que he muito amado. d. 6. n. 17.

R

Rainha. Naceo a Rainha noſſa Senhora em Alemanha no dia, em que outra ſe deſpoſava em Portugal. d. 4. n. 3. As ſuas prendas, & perfeições naturaes. d. 4. n. 11. Os ſeus Deſpoſorios. d. 4. n. 5 Foy notavel o mez de Agoſto, para a ſua vida. d. 4. n. 20. Deo cinco Principes, & duas Princezas a Portugal. d. 3. n. 2. Enſinava aos digniſſimos Filhos cõ ſingular cuidado a obſervancia da Ley de Deos. d. 1. n. 10. Viaſe no ſeu exterior o interior das ſuas virtudes. d 1. n. 12. Que virtudes exercitava no retiro da caſa d. 1. n. 13. Como aliviava a ElRey noſſo Senhor do q̃ lhe dava pena. d. 1. n. 19. Como o ajudava no zelo das Miſſoẽs. d. 1. n. 25. Fundou hum Collegio aos Religioſos da Companhia de Jeſu. d. 1. n. 26. Fez eſcrever na lingua Portugueza a vida de ſeu digniſſimo Pay: & porque motivo. ibidẽ. E tambem hum Livro eſpiritual Francez: & o ſeu Devocionario Latino. ibid. Logo nos primeiros annos encaminhava aos Sereniſſimos Principes a dar eſmola. d. 2. n. 3. Chorou o Principe D. Joaõ, quãdo muito menino, ſó

ſó de a ver chorar, ſem ſaber a cauſa. d. 2. n. 1. O reverente culto, q̃ dava ás Igrejas. d. 2. n. 10. Acompanhava o Santiſſimo Sacramento, quãdo o encontrava levado a algum enfermo. d. 2. n. 13. Deo para ornamentos de Altares as ſuas galas mais precioſas, & nunca veſtidas. d. 2. n. 14. Naõ aceitou hũ Milhaõ, que lhe offereciãõ os ſeus Vaſſallos. d. 2. n. 21. Veſtia aos Sereniſſimos Principes de habitos dos Religioſos. d. 3. n. 5. & 6 Admirava-ſe de haver quẽ offendeſſe a Deos mortalmente. d. 3. n. 12. Eſtranhava a demaſia do luxo no veſtir. ibid. Quanto exercitava as conſiderações da morte. ibid. Dava eſtado matrimonial a quẽ poderia perigar na honra. d. 3. n. 19. Lavava, & pẽçava a meninos pobres. ibid. Ajudava o ſuſtento das amas dos meninos expoſtos no Hoſpital. ibid. Foi Madrinha de hũa criança, q̃ ſe bautizava em hũa Igreja, aonde tinha acompanhado ao Santiſſimo Sacramẽto. ibi. Levou para o Paço a hũa menina pobre, que encontrou, orfãa de pay, & mãy. ibid. Singulares exẽplos da ſua humildade, & charidade. d. 3. n 23. Dizia, q̃ para evitar hũa offenſa de Deos, ſacrificaria a ſua vida, & a dos amabiliſſimos Filhos. d. 3 n. 28. Outras ſuas grandes virtudes. d. 3. n. 30. Quãto amava a ElRey

ſeu

ſeu Eſpoſo. d.3.n.32. E aos digniſſimos Filhos; & aos ſeus Vaſſallos. ibid. Como amparava a todos. d.3.n.36. Profecia das ſuas felicidades. d.4. n.7. & deinceps. Como agradecia a Deos a felicidade do ſeu nacimẽto. d.4.n.17. E tambẽ a do ſeu Reynado. d.4. n.19. Como ſe mortificava na meſa. d.4.n.24. O prato, de q̃ nella ſe abſtinha, ou era para pobres, ou para enfermos. ibid. Como ſe mortificava nos outros ſentidos. d.4.n.24. Naõ ſe aliviava em algũa recreaçaõ honeſta, ſem lucro do eſpirito. ibid. Quando em algum tempo enſinava aos Principes ſeus filhos, ſendo meninos, a carregar, & deſparar hũa arma de fogo; naõ o fazia ſem o enſino da virtude. d.4. n.25. Como queria, que ſeus digniſſimos Filhos não degeneraſſem de ſeus Auguſtiſſimos Pays. d.4.n.26. Dava as eſmolas por ſuas proprias maõs. d.4.n.28. Dizia, que todos os pobres eraõ hũ ſó pobre. ibid. Que não eraõ melhores que as mãos dos pobres as ſuas Reaes maõs. ibid. E q̃ os pobres eraõ ſeus Irmaõs. d.4.n.29. Como amava a paz; & que paz amava d.5.n.3. & deinceps. Poſta de joelhos deſpia, & veſtia a muitos pobres. d.5 n 6. E a alguns veſtia com os veſtidos dos Principes. ibid. Mandava reconciliar os q̃ ſabia eſtavaõ diſcor-

diſcordes. d. 5. n. 8. E era a primeira, em ſe reconciliar a ſi, por qualquer leve eſcrupulo. ibid. Quanto zelava a paz, que he amizade de Deos. d. 5. n. 9. Era hũ retrato da Magdalena em muitos actos de virtude. d. 5. n. 17. Todas as ſextas feiras do anno comia hũ raminho de alecrim verde. ibid. E em todas as da Quareſma lavava os pès a mulheres pobres. ibid. Como era miſericordioſa. d. 5. n. 20. & 21. Como amava a juſtiça diſtributiva. d. 5. n. 22. Antepoz em hũ caſo eſta virtude à ſua vontade, com mais empenho pela juſtiça, q̃ pelo ſeu goſto. ibid. A ſua liberalidade para os pobres naõ tinha regra. d. 5. n. 23. Dizia, q̃ dava aos pobres o que era ſeu. ibid. Naõ faltava à juſtiça, por inclinar para a affeiçaõ. d. 5. n. 24. Como ouvia a palavra de Deos. d. 5. n. 29. Nos dias, em que commungava, naõ ſe adereçava com todo o apparato Regio. d. 6. n. 9. Naõ quiz entrar no contrato dos Eſcravos de Guinè, que lhe offereciaõ para aumento das ſuas rendas. d. 6. n. 12. uſque ad n. 14. Quanto unia o amor com a juſtiça. d. 6. n. 16. A ſua devaçaõ ao Santo Xavier. d. 6. n. 19. & ulteriùs. Em que imitava ao Sãto Xavier. d. 6. n. 22. Viraõſe no tempo da ſua morte as virtudes da ſua vida. d. 3. n. 25. Pedia com repetidas inſtan-

inſtancias os Sacramẽtos na enfermidade, de que morreo d. 6. n. 2. Quanto ſe conformava entaõ com a divina juſtiça. d.6 n.4. Valeoſe do Sereniſſimo Principe D. Joaõ, paraque fizeſſe darlhe o Santo Viatico. ibid. Quanto ſentiaõ os ſeus Vaſſallos a ſua morte. d.6. n. 5.& 6. A ſua morte era tam ſentida dos Grandes, como dos pequenos. d 6. n.7. A ſua ditoſa morte. d.6. n.8. E quãto ſentiraõ os amabiliſſimos Filhos eſta auſencia mortal. d.2. à n.1.uſque ad 9.

Rey. Qual he a morte do coração do Rey. d. 1. n. 18. Não livraõ os Reys deſta morte. d.1. n. 20.& ulteriùs. Bem póde no coração dos Reys haver morte do coração. d.1.n.22. Como ſente o coração do Rey. d.1 n.27.

Reyno. Comparado com a arvore.d.3.n.14.Nace para o Reyno, quem entra na poſſe do ſeu governo.d.4.n.18. Tãbem o Reyno póde ſer cadaver.d.6.n.23.

Remedio. Ter a dor jà paſſado, não he remedio da dor.d.3.n. 8.Naõ tira a dor a eſperança do remedio. d.3.n.15.

Retrato. Qual he o retrato verdadeiro da morte eterna. d.1. n.9. Como ſatisfaz, ou naõ ſatisfaz o retrato a preſença dos auſentes. d. 2. n.4.

Riquezas. Quaes ſaõ as do theſouro do coraçaõ. d.2.n.21.

Santo.

S

Santo. Quanto mais Grandes, mais Santos. d. 1. n. 12. Dando os Santos o que podem, daõ o que se lhes pede. d. 6. n. 5. E ainda o que se lhes não pede. ibid. O nome: Santo: he sobre todos os nomes. d. 6. n. 2.

Saudades. Retrataõ a pena eterna. d. 1. n. 9. Naõ se satisfazem as dos Pays com a presença dos filhos, se faltáraõ as Mãys. d. 2. n. 3. Nem as das Mãys ausentes com os Pays presentes. d. 2. n. 5. Nem hũa presença por outra. ibid. Tambem as saudades saõ thesouro. d. 2. n. 23.

Semelhança. A dos que morrem naõ consola aos que vivem. d. 2. n. 2. Naõ livra do castigo a que o Juiz tem com os culpados. d. 5. n. 20. Nẽ a do Pay com os filhos. d. 5. n. 21.

Sentimento. Quem mais ama, mais sente. d. 1. n. 24. Naõ he coraçaõ de Rey, o que naõ he tam generoso, como sentido. d. 1. n. 27. Para o sentimento ser grande, naõ depende dos muitos annos. d. 2. n. 7. Qual he o da Igreja; & póde ser o dos seus altares. d. 2. n. 14. usque ad n. 17. Quanto mais mudo, mais sentido. d. 3. n. 9. & ulteriùs.

Sepultura. Menos mal he o da sepultura, que o da dor. d. 1. n. 2. Tanto se descansa na verdadeira, como na repre-

sentada

ſentada.d.1.n.2. O meſmo he deſerto, que ſepultura.ibid. Tambem na ſepultura ha geraçaõ. d. 2. n. 26. Que couſa he ſepultura, ou ſepulchro. d. 3. n. 11. Póde hũ ſepulchro ter mais ſombras de morte, que outro. d.1.n.10.

Soberania. Naõ he o meſmo ſer ſoberano, que deixar de ſer reprehendido. d.1.n.20.

Sol. He o Principe das luzes. d.1. n.20. E tambẽ he a ſua alma. d.6. n.9.

Solidaõ. He o melhor alivio da dor. d.1.n.2.

Sombra. Tem o meſmo contagio, que as virtudes. d.6.n.20.

T

Temor. Ha de temerſe o riſco, ainda, quando ſe entende, que o naõ ha. d.5.n.32. Menos ſe teme o mar das ondas, que o das penas. d. 6. n.8.

Tempo. Paſſa mais depreſſa, que a lembrança da dor. d. 1. n. 4. O ſentimento não eſpera tempo. d. 2. n. 9. Naõ mede o tempo as exequias do coraçaõ. d. 2. n.19. No meſmo tempo, ǫ̃ ſentem os olhos, ſente o coraçaõ. d.4. n. 21. He tam fallivel o tempo da felicidade, como he o da vida. d.5. n 13.

Theſouro. Os Vaſſallos ſaõ os theſouros dos Reys. d.2.n.21. Quaes ſaõ os theſouros da lealdade, & os da ambiçaõ. ibid. Quaes ſaõ os da ira. d.2.n.23. Theſouro ſem dono, he dor

do

do coraçaõ. d.2.n.24.

V

Vassallos. Saõ os theſouros dos Reys. d. 2.n.21.

Ventura. Naõ ha mayor deſgraça, q̃ ter ſido vẽturoſo. d.4.n.14. uſque ad n.18.

Verdade. Se lhe faltaõ com a juſtiça; naõ he, porque ſe naõ diga; he, porque ſe naõ ouve. d. 5. n.31.& 32.

Vida. Quaes ſaõ os vivos mortos. d.1.n.2. Quando he o mal, vida. d.1.n. 7. Naõ he Pronoſtico da boa vida, a felicidade do bom nacimento. d.4.n.17. Quando he a vida coroa. d.4.n.18.

Virtude. Os ſeus graos haõ de ſer mais, que os da nobreza. d. 1. n. 12. Póde ſer virtude a preſſa do morrer. d.1.n.15. Bem póde entender de armas, quem enſina virtudes. d.4. n. 25. A juſtiça inteira naõ perdoa ao peccador, por ſe deſviar o caſtigo do virtuoſo. d.5. n.19. Como luz a virtude retirada. d.6. n.10. A virtude he alma. d.6.n.12. O que he hũa virtude, he a outra. d.6. n. 18. Convertemſe entre ſi. ibid. Diverſas virtudes formaõ diverſas almas. d.6.n.18. Como ſaõ bẽ contagioſo as virtudes. d. 6. n.19. & 20. Tam cõtagioſa he a ſombra, como a virtude. ibid. Tambem as virtudes fazẽ circulo. d. 6.n.27.

Viſtas. As dos olhos ſaõ a morte do coraçaõ. d. 1. n.7.

Uniaõ.

Uniaõ. A de Irmãos, tambem a faz a eſmola. d. 4. n. 28.

Vontade. Os mortos do corpo podem morrer por vontade; mas naõ os do coraçaõ. d. 1. n. 14. Conformada a noſſa vontade com a de Deos, faz padecer a dor dobrada. d. 1. n. 23.

Vozes. As das lagrimas ſaõ mais ouvidas. d. 2. n. 8. Tambẽ as pedras daõ vozes. d. 2. n. 12. uſque ad n. 16. Naõ ſaõ as vozes, as que mais exprimem a dor. d. 3. n. 3. Naõ carecem de vozes os dias. d. 4. n. 6. Nẽ as noytes. d. 4. n. 13. & 14. As vozes prezas tambem daõ a entender a dor. d. 4 n. 15.

X

Xavier. Era o Sãto da Rainha noſſa Senhora: & porque. d. 6. n. 21. Porque era mais chamado o ſeu Santo, que o ſeu Xavier. ibid.

Z

Zelo. Tam grande ha de ſer o da paz, que he amizade dos homens, como o da paz, que he amizade de Deos. d. 5. n. 8. & 9. O da inteireza da juſtiça, naõ hade ſer partido. d. 5. n. 24.

FIM.